

STEPHEN KING

O MEDO É SEU MELHOR COMPANHEIRO







**"(...) monstros existem
e fantasmas também.
Vivem dentro de nós e,
às vezes, eles vencem."**

O iluminado

*"(...) monsters are real, and ghosts
are real, too. They live inside us,
and sometimes they win."*

The Shinning



Stephen King — O medo é seu melhor companheiro

Lira Gomes, Breno; Ribeiro, Rita (orgs.)

2ª edição

ISBN 978-65-86448-00-9

Fevereiro de 2021

Produção editorial **Baltazar Produção e Conteúdo**

Revisão de textos **André Gordirro, Antero Leivas e Carlos Prinati**

Projeto gráfico **Folha Verde Design**

Ilustração capa **Délcio Almeida**

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização dos organizadores.

Banco do Brasil apresenta e patrocina

STEPHEN KING

O MEDO É SEU MELHOR COMPANHEIRO

CCBB BH 25 de fevereiro a 22 de março de 2021



Banco do Brasil apresenta e patrocina Stephen King: **O medo é seu melhor companheiro**, mostra com produções baseadas nas obras do mestre do terror, além dos filmes que serviram de inspiração para o seu trabalho.

Stephen King é um dos mais influentes escritores dos últimos tempos, que conquistou os principais diretores de Hollywood e teve muitas de suas obras adaptadas para o cinema e a televisão. Stanley Kubrick, Brian De Palma e John Carpenter são alguns nomes que levaram livros do escritor às telas e os transformaram em clássicos da sétima arte com *O iluminado* (1980), *Carrie, a estranha* (1973) e *Christine, o carro assassino* (1983).

Com a realização desta mostra, o CCBB oferece ao público contato com a obra de um dos mais notáveis autores de terror e ficção da sua geração e estimula o debate sobre o seu processo de criação e suas adaptações, além de promover o diálogo entre a literatura e o cinema.

Centro Cultural Banco do Brasil



O medo é uma das condições inerentes à sobrevivência.

Desde a mais tenra idade ele nos acompanha. Do monstro embaixo da cama, aos terroristas, psicopatas, fantasmas... Na verdade, ao crescermos, tentamos empurrar o medo primordial para o fundo de nossas mentes. Então nos esquecemos daquele monstro que ficava à espreita no fundo do armário à noite, ou daqueles que nos aguardavam no corredor escuro quando tínhamos aquela sede de madrugada. Mas isso não quer dizer que eles deixam de existir. Apenas nos esquecemos.

Mas, como quase tudo em nossa vida, ele sempre volta. Ou nos acompanha. Crescemos convivendo com o medo nas preguiçosas sessões da tarde, ou da meia noite, com as infinitas reprises de *Christine*, de *Bala de prata*, entre outras obras do mestre Stephen King. Nossa geração cresceu assistindo essas obras, primeiro na TV, quando não tínhamos idade e, depois de crescidos, no cinema. Até aí tudo bem, porque eram medos compartilhados, ainda que no escuro da sala, sozinhos à noite, sabíamos que era só correr para o quarto dos pais ou para a cama do irmão mais velho, que não estaríamos mais sozinhos.

No entanto, a grande experiência do medo vem quando estamos sozinhos, quando apenas uma luz incide sobre as páginas do livro que estamos lendo. É aí que Stephen King produz a sua mágica. Nas páginas de suas obras nos tornamos reféns do medo. Um medo que nos faz retornar aos nossos temores primários. Só que dessa vez não é o monstro dentro do armário ou debaixo da cama. Os monstros de King saem sorrateiramente e entram em nossa mente. E depois de nos invadir, não existe mais escapatória.

O gênero terror foi durante muito tempo considerado menor. Na contramão dos autores clássicos como Oscar Wilde, Bram Stoker, Mary Shelley, Robert Louis Stevenson, que consagraram com suas obras o gênero, surgiram os *penny-dreadfuls* ou os *penny-bloods*, folhetins publicados no século XIX que traziam histórias de terror, cheias de sangue e personagens macabros, vendidos a preços populares e que faziam grande sucesso. Da mesma forma, desde o início do cinema os filmes de terror eram vistos com desconfiança, como se causassem descrédito aos diretores e atores. Curiosamente, se olharmos nas listas de produção por gênero, esse é o gênero que jamais deixou de ser produzido.

Assim como a literatura de terror. Somente nos primeiros anos do século XXI foi que a ex-

tensa obra de Stephen King começou a deixar de ser vista como algo menor. Prova disso é a quantidade de filmes e minisséries produzidas a partir de seus livros. Mas, o que mudou ao longo desses anos? Talvez estejamos ficando menos preconceituosos. Pode ser. Talvez, finalmente, reconheçamos que King moldou à sua maneira peculiar o medo do ser humano contemporâneo. Por que seus livros são tão bons?, nos pegamos pensando. Porque, muito antes de conhecer os demônios, King conhece como ninguém, o ser humano. E, aí sim, é onde habitam os piores monstros. Transitando pelo universo cotidiano o autor transforma com seus dedos, coisas simples em algo a se temer: máquinas de lavanderia, carros, convertem-se em entidades assassinas. Crianças e velhinhas em psicopatas. E nem nos falem em hotéis. Esses nunca mais serão os mesmos. Que atire a primeira pedra aquele que não olha com desconfiança para o longo corredor do hotel... Lovecraft, Machen, Poe moldaram o terror no século XX. Stephen King é o grande mestre do século XXI que continua a criar fãs e a influenciar novos autores.

A retrospectiva **Stephen King: o medo é seu melhor companheiro**, que agora chega à Belo Horizonte, teve nas suas exibições no Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo, a participação de mais de 11 mil pessoas. É a primeira vez que se reúne no país, de forma presencial e, nessa edição, também on-line, 47 produções adaptadas das obras daquele que é o Mestre do Terror, além de 5 obras originais para a televisão (algumas desenvolvidas pelo próprio King) ou continuações de suas histórias e 5 filmes que são citados por King como referências para sua formação como escritor. As sessões presenciais respeitarão todos os protocolos de combate à pandemia de Covid-19. E as exibições on-line terão acesso gratuito na plataforma Darkflix durante todo o período da retrospectiva.

Paralelo às exibições, a mostra promove também lives, palestra e mesas de debates com críticos de cinema, pesquisadores, escritores brasileiros, leitores fãs da obra de King. Uma masterclass também será programada durante as 4 semanas de realização da retrospectiva. Da mesma forma que as exibições, as atividades serão um misto de presencial e on-line.

Ao longo do catálogo, além das contribuições de autores, diretores, críticos e pesquisadores também contamos com a participação de designers e ilustradores que revelam, por meio de seus traços, a visão peculiar de King e de suas obras.

Agradecemos ao Centro Cultural Banco do Brasil a oportunidade de apresentar pela primeira vez para você, como diria o Mestre, fiel leitor, as adaptações das principais obras de Stephen King. E esperamos que ainda venham muitas mais. Pois, por mais que neguemos, o medo sempre será nossa melhor companhia!

Rita Ribeiro & Breno Lira Gomes
Curadores









SUMÁRIO

16 · APRESENTAÇÃO · Mick Garris

Parte I

20 · **Longa vida ao Rei** · Edilton Nunes

24 · **O autor e o cinema** · Rita Ribeiro

28 · **Maine, Bangor e Osasco** · André Vianco

32 · **Os gangsters do mundo animal:**

Um breve dossiê dos gatos de Stephen King · Carlos Primati

36 · **O medo do ordinário** · Rodolfo Stancki

40 · **Filmes e livros como inspiração** · Breno Lira Gomes

48 · **De fã a tradutora – quando sonhos se realizam** · Regiane Winarski

52 · **Começando pequeno: os inestimáveis bebês de um dólar** · Carlos Primati

56 · Galeria do medo

Parte II

64 · **A Jean Gray do terror** · Rodrigo Fonseca

68 · **A hora e a vez dos vampiros**

(E das casas mal assombradas também) · Breno Lira Gomes

72 · **Uma assombração cinematográfica** · Marcelo Janot

74 · **Creepshow ou o monstruoso poder masculino** · Délcio Almeida

76 · **Elogio do homem comum** · Marcelo Miranda

78 · **Biblioteca Stephen King: Ele era bonito e vivo e quase... crocante – Breves notas sobre o desejo feminino no romance *Carrie, a estranha*** · Gabriela Amaral Almeida

82 · **Natureza selvagem** · Lucas Salgado

84 · **Christine, um hit das locadoras na década de 80** · Laura Loguercio Cánepa

88 · **For you daddy!** · Giselle Safar

91 · **Não crescerás** · Luiz Baez

92 · **A eficiência do medo em partes** · Cecília Barroso

94 · **Cuidado com a lua! Stephen King e sua lenda para o lobisomem** · Fernando Tibúrcio

98 · **Biblioteca Stephen King: Inferno de gelo** · Sérgio Gomes

102 · **O desafio de assistir *Comboio do terror*** · Paulo Fontenelle

107 · **Conta comigo — Nós sempre teremos Castle Rock** · Flávia Guerra

- 110 · **Correndo pela vida** · Tom Leão
- 112 · **O terror da perda em *Cemitério maldito*** · Beatriz Saldanha
- 114 · **Onde se esconde o monstro?** · Francisco Carbone
- 116 · **O horror em situações cotidianas** · Mario Abbade
- 118 · **Terror, em dois tempos** · Tom Leão
- 120 · **O macabro, o drama e a sensibilidade humana** · Frini Georgakopoulos
- 122 · **Biblioteca Stephen King:**
A hora do vampiro e o poder recorrente do mal · Jessica Reinaldo
- 126 · **Sugadores de almas virgens** · Luciana Costa
- 128 · **Civilização em ruínas** · Thiago Stivaletti
- 132 · **Quando o mal se alastra pelas faíscas do desejo** · Juarez Guimarães Dias
- 134 · **Os pardais voam de novo: reencontrar Stephen King e George A. Romero** ·
Diego Benevides
- 136 · **Todos são inocentes e têm o mesmo sonho: liberdade** · Angélica Coutinho
- 140 · **O lado certo da batalha** · Antero Leivas
- 144 · **Uma história do horror fora do sobrenatural** · Ana Rodrigues
- 146 · **Mais uma sobre o tempo** · Antero Leivas
- 148 · ***Máquina mortífera*** · Wallace Andriolli Guedes
- 150 · **Biblioteca Stephen King: *A dança da morte:***
o folhetim sombrio do Maine para o mundo · André Vianco
- 154 · ***A maldição: vingança e castigo*** · Ana Carolina Garcia
- 156 · ***O iluminado: a história contada pelo próprio autor*** · Anderson Horta
- 160 · ***Voo noturno: o vampiro de notícias*** · Raphaela Ximenes
- 162 · **O aprendiz e sua triste atualidade** · Rita Ribeiro
- 166 · **Um Rei nos Arquivos X** · Antero Leivas
- 170 · **A dor do mundo** · Francisco Russo
- 173 · **Biblioteca Stephen King: *Creepshow*, a história em quadrinhos: em busca das
origens do terror de Stephen King** · Ciro Marcondes
- 177 · **Existências adormecidas e cruelmente obrigadas a despertar
ou apenas uma parábola humana** · Fabrício Duque
- 178 · **Mistérios do passado: marca das narrativas clássicas** · Robertson Mayrink
- 182 · **Uma casa que pulsa em *Rose Red* e *O diário de Ellen Rimbauer*** · Beatriz Saldanha
- 184 · ***O apanhador de sonhos: entre a ficção científica e a comédia*** · Ernesto Barros
- 188 · **O limiar entre o imaginário e a morte em *Montado na bala*** · Tatiana Trindade
- 190 · **No reino das assombrações do *Kingdom Hospital*** · Rita Ribeiro

192 · **Pesadelos e paisagens sombrias** · Sônia Rodrigues

196 · **Biblioteca Stephen King:**

Um romance sobre os tabus da morte: **O cemitério** · Michelle Henriques

200 · **O som e o desespero** · Julio Alessi

204 · **O invisível na tela** · Andy Malafaia

206 · **O medo da página em branco em Saco de ossos** · Rita Ribeiro

208 · **Amor demasiado** · Paulo Henrique Silva

210 · **Mr. & Mrs. Anderson: um casal do barulho** · Carlos Primati

212 · **Uma vingança digna de estar em um livro** · Yasmine Evaristo

216 · **Sobre medos infantis e traumas adultos** · Juliana Melo

218 · **Doutor Sono ou o que está morto, deve permanecer morto** · Rita Ribeiro

222 · **Galeria do medo**

Parte III

230 · **Curiosidades**

237 · **Biblioteca Stephen King**

Parte IV

242 · **Versão em inglês · English version**

Parte V

336 · **Sobre Autores**

347 · **Sobre Ilustradores**

350 · **Sobre Curadores**

352 · **Sobre Produtora**

Parte VI

356 · **Agradecimentos**

358 · **Créditos**



Embora o trabalho de King como autor seja muito cinematográfico, é incrível como muitas adaptações, ao longo de décadas, meio que perderam esse dado. Elas preferem tratar do horror sobre a humanidade. O que faz King especial não é o monstro no armário. São as pessoas que vivem na casa com o monstro dentro do armário: suas vidas, suas fraquezas, seus relacionamentos. Elas somos nós. King agarra firme o pulso de seus personagens. A visão dele é exclusivamente humana — e humanista —, oferecendo personagens complexos em um mundo muito real. Embora, ele seja sempre chamado de um autor de horror, isso é constantemente usado como um insulto. Stephen King é um grande artista e autor, mas também um profundo pensador e humanista que respeita seus personagens — e seus monstros — como se eles fossem de sua própria família.

Mick Garris

Diretor de cinema/televisão e roteirista



A collage of horror movie characters. In the center is a large, close-up face of Michael Myers with his signature white mask and dark hair. To the right is a woman with a shocked expression, likely from a slasher film. Below her is Pennywise the clown. In the bottom center is a young boy with a serious expression. The background is dark and textured, suggesting a crowd or a night scene.

PARTE I



Vida longa ao Rei

por Edilton Nunes



No dia 21 de Setembro de 1947, contrariando todas as expectativas possíveis, já que sua mãe havia sido informada que não poderia mais ter filhos, no Hospital Geral de Portland, Maine, nasce o garotinho Stephen Edwin King. Filho do marinheiro mercante Donald Edwin King e da dedicada Nellie Ruth Pillsbury, King demonstrou seu talento para a escrita desde bem pequeno. Em 1959, então com 12 anos e já sem a presença paterna, (o pai, um homem de espírito livre e que costumava viajar sempre, saiu um dia em 1949 para comprar cigarros e nunca mais voltou) King passou a escrever artigos para o jornal *Dave's Rag*, com suas opiniões sobre os programas de TV da época. Posteriormente ele passaria a escrever diversos contos curtos que acabaria vendendo por 30 centavos de dólar cada. Sua paixão pelo terror nasceria após uma visita a casa de sua tia Emrine, onde ele encontraria uma caixa repleta de revistas velhas de ficção científica e horror.

Em 1962, King ingressa na Lisbon Falls High School, escola que renderia a inspiração para uma de suas histórias mais conhecidas, o romance *Carrie*. Quatro anos depois ele entraria para a Universidade do Maine, em Orono, onde viria a se formar no ano de 1970, três anos depois de sua primeira venda como profissional, com o conto "The Glass Floor" e quatro anos depois de conhecer aquela que seria sua futura esposa, Tabitha Spruce. 1970 também foi o ano de nascimento de sua primeira filha com Tabitha, Naomi Rachel King. Em 2 de Janeiro do ano seguinte King se casaria com Tabitha em uma discreta cerimônia.

Outros dois fatos dignos de nota marcariam a vida de S.K. nos anos seguintes. Em 1972 nasce o primeiro filho do casal, batizado de Joseph Hillstrom King (que hoje conhecemos como o também renomado escritor Joe Hill) e em 1973 sua mãe, Nellie Ruth King, falece por causa de um câncer no pulmão. Esse fato marca bastante a vida de King, que posteriormente viria a abordar a doença em diversos dos seus livros.

Em 1974 o primeiro livro de King, *Carrie*, é publicado pela Editora Doubleday, rendendo 2.500 dólares de adiantamento para o autor e tendo posteriormente seus direitos de brochura vendidos por 400 mil. King não estava muito animado com o lançamento do seu primeiro livro, tanto que por não achá-lo bom o suficiente resolveu jogá-lo no lixo. Tabitha, sua esposa, acabou resgatando o manuscrito de lá e conseguiu convencer o marido a terminá-lo. Posteriormente o livro viria a se tornar seu primeiro fenômeno editorial.

Em 1977 King publica aquele que talvez tenha se tornado seu romance mais conhecido, *The Shining* (*O iluminado*), que posteriormente se transformaria em um filme de sucesso nas mãos no diretor Stanley Kubrick. Ainda em 77, nasce Richard Bachman, pseudônimo que Stephen King usaria, em segredo, para publicar sete romances, entre eles *Rage* (*Fúria*), publicado naquele mesmo ano e que teria sua republicação proibida devido ao receio que King tinha de que o livro estivesse incentivando os adolescentes a cometerem crimes em suas escolas.

Na década seguinte King publicaria *Danse Macabre* (*Dança macabra*), um tratado teórico onde ele aborda, entre outras coisas, o terror nas diversas mídias (cinema, TV, teatro...) e o modo como elas influenciaram seu processo criativo.

Em Julho de 1982, a editora Donald M. Grant publicaria o primeiro volume da saga *The Dark Tower* (*A torre negra*), intitulado de *The Gunslinger* (*O pistoleiro*). O livro, que começara a ser escrito por King quando ele tinha apenas 19 anos (inspirado no poema épico *Childe Roland à torre negra chegou* e na trilogia *O Senhor dos anéis*) e levaria 33 anos para ser concluído.

Alguns dos seus melhores livros foram lançados na década de 80, entre eles podemos destacar *Different Seasons*, *The Stand*, *It* e *Misery*. 1985 também foi o ano do falecimento de Bachman, que segundo o próprio King, morreu de uma doença chamada “câncer do pseudônimo”. Foi também uma das décadas mais produtivas com relação às adaptações de suas obras para o cinema, com filmes como *Christine*, *Creepshow*, *Cujo*, *Stand by Me*, entre outros.

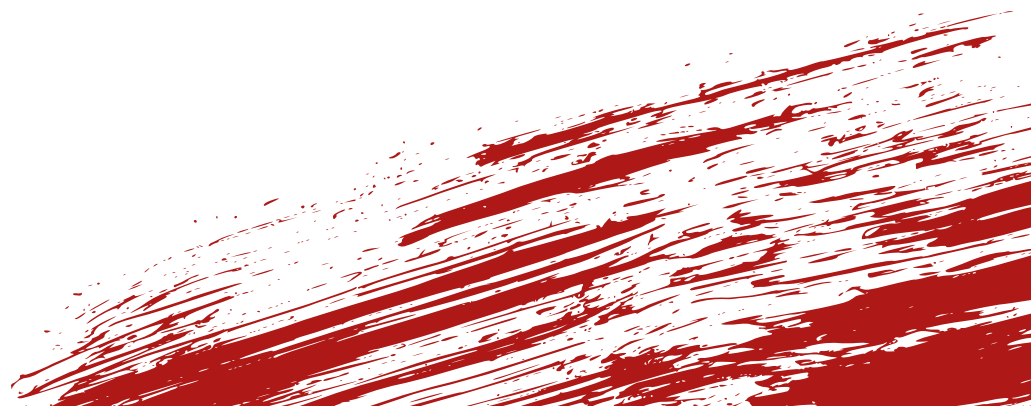
A década seguinte seria marcada pela produtividade, a qual King já se tornara conhecido, pelas ótimas adaptações *Um sonho de liberdade* e *À espera de um milagre*, mas o fato mais marcante foi, sem dúvida, o acidente que aconteceu com King no dia 19 de junho de 1999. Enquanto fazia sua caminhada rotineira, King foi atropelado por uma minivan des-governada. Fraturou o quadril, quebrou a perna e teve sérios danos pulmonares que quase o mataram. O acidente foi reproduzido na minissérie *Kingdom Hospital*, escrita por ele (adaptada do original do diretor Lars von Trier) e lançada em 2004.

Os anos 2000 seriam marcados pelo lançamento de *Dr. Sleep* (*Doutor sono*) — continuação de um de seus maiores sucessos, *O iluminado* — que mostra o personagem Danny já adulto, trabalhando em um hospital e usando seus poderes para ajudar os idosos a fazerem a “passagem” para o outro mundo.

Outro fato bastante marcante em sua biografia ocorreu no dia 10 de outubro de 2015, quando Stephen foi um dos agraciados com a *National Medal of Arts* (Medalha Nacional de Artes), premiação dada a ele por sua contribuição à literatura norte americana. Na época King recebeu a premiação das mãos do presidente Barack Obama em uma cerimônia que ocorreu na Casa Branca.

Ao longo de seus 45 anos de carreira o autor ganhou mais de 50 prêmios, como o Edgar e o Bram Stoker Award. Foram mais de 60 best-sellers, inúmeras adaptações para o cinema, TV, teatro, HQs e cerca de 400 milhões de livros vendidos no mundo todo. Dados que

transformaram Stephen King num dos maiores escritores da literatura de terror e suspense, colocando-o ao lado de grandes imortais como Edgar Allan Poe e H.P. Lovecraft. Sua obra já foi fonte de estudo em diversas universidades espalhadas pelo mundo e a cada ano o interesse por elas vem crescendo. Só nos resta torcer para que muitos outros romances venham e que o Rei tenha *Longos dias e belas noites* sobre esta terra!





O autor e o cinema

por Rita Ribeiro



Me permita contar uma história. Gosto muito de contar histórias, nem sempre de escrevê-las. Mas preciso abrir uma exceção para contar como foi meu primeiro contato com a obra de Stephen King. Um dia, em sala de aula, ao comentar sobre o filme *Um sonho de liberdade*, uma aluna me questionou se já tinha lido algum livro do autor. Eu disse que não, até que gostaria de ler alguma coisa dele que fosse mais séria. Terror, para mim, não era coisa séria. Então essa aluna, Marina, me falou assim: Ah professor, vou te emprestar um livro dele. Pensei, ai meu deus, vamos ler. Dificilmente falo não para os meus alunos, um defeito, claro!

E assim ela me apresentou *Saco de ossos*. Até hoje me emociono ao lembrar as duas primeiras páginas do livro, quando King apresenta o AVC que acomete a esposa do autor na história. Foi como levar um choque. Talvez, lendo a obra, você não sinta o mesmo que senti. Que pena. E foi assim que começou minha grande paixão por Stephen King e, conseqüentemente, pelo terror. Revirei todas as lojas, todos os sebos virtuais atrás de seus livros e posso afirmar, que li praticamente tudo o que foi editado no Brasil. O contato com os livros de King, me levou a outras descobertas de autores que o influenciaram. Já denominaram a minha biblioteca de Biblioteca do Terror. E isso porque não viram a videoteca...

Apesar de já existir em praticamente todas as culturas, a cristalização do gênero de horror na literatura foi se constituindo ao longo do século XVIII e teve seu auge no século XIX com a publicação de *Frankenstein*, de Mary Shelley em 1818, *O Senhor dos lobos*, de Alexandre Dumas em 1857, *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson, em 1886 e, finalmente de *Drácula*, de Bram Stoker, em 1897. A época do surgimento do romance de Bram Stoker foi propícia, pois é também um período em que o ocultismo, na contramão da difusão do pensamento científico, se dissemina na Europa.

Mesmo com todos os avanços obtidos pela ciência na época, o temor à morte, sempre inevitável, não podia ser descartado, enquanto a promessa de vida eterna preconizada pela igreja tampouco se mostrava uma alternativa confiável. É na ficção, ou nas promessas do ocultismo, que o desejo da vida eterna e da ressurreição encontram seus maiores difusores.

Assim, deixando de lado os recantos sombrios do interior, o gênero de horror difunde suas histórias nas cidades. O cenário urbano, pleno de becos escuros e vielas, é tão pro-

penso a fantasmas e outros monstros quanto o foram as matas e os desertos em outros tempos. O gênero revela autores como H. P. Lovecraft, Edgar Allan Poe, Shirley Jackson, H. G. Wells, Henry James, entre diversos outros, inclusive autores brasileiros que por ele fizeram uma incursão como Machado de Assis.

A literatura voltada para o horror, rapidamente difundiu-se com sucesso e, na transição para a cultura de massas representada pelo cinema, se revela como um dos grandes gêneros do século XX. Seguindo a tradição dos romances, os filmes de terror se consagraram ao longo da década de 1930, período da Grande Depressão nos Estados Unidos. Os maiores sucessos do gênero sucederam-se: *Drácula* (1931), de Tod Browning, *Frankenstein* (1931), *A múmia* (*The Mummy*, 1932), *O homem invisível* (*The Invisible Man*, 1933), *O gato preto* (*The Black Cat*, 1934), *A noiva de Frankenstein* (*Bride of Frankenstein*, 1935), entre outros fizeram o nome de astros como Bela Lugosi — o Conde Drácula e Boris Karloff — o eterno Frankenstein e também a fortuna da produtora Universal Pictures, que se especializou no gênero.

Outro período de êxito acontece nos anos 1950 com os chamados filmes B, filmes de baixo orçamento voltados para o público jovem. Principalmente após o final da Segunda Guerra, com o mundo temendo os efeitos da bomba atômica, o cinema usa os temores para criar um universo de monstros gerados pelos efeitos da radiação em obras como *Tarântula*, *A invasão das aranhas gigantes*, *O escorpião negro* ou o *Ataque dos caranguejos gigantes* são alguns dos exemplos dos filmes nesse período, que marcaram de forma indelével a formação de Stephen King.

O gênero vive um momento mais adulto entre os anos 50 e 60 com os hoje clássicos filmes de terror dos estúdios ingleses Hammer Films que imortalizou os trabalhos de Christopher Lee e Peter Cushing como os terríveis vampiros, entre outros monstros produzidos no período.

No entanto, a afirmação do gênero terror como filme de adultos se concretiza em 1968 com o lançamento de *O bebê de Rosemary*, dirigido por Roman Polanski que precede o que nos anos 1970 seria o terror estrelado pelo demônio (na acepção católica). Desse período temos as obras *O exorcista* (1973) e *A profecia* (1976), ano também do lançamento da primeira obra de Stephen King adaptada ao cinema — *Carrie, a estranha*, por Brian De Palma.

Nos mais de 40 anos que se seguem, as adaptações da obra de Stephen King só vêm aumentando e tendo *remakes*, como o de *Carrie*, o recente *Cemitério maldito*, a adaptação para o cinema de *It*. As versões para o cinema, nem sempre fazem jus ao original. O próprio autor admite não gostar de algumas delas, inclusive da famosa adaptação de Stanley Kubrick para *O iluminado*.

No prefácio da edição de *A dança da morte*, o autor fala sobre adaptações de sua obra: “Os filmes, afinal, são apenas uma ilusão em movimento formada por milhares de fotografias imóveis. A imaginação, no entanto, se move junto a seu próprio fluxo da maré. Os filmes, mesmo os melhores, congelam a ficção [...] isto não é necessariamente ruim... mas

é limitante.” De fato, uma adaptação de *A torre negra*, uma história contada em sete volumes, dificilmente seria fiel às nuances do original, concentrada em poucas horas. Mas vemos que diversos diretores conseguiram captar a essência dos livros de King como Mick Garris (*A dança da morte*, *Sonâmbulos*, *Montado na bala*, *Desespero*), Frank Darabont (*Um sonho de liberdade*, *À espera de um milagre*, *O nevoeiro*), Rob Reiner (*Conta comigo*, *Louca obsessão*) responsáveis por excelentes adaptações para o cinema e a TV.

Nos últimos anos temos visto um crescente interesse pelas obras de Stephen King e o aumento de produções feitas a partir de seus livros. É inegável também, a influência que sua escrita exerce nos novos autores de terror que vemos surgir a cada ano, inclusive no Brasil. Stephen King modelou o medo do final do século XX e ainda reina no século XXI. Ouso atribuir tanto sucesso porque vivemos tempos sombrios e o medo, afinal, é sempre a nossa companhia.



Maine, Bangor e Osasco

por André Vianco



O estado do Maine é o lugar em que tudo acontece na obra de Stephen King. Acho que 90% de suas obras se passam em cidades onde ele viveu desde a infância e a que adotou como lar, a bucólica Bangor. Lá, primeiro apaixonou-se pela casa que escolheu junto com a esposa (ou foram escolhidos e aceitos pela casa, como ele já contou). Olhando para aquelas ruas, ainda que comentar isso seja lugar comum, você quase vê seus personagens materializarem-se. É possível enxergar as crianças andando ao longo da linha do trem, um palhaço assassino espreitando em uma boca de lobo, e imaginar o próprio King dando suas longas caminhadas e absorvendo a atmosfera de tudo e todos ao redor.

O Maine é um tipo de assinatura da obra desse mestre do suspense e do terror, uma ranhura tão profunda quanto a recorrente ode à lealdade e à amizade, fatores que vão se juntando e compondo uma atmosfera própria, em que respiram bem os fãs desse escritor tão contemporâneo e produtivo. Para conhecer mais do seu caminho de Portland a Bangor, recomendo a leitura do seu *Sobre a escrita*, obra de não-ficção que é como um manual para jovens autores (e para maduros também, que ainda tenham olhos e ouvidos abertos) para que aprendam os caminhos para se criar uma boa ficção.

Acontece que *Sobre a escrita* é também um testemunho autobiográfico da boa luta que foi conseguir se firmar como escritor, vencer desafios da vida de gente como a gente, a batalha para manter a casa nos tempos do dinheiro curto e as durezas que o levaram a crer que era ele o próprio protagonista de *O iluminado*.

Bem, todo bom escritor ou escritora precisa ser um pouco louco, um pouco audaz, um pouco arrogante, bastante inseguro, e melancólico o suficiente para fazer as rodas girarem. King junta tudo isso e nos entrega uma obra digna de um farsante de primeira categoria, um manipulador inescrupuloso, graças aos céus. Você pensa que vai ler só uma historinha de terror e pronto, logo se vê mergulhado em feridas abertas que conversam com toda a humanidade. E graças ao seu truque de mascate, estamos logo viciados nas almas de seus personagens e loucos para entender onde suas tramas vão acabar. Como ele coloca muito combustível nas pessoas que cria, todo leitor da obra extensa do mestre perdoa quando ele chega com finais que nos deixam desconcertados. Afinal de contas, na montanha-russa de sensações, que percorremos montados em um bólido que quase descarri-

la e faz nosso coração disparar e virarmos páginas após página faz valer todo o passeio.

Eu, que sou um homem das palavras, que amo o logos, que amo entender como juntamos letras e transformamos em figuras, e como a soma dessas figuras fazem imagens se tornarem presentes no cérebro do leitor, não sei agradecer à altura o quanto King me ensinou. Não foi no estilo e, curiosamente, nem no gênero, mas foi no Maine. Essa paixão pelo chão em que crescemos e essa decisão de criar um mundo todo nas mais absurdas e fantásticas circunstâncias para que nossos personagens encenem aventuras alucinadas andando por ruas e bairros que estão lá de verdade dão um “chão” para nossas histórias.

Não foi King quem inventou isso, mas foi na obra dele que percebi pela primeira vez essa repetição, essa escolha. E foi assim que escolhi também. O resultado é que, ao criar meus contos de vampiros e lobisomens, de fantasmas e viajantes interplanetários, encharquei minha obra com o improvável, e Osasco virou, nos meus livros, um nó no mundo onde as coisas acontecem. Precisei dar um passo além nessa homenagem à minha terra quando comecei a pensar como assinaria minhas obras, quando eu, ainda adolescente, André Silva, não acreditava que esse nome teria força para chamar a atenção dos leitores que teria de conquistar na unha, nos balcões das livrarias às vésperas da revolução das ainda incipientes redes sociais.

Eu queria um nome forte e também que soubessem que eu era de Osasco (ao menos os leitores da minha cidade ficariam curiosos com um maluco que estava escrevendo histórias de anjos e vampiros). Confesso que pensei até em André Rei, mas ainda tinha sobrado algum bom senso dentro da cachola, e eu tinha outro grande autor que admirava, que trazia o mesmo sobrenome, Marcos Rei, de *O mistério do 5 estrelas* e outros livros da adolescência e da saudosa *Coleção Vaga-Lume*. Só que eu queria Osasco. Então comecei a andar pelas ruas do centro e imaginar qual daqueles nomes, dos fundadores da cidade onde cresci, andei de bicicleta sobre vielas de barro, dei meu primeiro beijo em uma menina, desci ladeiras em carinhos de rolimã e comecei a ler no bairro do Santo Antônio, poderia me ajudar.

Osasco recebeu seu nome de Antônio Agú em homenagem à sua cidade natal italiana, e esse imigrante fez aquelas terras às margens do rio Tietê e da ferrovia Sorocabana. Agú teve a filha Primitiva Vianco, e essa garotinha, aos 17 anos, teve sua primeira e única filha. A jovem dona Primitiva Vianco, poucos dias após dar à luz, acabou falecendo por complicações pós-parto, e seu nome hoje marca uma das principais ruas do centro de minha cidade. Como disse antes, escritores precisam de um pouco de melancolia, e dessa menina-mãe emprestei o sobrenome, lançando meu primeiro livro como André Vianco e colocando Osasco sempre em minhas histórias. Foi um longo caminho desde o Maine até aqui.



Os gangsters do mundo animal: um breve dossiê dos gatos de Stephen King

por Carlos Prinati

“O filme de horror lhe pergunta se você quer dar uma boa olhada de perto no gato morto”, filosofa Stephen King em seu livro *Dança macabra* (1981), no qual disseca o fenômeno do gênero horror no cinema, na literatura e na televisão. A reflexão é decorrente de um episódio da infância do autor, quando o pequeno Stevie, então com nove anos, deparou-se pela primeira vez com a imagem real da morte, ao encontrar um gato atropelado. Durante dias, a caminho da escola, o garoto observou — deslumbrado e curioso — o bicho se decompondo, ressecando, sendo devorado por vermes, até seus restos serem levados por uma enxurrada.

A exemplo de Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle, Robert Bloch e outros autores antes dele, King desenvolveu um encanto por felinos — especialmente por sua natureza rebelde, bandida, marginal, que muitas vezes termina por encurtar suas vidas. Um notório ‘gatoeiro’, King inspirou-se numa experiência familiar triste para escrever o romance *O cemitério* (1983), quando Smucky, o gato de estimação de sua filha Naomi, morreu atropelado por um caminhão numa estrada perto de sua casa. O livro foi um enorme sucesso de vendas e King foi abordado para escrever o roteiro para o cinema.

Cemitério maldito (1989), dirigido por Mary Lambert, traz o bichano mais famoso do cânone do escritor, o peludinho Winston Churchill — ou ‘Church’ —, da raça *pelo curto inglês azul* (que é cinza, na verdade). Presença marcante no livro — o nome ‘Church’ é mencionado mais de 250 vezes no romance — e icônico nas telas, foi desempenhado por sete gatos treinados por Brian McMillan e Scott Hart.

O primeiro felino cinematográfico de Stephen King foi o protagonista de *Olhos de gato* (1985), um longa-metragem em forma de antologia com três histórias interligadas pelo animal do título. O roteiro original de King adapta dois de seus contos e conclui com a história inédita “General”, sobre um gato doméstico que salva uma criança de ser atacada por uma criaturazinha monstruosa.

O filme foi escrito especialmente para Drew Barrymore, de encomenda do produtor Dino De Laurentiis, impressionado com o desempenho da pequena atriz de nove anos em *Chamas da vingança* (1984), outra adaptação de King. *Olhos de gato* foi dirigido por Lewis Teague, que em 1983 havia feito *Cujo*, também baseado em King e com um animal no cen-

tro da ação – neste caso, um cão São Bernardo raivoso. O cachorro foi treinado por Karl Lewis Miller, que voltou a colaborar em *Olhos de gato*, para o qual testou 35 animais e selecionou dezesseis bichanos para as várias ações em cena.

O fascínio do escritor pelos felinos resultou num de seus projetos mais ambiciosos para o cinema: *Sonâmbulos* (1992), um roteiro original baseado numa história que nunca foi publicada. Mick Garris, que havia sido cotado pela Paramount para dirigir *Cemitério maldito*, foi escolhido pela Columbia para conduzir *Sonâmbulos* – o diretor depois se tornaria um dos escudeiros de King em suas produções para a TV (*A dança da morte*, *O iluminado* etc.).

Conta a história de um casal – mãe e filho – de ‘sonâmbulos’, criaturas nômades metamorfos, um híbrido de humanos e felinos, vulneráveis ao arranhão de gatos e que se alimentam de mulheres virgens. O filme é repleto de gatos – algumas cenas usaram quase uma centena de bichanos – e tem como herói Clovis, vivido por um gato caseiro comum chamado Sparks (e por diversos dublês de quatro patas). Os animais, treinados por Terri Knapp e Sam Coulter, roubaram todas as atenções: Garris, ainda no set, declarou que os gatos “estão entre os melhores atores do filme” e que todos estavam apaixonados pelos animais. O que ele não revelou na época era que tinha alergia a gatos...

A hipotética natureza maligna dos felinos aparece em *Contos da escuridão* (1990), filme de antologia que adapta, em meio a obras de outros escritores, o conto “O gato dos infernos”, escrito por Stephen King e publicado em 1977. Narrado em clima de humor negro, conta a história de um assassino profissional que é contratado por um milionário excêntrico para eliminar um gato preto que já matou várias pessoas, sempre à meia-noite. O diretor John Harrison optou por mostrar menos o gato e mais seu ponto de vista, em tomadas subjetivas que ele apelidou de ‘Cat Cam’.

King salpicou bichanos mais genéricos em outras obras, sugerindo que às vezes um gato é apenas um gato. Os animais aparecem de maneira decorativa em alguns filmes baseados na obra do escritor, como *A metade negra* (1993), *Celular* (2016) e *It: a coisa* (2017). No dramático *O aprendiz* (1998), alguns animais são mortos por um carrasco nazista, mas pelo menos um escapa são e salvo. No episódio “Crouch End”, da série em oito partes *Pesadelos e paisagens noturnas* (2006), do canal TNT, um gato com metade da cabeça dilacerada é indício de que há algo estranho numa cidade quase abandonada.

A recente onda de refilmagens de obras de Stephen King trouxe de volta às telas *Cemitério maldito* (2019), desta vez com roteiro de Jeff Buhler e direção da dupla Kevin Kölsch e Dennis Widmyer. E obviamente Church estava de volta, vivo e (principalmente) morto-vivo, interpretado por quatro gatos malhados da raça Maine Coon, chamados Leo, Tonic, Jager e JD.

Condizente à era das redes sociais, Leo ficou famoso graças a sua conta no Instagram, administrada por Kirk Jarrett, seu dono e treinador; Tonic (que foi adotado por outra treinadora que trabalhou no filme, Melissa Millett) e JD também têm perfis na rede. Obediente e pacato, Leo fez a maioria das cenas de Church ‘morto-vivo’, enquanto Tonic fez o animal

nas cenas em que está vivo. Infelizmente, o estrelato do animal ator teve curtíssima duração: pouco mais de um mês após a estreia do filme, Leo morreu vítima de tromboembolismo arterial, um problema cardíaco congênito comum em gatos de sua raça.

Enigmáticos e inescrutáveis: gatos serviram a Stephen King como matéria-prima para refletir sobre dramas pessoais, transpondo ideias para o papel e para as telas, e o ciclo se repetindo com a morte da ficção ocorrendo também no mundo real. E diante deste animal encantador que tanto adoramos, a conclusão é que sabemos tão pouco dos mistérios da vida e da morte quanto dos segredos indecifráveis de nossos companheiros de quatro patas.





O medo do ordinário

por Rodolfo Stanki

Stephen King tinha cerca de treze anos quando descobriu a literatura de H.P. Lovecraft. De acordo com Lisa Rogak, sua biógrafa não oficial, nessa idade ele já era um ávido leitor e devorava tudo o que podia de ficção fantástica. Apesar disso, a obra do criador de Cthulhu não lhe pareceu muito atraente. Isso porque o futuro escritor do Maine era muito afeiçoado a outros tipos de histórias, bem mais familiares ao seu próprio cotidiano.

Diferentemente do que acontecia nos contos de Lovecraft, as narrativas que mais agradavam ao jovem King, em meados da década de 1950 e 1960, eram as que mostravam o horror como um elemento banal — próprio do mundo em que vivia.

No rádio e nos livros, as tramas de Ray Bradbury mexiam com seu imaginário por colocarem elementos extraordinários em situações absolutamente ordinárias. Os episódios de Rod Serling e Richard Matheson no seriado *Além da Imaginação* fertilizavam seu potencial criativo para mostrar como personagens do nosso mundo reagiriam diante de circunstâncias típicas da fantasia e da ficção científica. Nas revistas da E.C. Comics, o escritor vislumbra-va como o sobrenatural poderia invadir e aterrar a vida adulta sem qualquer tipo de aviso.

Esse modo mais naturalista e contemporâneo de pensar as narrativas horríficas foi fortemente apropriado por King em praticamente tudo o que escreveu. Frequentemente, quando lhe perguntam de onde surgem suas ideias, o autor responde que “escreve sobre aquilo que conhece” e “sobre aquilo que o amedronta”.

Suas ideias quase nunca vêm de lugares inóspitos de sua imaginação. Para conceber a mãe religiosa e extremista de *Carrie, a estranha*, o escritor se baseou em experiências com mulheres cristãs conservadoras que conheceu na infância e em uma colega fanática de trabalho dos tempos em que cumpria um turno em uma lavanderia industrial para pagar as contas. O mesmo emprego o inspirou a escrever o conto “A Máquina de passar roupa”, presente na coletânea *Sombras da noite*. O enredo de *O iluminado*, por sua vez, surgiu a partir de uma viagem que fez a um hotel que lhe parecia assombrado.

Em resumo, as experiências de Stephen King o levaram a criar uma obra que basicamente retrata um medo que surge da ordinariedade da vida cotidiana. Lovecraft, por outro lado, sempre escreveu sobre seres cósmicos e saberes proibidos. O mal, para o contista de

Rhode Island, vinha de origens milenares desconhecidas. As pessoas continuariam seguras, na ignorância, se nunca mexessem com rituais macabros ou despertassem deuses espaciais e oceânicos adormecidos.

O conceito não só não interessava a King, como era rechaçado por ele. Na coletânea de entrevistas *Dissecando Stephen King*, organizada por Tim Underwood e Chuck Miller e publicada no Brasil pela Editora Francisco Alves, o autor é questionado sobre suas intenções ao experimentar diferentes tipos de medo que quer provocar no público e responde com uma comparação nada elogiosa ao legado de Lovecraft: “Tudo o que quero é deixar as pessoas assustadas. Sou humilde nesse sentido. Não coloco minhas opiniões numa posição tão elevada. H.P. Lovecraft tentou atingir o máximo de terror, e há momentos em que chega a ser quase cômico, pois em algumas dessas histórias ele mais parece um garotinho saltando para pegar um cacho de uvas que se encontra a uma altura inatingível para ele.”

O comentário mostra que o distanciamento dos objetos que estimulam o horror nos leitores adotado pelo criador de Cthulhu não era exatamente do seu agrado. Por isso, King atribuiu horror ao que é comum. Carros conversíveis, cachorros e crianças se tornam criaturas monstruosas em sua obra — às vezes pelo mero acaso e sem muitas explicações.

Ao discutir Drácula nas aulas que lecionava sobre literatura inglesa, o romancista ponderou sobre como poderia atualizar a premissa criada para Bram Stoker no século XX. O resultado foi *A hora do vampiro*, uma obra que traz o mesmo argumento do clássico romance para uma cidade pequena do Maine, que espelhava a própria comunidade em que King vivia. Nessa versão, Jonathan Harker não precisaria viajar até um castelo na Transilvânia para trazer o mal para seus conhecidos. O conde vampiro viria sozinho, acompanhado de uma falsa benevolência de seu súdito humano.

A obra de Stephen King não foi pioneira ao retratar narrativas que inseriram o fantástico na ordinariedade da vida cotidiana. Ray Bradbury, Richard Matheson e Ira Levin, entre outros nomes da literatura americana, assinaram dezenas de histórias com os mesmos princípios desde a década de 1940 nos Estados Unidos.

O que transformou King numa proeminente referência para se pensar esse tipo de enredo foi, possivelmente, sua relação com o cinema — que surge justamente quando o horror passava por uma profunda mudança de foco em Hollywood graças a uma nova geração de realizadores interessados em revolucionar a relação do público com o gênero.

Quando o primeiro romance do escritor chegava às livrarias, em 1974, jovens cineastas como Brian De Palma, Tobe Hooper, George Romero, John Carpenter e David Cronenberg lançavam produções inovadoras que se tornariam as bases do filme de horror moderno. Muitos desses diretores vinham de fora do sistema de cinema industrial e queriam discutir o medo a partir de seus próprios referenciais. Por isso, abandonaram a inocência e o classicismo que predominavam no gênero até então (na literatura, esse movimento superou, inclusive, o marginalizado Lovecraft).

Essa geração de realizadores — chamada de *new horror* pelo jornalista Jason Zinoman no livro *Shock Value: How a Few Eccentric Outsiders Gave Us Nightmares* — viu na obra de King uma voz para canalizar essas histórias horríficas do ordinário. Dessa forma, os pesadelos do autor se tornaram visíveis e ainda mais próximos do público, que agora conseguiria reconhecer seu próprio mundo nas imagens que apareceriam na tela.



Filmes e livros como inspiração

por Breno Lira Gomes

“Sou um escritor por profissão, o que significa que as coisas mais interessantes que me aconteceram, aconteceram em meus sonhos.”

Stephen King

No primeiro capítulo do livro ensaio *Dança macabra*, Stephen King relembra o momento exato onde foi acometido pelo horror pela primeira vez na vida. Segundo ele, esse momento se deu quando tinha 10 anos, durante uma matinê do filme *A invasão dos discos voadores*, no cinema Stratford Theater, onde o mesmo foi interrompido, justamente no último rolo. O gerente do cinema, nervoso, surgiu diante de uma plateia majoritariamente de crianças e adolescentes, e informou que os russos tinham acabado de colocar um satélite em órbita, o Sputnik. “Podem ter certeza de que não estou sugerindo que os russos foram responsáveis por um trauma que resultou no meu interesse pela ficção científica, estou simplesmente apontando aquele momento em que eu comecei a perceber uma conexão útil entre o mundo da fantasia e aquele que o *My Weekly Reader* costumava chamar de Eventos Atuais.”, escreveu King no livro.

Os universos da fantasia e do horror estiveram presentes na vida de Stephen King desde cedo. Seu interesse por histórias de fantasmas e casas mal assombras, monstros, criaturas abomináveis, seres de outros planetas, humanos capazes de maldades terríveis, é algo que o acompanha desde a mais tenra idade. E o contato com a literatura fantástica (e demais obras literárias, independente do gênero) foi muito importante para sua formação como escritor e inspiração para suas histórias, que há mais de 40 anos nos tiram o sono.

Ao ler *Dança macabra* (livro encomendado a ele por seu antigo editor, Bill Thompson, e publicado em 1981) entramos em contato com tudo aquilo que fez Stephen King se tornar o Mestre do Terror, o nome mais importante da literatura de horror surgido no século XX. O estudo sobre o horror/terror desenvolvido por King compreende um determinado período do século passado, entre 1948 e 1978 mais ou menos, mas não deixa de fazer incursões há épocas anteriores.

Stephen King, desde pequeno foi um leitor voraz. Durante a infância e a juventude leu todos os livros possíveis. A literatura em geral, em especial a fantástica, foi fundamental

para que o escritor escrevesse suas histórias. Ter lido obras de escritores como H.P. Lovecraft, Shirley Jackson, Bram Stoker, Edgar Allan Poe, Mary Shelley, Ray Bradbury entre tantos outros, fez com que Stephen King se tornasse um dos mais importantes escritores do mundo. Lovecraft foi um autor muito importante para King. Descobrir uma coleção de livros do escritor em uma caixa deixada pelo seu pai, abriu a mente do futuro escritor. Além de proporcionar a ele uma experiência inédita de leitura, só possível quando se entra em contato com o imaginário criado por Lovecraft.

E não só os romances e contos fizeram a cabeça de Stephen King. O cinema, as histórias em quadrinhos, a televisão, também tiveram sua importância. Desses, talvez a invenção dos Irmãos Lumière tenha um papel mais importante. King lembra no livro que *O monstro da Lagoa Negra* foi o primeiro filme que assistiu, em um drive-in, quando tinha uns 7 anos talvez. O contato com a criatura que vivia nas sombrias águas em plena floresta Amazônica marcou para sempre o pequeno King. “Minha reação visceral a *O monstro da Lagoa Negra*, naquela noite distante, foi uma espécie de terrível vertigem. O pesadelo estava acontecendo bem ali na minha frente; as mais horrorosas possibilidades a que estão sujeitas a carne humana foram mostradas lá, naquela tela do drive-in.”, escreveu ele.

O cinema é algo tão marcante para Stephen King, que ele não se cansa de prestar homenagens a sétima arte. Seja por meio de uma referência indireta a algum filme que assistiu e gostou. Ou algo mais direto mesmo, como enaltecer (e com isso escancarar seu fascínio) a atriz Rita Hayworth, como podemos ver no filme *Um sonho de liberdade*, adaptação da novela *Rita Hayworth and Shawshank Redemption*. O próprio King se aventurou em dirigir um filme (*Comboio do terror*), e vez ou outra escreve o roteiro das adaptações de suas histórias para o cinema ou televisão. Talvez seja um dos escritores mais adaptados para o cinema. E com a felicidade de ter na direção de algumas adaptações, cineastas que admira, como George A. Romero, Tobe Hooper e John Carpenter.

Em *Dança macabra* King chega a listar filmes de terror essenciais, que todos devem assistir. Faz o mesmo com a literatura fantástica, apresentando aos leitores, títulos, entre romances e coletâneas, que todo fã de terror/horror não pode deixar de ler. As listas, organizadas para a edição de 1981 de *Dança macabra*, estão abaixo. Marcados com asterisco (*) estão os filmes e livros preferidos de Stephen King.

Os filmes

- **O abominável Dr. Phibes** (*The Abominable Dr. Phibes*) · Robert Fuest · 1971
- **Alien, o 8º passageiro*** (*Alien*) · Ridley Scott · 1979
- **A tara maldita** (*The Bad Seed*) · Mervyn LeRoy · 1956
- **Os pássaros** (*The Birds*) · Alfred Hitchcock · 1963
- **O asilo do terror** (*Asylum*) · Roy Ward Baker · 1972
- **O pássaro das plumas de cristal** (*The Bird with the Crystal Plumage*) · Dario Argento · 1970
- **A maldição do demônio*** (*Black Sunday*) · Mario Bava · 1960
- **Os filhos do medo*** (*The Brood*) · David Cronenberg · 1979
- **A mansão macabra** (*Burnt Offerings*) · Dan Curtis · 1976
- **A filha de satã** (*Burn Witch Burn*) · Sidney Hayers · 1962
- **A dama enjaulada*** (*The Cage*) · Walter Graumann · 1964
- **Carrie, a estranha*** (*Carrie*) · Brian De Palma · 1976
- **O caçador de bruxas** (*The Conqueror Worm*) · Michael Reeves · 1968
- **O monstro da lagoa negra*** (*Creature of the Black Lagoon*) · Jack Arnold · 1954
- **Terror que mata*** (*The Creeping Unknown*) · Val Guest · 1955
- **A noite do demônio*** (*Curse of the Demon*) · Jacques Tourneur · 1957
- **O terror que veio do espaço** (*The Day of the Triffids*) · Steve Sekely · 1963
- **Zumbi, o despertar dos mortos*** (*Dawn of the Dead*) · George A. Romero · 1978
- **A picada mortal** (*The Deadly Bees*) · Freddie Francis · 1966
- **Prelúdio para matar** (*Deep Red*) · Dario Argento · 1975
- **Amargo pesadelo*** (*Deliverance*) · John Boorman · 1972
- **Demência 13*** (*Dementia-13*) · Francis Ford Coppola · 1963
- **As diabólicas** (*Diabolique*) · Henry-Georges Clouzot · 1955
- **As profecias do Dr. Terror** (*Doctor Terror's House of Horrors*) · Freddie Francis · 1965
- **Inverno de sangue em Veneza** (*Don't Look Now*) · Nicolas Roeg · 1973
- **Encurralado*** (*Duel*) · Steven Spielberg · 1971
- **Usina de monstros*** (*Enemy from Space*) · Val Guest · 1957
- **Eraserhead** (*Eraserhead*) · David Lynch · 1977
- **O exorcista*** (*The Exorcist*) · William Friedkin · 1973
- **O anjo exterminador** (*The Exterminator Angel*) · Luis Buñuel · 1963
- **Os felinos** (*Eye of the Cat*) · David Lowell Rich · 1969
- **A mosca da cabeça branca** (*The Fly*) · Kurt Neumann · 1958
- **Frenesi*** (*Frenzy*) · Alfred Hitchcock · 1972
- **A fúria** (*The Fury*) · Brian De Palma · 1978
- **Gorgo** (*Gorgo*) · Eugene Lourie · 1961

- **Halloween, a noite do terror*** (*Halloween*) · John Carpenter · 1978
- **Desafio do além*** (*The Haunting*) · Robert Wise · 1963
- **O monstro da bomba H** (*The H-Man*) · Ishirô Honda · 1958
- **Os horrores do museu negro** (*Horrors of the Black Museum*) · Arthur Crabtree · 1959
- **A hora do lobo** (*Hour of the Wolf*) · Ingmar Bergman · 1968
- **A casa que pingava sangue** (*The House That Dripped Blood*) · Peter Duffell · 1971
- **Com a maldade na alma** (*Hush... Hush, Sweet Charlotte*) · Robert Aldrich · 1964
- **Eu enterro os vivos** (*I Bury the Living*) · Albert Band · 1958
- **O incrível homem que encolheu** (*The Incredible Shrinking Man*) · Jack Arnold · 1957
- **Vampiros de almas*** (*Invasion of the Body Snatchers*) · Don Siegel · 1956
- **Os invasores de corpos** (*Invasion of the Body Snatchers*) · Phillip Kaufman · 1978
- **Eu vi que foi você** (*I Saw What You Did*) · William Castle · 1965
- **Veio do espaço*** (*It Came from Outer Space*) · Jack Arnold · 1953
- **A ameaça do outro mundo** (*It! The Terror from Outer Space*) · Edward L. Cahn · 1958
- **Tubarão*** (*Jaws*) · Steven Spielberg · 1975
- **Os busaranhos assassinos** (*The Killer Shrews*) · Ray Kellogg · 1959
- **O último verão** (*Last Summer*) · Frank Perry · 1969
- **Sonhos alucinantes*** (*Let's Scare Jessica to Death*) · John Hancock · 1971
- **Macabro** (*Macabre*) · William Castle · 1958
- **Martin*** (*Martin*) · George A. Romero · 1977
- **A orgia da morte** (*The Masque of the Red Death*) · Roger Corman · 1964
- **A noite tudo encobre** (*Night Must Fall*) · Karel Reisz · 1964
- **O mensageiro do diabo*** (*The Night of the Hunter*) · Charles Laughton · 1955
- **A noite dos mortos-vivos*** (*Night of the Living Dead*) · George A. Romero · 1968
- **Emissário de outro mundo** (*Not of This Earth*) · Roger Corman · 1957
- **Uma face para cada crime** (*No Way to Treat a Lady*) · Jack Smight · 1968
- **Pânico no ano zero** (*Panic in the Year Zero*) · Ray Milland · 1962
- **Picnic na montanha misteriosa*** (*Picnic at Hanging Rock*) · Peter Weir · 1978
- **A mansão do terror** (*The Pit and the Pendulum*) · Roger Corman · 1961
- **Psicose*** (*Psycho*) · Alfred Hitchcock · 1960
- **Enraivecida, na fúria do sexo*** (*Rabid*) · David Cronenberg · 1977
- **Corrida com o diabo** (*Race with the Devil*) · Jack Starrett · 1975
- **Repulsa ao sexo*** (*Repulsion*) · Roman Polanski · 1965
- **Rituals*** · Peter Carter · 1977
- **O bebê de Rosemary*** (*Rosemary's Baby*) · Roman Polanski · 1968
- **Os vampiros de Salem** (*Salem's Lot*) · Tobe Hooper · 1979
- **Farsa diabólica** (*Seance on a Wet Afternoon*) · Bryan Forbes · 1964
- **Seizure** (*Seizure*) · Oliver Stone · 1974

- **O sétimo selo*** (*The Seventh Seal*) · Ingmar Bergman · 1956
- **Irmãs diabólicas*** (*Sisters*) · Brian De Palma · 1973
- **O iluminado*** (*The Shining*) · Stanley Kubrick · 1980
- **O estranho poder de matar** (*The Shout*) · Jerzy Skolimowski · 1978
- **Alguém me vigia** (*Someone's Watching Me*) · John Carpenter · 1978
- **Esposas em conflito** (*The Stepford Wives*) · Bryan Forbes · 1975
- **Almas mortas** (*Strait-Jacket*) · William Castle · 1964
- **De repente, no último verão** (*Suddenly Last Summer*) · Joseph L. Mankiewicz · 1959
- **Suspiria*** (*Suspiria*) · Dario Argento · 1977
- **O massacre da serra elétrica*** (*The Texas Chain Saw Massacre*) · Tobe Hooper · 1974
- **O mundo em perigo*** (*Them!*) · Gordon Douglas · 1954
- **Calafrios** (*They Came from Within*) · David Cronenberg · 1975
- **O monstro do Ártico*** (*The Thing*) · Christian Nyby · 1951
- **O túmulo sinistro** (*The Tomb of Ligeia*) · Roger Corman · 1965
- **Duas histórias de terror** (*Trilogy of Terror*) · Dan Curtis · 1975
- **A aldeia dos amaldiçoados** (*Village of the Damned*) · Wolf Rilla · 1960
- **Um clarão nas trevas*** (*Wait Until Dark*) · Terence Young · 1967
- **O que terá acontecido a Baby Jane?*** (*What Ever Happened to Baby Jane?*) · Robert Aldrich · 1962
- **Quando Michael chama** (*When Michael Calls*) · Philip Leacock · 1972
- **O homem de palha** (*The Wicker Man*) · Robin Hardy · 1973
- **Calafrio** (*Willard*) · Daniel Mann · 1971
- **O homem dos olhos de raio X*** (*X: the Man with X-Ray Eyes*) · Roger Corman · 1963
- **O estranho de um mundo perdido** (*X The Unknow*) · Leslie Norman · 1956

Os livros

- Richard Adams · **The Plague Dogs; A longa jornada***
- Robert Aickman · **Cold Hand in Mine; Painted Devils**
- Marcel Aymé · **O passa-paredes**
- Beryl Bainbridge · **Harriet Said**
- J.G. Ballard · **Concret Island***; **High Rise**
- Charles Beaumont · **Hunger***; **The Magic Man**
- Robert Bloch · **Pleasant Dreams***; **Psicose***
- Ray Bradbury · **Licor de dente-de-leão; Algo sinistro vem por aí***; **O país de outubro**
- Joseph Payne Brennan · **The Shapes of Midnight***

- Fredric Brown · **Nightmares and Geezenstacks***
- Edward Bryant · **Among the Dead**
- Janet Cird · **The Loch**
- Ramsey Campbell · **Demos by Daylight; The Doll Who Ate His Mother***; **The Parasite***
- Suzy McKee Charnas · **The Vampire Tapestry**
- Julio Cortázar · **Final do jogo e outras histórias**
- Harry Crews · **A Feast of Snakes**
- Roald Dahl · **Beijo com beijo***; **Someone Like You***
- Les Daniels · **The Black Castle**
- Stephen R. Donaldson · **The Thomas Covenant Trilogy** (3 vols.)*
- Daphne Du Maurier · **Aquele inverno em Veneza**
- Harlan Ellison · **Deathbird Stories***; **Strange Wine***
- John Farris · **All Heads Turn When the Hunt Goes By**
- Charles G. Finney · **The Ghost of Manacle**
- Jack Finney · **Os invasores de corpos***; **I Love Galesburg in the Springtime; The Third Level***; **Time and Again***
- William Golding · **O senhor das moscas***
- Edward Gorey · **Amphigorey; Amphigorey Too**
- Charles L. Grant · **The Hour of the Oxrun Dead; The Sound of Midnight***
- Davis Grubb · **Twelve Tales of Horror***
- William H. Hallahan · **The Keeper of the Children; A maldição**
- James Herbert · **The Fog; The Spear***; **The Survivor**
- William Hjortsberg · **Coração satânico***
- Shirley Jackson · **A assombração da casa da colina***; **A loteria e outras histórias***;
The Sundial
- Gerald Kersh · **Os homens sem ossos***
- Russell Kirk · **The Princess of All Lands**
- Nigel Kneale · **Tomato Cain and Other Stories**
- William Kotzwinkle · **Dr. Rat***
- Jerzy Kosinski · **O pássaro pintado***
- Fritz Leiber · **Our Lady of Darkness***
- Ursula K. Le Guin · **The Lathe of Heaven***; **Orsinian Tales**
- Ira Levin · **A semente do diabo***; **As possuídas**
- John D. MacDonald · **A moça, o relógio de ouro e... algo mais**
- Bernard Malamud · **O barril mágico***; **The Natural**
- Robert Marasco · **Burnt Offerings***
- Gabriel García Márquez · **Cem anos de solidão**
- Richard Matheson · **A casa infernal; Eu sou a lenda; Shock II; O incrível homem que**

encolheu*; **A Stir of Echoes**

- Michael McDowell · **The Amulet***; **Cold Moon Over Babylon***
- Ian McEwan · **O jardim de cimento**
- John Metcalfe · **The Feasting Dead**
- Iris Murdoch · **O unicórnio**
- Joyce Carol Oates · **Night-Side***
- Flannery O'Connor · **É difícil encontrar um homem bom***
- Mervyn Peake · **The Gormenghast Trilogy** (3 vols.)
- Thomas Pynchon · **V.***
- Edogawa Ranpo · **Tales of Mystery and Imagination**
- Jean Ray · **Ghouls in My Grave**
- Anne Rice · **Entrevista com o vampiro**
- Philip Roth · **O seio**
- Ray Russell · **Sardonicus***
- Joan Samson · **The Auctioneer***
- William Sansom · **The Collected Stories of William Sansom**
- Sarban · **Ringstones; The Sound of His Horn***
- Anne Rivers Siddons · **The House Next Door***
- Isaac Bashevis Singer · **A sessão espírita e outras histórias***
- Martin Cruz Smith · **Terroros da noite**
- Peter Straub · **Os mortos-vivos***; **If You Could See Me Now**; **Mau-olhado**; **Shadowland***
- Theodore Sturgeon · **Caviar**; **O homem sintético**; **Um pouco de seu sangue***
- Thomas Tessier · **The Nightwalker**
- Paul Theroux · **The Black House**
- Thomas Williams · **Tsuga's Children***
- Gahan Wilson · **I Paint What I See**
- T.M. Wright · **Strange Seed***
- John Wyndham · **Os mutantes**; **O dia das trífides***



De fã a tradutora — quando sonhos se realizam

por Regiane Winarski

Ser adolescente nos anos seguintes à ditadura não foi fácil. Vivíamos em um país defasado, distanciado do resto do mundo, com pouco contato com cultura estrangeira. Uma das portas de entrada para qualquer coisa vinda de fora eram os cursos de inglês, com suas letras de música, atividades culturais, bibliotecas, ainda que modestas, com livros relativamente recentes e revistas de alguns meses antes. Foi assim que descobri a cultura anglófona, inclusive Stephen King.

Virei fã depois de ler o conto “The Boogeyman” (de 1973, publicado como “O fantasma” no Brasil no livro *Sombras da noite*, pela editora Francisco Alves em 1982, com tradução de Luiz Horácio da Matta) numa revista *Speak Up*. Procurei com avidez todo material que pude encontrar do autor no Brasil. Apresentei-o para um amigo — e, a partir daí, passamos a combinar presentes de Natal e aniversário, para que ganhássemos livros diferentes e pudéssemos assim ter acesso a uma variedade maior de títulos.

Meu fascínio veio de mais de um aspecto. Eu finalmente tinha encontrado um autor que parecia não ter medo de falar de qualquer assunto, até os que costumavam ser tabu, como a morte (inclusive de crianças), que usava uma linguagem coloquial, mais próxima da minha (embora em outro idioma originalmente), que manipulava as emoções do leitor sem pena a ponto de ficarmos reféns da história até a libertação do final. É um autor capaz de transformar até o argumento mais bobo numa história sinistra: essa foi minha experiência ao ler o conto “A máquina de passar roupas” e pensar “Mas que tema idiota, deve ser horrível” e me ver presa à narrativa, querendo saber o que ia acontecer, hipnotizada pela máquina de passar roupas possuída por um demônio. Porque esse é um dos grandes talentos do King, usar palavras com maestria para desenvolver qualquer história e ainda assim prender a atenção do leitor.

O outro grande talento dele é o de desenvolver personagens. Não é à toa que, quando lemos *It: a coisa*, nos apaixonamos pela Bev, pelo Bill, pelo Ben e as outras crianças e suas versões adultas de 27 anos depois, torcemos, xingamos os vilões (oi, Henry Bowers) e sentimos junto com cada um deles o desenrolar brilhante e cruel da história. É também por isso que vibramos com o desenvolvimento do ex-detetive Bill Hodges e fazemos careta para Brady Hartsfield. Ou que ficamos com o coração quentinho acompanhando a supera-

ção do Devin Jones de *Joyland*, ou com o coração apertado com os altos e baixos do Jamie Morton de *Revival*. E nos encolhemos na cadeira quando a Annie Wilkes de *Misery* pega o machado (ou uma marreta no filme) e quase sentimos a dor do Paul Sheldon. Os personagens são as essências das histórias do King, e talvez seja por isso que tantos atores e atrizes renomados anseiem por participar dos filmes inspirados nas obras do autor (podemos botar nessa lista a dobradinha Tim Robbins e Morgan Freeman em *Um sonho de liberdade*, Tom Hanks em *À espera de um milagre*, Kathy Bates em *Louca obsessão* e *Eclipse total*, Tim Curry em *It: uma obra-prima do medo*, Anthony Hopkins em *Lembranças de um verão*, Ian McKellen em *O aprendiz* e muitos outros). Acredito que personagens com tantas nuances sejam um prato feito para quem vive de atuar.

Nunca deixei de ser leitora do King, mas a vida dá voltas, a faculdade e o trabalho tomam tempo e acabei me distanciando. O amor pelo inglês e por livros me fez abandonar a faculdade de engenharia química, me formar em produção editorial e dar aulas do idioma por dez anos. Mas depois de várias tentativas, alguns erros e outros acertos, comecei a traduzir livros. Sempre foi um sonho e parecia que nunca deixaria de ser — até a hora em que a oportunidade surgiu e virou realidade. O contato com as editoras foi aumentando e uma sementinha de outro sonho começou a nascer: traduzir Stephen King.


Mas, como falei, a vida dá mesmo voltas, e minha primeira oportunidade de trabalhar com o King não foi traduzindo e sim fazendo copidesque. (O copidesque é um trabalho de revisão da tradução, feito comparando original com texto traduzido, e que corrige erros, ajusta o texto e outras coisinhas mais.) Para o relançamento de alguns livros no formato de bolso, a editora Objetiva me contratou para esse trabalho: reler as traduções antigas da editora Francisco Alves, das décadas de 1980 e 1990, e fazer os ajustes necessários no texto. Foram seis livros. Para uma fã, quase o paraíso.

Alguns anos depois, a oportunidade tão sonhada realmente bateu na minha porta, e não foi uma oportunidade pequena. Tinha mais de mil páginas, para ser mais precisa: a nova tradução de *It: a coisa*, um dos maiores clássicos de Stephen King que estava esgotado nas livrarias e precisava de um tratamento à altura do seu status.

Foi uma aventura digna do Clube dos Otários, nove meses de convivência e dedicação a uma das histórias mais difíceis da minha vida. Fácil não foi, pois uma história com as nuances de *It: a coisa* não pode ser fácil. Engana-se quem vê o livro como apenas uma história de terror: *It* discute racismo, homofobia, violência doméstica e tantas outras questões da nossa sociedade que sempre são pertinentes e presentes nas obras do King. O autor nunca se omite, mesmo quando o assunto é difícil.

Depois de *It*, vieram muitos outros, como *Joyland*, a trilogia *Bill Hodges*, o mais recente *A metade sombria* e, em breve, *O instituto*. Foram 14 livros do King já traduzidos (nem todos publicados ainda) e espero que muitos outros no futuro.

Para uma fã, que glória é poder trabalhar com os textos do amado escritor! Cada encon-



tro nosso é como rever um velho amigo, uma alegria sem fim. Mas acho que posso dizer que a maior emoção, sem dúvida, é poder receber os livros que são lançados simultaneamente entre Brasil e Estados Unidos e que chegam para mim antes de chegar para qualquer outro leitor do mundo. É um privilégio e uma honra!



Começando pequeno: os inestimáveis bebês de um dólar

por Carlos Prinati

“Aqui está uma história, e se alguém quiser transformá-la em filme... eu adoro filmes”, declarou certa vez Stephen King, mandando um recado claro sobre o quanto é favorável a ver suas próprias criações sendo adaptadas para as telas. Desde muito cedo em sua carreira a relação entre literatura e cinema foi muito bem sucedida, com seus romances sendo adaptados pouco tempo depois do lançamento original.

O escritor já era um nome popular quando foi editada a antologia *Night Shift (Sombras da noite)*, de 1978, reunindo vários de seus contos publicados anteriormente em revistas. Na mesma época, estudantes de cinema e aspirantes a diretor passaram a procurar o autor pedindo autorização para adaptar suas obras curtas. Foi então que King vislumbrou uma maneira de — nas palavras dele — retribuir um pouco do prazer que o cinema lhe proporcionava: um acordo que permitisse que cineastas iniciantes adaptassem contos de sua autoria em troca da taxa de um dólar e uma cópia do filme em vídeo.

Outras cláusulas foram acrescentadas ao “Dollar Baby”: somente contos cujos direitos ainda pertencem a King podem ser adaptados e o filme não pode ser exibido comercialmente nem distribuído sem autorização prévia do escritor, ficando restrito ao circuito de festivais e faculdades de cinema. King conta ainda que quando recebe um filme, ele o assiste — geralmente sozinho, e somente uma vez — e o guarda em uma prateleira assinalada “Dollar Babies”.

O primeiro desses filmes foi *The Boogeyman*, com cerca de 30 minutos, dirigido por Jeffrey C. Shiro, estudante de cinema da Universidade de Nova York. Alguns anos antes, em 1980, o cineasta iniciante Frank Darabont, então com vinte anos, formado no Hollywood High School, abordou King com a proposta de adaptar um conto do escritor. O resultado foi *The Woman in the Room*, de 30 minutos, que ficou pronto em 1983. Darabont mais tarde criaria uma relação íntima com a obra de King, dirigindo três elogiadas adaptações: *Um sonho de liberdade* (1994), *À espera de um milagre* (1999) e *O nevoeiro* (2007).

Também desse período inicial é o curta *Disciples of the Crow*, de 1983, com pouco menos de 20 minutos, dirigido pelo jovem cineasta John Woodward, adaptando o conto *Children of the Corn*, um ano antes da realização do longa-metragem profissional baseado na mesma obra. Com o nome do escritor em alta na época, estes três “dollar babies” tiveram au-

torização para lançamento comercial em VHS, em dois volumes intitulados *Stephen King's Night Shift Collection*, em 1986 e 1989. Destes, somente *Disciples of the Crow* foi lançado no Brasil, com o título *Discípulos do corvo*, na antologia *O túnel do horror*, da Mundial Filmes, junto de outros dois curtas sem relação com King.

Seguiram-se outros curtas que se tornaram clássicos, como *Srazhenie* (1986), uma animação soviética de Mikhail Titov; *The Last Rung on the Ladder* (1987), de James Cole e Dan Thron, e *The Lawnmower Man* (1987), de Jim Gonis. Outro “dollar baby” que teve distribuição comercial, depois de ser elogiado pelo próprio Stephen King, foi *Paranoid* (2000), de Jay Holben, um curta de 8 minutos adaptado do poema “Paranoid: A Chant”, da antologia *Skeleton Crew (Tripulação de esqueletos)*. O filme foi autorizado a ser exibido na internet por tempo limitado em 2002 e posteriormente foi lançado em DVD.

O fenômeno dos “dollar babies” constitui praticamente uma filmografia paralela da obra de Stephen King, com mais de uma centena de adaptações em quase quarenta anos — ninguém, além do próprio escritor, sabe exatamente quantos filmes foram feitos pelo acordo de um dólar. O cineasta James Renner, diretor de um desses curtas (*All That You Love Will Be Carried Away*) organizou em setembro de 2004 o primeiro festival Dollar Babies, na Universidade do Maine, em Orono, que teve a segunda edição no ano seguinte. Existem dois livros que documentam parte dessa filmografia: *Dollar Deal: The Stephen King Dollar Baby Filmmakers*, de 2015, organizado por Shawn S. Lealos, que também dirigiu um “dollar baby” (*I Know What You Need*) e analisa vinte filmes; e *Stephen King Dollar Baby: The Book*, de Anthony Northrup, lançado em janeiro de 2021, compilando 55 entrevistas com realizadores.

Nem todos os bebês são curtos — com o advento do cinema digital, alguns cineastas investiram em narrativas longas. O primeiro desses filmes foi *Everything's Eventual* (2009), realizado por J.P. Scott; a seguir foi feito *Willa* (2012), de Christopher Birk, mas longas são exceções muito raras. Devido ao catálogo reduzido de contos à disposição dos candidatos a cineasta, muitas histórias foram adaptadas em múltiplas ocasiões: *The Man Who Loved Flowers*, *Cain Rose Up*, *All That You Love Will Be Carried Away*, *The Boogeyman*, *I Am the Doorway*, *Night Surf* e *Harvey's Dream* tiveram entre cinco e dez versões cada em poucos anos.

O Brasil contribuiu com alguns “dollar babies” (ou cerca de R\$ 5,50 na cotação de fevereiro de 2021): os curtas-metragens *Tudo que você ama lhe será arrebatado* (2015), de Leonardo Granado e Lucas Tomaz Neves, e *Zornit* (2016), de Marcello Trigo, adaptado do conto “The Ballad of the Flexible Bullet”, realizado como trabalho de conclusão de curso de cinema na Uniaeso, no Recife; e o longa-metragem *Willa* (2013), de J.P. Doná, com 66 minutos, exibido em festivais menores e ainda com pouca visibilidade.

Pequenas crias de cineastas ainda engatinhando, os “dollar babies” se proliferam e mostram que as possibilidades do universo de Stephen King são ainda muito vastas.





Galeria do medo

Scary Gallery by

por

Délcio Almeida

Rodrigo Tannus

Laura Athayde

Anderson Horta

Aline Schaewer







LARA ATHAYDE





STEPHEN
KING

*Alan
Schafer*



A collage of various human faces, mostly in shades of green and blue, creating a dense and somewhat unsettling visual. The faces are of different ages and expressions, some looking directly at the viewer while others look away. The overall effect is one of a crowded, multi-faceted human experience. The text 'PARTE II' is centered in a white, serif font.

PARTE II

A Jean Grey do terror

por Rodrigo Fonseca

Carrie, a estranha (*Carrie*)

Direção Brian De Palma, 1976. **Com** Sissy Spacek, Piper Laurie e John Travolta.

Adolescente excessivamente tímida tem dificuldades em lidar com sua classe escolar e com os delírios religiosos da mãe. Aos poucos ela percebe que tem certas habilidades especiais que ninguém mais possui.

Muitos talentos da Hollywood dos anos 1970 se consideram em dívida (estética e moral) com Brian Russell De Palma, incluindo o Rei Midas, Steven Spielberg, que numa entrevista por fone (ele em LA; a gente, em Bonsucesso), mediada pela Fox, derreteu-se pelo colega: “Ele é fênix. Brian tem a habilidade de se reinventar quando a gente menos espera, e, em parte, porque o olho dele não está no Real, como o nosso, e sim na ilusão”. *Tubarão* (1975) já era uma isca de dólares quando o irmão cinéfilo mais velho de Spielberg foi chamado para inaugurar o rol de adaptações de Stephen King para o audiovisual, filmando o romance *Carrie*, de 1974. Os direitos autorais foram negociados por uma bagatela (US\$ 2,5 mil) por um jovem escritor que, alguns anos à frente, tornar-se-ia um dos maiores vendedores de livros do planeta. De Palma, à época, gozava de prestígio por conta de *Irmãs diabólicas* (1972), no qual esbanjou domínio das dinâmicas do medo e demonstrou habilidade ímpar para investigar a psique feminina. Daí se sentir à vontade para explorar a mente fraturada da tímida Carrie White, papel que quase foi de Melanie Griffith. Um amigo dele indicou o texto de King, em 1975, e ele farejou ali uma bela história a ser filmada, dando alguns telefonemas para viabilizar o projeto, num périplo de seis meses de negociações e espera, finalizada pela Red Bank Films e a United Artists.

Apesar do cacife comercial de que o filão terror desfrutava, De Palma teve apenas US\$ 1,6 milhão para filmar, o que acabou sendo engordado para US\$ 1,8 milhão. O cineasta testou Melanie para o papel, depois testou Nancy Allen (sua futura mulher), mas encantou-se por Betsy Slade. Sissy Spacek tirou a personagem de Carrie dela com muita perseverança: foi para o teste com vaselina no cabelo, sem maquiagem, usando um vestido da sétima série. Aquela imagem encantou De Palma, que não imaginaria ver aquela talentosa atriz ser indicada ao Oscar por um *thriller* de horror tão comercial. Tampouco ele imaginava que o filme renderia US\$ 33 milhões aos cofres da UA só nos EUA, jogando luz sobre um de seus coadjuvantes, um garotão chamado John Joseph Travolta, que, em 1977, alcançaria a consagração como Tony Manero, em *Os embalos de sábado à noite*. De Palma deixou ele como um dos estudantes que praticam bullying contra Carrie.

Se houvesse maior atenção do cineasta ao universo pop da indústria editorial dos EUA, De Palma veria uma associação direta entre Carrie e Jean Grey, a heroína dos X-Men, da Marvel, igualmente psiônica e igualmente atormentada com seus poderes. Ambas possuem telecinese, a habilidade de mover objetos com a mente, inclusive partículas, o que gera fogo, na fricção da mente. A diferença central é que Jean tem seus superpoderes explicados cientificamente por um certo Fator X, uma disfunção genética idealizada por Stan Lee. Já Carrie tira seus dons de algo que pode vir da Danação ou do Sagrado. Sua mãe, Margaret (interpretada com soturno brilhantismo por Piper Laurie), acredita em ambos, e afoga a filha em seu fanatismo, que serve de disfarce para a castração sexual de seu moralismo religioso. Amy Irving é uma das colegas que testemunham como a educação sentimental de Mrs. Margaret pesa sobre Carrie.

Como Carrie não se adequa ao padrão *cool* de sua época, ela é espicaçada por seus colegas, o que desperta sua força sinistra, expressa pela aeróbica de câmera que consagrou De Palma e por efeitos especiais até então não conhecidos. O perfeccionismo do cineasta para imprimir excelência visual a uma narrativa decalcada das palavras de Stephen King levaram à demissão do diretor de fotografia original, Isidore Mankofsky, substituído por Mario Tosi, que vinha de *A invasão das rãs* (1972). A troca rendeu um espetáculo visual, que ganhou o Grande Prêmio do Júri do Festival de Cinema Fantástico de Avoriaz, na França, com direito a uma menção para Sissy. O filme ainda inspirou um musical na Broadway, em 1988, e um *remake* vexaminoso, de 2013, com Chloë Grace Moretz.



EMINOR

A hora e a vez dos vampiros (e das casas mal assombradas também)

por Breno Lira Gomes

Os vampiros de Salem (*Salem's Lot*)

Direção Tobe Hooper, 1979. **Com** James Mason, David Soul e Lance Kerwin.

No interior dos EUA, um escritor começa a investigar misteriosos assassinatos, enquanto sua cidade vai aos poucos sendo infestada por vampiros.

A mansão Marsten (*Salem's Lot*)

Direção Mikael Salomon, 2004. **Com** Rob Lowe, Donald Sutherland, Rutger Hauer, Chris Haywood e James Cromwell.

Ben Mears, um escritor que já vivera na cidade, regressa a Jerusalem's Lot para enfrentar o seu passado turbulento. Obcecado em escrever uma história sobre a sinistra e imponente mansão Marsten, recentemente comprada por um homem chamado Straker e o seu misterioso sócio Mr. Barlow, o terror está prestes a começar.

Logo no início de *Os vampiros de Salem*, somos apresentados a Ben Mears, um escritor que está de volta a Jerusalem's Lot, ou Salem's Lot. Anos depois de ter vivido uma experiência traumática envolvendo a Mansão Marsten, uma misteriosa casa local, envolta em histórias assustadoras, Ben retorna a cidade com a intenção de escrever uma história sobre a casa. A produção de 1979 é uma adaptação para a televisão de *A hora do vampiro/Salem*, segundo livro publicado por Stephen King. É dividida em duas partes e dirigida por Tobe Hooper. Por mais que possa parecer, *Os vampiros de Salem* ou *Salem's Lot* no original, não é uma história exclusivamente sobre os seres da noite. Há um elemento, para não dizer um personagem na trama, que talvez seja o causador de tudo: a Mansão Marsten. Com isso, além de uma excelente história sobre vampiros, o livro/filme também é uma incrível história sobre casas mal assombradas. Não à toa, na publicação, King cita uma passagem de *A assombração da casa da colina*, de Shirley Jackson, um clássico e referência para qualquer um que queira contar histórias de casas amaldiçoadas. O escritor-protagonista acredita que a casa atrai o mal para si, e conseqüentemente, para a cidade. Todos que ali moraram foram capazes de atos abomináveis. E o próprio Ben diz ter visto quando criança o fantasma do homem que construiu a casa.

Se levarmos em consideração o pensamento de Ben, a Mansão Marsten realmente é capaz de atrair o Mal. E no caso de *Os vampiros de Salem*, o Mal é encarnado na figura do abominável Sr. Barlow, que tem como fiel escudeiro Richard Straker. Barlow é mais citado do que mostrado no filme. Assim como Drácula, ele chega em sua nova moradia em uma caixa que precisa ser descarregada com cuidado. É fato a inspiração de King em elementos da obra de Bram Stoker. O autor de forma alguma parece querer recriar o mito do vampiro, pelo contrário, dá a entender que quer reforçar tudo aquilo que sempre viu e leu sobre essas criaturas da noite no cinema e nos livros.

E o diretor Tobe Hooper não faz diferente em sua adaptação para a TV. Não espere a câmara nervosa de *O massacre da serra elétrica*, filme que consagrou o cineasta. Hooper opta por planos clássicos e por uma fotografia sem muitas invencionices, até porque, se trata de uma produção para televisão. O vento e a névoa, elementos essenciais em filmes de terror, estão presentes em algumas seqüências, principalmente naquelas onde os vampiros atacam suas vítimas. E podemos também interpretar o seu uso, como um símbolo referente a sonho, já que todas as pessoas atacadas relatam terem tido sonhos profundos. O vampiro Sr Barlow nos é apresentado mais aos moldes do Nosferatu, de F.W. Murnau, do que na forma clássica criada por Bela Lugosi, em *Drácula*, de 1931. Indo de encontro à ideia de que se trata de um ser realmente monstruoso, repugnante na sua forma, nada sedutor. Como descrito por King em seu livro.

Na seqüência final de *Os vampiros de Salem*, quando finalmente podemos ver a Mansão Marsten por dentro, o fotógrafo Jules Brenner – o mesmo de *A volta dos mortos-vivos* –, aproveita para prestar uma homenagem aos grandes clássicos do cinema de terror, fazen-

do uso do claro e escuro, como elementos de cena. E mostrando um ambiente ao mesmo tempo repulsivo e assustador, onde parece ter alguém à espreita a todo instante.

Adaptar Stephen King, seja para o cinema ou para a televisão, nunca é uma tarefa fácil. Devido principalmente a riqueza de detalhes e elementos que o escritor utiliza para surpreender o seu leitor. *Os vampiros de Salem* de Tobe Hooper não é (na opinião deste que escreve) a melhor adaptação de uma obra do autor. O roteiro/edição tem alguns elementos que deixam a impressão de que algo ficou sem explicação. Mas nada que prejudique o fascínio que essa história de vampiros e casa mal assombrada exerce há mais de 40 anos. Uma sequência foi produzida para a televisão anos depois em 1987, com o título *Salem's Lot: o retorno*.

Em 2004, uma nova adaptação dirigida por Mikael Salomon para o canal TNT, foi lançada no Brasil com o título *A mansão Marsten*. O diretor preferiu nos apresentar o Sr Barlow já na primeira metade da história. No lugar da figura decrépita e assustadora que remete ao Conde Orlok do filme de Murnau, temos o ator holandês Rutger Hauer encarnando um Mestre Vampiro sem muitas novidades de caracterização: lentes de contato para mudar a cor dos olhos, caninos alongados e jeito sedutor.

Dividida também em duas partes, essa nova produção toma algumas liberdades em relação a história original. O que é compreensível em se tratando de adaptações literárias para a TV ou cinema. Uma delas é transformar o garoto Mark em um adolescente problemático. O fascínio do personagem por histórias de horror (algo importante na trama) é pouco explorado.

A mansão Marsten também não causa tanto temor quanto na versão anterior. Mas se coloca mais imponente, de forma que parece observar a cidade a todo instante. Igual é narrado por King. O trauma vivido pelo escritor Ben Mears na mansão é mais explorado nessa adaptação, na forma de flashes de memória no início e depois com os acontecimentos narrados pelo próprio para a jovem Susan Norton. E isso só fortalece o discurso do protagonista de que o Mal reside naquele lugar. Se na visão de Hooper *Jerusalem's Lot* fica tomada pela névoa a partir da chegada dos seres noturnos, Salomon nos apresenta desde o início uma cidade fria, com riachos congelados e a neve cobrindo o morro onde se encontra a mansão.

O bacana na história de King é que ficamos ansiosos para ver a cidade dominada pelos vampiros. Em *A mansão Marsten* vemos mais das criaturas da noite atacando e vagando pelas ruas em busca de sangue fresco. Um ataque dentro de um ônibus escolar e no lixão da cidade, e em um casamento há muito esperado, faz a alegria de qualquer fã de filmes de vampiros.

Em breve, seguindo a nova onda de interesse de Hollywood pela obra de Stephen King, *A hora do vampiro/Salem*, receberá sua primeira incursão exclusiva no cinema, com produção de James Wan. É torcer para que os elementos marcantes da obra de King, que presta uma grande homenagem aos vampiros e casas maléficas, sejam mantidos.

The ultimate
in terror!



SALEM'S LOT

Uma assombração cinematográfica

por Marcelo Janot

O iluminado (*The Shining*)

Direção Stanley Kubrick, 1980. **Com** Jack Nicholson, Shelley Duvall, Scatman Crothers e Danny Lloyd.

Escritor em crise, aceita a proposta de, junto à esposa e o filho pequeno, hospedar-se num hotel afastado, durante um rigoroso inverno. Ali, ele terá todo o isolamento necessário para escrever... Mas, estarão mesmo isolados?

Ninguém estava preparado para o que Stanley Kubrick nos proporcionou em 1980 com *O iluminado*: seu filme tomava uma série de liberdades em relação à obra literária em que se baseou (*O iluminado*, de Stephen King) e ao mesmo tempo lembrava muito pouco os filmes de terror convencionais. Assim como seria uma constante em sua carreira, o diretor mostrou como uma adaptação literária pode se descolar do texto original a ponto de originar uma sublime obra audiovisual.

Desde a sequência de abertura, tudo no filme é essencialmente cinematográfico. A começar pela reversão de expectativa através da combinação da música com a imagem. Os créditos rolam na tela enquanto, através de uma tomada aérea que revela todo o esplendor da região montanhosa do Colorado em um dia ensolarado, a câmera acompanha à distância o percurso do carro de Jack. A paisagem convidativa contrasta com a música assustadora de Wendy Carlos, inspirada no sombrio *Dies Irae*, poema medieval usado em funerais. A câmera flutua subindo e descendo como se antecipasse a montanha russa de emoções a que o espectador estará sujeito nas próximas duas horas, transmitindo a ideia de um ponto de vista misterioso que acompanha e persegue o carro.

Kubrick se vale do uso da recém-inventada *steadycam* para acentuar a sensação de desorientação. Percorrendo os longos corredores do hotel a bordo de um velocípede, o menino Danny faz uma curva e sai de um salão para a cozinha, ou dali para os quartos, como se a configuração interna dos ambientes espelhasse o jardim labiríntico do exterior. A noção de espaço do filme parece uma metáfora da mente em deterioração de Jack.

As diferenças entre o filme o livro de King são muitas. No livro, o enlouquecimento de Jack, um alcoólatra em recuperação, tem relação com suas frustrações pessoais como escritor e pai. Na primeira versão do filme, o roteiro de Kubrick e Diane Johnson trazia uma cena que fazia referência ao fato de que Jack havia quebrado o braço de Danny acidentalmente. Na cópia de 119 minutos que se tornou mais conhecida internacionalmente (e é a preferida de Kubrick), essa e outras cenas foram cortadas, porque o diretor percebeu que, ao omitir a fragilidade psíquica de Jack, ele acentuava o mistério em relação às forças malignas que o possuem progressivamente.

O roteiro também eliminou muitos episódios sobrenaturais do livro, como as esculturas do jardim ganhando vida. A morte de Jack de maneira natural, congelado no jardim sem que Grady ou outros fantasmas pudessem ajudá-lo, reforça a dúvida sobre a origem das assombrações, o distancia do filme de terror tradicional e o torna muito mais assustador.

Stephen King não gostou da adaptação, um mal que acomete muitos escritores zelosos de suas obras. Mas é justamente pelo fato de o filme reiterar, a todo instante, que aquilo é CINEMA, pouco importa o que King ache. Quando *O iluminado* de Kubrick bate na tela ele ganha vida própria da forma assombrosa que é peculiar aos grandes gênios da arte.



Creepshow ou o monstruoso poder masculino

por Dêlcio Almeida

Creepshow (*Creepshow*)

Direção George A. Romero, 1982. **Com** Hal Holbrook, Adrienne Barbeau, Leslie Nielsen e Ted Danson.

Um pai tira das mãos do filho, a revista *Creepshow* e joga no lixo. Com o vento abrindo as páginas, revelam-se histórias como a de um pai vingativo morto-vivo, um meteoro que cai numa fazenda afetando a plantação e ao próprio fazendeiro, um casal de adúlteros voltando da morte, uma caixa com algo vivo dentro e um monte de baratas.

“Para isso que Deus fez os pais, Mulher”. Com essa frase, um homem finaliza a discussão com a esposa, por ele ter tomado a revistinha com histórias de terror do filho e jogado no lixo. Afinal, ele é o homem da família e detém o poder sobre eles. Assim se inicia *Creepshow* (1982), filme dirigido por George Romero e com roteiro de Stephen King. Carregado com a estética das histórias em quadrinho, mistura terror com humor. *Creepshow* é dividido em quatro episódios, os quais possuem sempre personagens masculinos centrais. O “Dia dos pais” conta a história de Nathan Granthan, o qual mantém uma relação de dominância e assédio com a filha Bedelia. A mulher, abusada psicologicamente, assassina o pai. Tudo fica acobertado por anos, até que, em uma noite, o Sr. Nathan Granthan retorna dos mortos para reivindicar seus direitos. Em “A morte solitária de Jordy Verill” — interpretado pelo próprio Stephen King — um sujeito patético vê sua chance de sucesso e dinheiro cair, literalmente dos céus. Entretanto, Verill toca no meteoro e, aos poucos, começa a se transformar em uma planta. Esse episódio discute a figura do homem sonhador que tenta conquistar o sucesso sem esforço e acaba vítima de sua própria imprudência. O machismo tóxico se mostra evidente em “Indo com a maré”, no qual um marido traído, Richard, com uma autoestima inflada e covardia extrema, planeja uma vingança contra a mulher e o amante dela. Ele não abrirá mão da sua posse. É claro que suas vítimas retornam para a vingança. A masculinidade ameaçada é o mote do episódio “A caixa”. Henry é humilhado pela esposa Wilma e vive imaginando como se livraria desse poder feminino. A sorte começa a mudar quando surge uma caixa misteriosa na instituição de ensino em que trabalha. Nela se encontra uma criatura carnívora. Uma grande oportunidade para Henry se livrar da mulher que o domina e castra, que acha que pode mandar mais que um homem. Henry é o dono do jogo agora. As aberrações, o monstro e Wilma, estão no fundo do lago. Mas será que simples correntes são capazes de aprisionar uma criatura que se alimentou de uma mulher?

“Vingança barata” retrata o tipo de homem que trata não somente as mulheres como seres inferiores, mas qualquer um que ele considere inferior. O filósofo Peter Singer cunhou o termo “especismo” para classificar a tendência humana de colocar nossa espécie acima dos demais seres vivos. Entretanto, o limite que determina o que é humano ou não, é muito claro. É neste contexto que surge a figura do Sr. Upton Pratt, um milionário que vive em uma redoma higienizada e estéril. Ao mesmo tempo em que luta para se livrar de baratas que infestam seu refúgio, trata seus subalternos igualmente como insetos. Uma história que mostra que os mais fracos e desprezados podem superar os mais fortes e desprezíveis. *Creepshow* possui um desfecho inesperado, reafirmando a ideia que os fracos podem derrotar a força bruta, por meio da magia e imaginação.

Elogio do homem comum

por Marcelo Miranda



Na hora da zona morta (*The Dead Zone*)

Direção David Cronenberg, 1983. **Com** Christopher Walken, Martin Sheen e Brooke Adams.

Após sofrer um grave acidente, professor de literatura desperta de um longo coma e começa a adivinhar o futuro das pessoas, na forma de tragédias.

A única adaptação de Stephen King dirigida por David Cronenberg veio numa seqüência de filmes marcantes na trajetória do cineasta canadense. São da mesma época, pouco antes ou pouco depois de *Na hora da zona morta*, filmes como *Scanners* (1981), *Videodrome* (1983) e *A mosca* (1986). Marcadamente violentos e explícitos, com cabeças explodindo, corpos derretendo ou massas disformes se conectando a aparelhos eletrônicos, estes trabalhos são mais lembrados quando se fala em Cronenberg do que o bem mais sereno *Na hora da zona morta*.

Serenidade, que ninguém se engane, apenas de aparência. Por se ater ao básico da trama de King (há muitas alterações no roteiro de Jeffrey Boam em relação ao romance, especialmente na estrutura narrativa), a abordagem de Cronenberg é direta, quase um estudo de personagem, ao acompanhar o drama do professor John Smith (Christopher Walken) após grave atropelamento às vésperas de se casar. Depois de cinco anos em coma profundo, Smith acorda atrasado para o mundo e totalmente desambientado. Complica ainda mais ele adquirir poderes sensitivos.

Praticamente o filme inteiro acontece sob o ponto de vista do protagonista, de sua recuperação e do impacto de estar desalojado no próprio universo do qual faz parte. É ainda um dos trabalhos mais românticos na carreira de Cronenberg: todo o drama de Smith se amplifica pela distância que o coma provoca em relação à noiva, agora mulher casada (com outro homem) e mãe. Muito da tragédia que se abate no personagem a cada novo lance do enredo se deve, em grande parte, a essa relação nunca resgatada.

O caráter episódico de *Na hora da zona morta* se delimita pela maneira como os poderes de Smith são retratados. Tal qual um filme tão distinto quanto *Phenomena* (Dario Argento, 1985), os dons do personagem são ponto de partida para as situações, e não o contrário. Smith vislumbra o futuro próximo de quem lhe toca a mão, e o “recurso” é utilizado pelo filme na medida em que a ação avança por núcleos variados — a clínica de recuperação, o jovem estudante filho de um milionário e finalmente o candidato a senador Greg Stillson (Martin Sheen). Cada fase amplia a maturidade de Smith no trato com os poderes e soma novas escalas na jornada rumo ao sacrifício.

O que inicia como uma trama de suspense com pitadas de ficção científica atinge contornos políticos (e, em certo sentido, apocalípticos) em *Na hora da zona morta* com a entrada de Stillson. Republicano com anseios presidenciais, ele é a alegoria do mau governante, desenhado como um oportunista ambicioso e sedento por poder. Stephen King sempre foi muito crítico ao compartimento desse tipo de personalidade pública que almeja controlar o Estado, e o filme de Cronenberg mantém este que acaba por ser, de fato, a essência da história original. John Smith parece existir essencialmente para confrontar Greg Stillson, o que se torna o elogio do homem comum como alguém capaz de alterar o rumo dos acontecimentos em escala nacional ou mundial.

Biblioteca Stephen King

Ele era bonito e vivo e quase... crocante

Breves notas sobre o desejo feminino no romance *Carrie, a estranha*¹

por Gabriela Amaral Almeida

Consta no prefácio da maioria das edições do romance *Carrie* (no Brasil, *Carrie, a estranha*) o causo contado por seu autor, Stephen King, sobre a gênese da história. A princípio um conto, *Carrie* girava em torno da vida de uma adolescente com poderes paranormais — Carrie White —, em larga medida inspirada em duas garotas da adolescência de King. Ambas eram as típicas rejeitadas ou *losers* no hierarquizado sistema social do ensino médio norte-americano: “bode expiatório”, “por baixo da hierarquia social”, “família estranha”, de “religiosidade esquisita e fervorosa”, que usavam “roupas estranhas” são algumas das expressões que o escritor usa para relembra-las, com pesar e desespero. Na sequência, ele desabafa:

“Fiquei assustado... tanto com o mundo juvenil feminino que eu teria de habitar (era um mundo do qual eu pouco sabia) quanto com o nível de crueldade que eu teria de descrever. Também me assustava re-visitar o que eu não tivera cabeça nem coragem para conter” (KING in CARRIE, A ESTRANHA, 2007, prefácio).

King desiste da história e joga fora as duas primeiras páginas inacabadas do conto, que (felizmente) são resgatadas por sua esposa, a também escritora Tabitha Spruce King: “ela pegou as laudas na lixeira, sacudiu as cinzas de cigarro, desamassou o papel, leu tudo e sugeriu que eu fosse em frente”. Gosto de imaginar que os fantasmas daquelas duas adolescentes “estranhas”, já mortas à época da publicação do livro, em 1974, guiaram a pena de King. E tenho certeza que o olhar de Tabitha foi vital para a história ser como é: “e eu fui [em frente], só para agradá-la”, King reconhece o valor deste olhar, no prefácio.

Carrie, a estranha é, de longe, o romance mais feminino de Stephen King. O assombro de que o escritor fala ante a tarefa de construir o texto é também a chave de sua estrutura. Romance epistolar na tradição de clássicos como *Frankenstein*, de Mary Shelley, e *Drácula*, de Bram Stoker, o texto é constituído de trechos de jornais, livros científicos, entrevistas, que se alternam com blocos de narração sobre o cotidiano da protagonista Carrie White, cujo narrador onisciente em terceira pessoa é uma marca da prosa do escritor. A fragmentação do ponto de vista intensifica o enigma que é Carrie White, adolescente religiosa cujos poderes telecinéticos se intensificam a partir de sua primeira menstruação. A polifonia do relato tem relação direta, acredito, com o medo que King afirma ter sentido de se aproximar do universo feminino e sua avalanche de desejos e medos, suas pulsões de vida, mas também — e sobretudo — suas pulsões de morte.

É esse exército de vozes que avança, destemido, rumo ao território do corpo e da men-

¹ Frase extraída do romance “Carrie, a estranha”. Ver KING, Stephen. Trad. CAMPOS DA SILVA, Adalgisa, 2007, pg.77, Editora Objetiva, RJ.

te de uma jovem mulher na puberdade. Em linhas gerais, a trama se estrutura em torno da repercussão de uma tragédia ocorrida na cidadezinha de Chamberlain, no Maine (estado-natal do autor e palco recorrente de suas histórias), onde Carrie vive sob a tutela castradora da sua mãe, a fanática religiosa Margaret White. Quando menstrua pela primeira vez, no banheiro da escola, Carrie pensa que está morrendo (“*Estou morrendo de hemorragia!* – gritou Carrie”), seu pânico agravado pela chacota das colegas: “as meninas já a bombardeavam com tampões e absorventes (...) a saraivada parecia uma nevasca caindo”. O evento traumático deflagra a paranormalidade da garota, que aos poucos se torna consciente (e praticante) da força incontrolável de seus desejos, movendo objetos cada vez maiores com o poder da mente. Um perigo, pois, quando sob pressão.

O dom paranormal de Carrie é ora posto em cheque ora atestado pelos demais personagens, por meio de depoimentos policiais, narrativas autobiográficas (personagens que sobrevivem à tragédia de Chamberlain e publicam sua visão dos fatos), gravações de telefonemas etc. Num trecho “científico” do livro *The Shadow Exploded*, por exemplo, diz-se: “O gene da telecinesia [habilidade de mover objetos com a força do pensamento], ou gene TC, faz nascer mulheres disseminadoras desse dom ameaçador, capazes de destruir praticamente tudo que quiserem”. Que a força do pensamento de uma mulher assuste é o que subjaz ao tecido fantasioso da história.

A alegoria do desejo feminino reprimido alcança seu clímax quando Carrie é falsamente coroada rainha do baile e banhada em sangue de porco. A “coroação de sangue” equivale, aqui, a menstruar em público, na frente de todos – uma situação extremamente dolorosa na perspectiva de uma jovem mulher que, aqui, tem o poder de aniquilar os que a colocaram naquela situação. Novamente, todo o aparato fantástico de King está a serviço, antes e sobretudo, da lava de sentimentos que corre no íntimo de seus personagens.

Os blocos narrados em terceira pessoa não se furtam em descrever Carrie também na minúcia de suas características negativas, sejam elas físicas (“uma rã entre cisnes”, “toda curvada”, “parecia um macaco”) ou morais (não raro, os pensamentos de Carrie revelam um ódio desmedido de todos ao redor). Carrie *também* é um monstro.

O curioso é que a construção do “monstro”, aqui, é sempre relativa. Carrie provoca morte e dor porque ela própria sofre. A estranheza que lhe torna alvo de chacota é fruto da educação abusiva que recebe da mãe, Margaret, uma mulher tão dissociada do próprio corpo, que só descobre estar grávida quando entra em trabalho de parto. A própria Margaret, por sua vez, é alvo de abusos que antecedem a história – mãe solteira, sem instrução, agarrando-se a dogmas religiosos para não enlouquecer completamente.

A estrutura patriarcal se revela a partir das sombras de todas as personagens femininas da trama: a professora de educação física, que defende Carrie do *bullying*, tem a autoridade constantemente questionada por vozes masculinas (“infelizmente, o setor administrativo da escola está todo nas mãos de homens”, ela diz); a vilã Chris Hargensen, responsável

pela vingança final, que não consegue chegar ao orgasmo com o namorado (e não tem coragem de falar com ele sobre o assunto); a mocinha Sue Snell que, arrependida de ter feito parte do *bullying* no banheiro, pede ao próprio namorado para acompanhar a garota ao baile — atitude que é vista como suspeita por todos, incluindo seus pais (*sororidade* não é, definitivamente, um termo em uso no universo adolescente descrito por King).

Que o drama de uma história de terror tome a menstruação de uma adolescente como ponto de partida e chegada; que a manifestação de seus poderes esteja intimamente ligada ao seu despertar sexual (“ele era bonito e vivo e quase... crocante” — é o que pensa Carrie de um garoto); que o elemento *sangue* evoque as potências de gestação e aniquilação do útero — tudo isso faz de *Carrie, a estranha* um estudo do feminino, fisiológico até (!), a despeito do (ainda) tabu ao redor do sangramento mensal das mulheres e do suposto público-alvo que o senso comum imagina para esse tipo de literatura (em tempo: *Carrie, a estranha* foi o sucesso responsável por colocar o nome de Stephen King no mapa).

Natureza selvagem

por Lucas Salgado

Cujo (*Cujo*)

Direção Lewis Teague, 1983. **Com** Dee Wallace, Danny Pintauro, Daniel Hugh-Kelly, Ed Lauter.

Um dócil cão São Bernardo, mordido por um morcego-vampiro, torna-se um monstro terrível, aprisionando uma mulher e seu filho dentro de um carro quebrado, sob um calor escaldante.

O inegável talento de Stephen King para o horror está presente não só na qualidade da escrita, mas também no fato de suas histórias muitas vezes conseguirem transmitir terror e suspense de figuras pouco ameaçadoras. Pode ser um pai carinhoso, um carro ou mesmo um animal de estimação. E é este último o caso de *Cão raivoso*, livro lançado em 1981 e adaptado para os cinemas dois anos depois, em 83, com o nome original, *Cujo*.

Dirigido por Lewis Teague, *Cujo* traumatizou toda uma geração ao contar a história de um cachorro que, após ser mordido por um morcego, é tomado por um instinto selvagem e assassino, e coloca uma família sob risco. No filme, acompanhamos uma mãe e seu filho presos dentro de um carro sem poder sair, uma vez que o animal estava próximo, pronto para atacar.

O longa-metragem possui todas as características que formam um bom clássico do horror dos anos 1980. Sem poupar no visual gore e nas cenas de violência, *Cujo* usa seu baixo orçamento a seu favor. As limitações técnicas acabam servindo para criar uma atmosfera mais aterrorizante e chocante. É o verdadeiro filme B, um terror raiz.

Como de costume em algumas das mais famosas obras de King, o filme conta com uma mulher como protagonista. Dee Wallace vive Donna Trenton, uma mãe dedicada que vive problemas com o marido (Daniel Hugh-Kelly). Determinado dia, ela vai com o filho Tad (Danny Pintauro) em um mecânico que fica numa fazenda próxima. Lá, acaba presa com o carro quebrado e sob a ameaça de *Cujo*. Até este momento, a trama divide bem o desenvolvimento não só da família, mas também apresenta aos poucos a variação da personalidade do cachorro.

Mesmo que as cenas de horror utilizem boas tomadas fechadas nos rostos dos personagens principais, é através de belos planos abertos que o filme retrata a dinâmica local, seja da pequena cidade em que a família mora, seja na isolada fazenda. Há, inclusive, certo grau de melancolia, que contrapõe a natureza selvagem da situação. Assim, aborda de uma só vez elementos clássicos do terror, como o cenário interiorano, quanto ao campo recluso e desabitado.

A fotografia de Jan de Bont, a montagem de Neil Travis e a trilha sonora de Charles Bernstein são alguns dos elementos que transformam a obra em uma experiência fascinante e também angustiante. O confinamento de Donna e Tad num carro faz do ambiente claustrofóbico uma ameaça tão grande quanto o animal que os cerca. Destaque ainda para os departamentos de arte e maquiagem, principalmente na abordagem do cachorro. Eles conseguiram transformar um belo animal em algo realmente horripilante. Para isso, não se preocuparam com excessos. É gore, é para ser grotesco. E é por isso que funciona de forma tão eficiente.

Cujo é uma obra modesta se comparada com as mais famosas adaptações de King. Ainda assim, não decepciona quem busca um terror tenso e repleto de personalidade.

Christine, um hit das locadoras na década de 80

por Laura Cánepa



Christine, o carro assassino (*Christine*)

Direção John Carpenter, 1983. **Com** Keith Gordon, Alexandra Paul e Harry Dean Stanton.

Um Plymouth Fury, 1958, vermelho, torna-se a obsessão de um jovem apaixonado por carros antigos. O que ele não esperava é que a recíproca fosse verdadeira. E mortal.

O romance *Christine* foi publicado nos EUA em março de 1983, e, mesmo antes de seu lançamento, já estava sendo transformado em filme pela Columbia Pictures, por iniciativa do produtor Richard Kobritz (da minissérie de TV *Salem's Lot*) e do então jovem mestre do terror John Carpenter. As filmagens começaram em abril de 1983, e o filme *Christine, o carro assassino* estreou nas salas de cinema dos EUA em dezembro do mesmo ano.

Para Carpenter, aquele não era um projeto pessoal. O diretor, que então se recuperava da má bilheteria de *O enigma do outro mundo* (*The Thing*, 1982), aceitara o projeto apenas para manter seu nome no mercado — e, de certo modo, *Christine* se ressentia da relativa desconexão de Carpenter com a sofisticada trama criada por Stephen King. Mesmo assim, o filme se saiu bem nas bilheterias: com um custo de nove milhões de dólares, rendeu vinte e um milhões nos EUA, enquanto *The Thing*, que custara quinze milhões, não arrecadaria mais do que treze milhões junto ao público dos cinemas.

Christine também se tornaria um hit das videolocadoras ao redor do mundo, chegando a ser indicado ao prestigiado *Saturn Award* de Melhor Filme de Horror em 1984, perdendo para *Na hora da zona morta* (*The Dead Zone*, 1983, de David Cronenberg), outra adaptação de Stephen King.

Hoje, não deixa de ser curioso imaginar uma troca de posições entre dois grandes nomes do horror — Carpenter e Cronenberg — para imaginar como esses filmes poderiam ter sido diferentes. Afinal, Carpenter foi sempre interessado em histórias sobre paranoia como *Na hora da zona morta*, enquanto Cronenberg nunca escondeu ser um grande admirador de carros e de Freud — dois elementos centrais para que se compreenda a história “uterina” contada por Stephen King em *Christine*.

O romance narra a história de um carro amaldiçoado, um Plymouth Fury da Chrysler, fabricado em 1957, e apelidado de Christine. O carro acaba se transformando no grande amor da vida do terrível operário Roland Le Bay — que, vinte e cinco anos depois, com a vida destruída, vende Christine ao jovem problemático Arnie Cunningham. No livro, percebemos que o carro desempenha na vida de Le Bay o papel de uma amante possessiva e ciumenta, enquanto que, no caso de Arnie, Christine vai rivalizar principalmente com a mãe dominadora do adolescente, Regina, transformando-se numa espécie de “reflexo” de um complexo de Édipo pra lá de mal resolvido.

Quando decidiu adaptar o livro para o cinema, Carpenter viu-se diante do desafio de dar conta da complexidade da narrativa de King, escrita numa época em que a questão da maternidade nas histórias de horror vinha sendo discutida em profundidade por teóricos da literatura como Julia Kristeva. No entanto, o roteiro de Bill Phillips praticamente ignora as duas figuras centrais do livro de King — Regina e o próprio Le Bay — simplificando a história e transformando Christine em uma espécie de “buddy” de Arnie.

Mas John Carpenter será sempre John Carpenter, e apontar algumas omissões jamais fa-

ria de *Christine* um mau filme! Estrelado por Keith Gordon no papel de Arnie, e por vinte (20) automóveis Plymouth Furys no papel de Christine, o longa investe em cenas que reforçam o horror sobrenatural de um carro assassino cheio de personalidade, e não tem medo de apostar em nosso senso de diversão quando Christine sai em defesa de seu fiel amigo contra os *bullies* — e também contra todos aqueles que tentarem separá-los.

Para quem leu o livro, destaque-se ainda a sensacional escolha de elenco e das locações (que trocam a Pensilvânia do livro pela Califórnia), oferecendo uma daquelas experiências divertidas de comparação entre filme e livro — não em busca de “fidelidade” ao texto original, é claro, mas justamente das variações e das novidades trazidas por um mestre do cinema que se vê diante da obra de outro mestre.



For you daddy!

por Giselle Hissa Safar

Chamas da vingança (*Firestarter*)

Direção Mark L. Lester, 1984. **Com** Drew Barrymore, Heather Locklear, George C. Scott e Art Carney.

A filha de um casal que passou por certas experiências na infância, adquire o poder de manipular o fogo. Logo, ela começa a ser perseguida por uma estranha agência.

Chamas da vingança (Firestarter)* é um *thriller de 1984, adaptado do romance *Firestarter (A incendiária)* escrito por Stephen King e publicado em 1982.

A história acompanha um pai e sua filha com habilidades psíquicas que estão fugindo de uma agência secreta do governo, a Oficina, cujo objetivo é captura-los, realizar experimentos e usar suas habilidades para fins militares. O interesse é, principalmente pela garota Charlie porque ela é dotada do perigoso poder de incendiar qualquer coisa apenas por pensar nisso.

O roteiro, de Stanley Mann, foi relativamente fiel ao texto original resguardando alguns temas preciosos para Stephen King como a vitimização de crianças, a existência de grupos conspiratórios nos governos e a convicção de que a informação compartilhada é a forma de se sobrepor às ações escusas e ocultas dessas organizações. (Imperdoável para os leitores de King apenas a substituição da Revista Rolling Stone pelo New York Times!)

Chamas da vingança contém uma menininha que pode iniciar fogos com sua mente; seu pai, cuja própria capacidade de moldar o pensamento dos outros faz com que tenha constantes hemorragias cerebrais; um mercenário assassino descendente de indígenas americanos, um cientista negro; um fazendeiro gentil; um ambicioso burocrata do governo; e um cientista brilhante cujos experimentos matam 80% de suas cobaias humanas, mas deixam os sobreviventes com poderes além da imaginação do homem mortal. Engana-se, contudo, quem buscar um filme de terror. Trata-se de um suspense com ficção científica sustentado por um elenco de primeira linha, efeitos especiais bastante convincentes para a tecnologia da época e uma soberba trilha musical da banda alemã de música eletrônica Tangerine Dream.

O elenco conta com a pequena e autoconfiante Drew Barrymore, que interpreta Charlie, David Keith, como seu atormentado pai, Martin Sheen como o diretor da Oficina e George C. Scott, usando um rabo de cavalo grisalho e um olho de vidro, que é o maníaco do filme. Apesar da apresentação politicamente incorreta de um descendente de indígenas americanos como vilão, é inevitável odiá-lo devido à ambiguidade entre erótica e mística de seu interesse pela criança, que incomoda o espectador.

Mas a verdade é que a pessoa mais letal de todo o filme é também aquela por quem torcemos. Charlie é uma garota doce e meiga que o amadurecimento precoce, face aos desafios que enfrenta, transforma em forte, decidida e muito, muito mais perigosa. Ela não nos causa medo. Entre as inúmeras cenas de perseguição, de conversas moralmente ambíguas dos membros da Oficina e de violentas reações pirocinéticas da criança, são intercalados outros tantos momentos de afeto, cumplicidade e esperança entre pai e filha. Sim, por incrível que pareça ao longo de todo o filme o que prevalece é o amor e o compromisso incondicional entre os dois, muito bem sintetizado na frase final de Charlie: *For you, daddy!*

Não crescerás

por Luiz Baez

Colheita maldita (*Children of the Corn*)

Direção Fritz Kiersch, 1984. **Com** Linda Hamilton, John Franklin e Peter Horton.

Uma seita bizarra de crianças se reúne num milharal decidindo quem vive ou morre. Algo de sobrenatural parece estar sempre à espreita.

Escrever sobre cinema demanda deixar de lado os purismos frequentemente imbricados no julgamento de adaptações literárias. Tal trabalho, porém, revela-se particularmente penoso no caso da mostra **O medo é o seu melhor companheiro**. Trata-se, afinal, de uma retrospectiva de Stephen King, nome do universo literário cuja verve criativa escapa às páginas dos livros e toma as grandes telas. O convite para redigir alguns caracteres sobre *Colheita maldita*, versão cinematográfica de *As crianças do milharal*, desperta, portanto, um ímpeto ambíguo. Por um lado, deve-se, é claro, referenciar o conto de King, figura homenageada por este catálogo. Por outro, não se pode esquecer das peculiaridades do longa-metragem, verdadeiro objeto empírico do texto.

Sobre um fundo preto, letras garrafais estampam *Stephen King's Children of the Corn*. O nome próprio precede o título, como se o diretor Fritz Kiersch reivindicasse para si todo o prestígio do “mestre do terror”. Semelhante estima, contudo, não equivale à pretensão aprisionante de “fidelidade ao original” — e nem poderia, especialmente quando comparadas as poucas páginas impressas com os muitos rolos filmados. Cabe a Kiersch, de outra forma, (re)interpretar as palavras de King: tarefa, por sinal, deveras bem-sucedida.

Inicialmente publicado em 1977 na revista *Penthouse*, “Children of the Corn” remonta ao contexto do final da Guerra do Vietnã, dois anos antes. Derrotados, os Estados Unidos viam em xeque seus ideais de liberdade e democracia, pretextos anteriores para o apoio da opinião pública. Diante desse cenário, como não associar os adolescentes impedidos de chegar aos dezenove anos na fictícia Gatlin aos jovens soldados abatidos em território vietnamita? Em ambos os casos, protegia-se um “deus”: na ficção, “Aquele que Anda Por Detrás das Fileiras”; na história, o sonho estadunidense.

Nesse sentido, o filme de 1984 transparece o referente real, outrora apenas subtexto. Tal raciocínio evidencia-se, sobretudo, na introdução de dois novos personagens, os pequenos irmãos Job e Sarah. O primeiro, quem conta a história, distingue-se do narrador observador de Stephen King ao aproximar o relato do espectador cinematográfico. Se, no conto, o horror invade o trajeto do casal Burt e Vicky, no filme, intercalam-se protagonismos. A inteligente opção narrativa do roteirista George Goldsmith enxerga as crianças não mais como monstruosidades exteriores, mas, antes, como algo desvirtuado no seio da própria sociedade.

“Meu pai construiu para o caso de ataque comunista”, Job apresenta seu abrigo, ao que Burt responde: “Não é com os comunistas que devemos nos preocupar”. Clarividente como a menina Sarah, o adulto Burt antevê o absurdo da Guerra Fria, que ainda duraria sete anos. Direto — e até demais —, Kiersch ridiculariza os “monstros” de uma sociedade tão caricata quanto o ser entre o milharal. Vestidos com roupas dos pais, Job e Sarah jogam *Monopoly* e disputam quem terá “todo o dinheiro do mundo”. O *American way of life* é um simulacro.

A eficiência do medo em partes

por Cecília Barroso

Olhos de gato (*Cat's Eye*)

Direção Lewis Teague, 1985. **Com** Drew Barrymore, James Woods e Alan King.

Três histórias: uma terrível clínica para fumantes, uma aposta entre um marido e o amante da esposa e uma criança perseguida por uma monstruosa criatura. Duas destas histórias são do livro *Sombras da noite*.

Em 1978, Stephen King lançava *Sombras da noite*, sua primeira e até hoje melhor antologia de contos. Muitos já estiveram no cinema, como *Colheita maldita*, *Às vezes eles voltam*, *O passageiro do futuro* e *Criatura do cemitério*. Dois deles, “O ressalto” e “Ex-fumantes Ltda.,” estão em *Olhos de gato*.

O longa-metragem episódico, roteirizado pelo próprio King, foi dirigido por Lewis Teague, logo após sua adaptação do romance *Cujo* para o cinema. Para ligar suas três histórias, um gato vira-lata segue em busca de uma menininha que manda mensagens de maneira e em lugares inesperados.

A primeira referência a outras obras do escritor é Castle Rock. Mesmo que o lugar não seja determinado, como os outros no decorrer do longa-metragem, é possível reconhecer a fictícia cidade criada por King pela presença ensanguentada de *Cujo*, o cachorro São Bernardo que persegue o felino até que ele acabe em um caminhão de mudanças que o leva a Nova York.

As histórias, que vão ainda para Atlantic City e Wilmington, não se relacionam tão bem, com conexões baseadas exclusivamente na presença nem sempre efetiva do felino. Além disso, todas estão marcadas por determinações temporais características do cinema norte-americano dos anos 1980, como um humor forçado, comportamentos sociais não mais aceitáveis, experimentações com efeitos especiais e uma trilha sonora exagerada, aqui assinada por Alan Silvestri. Algumas marcas surpreendem e funcionam bem, outras acabam por envelhecer o filme.

Porém, há em *Olhos de gato* uma fidelidade ao medo que impressiona. O tema central das obras de Stephen King está representado no vigiar e punir fisicamente aqueles que se ama, na história de um homem que decide abandonar o vício de fumar; no medo de altura de um professor de tênis amante da esposa de um mafioso viciado em apostas, e no medo de gatos da mãe de uma menininha que esta sendo ameaçada por um goblin, na mais fantasiosa das histórias, a única originalmente criada para o filme.

O delírio de Morrison na esfumaçada festa, a presença no armário e toda a sequência de Martin na borda de 12,5 cm no arranha-céu — numa incrível assimilação e realização do sentimento causado pela leitura do texto de King — e o divertido uso da música “Every Breath You Take”, da banda The Police, estão entre o que há de melhor no filme.

A subversão com a própria figura felina, fio não condutor, mas revelador de cada um dos contos, é algo que também agrada. Os gatos, vistos como criaturas associadas ao mal e ao sobrenatural desde os mais antigos tempos, têm sua existência vinculada a um grande número de lendas e mitos e já assombraram nas linhas de Edgar Allan Poe e H.P. Lovecraft. É neste lugar, junto aos mestres da literatura fantástica que está Stephen King, mas aqui fazendo o caminho exatamente oposto. Seu bichano viajante é na verdade um salvador, aquele que segue sua jornada para encontrar e proteger a pequena Amanda, que quer ajudar e se compadece daqueles que cruzam o seu caminho. Desde que eles não tenham penas, é claro.

Cuidado com a lua! Stephen King e sua lenda para o lobisomem

por Fernando Tibúrcio

A hora do lobisomem (*Silver Bullet*)

Direção Daniel Attias, 1985. **Com** Corey Haim, Gary Busey, Terry O'Quinn e Megan Follows.

Também conhecido como Bala de Prata. Uma série de assassinatos abala uma cidadezinha interiorana. Todos acham ser um serial killer, mas um jovem cadeirante sabe que é algo muito mais mortal...

Diferente de outros monstros clássicos como Drácula e Frankenstein, a figura do lobisomem não teve sua lenda inspirada por um romance. O principal vampiro da história foi concebido pelo britânico Bram Stoker e a trágica história do monstro, criado pelo Dr. Victor Frankenstein, foi escrita pela brilhante Mary Shelley. Sustentando o merecido título de “mestre do terror”, Stephen Edwin King ousou trabalhar com vários mitos do horror. *O iluminado* é sua visão para os contos de fantasmas, em *O cemitério*, ele apresenta sua versão para os zumbis, os vampiros estão em sua obra em *A hora do vampiro* e claro que o lobisomem não seria esquecido.

Em 1979 Stephen King foi desafiado a escrever uma obra separando seus capítulos em meses do ano e cada capítulo poderia ter no máximo 500 palavras. Ele aceitou desde que cada capítulo tivesse cerca de seis mil palavras, ou que o total da publicação girasse em torno de quarenta mil palavras. O livro *A hora do lobisomem* foi lançado em 1983, alguns especialistas consideram-no um romance, outros dizem que é um conto. Como de costume King ambienta sua narrativa no Maine. De janeiro a dezembro acompanhamos ataques do monstro aos moradores de uma cidadezinha em noites de lua cheia.

Como a maioria de seus livros *A hora do lobisomem* tem em sua escrita um significativo valor imagético. Nesse caso em particular isso é ainda mais perceptível pelas impressionantes e detalhadas ilustrações de Bernie Wrightson. Dizendo isso fica fácil entender o motivo dele ser o autor vivo mais adaptado para outros formatos, são mais de 70 filmes e séries que se inspiraram em suas histórias, e com *A hora do lobisomem* não seria diferente.

Em 1985 chega aos cinemas *Silver Bullet*, *A hora do lobisomem*, que por aqui ganhou também o título de *Bala de prata*, referenciando o nome original, que por sua vez faz uma alusão à cadeira de rodas utilizada pelo protagonista, e também a um elemento fundamental para a lenda do monstro.

Dirigido por Daniel Attias o filme traz elementos típicos tanto da narrativa de Stephen King, quanto do cinema dos anos 1980. Por questões óbvias de adaptação o filme não tem o caráter episódico que encontramos no livro. Outro ponto interessante é que ele possui uma estrutura de microuniverso, ou seja, uma trama ambientada numa cidade pequena, no caso Tarker’s Mills. Repleto de um terror realista, sutil e que mostra muito pouco, o filme trabalha as peculiaridades desse lugar, suas idiossincrasias, as figuras que lá habitam, assombradas por um terror sem nome ou rosto.

Essa questão de microuniverso se aplica também aos personagens. O que importa aqui é a relação entre os irmãos Jane (Megan Follows) e Marty Coslaw, interpretado por um dos ícones oitentistas, o ator Corey Haim, e seu tio Red (Gary Busey). Em momento algum a ação se sobrepõe à situação, ou seja, a dramática história de terror, ainda que seja fundamental, não é mais importante que o local e seus moradores. Todas as mortes são profundamente sentidas, basta lembrar-se do xerife Joe Haller (Terry O’Quinn) caminhando pelas ruas segurando uma pipa banhada de sangue.

A hora do lobisomem é uma pérola tanto da literatura de Stephen King quanto do cinema dos anos 80. Filme e livro ajudaram a sedimentar a imagem do senhor King como uma referência no terror. E pensar que no início de sua carreira, logo depois de *Carrie, a estranha*, seu editor, Bill Thompson, chegou a sugerir que ele não se dedicasse tanto a essas histórias para não ficar marcado. E num ponto Bill acertou em cheio, Stephen King é um sucesso!



Biblioteca Stephen King

Inferno de gelo

por Sérgio Gomes

Jack Torrance, sua esposa e seu filho são designados a passar a temporada de inverno no Hotel Overlook. Jack, um ex-alcoólatra e professor de literatura, aceita a função e passa a ser o zelador do lugar.

A imponente estrutura encontra-se isolada da cidade e de todos quando a neve chega. As estradas são fechadas entre os meses de outubro e abril. A única comunicação entre eles e todo o resto é um rádio. A família descobre, com o passar do tempo, que o hotel encobre um passado tenebroso e que seus antigos hóspedes continuam a rondar os aposentos e corredores da suntuosa estrutura, ameaçando as vidas do casal e do garoto que possui um dom chamado por Halloran, o cozinheiro chefe do hotel, como *Iluminado*. Um termo cunhado por sua mãe quando criança.

A construção dos personagens na obra de Stephen King é bastante eficiente. Conhecemos os conflitos entre o casal e a criança de uma forma bastante criativa, com flashbacks que permeiam toda a narrativa do livro em questão. São personagens bastante interessantes e complexos. A luta de Jack contra a bebida demonstra o quanto ele é frágil e exposto à situação adiante quando se encontram isolados no hotel. Sua esposa, Wendy, é uma mulher que tem como mãe uma inimiga projetando em seu filho, Danny a proteção que jamais teve. O garoto é um menino bastante criativo, típico de sua idade. Várias coisas sobre a vida são um mistério para ele. O real e suas visões parecem cartas embaralhadas fazendo com que o pobre garoto não consiga discernir o que é verdadeiro. A intuição em Danny é bastante aflorada, assim como seu dom que é impulsionado por Tony, seu amigo invisível, que lhe apresenta, de forma desordenada, acontecimentos futuros.

O Hotel, logo no início da obra, é apresentado também como um personagem, através de Ullman, o gerente do lugar.

“Adiante podia ver o Overlook, zombando de longe, parecendo olhá-lo com suas muitas janelas”.

A estrutura do Overlook é como um grande organismo, prestes a engolir aqueles que entrem porta adentro. A geografia do lugar se torna presente logo no início do livro, construindo em nossas mentes um universo grandioso e assustador. Os antigos hóspedes desempenham papéis como uma monstruosa engrenagem. O isolamento de todo o resto faz com que eles despertem de um sono profundo para assombrar os vivos.

“É como se as pessoas viessem aqui só para vomitar e contratam um cara como Ullman para limpar toda a sujeira”.

“Todo hotel grande tem seus escândalos, assim como seus fantasmas”

A neve encobre o hotel como pás de terra sobre uma tumba.

“O silêncio caíra sobre o hotel como um cobertor pesado cobrindo tudo, quebrado apenas pela vibração leve do vento da tarde, lá fora”.

A solidão dos personagens isolados pela tempestade de neve. A chamada “Febre da Cabana” parece trazer à tona conflitos outrora superados pela família, desenterrando antigas mágoas e desconfianças.

A descoberta de antigas reportagens e álbuns de retratos de antigos hóspedes no porão despertam em Jack uma curiosidade mórbida com relação a acontecimentos escusos e aterradoros que fizeram parte da história do Overlook. Ele abandona a ideia de escrever uma peça de teatro e passa a se empenhar numa obsessiva pesquisa sobre o hotel e seus hóspedes.

“Houve aqui uma festa longa e horrível de máscaras e que continuou durante anos.”

As máscaras são retiradas à meia noite como disfarces para ocultar verdadeiras identidades. O jogo de poder é narrado como uma ferramenta para subverter pessoas. Um exemplo é o personagem que é apresentado na forma de um cachorro nos corredores e no salão colorado é a evidente demonstração de que o autor tenta a todo o momento, com habilidade, descrever como as pessoas que assombram o hotel são corruptas em essência.

“Corredores encolhendo em tempo e distância, sombras famintas, hóspedes inquietos que não descansam em paz”.

A estrutura familiar é quebrada deixando Wendy, Jack e Danny expostos às vontades do hotel. A função de cuidar do Overlook é distorcida na cabeça assombrada de Jack que é seduzido com a promessa de recompensas. A aceitação num clube seletivo e privado entre os que outrora viveram no antigo hotel e aqueles que cumprem suas vontades seduz o escritor.

O uso de pensamentos entre diálogos é usado para demonstrar ao leitor como nem tudo que é dito, é verdadeiro. Essa ambiguidade é usada de forma bastante interessante. Uma técnica sutil para demonstrar a mudança dos membros da família com relação uns aos outros.

A maneira como King conduz a história demonstra como o autor é mesmo habilidoso na arte da escrita. A divisão de blocos através de subtítulos nos lança de maneira suave até uma ação futura e *flashbacks*.

O autor tem uma escrita bastante imagética, o que nos faz entender a razão de King de ter se aventurado no cinema e na TV. O linear entre a loucura e a sanidade é bastante latente na obra através de diálogos bastante bem estruturados ao longo das páginas.

A descrição do hotel é rica em detalhes, mas ao mesmo tempo não enfadonha, monótona. Os personagens são bastante críveis, humanos, como um vizinho ou um amigo. A obra

me fez lembrar as palavras de Neil Gaiman. “Um bom livro tem a força de fazer com que você vire as páginas naturalmente.”

O iluminado é eloquente e muito bem executado. Acredito que o personagem de Jack é o reflexo do autor que na época travava uma luta contra o alcoolismo. Essa projeção certamente ajudou a fazer com que o personagem aos olhos do leitor se torne crível, convincente em sua construção. Ao ler o livro entendi o porquê do desagrado do autor com relação à versão em cinema. Muita coisa que considero importante foi deixada de lado. Mas acredito que transpor para tela um livro tão complexo como *O Iluminado* não é tarefa fácil. Stanley Kubrick propôs uma diferente visão de forma muito bem-sucedida. A prova disso foi a versão frustrada de Mick Garris da obra para uma minissérie televisiva que é mais fiel ao livro... Mas que não tem a força do filme dirigido por Kubrick.

O desafio de assistir *Comboio do terror*

por Paulo Fontenelle

Comboio do terror (*Maximum Overdrive*)

Direção Stephen King, 1986. **Com** Stephen King, Emilio Estevez, Laura Harrington e Pat Hingle.

Vagamente inspirado no conto "Caminhões", mais um do livro *Sombras da Noite*, único filme dirigido por Stephen King. Trata-se de uma revolta de máquinas, mais especificamente de grandes caminhões.

Vi Comboio do terror ainda criança, em VHS para dizer a verdade. Meus conhecimentos sobre Stephen King naquela época me prepararam para um filme aterrorizante. Os outros filmes que eu tinha “visto” — coloco entre aspas porque preciso levar em conta os momentos em que fechei os olhos ou saí da sala - do autor de que tenho fortes lembranças tinham sido *O iluminado* e *Carrie, a estranha*. Lembro que fiquei uma semana sem dormir direito por conta do final de *Carrie, a estranha* porque eu dormia numa cama, no chão e tinha certeza de que uma mão ia sair do colchão e me pegar durante a noite.

Então o ato de ter coragem de assistir *Comboio do terror* já foi uma aventura. Na minha infância (acho que na infância de todo o mundo) os amiguinhos ficavam contando vantagem dos filmes de Terror que tinham visto, pra mostrar que eram corajosos. Quando a fita *Comboio do terror* foi alugada por meu irmão mais velho eu tinha que ver, precisava ter coragem.

Para minha surpresa *Comboio do terror* foi um dos filmes mais *prazerosos* para mim naquela época. Até hoje tenho dúvidas se o filme era assumidamente *trash* ou se ficou *trash* por acidente. A premissa por si só é ridícula: um cometa passa por cima de uma cidade e os caminhões ganham vida, atacando a toda a população. Porém outras obras de Stephen King também não têm as premissas mais geniais do mundo (um carro que é possuído, um cachorro possuído, uma neblina possuída) e não são filmes *trash*, muito pelo contrário. Talvez seja o fato do filme ter uma direção frouxa do próprio King, que se deu conta que era muito melhor como escritor e não se aventurou mais no ofício. E do elenco ser um pouco canastrão também, Emílio Estevez tem filmes geniais, mas nem ele, nem o irmão Charlie Sheen, são atores fenomenais, não é? (tá bem, *Platoon* é uma exceção). Enfim, a verdade é que não importa, o filme é *trash* e um deleite para os fãs do gênero. Como esquecer a imagem do caminhão principal com a cabeça do duende verde perseguindo Estevez com a música do AC/DC ao fundo?

Para mim, *Comboio do terror* está na lista dos clássicos de King, o problema é que minha lista de clássicos do autor é imensa, indo desde os citados *Carrie*, *Iluminado* e também *Cemitério maldito*, *A hora da zona morta* e *It* até *Conta comigo*, *Louca obsessão* e *Um sonho de liberdade*. Preciso admitir que gosto até de *Bala de prata*. Pra mim, o fato de King conseguir passear por tantos gêneros diferentes com maestria e competência é algo de causa inveja. Ele escrever terror e drama com a mesma força. O importante são as histórias. King, como autor, está entre os mestres que me fizeram escolher o cinema como forma de vida.

Comboio do terror é considerado por muitos uma obra menor do autor, mas mesmo essas pessoas precisam admitir a quantidade de filmes que tiveram sua influência, vide *Ataque dos vermes malditos* entre vários outros. Concordo que está longe de ser um dos melhores filmes baseados nos livros de King, mesmo para mim *Comboio* não faz parte do meu top 10. Ao rever o filme para escrever esse texto, vi que ele ficou datado e um pouco lento, mas me diverti muito novamente, tive ótimas lembranças e, quando começou a tocar AC/DC com o ronco dos caminhões aumentei o volume de minha televisão.

Vale muito a pena rever *Comboio do terror* e mesmo depois de todas essas adaptações do Homem-Aranha, talvez até hoje, seja a melhor personificação do duende verde de todos os tempos. ;-)

**STEPHEN KING'S MASTERPIECE
OF TERROR DIRECTED BY
THE MASTER HIMSELF**



MAXIMUM OVERDRIVE

DE LAURENTIS ENTERTAINMENT GROUP Presents
A Film by STEPHEN KING "MAXIMUM OVERDRIVE" Starring EMILIO ESTEVEZ - PAT HINGLE
LAURA HARRINGTON - CHRISTOPHER MURNEY - Music by **BOYC** Co-Produced by MILTON SUBOTSKY
Executive Producers MEL PEARL and DON LEVIN Produced by MARTHA SCHUMACHER



Written for the Screen and Directed by STEPHEN KING



MPAA Rating: R





Conta comigo – Nós sempre teremos Castle Rock

por Flavia Guerra

Conta comigo (*Stand by Me*)

Direção Rob Reiner, 1986. **Com** Will Wheaton, River Phoenix, Corey Feldman e Kiefer Sutherland.

Um escritor recorda uma perigosa aventura vivida com os amigos no verão de 1959. Ritos de passagem e a mais pura beleza da juventude.

“Eu nunca mais tive nenhum amigo como os que eu tive quando tinha 12 anos. Jesus, alguém tem?”

A pergunta com que o então experiente escritor Gordie Lachance (Richard Dreyfuss) encerra seu romance em *Conta comigo* (*Stand by Me*) fecha não só seu livro de memórias da infância como também a trama de um filme que fez história no cinema. O ano era 1986 e, desde que o diretor Rob Rainer levou para as telas a aventura dos quatro garotos da pequena Castle Rock, os filmes sobre amizade nunca mais foram os mesmos.

Para dizer o mínimo, se hoje produções como *Stranger Things* conquistam milhões de espectadores no mundo todo — e prestam declaradamente homenagem ao longa de Rainer —, muito se deve a *Conta comigo*, fenômeno que custou cerca de oito milhões de dólares e arrecadou mais de 50 milhões de dólares somente nos cinemas.

Inspirada no conto “O corpo”, que Stephen King escreveu para o livro *As quatro estações*, de 1982, a trama acompanha a saga do jovem Gordie (Wil Wheaton) e de seus amigos Chris (River Phoenix), Teddy (Corey Feldman) e Vern (Jerry O’Connell). No verão de 1959, eles vivem em Castle Rock, cidade do Oregon que, como narra Gordie, tinha apenas 1281 moradores, mas para ele “era o mundo todo.”

É a capacidade de criar uma história que abarca o pequeno-grande mundo de quatro meninos de apenas 12 anos, que já lidam com problemas do mundo adulto ao mesmo tempo que ainda são crianças em busca de afeto, atenção e aventura, que fez não só do conto de King mas da adaptação de Reiner uma das melhores histórias sobre amizade e amadurecimento do cinema.

Desde a década de 1980, gerações de cinéfilos têm percorrido com Gordie e seus amigos os mais de 30 quilômetros entre Castle Rock e a vizinha Harlow. E por que eles caminhariam tanto, iriam se expor aos riscos de dormir na floresta e até de levar uma surra de seus pais na volta por terem mentido? Porque na floresta estava o corpo do garoto Ray Brower, desaparecido há dias. O atropelado Vern ouvira uma conversa de seu irmão mais velho, que havia encontrado Brower, já morto, na floresta de Harlow, provavelmente depois de ter sido atropelado por um trem. Descobrir o corpo, virarem heróis da cidade e ganharem finalmente a atenção de todos era o troféu a se receber pelos riscos corridos.

No entanto, a grande recompensa dessa aventura está no simbolismo de encarar o desconhecido da floresta para, ao final da jornada, resignificarem tudo diante da morte, e voltarem amadurecidos. Parece óbvia e um tanto simplista esta conclusão. E é. Mas traduzir esta jornada com simplicidade e honestidade não é tarefa fácil. Se King já havia cumprido a missão com maestria em “O corpo”, Rainer superou e superou o desafio de filmar com competência e dirigir com maestria os quatro garotos. Ao final, entregou ao público um clássico contemporâneo.

Imprescindível é destacar o roteiro de Raynold Gideon and Bruce A. Evans que, não por acaso, foi indicado ao Oscar de Melhor Roteiro Adaptado. Em cada linha e/ou *frame* de

Conta comigo, há o espírito de uma realidade profundamente norte-americana: estão lá os papéis sociais já traçados de uma sociedade altamente competitiva, o *bullying* da gangue dos garotos mais velhos (Kiefer Sutherland em ótima performance já aos 19 anos), a cidadezinha perdida no espaço e no tempo.

Ao mesmo tempo, a universalidade da história é garantida pela honestidade com que os dramas de cada um dos quatro amigos são tratados. Teddy ama um pai abu-sivo, pois nutre a admiração e o entendimento dos traumas que este pai sofreu na guerra. Se Gordie se sente invisível e não amado por um pai que preferia o filho mais velho, morto precocemente, é o estigmatizado Chris quem ajuda o amigo ao compreender que, no fundo, ele não conhece o próprio filho. E é Gordie quem também ajuda Chris (palmas para Phoenix, o mais carismático do grupo) a traçar seu próprio destino. E se os medos de Vern parecem bobos, que criança não provou o doce-amargo gosto do final da infância para a adolescência e, daí, para a vida adulta? São as relações, as brincadeiras e, principalmente, a rede de apoio mútuo que os garotos constroem que nos levam a outra constatação de Gordie: Como num restaurante, os amigos vão e vem, e muitas vezes se perdem pelo caminho. Mas as histórias ficam.



Correndo pela vida

por Tom Leão

O sobrevivente (*The Running Man*)

Direção Paul Michael Glaser, 1987. **Com** Arnold Schwarzenegger, Yaphet Kotto e Maria Conchita Alonso.

Em 2017, durante um colapso econômico, os EUA vivem sob um estado policial e autoritário. Um programa de TV de muita audiência é um *reality show* mortal chamado O Sobrevivente.

Atualmente, é corriqueiro vermos filmes e séries de TV, situados em futuros distópicos. Mas, um pioneiro no tema, é *O sobrevivente (The Running Man)*. O livro, lançado em 1982, se passa em 2017, em um Estados Unidos militarizado, sem o status de potência econômica, num mundo que entrou em colapso. Neste cenário — e com a mídia controlada —, o programa de TV mais popular é um game show violento, chamado *The Running Man*, no qual prisioneiros são jogados numa arena e tem de correr por suas vidas, enquanto são perseguidos por tipos bizarros fantasiados.

O personagem principal, Ben Richards, foi pego, por engano, numa manifestação anti-governo, e, por isso, se torna inimigo do Estado. Acontece que, Richards (Arnold Schwarzenegger) é um ex-policia, bem treinado, tática e fisicamente. Por isso, acaba “passando de fases” no jogo, e se tornado um herói do povo, na medida em que vai derrotando seus oponentes na arena. O forte humor negro e a crítica política/social predominam na narrativa. Por causa da violência de certas sequências, o filme sofreu cortes para exibição nos EUA. E, também por isso, tem versões diferentes, para TV e cinema, em vários países.

Na época, Schwarzenegger era o nome mais quente dos filmes de ação e sci-fi, já tendo estrelado o espetacular *O exterminador do futuro (The Terminator, 1984)*, *Comando para matar (Commando, 1985)*, estrelou *O predador (Predator, 1987)*, no mesmo ano de *The Running Man*, e, futuramente, faria *O vingador do futuro (Total Recall, 1990)*, antes de retornar, triunfante, ao papel do androide T-1000, em *O exterminador do futuro 2: o julgamento final (Terminator 2: Judgment Day, 1991)*. Ou seja: não havia ninguém melhor para o papel do que ele.

Uma curiosidade: King escreveu o livro sob o pseudônimo de Richard Bachman. E, quando o produtor Rob Cohen comprou os direitos para o filme, não sabia disso. Foi um bom negócio no fim das contas, porque o filme fez muito sucesso (inspirou até a criação do programa de TV *American Gladiators*, em 1989) e, agora, desfruta do status de cult.

O terror da perda em *Cemitério maldito*

por Beatriz Saldanha

Cemitério maldito (*Pet Sematary*)

Direção Mary Lambert, 1989. **Com** Denise Crosby, Fred Gwynne e Dale Midkiff.

Uma família vai morar numa casa desolada bem no meio de uma estrada perigosamente movimentada. Com a morte do gato de estimação, coisas muito estranhas começam a acontecer.

O conto “A pata do macaco”, do britânico W.W. Jacobs, publicado em 1902, conta a história de um homem que perde o filho num acidente horrível e, por meio de uma pata de macaco mumificada, deseja que ele volte vivo para casa. Em 1983, Stephen King lançou o romance *O cemitério*, que narra a espiral de tragédias que consome uma família que se muda para uma casa no campo. Inspirada em parte no conto de Jacobs, é uma das obras mais poderosas já escritas por King, um retrato trágico e moral sobre o luto.

Em 1989, ano do lançamento do filme *Cemitério maldito*, Stephen King completava quinze anos de uma sólida carreira como escritor, com mais de vinte livros publicados, e sua obra adaptada às telas por diretores como Brian De Palma, Stanley Kubrick, David Cronenberg e John Carpenter. George Romero, parceiro de King em *Creepshow: arrepio do medo* (1982), foi o diretor escolhido para transformar *O cemitério* em filme, mas teve que abandonar o projeto devido ao cronograma conflitante com outro projeto. O roteiro, escrito pelo próprio King, caiu no colo de Mary Lambert, que tinha no currículo apenas um longa-metragem, o drama de mistério *Marcas de uma paixão* (1987), mas que vinha assinando os videocliques de alguns dos artistas mais importantes da época. Suas parcerias com Madonna se tornaram emblemáticas, em especial o vídeo icônico de “Like a Prayer”, que causou controvérsia pela forma como aborda religião, racismo e intolerância. Romero é adorado por todos no meio do horror e é difícil não ficar imaginando como seria seu *Cemitério maldito*, mas também é verdade que, com sua pegada pop, Mary Lambert realizou um clássico inesquecível.

Os Creed são uma família jovem formada pelo pai, Louis (Dale Midkiff), pela mãe (Denise Crosby), os dois filhos — Ellie e Gage — e o gato Church. O cenário do título se refere a um antigo cemitério indígena localizado nos fundos da casa da família, e que tem o poder de fazer os mortos voltarem à vida. No início é mostrado que Louis, um médico, não lida bem com perdas. Um de seus pacientes morre em suas mãos, e o fato lhe perturba sobremaneira. O pai é um personagem nefasto, que faz uma escolha errada atrás da outra e desencadeia uma série de tragédias, e cada um dos membros da sua família, à sua maneira, experiencia o horror.

Um ponto interessante a se destacar é uma certa artificialidade que à primeira vista pode ser interpretada como algo negativo, mas que são decisões ousadas e efetivas da diretora; por exemplo a personagem de Zelda, uma menina de treze anos, interpretada por um homem adulto (Andrew Hubatsek), usando uma maquiagem que salienta seus ossos e o rosto cadavérico. Quando optou pelo contrário, pela sutileza, também conseguiu atingir resultados marcantes: a cena em que o sapatinho rola pela estrada, sugerindo o atropelamento da criança, é de uma sensibilidade arrebatadora.

A história ganhou uma nova versão em 2019, com escolhas e efeitos distintos, o que é extremamente positivo. A refilmagem também fez com que o público voltasse os olhos para o filme de 1989, geralmente preterido entre os fãs de Stephen King, mas que faz uma reflexão singular sobre o luto e merece o resgate.

Onde se esconde o monstro?

por Francisco Carbone

A criatura do cemitério (*Graveyard Shift*)

Direção Ralph S. Singleton, 1990. **Com** David Andrews, Kelly Wolf, Stephen Macht, Andrew Divoff, Vic Polizos, Brad Dourif e Dana Packard.

Adaptação do conto “Último turno”, do livro *Sombras da noite*. Um operário trabalha à noite numa companhia têxtil infestada de ratos. Por “diversão”, ele começa jogar os ratos numa máquina trituradora de algodão, até que alguém faz o mesmo com ele. Um patrão desonesto e um exterminador de ratos neurótico se esforçam para dar cabo dos roedores, contudo uma criatura muito mais perigosa e mortal começa a vitimar várias pessoas até desembocar num labirinto de esgotos e catacumbas.

Em 1990 essa adaptação de um conto de King foi dirigida pelo produtor Ralph S. Singleton em sua única investida na função, em projeto herdado de Tom Savini. Vindo da produção de *Cemitério maldito*, Singleton tinha em mãos um material curto onde tentou se comunicar com alguns sinais de mudança dos tempos à época, ainda que esbarrasse em convenções tipificadas, como a presença feminina em cena, dividida basicamente entre duas personagens. Embora ambas sejam estereotipadas, uma delas consegue capturar na maior parte de suas cenas um viés progressista que estava começando a compor a cartilha da sociedade no cinema, puxando para si as decisões e tendo voz ativa.

Rodado no Maine onde o próprio autor vive, o filme concentra sua ação numa fábrica de algodão infestada de ratos que precisa ser dedetizada, mas que esconde provavelmente algo muito maior. Com poucos recursos mesmo para a época, o filme ainda assim se soluciona visualmente dentro do gênero, criando uma atmosfera que transita entre o incômodo de um vilão muito humano personificado no gerente da fábrica vivido por Stephen Macht e a própria criatura, que cria a dubiedade do título: quem seria o real monstro? Une-se a essa discussão implícita uma ambiguidade moral travada durante todo o filme, que expõe doses de machismo e homofobia sempre que possível, situando sua ação no tempo e no espaço típicos de sua época.

Os efeitos práticos não levam a produção a ocupar um lugar exatamente dentro do 'gore', são discretos e eficientes e provocam a tensão esperada, além das doses de hemoglobina virem a contento. A criatura, se não tem um visual marcante/memorável, ao menos é grotesca o suficiente para causar asco durante a projeção. O que não é resolvido pela própria criatura, o filme distribui entre a quantidade expressiva de ratos em cena, que contribuem para o clima assustador e claustrofóbico, entre as paredes de uma fábrica que parece um mecanismo pronto a devorar seus integrantes.

Uma cena em particular do filme é produto de sua era, quando uma das atrizes destrói o carro do gerente da fábrica. Os motivos gratuitos que a levam a tal, o desembocar de violência gratuita que vai dela até a reação dele e a forma angular de como a cena se desenvolve, é um exemplo do cinema apelativo dos anos 1990, que explora todas as possibilidades históricas de seu arco.

Logo em seu início, uma fala sobre o esvaziamento da cidade também proporciona ao filme uma reflexão sobre a real decadência das pequenas comunidades americanas que sobreviviam em torno de um único gerador de renda — no caso, a fábrica de algodão. A ambientação decadente redimensiona o caráter metafórico do filme, observando o fim de uma era intransigente e preconceituosa a ser engolida pelo mundo ao seu redor, restando a placa da porta da fábrica a constantemente pedir novos funcionários, onde somente reste de pé no fim os ares da renovação que virão de longe do seu entorno; os ventos da mudança que trazem as novas ideias e os monstros internos a destruir tudo que já se constituía como ultrapassado.

O horror em situações cotidianas

por Mario Abbade

Louca obsessão (*Misery*)

Direção Rob Reiner, 1990. **Com** Kathy Bates, James Caan e Lauren Bacall.

Famoso escritor sofre sério acidente próximo à casa de sua fã número um. Ela se compromete a cuidar dele, quando acaba tendo acesso a seu próximo livro e descobre que sua personagem preferida irá morrer...

O escritor Stephen King é um dos que mais têm suas obras adaptadas para o cinema. É inegável que seus livros são perfeitos para se tornarem filmes, tanto pela riqueza de situações assustadoras quanto dramáticas. Mas, infelizmente, grande parte das adaptações não recebe o tratamento necessário para que seja possível atingir o mesmo brilho e sucesso alcançados no mercado editorial. No entanto, quando isso acontece, o público é presenteado com uma experiência inesquecível. *Louca obsessão* faz parte desse pequeno hall de acertos, além de parecer profético — basta notar, guardadas as devidas proporções, o que os fãs fazem hoje nas redes sociais para influenciar (ou repudiar) as obras que chegam a livrarias e cinemas. O “fanboy” se tornou uma faca de dois gumes. O diretor Martin Scorsese até já havia feito um comentário irônico sobre o assunto em *O rei da comédia* (1982).

A trama apresenta Paul Sheldon (James Caan) finalizando seu último livro com a popular personagem Misery Chastain, que rendeu uma série de romances famosos. Ele sofre um acidente de carro e é salvo por Annie Wilkes (Kathy Bates), uma mulher reclusa que é fanática por Misery. Enquanto Paul está se recuperando na casa de Annie, ela acaba lendo o livro. E fica furiosa quando descobre que Paul matou Misery, decidido ameaçá-lo fisicamente até que ele reescreva outro romance com a sua personagem favorita.

Louca obsessão é um jogo de gato e rato, recheado com muita tensão e suspense num espaço claustrofóbico. Muito do êxito do filme está no roteiro enxuto e cheio de reviravoltas, que soube extrair o melhor do livro de King. Essa habilidade para contar a história se deve ao roteirista William Goldman (1931-2018), escalado para a tarefa. Ganhador de dois Oscars (*Butch Cassidy*, 1970, e *Todos os homens do presidente*, 1977), Goldman era considerado um artesão dos scripts em Hollywood. Ele sabia dosar como ninguém o suspense visceral, alternando drama e humor. Além dos roteiros premiados, vale lembrar seu trabalho em *Caçador de aventuras* (1966), *Maratona da morte* (1976) e sua participação cirúrgica e não creditada em *Papillon* (1973).

O diretor Rob Reiner pegou o material de Goldman e deu um verniz preciso com rico *mise-en-scène*, em que cada elemento em cena ganha pequenas camadas de significado. Essa escolha é enfatizada pela grande-angular com que o diretor de fotografia Barry Sonnenfeld captura Annie para criar uma sensação de sufocamento, justamente o que a personagem faz com Paul.

Tudo isso embalado pela química perfeita entre Kathy Bates e James Caan. O confronto entre os dois remete a famosos trabalhos de duplas que pautaram suas interpretações por um constante conflito, como Jack Nicholson e Louise Fletcher fizeram em *Um estranho no ninho* (1975). O filme acabou rendendo o Oscar de melhor atriz para Kathy Bates, uma raridade para uma personagem maligna num filme de suspense/terror. Interessante notar que aqui Bates, guiada por Reiner e Goldman, consegue colocar em prática uma das melhores características da obra de Stephen King: encontrar o horror em situações cotidianas.

Terror em dois tempos

por Tom Leão

It: uma obra-prima do medo (*It*)

Direção Tommy Lee Wallace, 1990. **Com** Tim Curry, Richard Thomas, Seth Green e Annette O'Toole.

Um grupo de crianças defronta-se com o Mal encarnado num aterrorizante indivíduo vestido de palhaço. Por muito pouco o grupo sobrevive. Agora, trinta anos depois, ele está de volta. E o grupo precisa formar-se novamente.

A maioria dos livros de Stephen King são calhamaços, daqueles que você leva semanas lendo (como fiz com *The Tommy Knockers*, por exemplo). Por isso, muitos deles, já foram adaptados como minisséries para a TV. E, no cinema, quando isso não acontece, os filmes ficam insatisfatórios ou faltando muitos detalhes (vide *O apanhador de sonhos*). Os que derivam de contos, como *Carrie*, rendem melhor quando adaptados.

Por isso, a primeira vez em que tomamos contato com uma adaptação de *It* – um baita livrão, lançado em 1986 –, foi sob a forma de filme para TV, em 1990, produzido pela Lorimar e distribuído Warner Bros. No Brasil, ganhou o nome de *It: uma obra-prima do medo*, e foi exibida aqui sob a forma de minissérie, na TV aberta e cabo, por conta de sua longa duração (pouco mais de três horas). Em VHS, saiu em dois videocassetes. Na TV americana, foi exibido em duas partes, em dois dias seguidos.

Desta forma, nada ficou de fora da adaptação, dirigida por Tommy Lee Wallace (George Romero, ‘o rei dos zumbis’, tinha sido cogitado, a princípio). O livro, assim como o filme/minissérie, é dividido em duas partes distintas: a primeira, passada nos anos 1960, mostra um grupo de amigos, todos ainda na pré-adolescência, às voltas com um demônio, que aparece para as crianças sob a forma de palhaço, para assim atraí-las. Depois de uma série de eventos, parece que eles conseguem derrotar o demônio. Contudo, 30 anos depois, quando todos já estão adultos e vivendo as suas vidas, a ameaça volta a Derry, sua cidade natal.

Como acontece em vários de seus livros, King sabe lidar muito bem com as memórias dos anos 1960, grupos de jovens e terror em cidadezinhas. O palhaço do mal, Pennywise (caracterização incrível de Tim Curry, o mesmo ator que fez o Dr. Frank-N-Furter, de *Rocky horror picture show*), é realmente assustador. Na época, Pennywise ficou tão popular, que batizou até uma banda americana de *punk-hardcore*, ainda na ativa. Em um extra do DVD, os atores dizem que a caracterização de Curry era tão assustadora, que eles evitavam encontrá-lo nos sets de filmagem.

Embora a parte das crianças (que, no livro se chamam de *The Losers Club*, e na adaptação para cinema e TV, foram rebatizados de *The Lucky Seven*) seja a que mais agrada aos fãs (tem um quê de *Stand by Me* nelas), o segmento com os adultos ganhou mais destaque, por trazer atores renomados (todos, indicados para Globo de Ouro ou Emmy, em diversos trabalhos). Entre os quais, estão Richard Thomas (o eterno John Boy, de *Os Waltons*), Annette O’Toole (que foi a Lana Lang, em *Superman III*) e o falecido John Ritter, fã de King, entre os mais conhecidos.

E, os fãs sabem (e King já deixou claro) que *It*, faz parte do universo *Dark Tower*. Mas, isso é assunto para outra parte deste catálogo...

O macabro, o drama e a sensibilidade humana

por Frini Georgakopoulos

Às vezes eles voltam (*Sometimes They Come Back*)

Direção Tom McLoughlin, 1991. **Com** Tim Matheson, William Sanderson e Nicholas Sadler.

Professor tentar retornar à cidade onde nasceu e começar do zero, contudo pessoas começam a morrer e até os assassinos de seu irmão, já devidamente mortos, reaparecem.

O início da década de 1990 é o que podemos chamar hoje de “dias mais simples”: nada de Internet, TV a cabo era um sonho e o auge da maratona era alugar seis fitas VHS na sexta-feira e devolver na segunda (rebobinadas, claro). Por que essa introdução? Porque contexto é essencial para falar sobre *Às vezes eles voltam*.

Publicado como um conto em 1974, *Às vezes eles voltam* conta a história de um professor que, na juventude, não pode impedir que seu irmão mais velho fosse assassinado por valentões. Quase três décadas depois do ocorrido, enquanto leciona para uma turma repleta de atletas metidos, o protagonista tem seus únicos bons alunos assassinados e substituídos pelas assombrações dos valentões do passado, que vieram terminar o serviço. Mas Jim — nosso protagonista — resolve o caso conjurando algo ainda pior.

Aqui é que entra o contexto. Stephen King é o mestre do terror e do suspense não à toa, mas ele levou um tempo para conquistar essa fama. Embora *Às vezes eles voltam* seja um dos seus primeiros trabalhos, ele traz claramente a assinatura de King na trama e nas cenas finais do conto. Mas a obra tem algumas incoerências, por exemplo, como é possível ser assombrado por pessoas falecidas, mas todos ao seu redor também virem e tocarem os mesmos fantasmas? Seriam falhas do autor? Não vejo dessa forma, mas sim como um exemplo de produção da época e do meio de publicação. *Às vezes eles voltam* foi publicado originalmente numa revista e, anos mais tarde, passou a integrar uma coletânea em livro e isso influencia o produto final. Sem contar que nós, seu fiel público, lá em 1974, consumíamos contos, filmes e tudo mais de outra forma, sem tanto questionamento. Como disse, eram tempos mais simples.

O filme com mesmo nome, lançado em 1991 e dirigido por Tom McLoughlin se tornou um clássico King e, embora seja fiel ao conto, sofre adaptações como quase todas as obras do autor quando transformadas em cinema. Claro que são diferentes mídias usando o que melhor funciona para cada uma e o resultado do filme é excelente, mesmo ele indo do horror ao drama no final.

Tanto no conto como no filme, fica evidente o asco que King sentia por valentões e pelo *bullying*, algo que aparece em sua obra, diversas outras vezes e que, infelizmente, ainda existe em 2019. O conto pode ser datado do início do seu trabalho e o filme, considerado ultrapassado por pertencer a outra década, mas o toque macabro, o drama e a sensibilidade humana que estão tão presentes na assinatura de Stephen King já podem ser vistos aqui. E quem não adora um filme da década de 1980 ou 90, né?

Ser fã de King é conhecer sua assinatura independente do contexto temporal e admirar sua trajetória repleta de críticas à sociedade, além do macabro, claro. Se você já é um fã, sabe do que estou falando. Se estiver prestes a se tornar um, aproveite cada filme e busque o material de origem para conhecer as palavras de Stephen King. Porque o tempo passou, ele continua a escrever e os fantasmas do passado... Bem, às vezes eles voltam.

Biblioteca Stephen King

A hora do vampiro e o poder recorrente do mal

por Jessica Reinaldo

Vampiros são umas das criaturas mais versáteis do gênero do terror. A oportunidade de se trabalhar com um monstro antigo, destruidor e cruel, mas que também pode ser visto como a metáfora dos desejos obscuros da humanidade, um ser sensível às artes e aos sentimentos, faz com que os autores se sintam à vontade para explorar as mais variadas faces desse mito, com diversas combinações diferentes.

Durante o século XIX, vários vampiros fizeram história e ajudaram a criar essas tantas características possíveis, mas um deles foi responsável por inserir de forma consistente os mortos-vivos na cultura do século seguinte. Bram Stoker, ao escrever e publicar *Drácula* em 1897, não sabia que mudaria os rumos da história de horror, e colocaria a criatura como uma das mais queridas do cinema logo nos anos seguintes.

Mesmo depois de tantos anos, *Drácula* permanece sendo o vampiro mais conhecido da história, e muitos foram os autores que se debruçaram sobre a história dele, tentando encontrar outras formas de escrever essas narrativas, através de novos olhares, ou tentando encontrar nele uma inspiração para as suas próprias. Talvez uma das melhores dessas tentativas seja *A hora do vampiro*, de Stephen King, seu segundo livro publicado. Publicado primeiramente em 1975, chegou pela primeira vez no Brasil com o nome *A hora do vampiro*, e mais tarde chamado de *Salem*, com sua última publicação pela editora Suma, com tradução de Thelma Mé dici Nóbrega.

Em *A hora do vampiro*, conhecemos uma cidadezinha do interior do Maine chamada Jerusalem's Lot, que os habitantes abreviaram carinhosamente para Salem's Lot. Jerusalem's Lot tem uma série de excentricidades que somente cidades interioranas têm. Todos se conhecem, todos sabem dos segredos dos demais habitantes, temos aquelas personalidades mais velhas que sabem de toda a história da cidade, mas Salem's Lot tem mais: Salem's Lot tem destruição, pecado e escuridão. Em Salem's Lot viveram pessoas horríveis, que fizeram coisas horríveis, como Hubert Marsten, que era o dono de uma casa na colina da cidade. Existem muitas histórias sobre a casa Marsten, e sendo verdadeiras ou falsas, todos os cidadãos acreditam no seu poder e preferem se manter longe do seu quintal.

Apesar da cidade ser uma das personagens protagonistas, e isso ser uma das maiores qualidades da narrativa de King, a história também é contada a partir dos acontecimentos da vida de Ben Mears. Mears é um escritor que está procurando inspiração para seu novo livro. Viveu alguns anos de sua infância na pitoresca cidade, e decidiu voltar, tanto para exorcizar alguns demônios que o perseguiam, quanto para escrever seu novo romance que, espera ele, seja um tremendo sucesso. Mas a chegada de Ben coincide com a chegada de dois estranhos cavalheiros, R.T. Straker e Barlow, que compram a estranhíssima casa da colina, que não se incomodam (ou acabam sendo atraídos) com o passado maldito do local.

E essa casa da colina tem papel fundamental para os pesadelos de Ben, e é a partir dela que os eventos começam a se desenrolar e iniciam uma série de questões para ele: seria possível que uma casa amaldiçoada atraísse mais o mal do que uma casa normal? Lo-

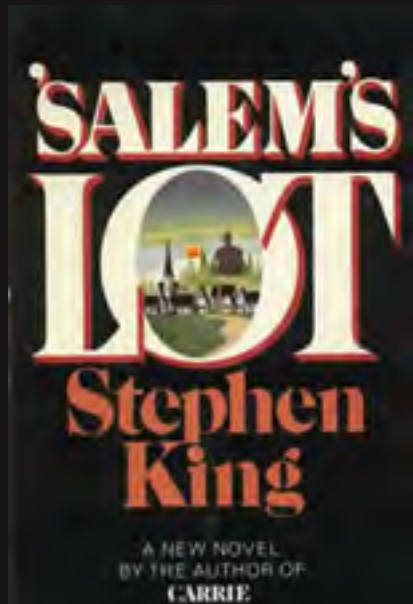
cais realmente guardam energias negativas daqueles que os habitaram antes? Existe algo como um poder recorrente do mal?

King trabalha de forma excepcional com o mito do vampiro, ao dar para Barlow o ar sobrenatural totalmente inspirado no *Drácula*, de Bram Stoker. Suas características no livro, inclusive, são muito parecidas com a primeira versão do filme, de 1931, protagonizado por Bela Lugosi e dirigido por Tod Browning. King evoca a imagem dessa versão do Conde quando diz que ele tem “maças do rosto altas e esclavas, testa branca e ossuda, cabelos pretos penteados para trás”. E, ao fazer isso, dá uma certa proximidade do leitor com algo que ele provavelmente já conhecia: a figura de um vampiro ancião, disposto à tudo para dominar determinado local. No caso de *Drácula*, Londres; no caso de Barlow, a cidadezinha de Salem’s Lot. A diferença aqui é que na história de King nós não temos um Van Helsing para impedir que Barlow vá adiante, mas temos uma casa assombrada que pode aumentar os poderes do vampiro: a casa Marsten.

E é nesse detalhe que King tem um toque que faz com que *A hora do vampiro* seja um dos seus livros mais interessantes, e não somente mais uma história de vampiros: ele traz o mito da casa assombrada, e recorre à figura da casa da colina na cidadezinha de Salem’s Lot. Não por acaso, a epígrafe do primeiro capítulo do livro é um trecho de *A assombração da casa da colina*, de Shirley Jackson, a quem King considera uma das maiores escritoras de horror norte americanas. Reunir uma história de vampiro, com uma casa assombrada e ainda tratar disso no interior no Maine, mas que poderia ser qualquer interior, é um trabalho difícil, do qual King soube trabalhar muito bem.

Sua primeira adaptação para TV ocorreu já em 1979, quatro anos após a publicação original da história. Foi dirigida por Tobe Hopper, diretor consagrado de terror, que também dirigiu *O massacre da serra elétrica* em 1974 e *Poltergeist* em 1982. Com a duração aproximada de três horas, é uma adaptação bastante próxima da narrativa do livro, e evoca cenas interessantes sobre os acontecimentos sinistros em Jerusalem’s Lot.

King escreve em determinada passagem do livro que a base de todos os medos humanos é uma porta entreaberta. *A hora do vampiro* é basicamente isso: uma porta entreaberta ao mundo do terror e à narrativa de King, que trabalha com coragem e maestria tantos elementos em uma história cativante e muito bem construída do começo ao fim.



Sugadores de almas virgens

por Luciana Costa

Sonâmbulos (*Sleepwalkers*)

Direção Mick Garris, 1992. **Com** Mädchen Amick, Brian Krause, Alice Krige e Ron Perlman.

Adolescente se apaixona por um jovem misterioso no colégio, sem saber que ele e sua mãe se alimentam da vitalidade de garotas virgens. Incesto e um toque de erotismo, numa trama surpreendente.

Quando é feita a adaptação de um livro para o cinema, muitos fãs se decepcionam com o resultado. Em alguns casos por ter grandes diferenças em relação aos personagens que imaginaram, em outros, a decepção vem pelo fato de diretor e roteirista se distanciarem muito do original. Felizmente, este não poderia ser o caso de *Sonâmbulos* (*Sleepwalkers*), já que foi o primeiro roteiro escrito pelo rei do terror Stephen King sem ter sido antes uma obra literária publicada. King até mesmo faz uma pequena aparição no filme, como aconteceu dois anos antes em *Cemitério maldito* (1989). O longa conta com a direção do não tão conhecido diretor Mick Garris.

Ao contrário do que o título pode sugerir, aqui, os sonâmbulos não são as pessoas comuns que nós conhecemos que caminham ou falam dormindo. Nesta história, eles são criaturas que se alimentam da força vital de moças virgens. Diferente do livro *A hora do vampiro* (1975) sobre vampiros — que depois teve duas adaptações para as telas —, os Sonâmbulos não se parecem com vampiros, embora seja mencionado que eles deram origem à lenda dos famosos bebedores de sangue. Fisicamente estão mais para lobisomens, possuem vários poderes sobrenaturais e morrem de medo dos gatos. No livro *Drácula* (1897) de Bram Stoker, o vampiro pode assumir a forma de um lobo, talvez esteja aí a inspiração de King, já que ele sempre foi fã de livros de terror.

A trama gira em torno de Charles (Brian Krause) e sua mãe Mary (Alice Krige), que são desta espécie, os Sonâmbulos, e possuem uma relação doentia e incestuosa. Eles acabam de chegar à cidade Travis e estão na caça da próxima vítima. Desta vez a escolhida foi a bela Tanya, interpretada pela atriz Mädchen Amick (*Twin Peaks*). A moça se encanta com o rapaz que passa a estudar em sua escola, sem imaginar que ele é esta criatura assassina. Um fato interessante que acontece aqui, é que até a metade do filme nós vemos as coisas mais através dos olhos dos vilões, suas vidas cotidianas são mais abordadas do que as das vítimas.

Personagem de suma importância é o gato Clóvis, ele está no encaixe dos sonâmbulos. Desde uma das primeiras cenas já descobrimos que a maior fraqueza deles é o arranhão felino. Clóvis é praticamente o líder de um exército de gatos disposto a acabar com os terríveis sonâmbulos. Temos pequenas aparições de atores bem famosos, como é o caso de Mark Hamill (*Star Wars*) e Ron Perlman (*Hellboy*).

O longa faz lembrar *Um lobisomem americano em Londres* (1981). Apesar de ter sido lançado em 1992, seus efeitos especiais são bem precários, parecendo bastante com os utilizados em filmes dos anos 1980 como *Sexta-feira 13*. Temos pequenos furos que devem ser ignorados para que se possa aproveitar esta mistura de terror e aventura que é título obrigatório para os fãs de Stephen King.

A civilização em ruínas

por Thiago Stivaletti

Os estranhos (*The Tommyknockers*)

Direção John Power, 1993. **Com** Jimmy Smits, Marg Helgenberger, John Ashton, Allyce Beasley, Robert Carradine, Joanna Cassidy, Annie Corley, Cliff De Young, Traci Lords, E.G. Marshall e Leon Woods.

Em uma pequena cidade na zona rural dos Estados Unidos, uma estranha radiação começa a emanar da floresta depois que uma romancista encontra e começa a desenterrar um artefato que parece ser uma nave.

Escrito por Stephen King em 1987, *The Tommyknockers: os estranhos*

é um dos livros renegados pelo autor. Segundo declarou em entrevistas, esta foi a última história que escreveu no período em que abusava das drogas alucinógenas. De alguma maneira, isso está refletido na história um tanto psicodélica da pacata cidade de Haven, no estado do Maine, cujos habitantes descobrem um estranho objeto sólido enterrado na floresta ao lado da cidade. Esse objeto, que emite uma misteriosa luz verde, dá poderes especiais às pessoas.

A escritora Bobbi, uma das protagonistas, ganha a capacidade de ler mentes, e sua máquina de escrever começa a redigir seus romances enquanto ela dorme. Porém, como sempre ocorre no universo de King, nenhuma suposta bênção vem sem tomar algo em troca. Aos poucos, Bobbi e os demais cidadãos tocados por essa energia agirão cada vez mais como zumbis, escravos de algo misterioso e muito maior do que eles. O desfecho, que beira as raias do absurdo, envolverá a descoberta de uma nave alienígena enterrada na floresta e as criaturas do título, seus moradores.

Em 1993, seis anos depois de publicado, o livro ganhou uma adaptação do canal americano ABC, sendo exibido como uma minissérie em duas partes — que também pode ser vista como um único filme de três horas. No Brasil, foi lançado em vídeo como *Tommyknockers: tranquem suas portas*. É um produto do seu tempo — não será a menor das curiosidades notar que a caracterização dos Tommyknockers é diretamente calcada nas figuras do Alien e do Predador, sucesso das décadas anteriores.

Críticas à parte, alguns dos elementos recorrentes da obra de King podem ser encontrados aqui. O grande herói da história terá algo do autor: Jim Gardner, marido de Bobbi, é um poeta alcoólatra que, por conta de um acidente do passado, implantou uma placa de metal na cabeça, o que o protege de ter a mente lida pelas criaturas já convertidas à estranha força. Em certa medida, a energia maligna libera pulsões recalçadas dos moradores de Haven. Um exemplo: um avô ensina seu neto a fazer inofensivos truques de mágica. Um dia, numa apresentação para um pequeno grupo de parentes e amigos, o menino usa a energia verde para fazer desaparecer seu irmão mais novo — que efetivamente desaparece, sem deixar vestígios. Uma bela tradução para o mundo fantástico do bom e velho ciúme entre irmãos. Pequenas ambições e traições também estão no cardápio da comunidade e, através da energia maligna, vão acelerar sua ruína.


Com muitas deficiências de direção e atuação, além do desfecho improvável, a minissérie da ABC traz algumas boas ideias interessantes que ajudam a iluminar a trama de Stephen King. E uma delas ganha força à luz do primeiro grande evento de 2021: a invasão do Capitólio americano por uma horda de selvagens fanáticos por Donald Trump. Os dois episódios da minissérie abrem com planos gerais da cidade de Haven e a imagem da estátua de um soldado, provavelmente um dos fundadores daquela comunidade. Quando boa parte de seus moradores já está dominada pela energia *tommyknocker*, ostentando feições de zumbis e atacando seus inimigos, em um dado momento a estátua tomba, simbolizan-

do a ruína da civilização e a ascensão da barbárie. Thomas Hobbes, o filósofo britânico autor do *Leviatã*, não poderia estar mais de acordo.

Ou seja, ainda que de forma menos bem acabada, seja no livro ou em sua adaptação, *The Tommyknockers* preserva o tema central de obras como *Carrie* e *O iluminado*: o maior mal está dentro do próprio homem.



THE
TOMMYKNOCKERS



Quando o mal se alastra pelas faíscas do desejo

por Juarez Guimarães Dias

Trocas macabras (*Needful Things*)

Direção Fraser Clarke Heston, 1993. **Com** Max von Sydow, Bonnie Bedelia, Ed Harris e Amanda Plummer.

Um antiquário abre suas portas numa pequena e pacata cidade. Seu proprietário parece saber o desejo de cada habitante e acaba satisfazendo-os com uma condição: que um morador pregue uma peça no outro. Logo a cidade é tomada por inúmeros incidentes fatais.

Estamos em Castle Rock, uma cidade interiorana localizada em Maine nos Estados Unidos e criada por Stephen King, cujo nome é uma homenagem ao forte de uma montanha do romance *O senhor das moscas* (1954) de William Golding. Castle Rock é uma recorrência na vasta obra de Stephen King, tendo sido cenário para *A zona morta*, *Cujo*, *A metade negra* e inúmeras novelas e contos como *O corpo e Elevação*. Não por acaso, a cidade daria título a *Trocas macabras*, inicialmente batizado como *The Last Castle Rock Story*, mas publicado como *Needful Things* ou *Coisas necessárias* em tradução literal. E é nesta cidade que se desenrola a trama do romance e do filme homônimo, *Trocas macabras*, adaptação de 1993 para a obra de Stephen King, com roteiro de W. D. Richter e dirigido por Fraser Clarke Heston.

Na trama, os habitantes de Castle Rock têm seu cotidiano alterado com a inauguração de uma loja de antiguidades, *Coisas necessárias*, cujo proprietário é um desconhecido forasteiro, Leland Gaut. Personificação do demônio, esse senhor elegante tem como estratégia oferecer, entre os diversos pertences de sua loja, objetos que são especialmente caros a vários dos habitantes e que fazem parte de sua história pessoal, seja num passado recente ou remoto.

Atraídos pela curiosidade sobre a loja, os personagens são impelidos a lidar com seus próprios desejos, materializados nos objetos. Para adquirirem as preciosidades de *Coisas necessárias* e dispendo de pouco dinheiro, são incitados por Leland Gaut a pregarem peças uns nos outros, já que conhece profundamente a alma e a história de cada um e dos conflitos que os movem na pequena cidade. É assim com o adolescente Brian Rusk, a garçonne Niette Cobb, a fazendeira Wilma Jerzyck, o prefeito Danford “Buster” Keaton III, a comerciante Polly Chalmers, menos com o xerife Alan Pangborn, responsável por desvendar os estranhos acontecimentos que acometem Castle Rock.

Em *Trocas macabras*, o fetiche dos objetos é o *leitmotiv* para pensarmos que o mal pode residir nas pequenas ações e gestos, basta uma faísca para incendiar toda uma cidade e promover mortes e destruição, lançando uns contra os outros, sem medirem as consequências. O demônio, aqui não suja as mãos para promover o mal, mas utiliza-se das fraquezas e das ambições humanas para alastrá-lo. O medo, a ganância e o preconceito fazem de Castle Rock uma metonímia para a sociedade, especialmente a norte-americana, marcada pelo consumo, pelo armamento civil e pelo individualismo.

O filme, reconhecido como das melhores adaptações de SK para o cinema, deve agradar em muito aos fãs do autor e do gênero, seja pela construção segura e sem exageros do clima *noir* e de tensão propostos pelo roteiro e direção, pela direção de fotografia, câmeras e trilha sonora, e pelas interpretações consistentes e não caricatas do elenco, com destaque para Max von Sydow (Leland), Ed Harris (Xerife Alan) e Amanda Plummer (Niette). Recomenda-se assistir com as luzes apagadas e em alto volume.

Os pardais voam de novo: reencontrar Stephen King e George A. Romero

por Diego Benevides

A metade negra (*The Dark Half*)

Direção George A. Romero, 1993. **Com** Timothy Hutton, Amy Madigan, Michael Hooker e Julie Harris.

Um escritor de livros de horror adota um pseudônimo. Com o tempo, ele tenta acabar com tal nome, porém este adquire vida própria e começa a ameaçar o escritor e sua família.

Depois de *Creepshow: arrepio do medo* (1982), Stephen King e George A. Romero voltaram a colaborar na adaptação de *A metade negra*, sobre um escritor que se vê ameaçado pela personificação de um alter ego que o auxilia no processo criativo de seus livros. Dois exímios pensadores do horror a partir dos conflitos entre os vínculos humanos, King e Romero rimam a todo tempo, lado a lado, na contação de uma trama que explora as fronteiras do medo e da morte.

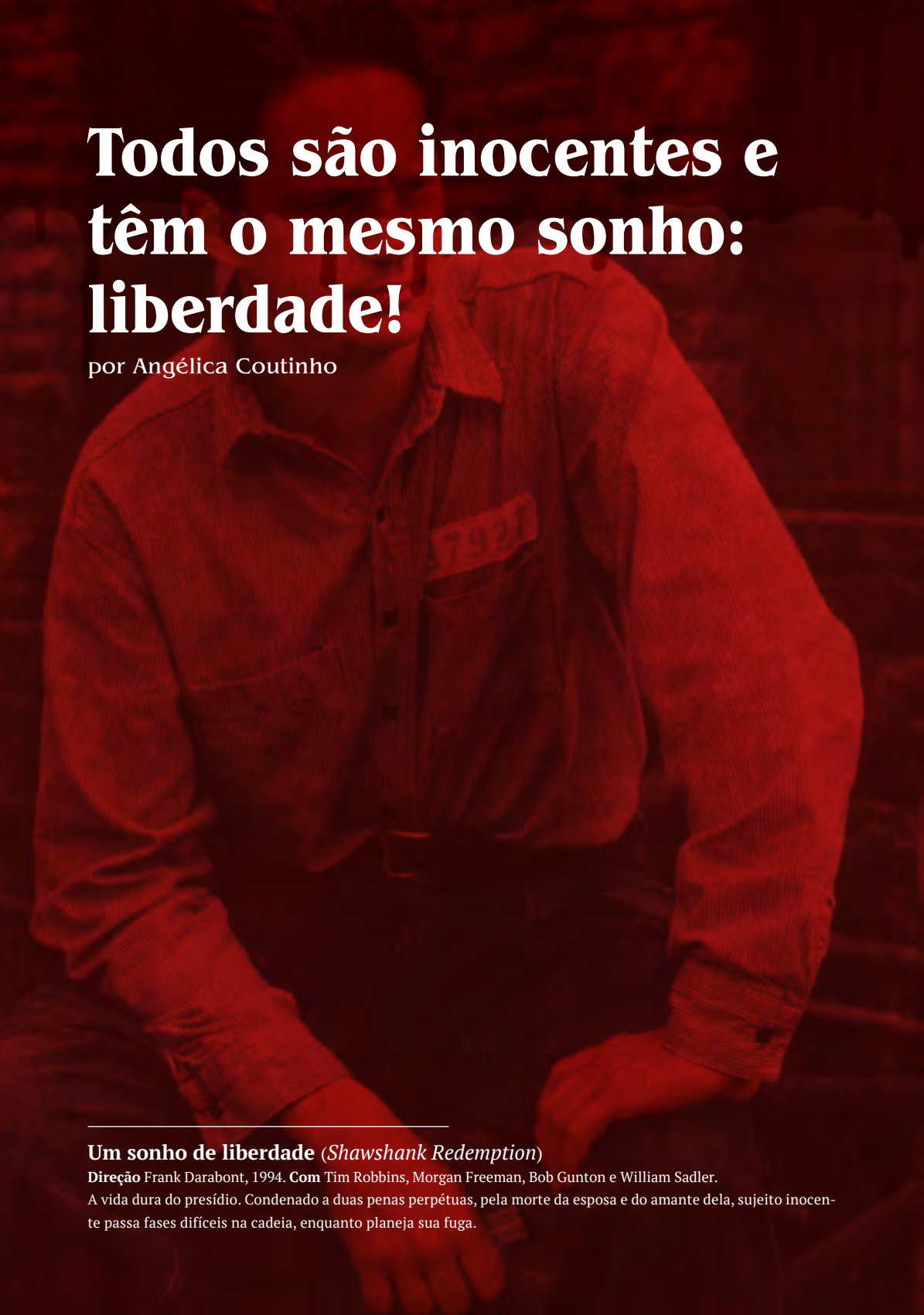
Quando o protagonista Thad Beaumont decide literalmente enterrar o George Stark, pseudônimo que assina seus livros de suspense, uma série de acontecimentos começa a atingir as pessoas que rodeiam o escritor. A relação aparente de comensalismo entre Thad e George começa desde a infância, não apenas no campo imaginário. Ao se submeter a procedimento cirúrgico no cérebro, os médicos encontram uma espécie de tumor que é representado como um olho humano, sugerindo uma fusão carnal entre as duas figuras.

O roteiro, no entanto, evita dar explicações demais tanto para as questões físicas entre Thad e George, quanto para a humanização diabólica deste que, até então, se comportava como um colaborador domável. Parece que o importante para King e Romero é o vínculo antitético que se estabelece em cena, entre o que seria o bom e o mau, a vida e a morte. As relações duplas se entrelaçam durante a projeção, seja com recursos mais óbvios, como os filhos gêmeos do protagonista e toda a tensão do que pode acontecer a eles, ou com a dimensão de dupla camada da narrativa.

O transtorno de Thad ao acompanhar de longe, sem poder fazer nada, seus asseclas serem assassinados por uma entidade que carrega seus mesmos traços físicos e suas impressões digitais colocam em teste as possibilidades de coexistir com um agora inimigo. A ligação entre os dois é sobre-humana e, não importa o que for preciso para resolver o impasse que se instalou, a impressão é de que eles caminham para a destruição ideológica, intelectual e familiar.

Nesse sentido, Romero explora as nuances propostas na obra original de King, tanto trazendo espaço para os desdobramentos do thriller psicológico com pitadas de drama *noir* para estabelecer a paranoia dos personagens, quanto explorando o horror mais gráfico das imagens, ainda que de forma econômica se considerarmos outras experiências do diretor. Os pardais representam um poder da natureza quase divino, fundamental para a suspensão do mistério e para a resolução do caso, uma referência clara e muito bem-vinda à identidade hitchcockiana.

King, que trouxe sua própria experiência de escrever sob pseudônimo no início da carreira para criar *A metade negra*, soa como um personagem extra que nunca aparece em si, mas cujos traços narrativos são tão potentes e subjetivos que o colocam em uma atmosfera mística que comanda as peças daquele jogo. Romero respeita a criação original, mas não se reprime ao também trazer seu olhar autoral incisivo, fazendo deste um reencontro obscuro e inesquecível de duas mentes que podiam existir como uma, assim como Thad e George.

A man in a prison uniform is sitting on a bench. The image is overlaid with a red color. The man is wearing a light-colored, long-sleeved button-down shirt with a name tag that says "1921".

Todos são inocentes e têm o mesmo sonho: liberdade!

por Angélica Coutinho

Um sonho de liberdade (*Shawshank Redemption*)

Direção Frank Darabont, 1994. **Com** Tim Robbins, Morgan Freeman, Bob Gunton e William Sadler.

A vida dura do presídio. Condenado a duas penas perpétuas, pela morte da esposa e do amante dela, sujeito inocente passa fases difíceis na cadeia, enquanto planeja sua fuga.

Um sonho de liberdade (*The Shawshank Redemption*, 1994) conta a história de Andy Dufresne (Tim Robbins), um bem-sucedido profissional do mercado financeiro, que vai para Shawshank cumprir prisão perpétua pelo assassinato da esposa e do amante dela. Composto por um prólogo que nos “conta” o caso e mostra o julgamento, o filme começa efetivamente quando somos apresentados à prisão e o prisioneiro Ellis Redding (Morgan Freeman) assume a narrativa. A partir daí, seguiremos a construção da história pelo seu ponto de vista.

No início, “aprendemos” que, no presídio, todos são inocentes porque assim se declaram. Logo, Andy é igual a qualquer um ao defender-se da acusação de assassinato. O único que se difere ali é Red que assume o crime pelo qual já cumpriu 20 anos da pena, mas nunca consegue ser agraciado com a liberdade condicional, apesar de ter dúvidas se poderia viver fora de “casa”. Ele se sente como um dos “institucionalizados”, sujeitos que passaram muitos anos da vida encarcerados e temem voltar às ruas. E o filme também encarcera o espectador. Depois da chegada de Andy, passamos a viver intensamente a vida do presídio com suas estratégias de sobrevivência, uma das quais capitaneada por Red, o cara que consegue praticamente todos os objetos de desejo dos presos, até cartaz de cinema como o de Rita Hayworth, atriz que é parte do nome da novela adaptada de Stephen King: *Rita Hayworth and Shawshank Redemption*.

Mais do que o cotidiano da prisão — que já foi tema de inúmeros filmes — *Um sonho de liberdade* mostra a construção da amizade entre Red, um institucionalizado, e Andy, que nunca se institucionalizará. E esta resistência só ficará completamente evidente ao final, mas dá pequenas pistas ao longo do filme quando, por exemplo, Andy desafia a autoridade do diretor da prisão, Samuel Norton (Bob Gunton), e liga nos alto-falantes do pátio uma ópera, mesmo que isso venha a custar dias na solitária. No entanto, a maior parte do tempo parece que Andy se adaptou, inclusive, trabalhando para melhorar o bem-estar dos outros e se aproveitando da relação com o diretor para quem ele “lava” dinheiro. O serviço, que parece cômodo, acaba sendo o maior impasse para sua liberdade: ao saber que um homem confessou o crime contra sua mulher e o amante, Andy encontra resistência em Norton para conseguir outro julgamento. O momento da descoberta, o ponto sem retorno da narrativa, agrava sua situação e leva ao assassinato de um amigo que testemunhou a confissão do crime pelo verdadeiro assassino.

No ponto em que tudo nos parece sem saída, somos surpreendidos pela cinematográfica fuga de Andy. O filme se vale do narrador Red que nos conta qual foi a estratégia para conseguir abrir um buraco na parede e alcançar a liberdade. É quando entendemos porque Andy tinha planos para quando Red saísse da prisão e também que é desse tempo futuro que a história é contada. Ou melhor, que tudo que vimos e ouvimos era contado por um Red livre e vivendo no México com Andy.

Um sonho de liberdade fala é da construção de uma amizade e da solidariedade. Mesmo

tendo sido criticado na época de seu lançamento e não ter alcançado sucesso de bilheteria, o filme é considerado até hoje um dos preferidos do público. Tornou-se clássico. Frank Darabont acertou a mão na direção e na escolha da novela a adaptar pela qual pagou 5 mil dólares que nunca foram descontados. Dizem que depois que o filme foi lançado, Stephen King mandou para o diretor o cheque emoldurado com uma mensagem: “Caso você precise de dinheiro para fiança. Amor, Steve”.





O lado certo da batalha

por Antero Leivas

A dança da morte (*The Stand*)

Direção Mick Garris, 1994. **Com** Gary Sinise, Molly Ringwald, Jamey Sheridan e Laura San Giacomo.

Uma mutação do vírus da gripe espalha-se mortalmente por inúmeras regiões dos EUA. Dois grupos de pessoas mostram-se imunes. Um, sonha com uma velha senhora num milharal e outro sonha com um ser diabólico. É chegada a hora de escolher de qual lado, se vai lutar.

Stephen King é um escritor que não sai do cinema. Suas obras e até ele mesmo, dão-nos a impressão de que nunca saem das telonas e telinhas. Adaptações ocasionalmente com algumas características específicas: a reunião de grupos em torno de um bem (ou um MAL) comum, a exemplo de *Conta comigo, It, Uma fenda no tempo...* Outras vezes com pitadas religiosas: *Carrie, a estranha; À espera de um milagre, Cemitério maldito...* Participações físicas em suas obras: *Creepshow, Sonâmbulos* e *O iluminado* (versão de 1997). E finalmente, muitas e muitas páginas literárias, como o próprio *It, O iluminado, Na hora da zona morta...* Por vezes torna-se menos complexo adaptar de seus livros de contos, pois contém, quando muito, 50, ou no máximo 80 páginas de texto... O que definitivamente não é o caso de *A dança da morte*, calhamaço de 1248 páginas... Nas mãos de diretores preocupados em abordar detalhes do livro, só resta uma solução: a minissérie para a TV de 1994. E aqui estão todos os elementos ocasionais do escritor: a religião cristã, o grupo que vai se sacrificar para derrotar o mal, a sua aparição de praxe e extensos 360 minutos para contar o drama de horror dividido em títulos, narrando mais um pós-apocalipse: desta feita, uma praga laboratorial que extermina 99% da população do mundo, tornando o planeta, de um dia para o outro, um deserto com meia dúzia de ‘gatos pingados’ aqui e ali. E desses gatos pingados parte está de um lado, parte está do outro. Uma espécie de democracia coletivista habitada pelos excessivamente bem-intencionados enquanto o oposto é uma ditadura pobre em recursos que cuida da corrupção e das satisfações carnisais. Universo que se polariza sobremaneira, tal realidade tão reconhecida por nós.

A direção de elenco impressiona pela quantidade de gente: Gary Sinise, Molly Ringwald, Rob Lowe, Laura San Giacomo, Ossie Davis, Ruby Dee... Todavia, tal e qual o Indiana Jones em *Os caçadores da arca perdida*, o filme prescindiu de seus personagens, isto é, tudo iria acontecer com eles ou sem eles no meio.

De qualquer forma, eis aqui uma fantasia épica carregada de simbolismos: o corvo negro representando a morte; a gripe mortal que pode ser a AIDS ou um resultado sombrio do uso recreativo de drogas (embora a série seja de 1994, o livro é de 1978). *The Stand*, no original, mostra a sua versão de fim de mundo, com direito a Deus e o diabo na Terra, etc e tal. Dirigido por Mick Garris, ele próprio um escritor de terror e este não é seu primeiro encontro com King: Garris também dirigira o elegante, *Sonâmbulos (Sleepwalkers, 1992)*, mas *A dança da morte* é sua, quiçá, obra máxima e dividida em quatro episódios: *A praga (The Plague)*, *Os sonhos (The Dreams)*, *A traição (The Betrayal)* e *A prontidão (The Stand)*. Não há os habituais ritmos constantes e previsíveis de uma minissérie normal. Suas cenas são de tamanhos irregulares e, às vezes, personagens importantes desaparecem por horas. A estrutura inesperada, espécie de esperta confusão, age em benefício do suspense, porque qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento. E como revisões estão sempre em voga, uma nova versão de *The Stand* foi ao ar pela TV em 2020, sob a direção de Josh A *culpa é das estrelas* Boone e com um elenco, no mínimo, interessante: Whoopi Goldberg,

James Marsden, Greg Kinnear, Amber Heard e outros. Espera-se um maior capricho técnico nesse conto pós-apocalíptico de duas cidades e que, dentre mortos e feridos, no fim, a exemplo da primeira versão, deixe-nos uma mensagem de esperança, ainda mais se ainda estivermos vivendo aprisionados em tempos tão surreais...

STEPHEN KING'S
THE
STAIID
THE ORIGINAL MINI-SERIES



Uma história de horror fora do sobrenatural

por Ana Rodrigues

Eclipse total (*Dolores Claiborne*)

Direção Taylor Hackford, 1995. **Com** Kathy Bates, Jennifer Jason Leigh, Judy Parfitt e Christopher Plummer.

Uma jornalista investiga a vida de uma viúva suspeita de matar duas pessoas. Mal sabe ela que isso provocará mudanças em sua própria vida.

A obra de Stephen King é notabilizada pelo sobrenatural, mas se pensarmos nas histórias de sucesso literário e cinematográfico dele como *Um sonho de liberdade*, *Louca obsessão* e *Conta comigo* que não seguem esse caminho, encontramos igualmente o horror. Em *Eclipse total* (1995), dirigido por Taylor Hackford, a tragédia de Dolores Claiborne (Kathy Bates) explora temas como a violência contra a mulher, o abuso infantil e os traumas provocados por essas perversidades. O horror ganha o ingrediente investigativo na trama que envolve também a filha de Dolores, a jornalista Selena (Jennifer Jason Leigh). King criou uma história de grande teor dramático envolvendo duas mulheres na tentativa de sobrevivência em relação ao passado e ao presente.

Dolores é empregada doméstica de uma mansão na costa do Maine. Ela e a filha não se veem há 15 anos. Selena vive em Nova York e recebe uma mensagem com uma matéria de jornal local mostrando que a mãe é suspeita de um assassinato. Uma cena mostra Dolores cuidando de uma idosa doente e as sombras na parede indicam que ela empurrou a senhora em uma escada. A patroa agoniza e pede que a empregada acabe com o sofrimento dela. Dolores pega um rolo de massa na cozinha para dar fim à mulher. Ela é flagrada por um carteiro. A questão é: o que a plateia viu no cinema ou o que o carteiro viu, é exatamente o que a cena mostra?

A habilidade do roteiro do premiado Tony Gilroy (*Conduta de risco*, *O abutre*) é afinar em imagens a rica trama literária. A patroa Vera Donovan (Judy Parfitt) era exigente e vaidosa. Dolores trabalhou muitos anos para ela e sofria com o exagerado perfeccionismo no cuidado com as coisas da casa. Há, portanto, uma sugestão de que Dolores tinha mágoa de Vera. Mas o maior desafio ainda é a relação com Selena. A filha vive a base de bebidas, comprimidos e cigarros. Há frieza na relação entre mãe e filha. O passado revelará por quê?

O filme mostra, aos poucos, um personagem do passado das duas. Joe (David Strathairn) marido de Dolores e pai de Selena era um bêbado que batia na mulher. Somente duas atrezes do talento de Bates e Leigh e uma história tão bem construída poderiam tornar crível esse melodrama de dores tão profundas e atitudes extremas. Stephen King ficou tão encantado com a atuação oscarizada de Bates, em *Louca obsessão*, outra adaptação de obra dele para o cinema, que escreveu a personagem Dolores pensando nela para atuar. É curiosa a forma como os estereótipos são trabalhados e desconstruídos em *Eclipse total* e a contribuição de Kathy nessa gangorra dramática.

A fotografia do mexicano Gabriel Beristain explora o presente azul-acinzentado da casa precária de Dolores e a relação dela com a filha. Já o passado é alaranjado como reminiscência de uma época que poderia ser feliz. O eclipse que acontece em cena é literal e simbólico. Os significados se refletem na fotografia, design e na história de cada personagem com duas faces e muitas descobertas.

Mais uma sobre o tempo

por Antero Leivas

Fenda no tempo (*Stephen King's The Langoliers*)

Direção Tom Holland, 1995. **Com** Patricia Wettig, Dean Stockwell, David Morse e Bronson Pinchot.

Em um voo rotineiro de Los Angeles para Boston, dez passageiros que dormiam, ao acordarem descobrem que são as únicas pessoas no avião. Mas o pior ainda está por vir.

Os seres humanos sempre viajaram hipoteticamente pelo tempo, mentalmente falando. Somos capazes de pensar no passado, presente e futuro apesar de vivermos no presente. O astrofísico Ron Mallett postula que, distorcendo o tempo em um *loop*, é possível viajar do futuro de volta ao passado — e depois de volta ao futuro. A ideia de um buraco de minhoca, uma espécie de túnel com duas aberturas nos conduziria. Mas e as realidades paralelas onde se enquadrariam? Talvez sejam realidades espalhadas pelo cosmo com sua própria linha de futuro ou de passado. Stephen King gosta de cogitar tais trajetórias mesmo que se incluam monstros no meio do drama. E paremos por aqui para não dar *spoiler*. Mais do que já demos...

O roteiro de Tom Holland e do próprio autor Stephen King baseado em mais um calhamaço de si próprio, menos afeito ao horror que à ficção científica (a coleção de novelas *Depois da meia-noite* de 763 páginas) e, talvez por isso, um tanto mais simplório que o comum aborda o seguinte...

Num vôo rotineiro entre Los Angeles e Boston, dez passageiros despertam para notar a falta da tripulação e do restante de pessoal num avião que havia partido lotado. Onde estarão todos?

A direção do especialista no tema (*A hora do espanto* e *Brinquedo assassino* original, entre outros) Tom Holland, e é importante não confundir com o ator que vive O Homem-Aranha, não está tão firme como de costume e o número de personagens parece um tanto extenso para a contida mão do cineasta. Entretanto a originalidade do enredo ajuda em muito a falta de carisma de parte do elenco e quaisquer limitações que possam ocorrer e a minissérie de 1995 feita para a TV (em dois episódios de uma hora e meia cada) sustenta o peso da obra e carrega o mistério com maestria até sua surpreendente (e um tantinho exagerada) conclusão. De qualquer maneira vale visão e revisão mesmo que esta fuja dos recursos comuns de viagem no tempo, como a princípio possa se supor. Ah, sim... E o que são os tais *langoliers* do título original? Pois é, vejam o filme e leiam o livro, afinal é King. E isso basta!

Máquina mortífera

por Wallace Andrioli Guedes

Mangler, o grito do terror (*The Mangler*)

Direção Tobe Hopper, 1995. **Com** Robert Engund, Ted Levine, Daniel Matmor e Vanessa Pike.

Numa pequena cidade, coisas estranhas acontecem na lavanderia local. Uma máquina ganha vida e provoca terror.

Um policial decide entrar em ação, nem que para isso tenha que limpar os maus espíritos.

O mote das máquinas possuídas por demônios remete imediatamente a *Christine, o carro assassino* (1983), também baseado numa história de Stephen King. No entanto, *Mangler, o grito do terror* (1995) passa longe da elegância de John Carpenter: Tobe Hooper faz uma opção bastante consciente pelo exagero, recheando o filme de aparições cartunescas. O vilão interpretado por Robert Englund é o caso mais extremo nesse sentido, claro, mas o fotógrafo policial (Jeremy Crutchley) e, em menor medida, o protagonista (Ted Levine) também parecem saídos diretamente de uma HQ *pulp*.

Baseado num conto de King, *Mangler* não é um filme que prima exatamente por um desenvolvimento bem articulado de sua trama. Hooper chuta o pau da barraca e trata o enredo investigativo com imenso desleixo. Importa realmente ao diretor investir nas várias cenas de morte, com a máquina assassina do título, uma imensa passadeira de uma lavanderia industrial, devorando um a um os personagens.

E Hooper não só se diverte muito nesses momentos como também revela, novamente, sua grande capacidade de criar imagens impactantes, que permanecem impregnadas na memória do espectador – trata-se, afinal, do diretor de *O massacre da serra elétrica* (1974) e *Poltergeist* (1982). A primeira devoração, ainda nos momentos iniciais do filme, já é marcante pela brutalidade e por soar como uma releitura pervertida e apavorante da clássica cena de *Tempos modernos* (1936) em que Charles Chaplin é engolido pela esteira de produção e passeia pelo interior do maquinário da fábrica. No epílogo há outro momento semelhante, também impressionante pela violência que carrega. E o próprio design da máquina assassina, de textura orgânica, como que saída de um filme de David Cronenberg, reforça essa percepção do cuidado de Hooper com o visual de seu filme.

Também vale destacar a efetividade da concepção do ambiente da fábrica como um espaço insalubre e totalmente afeito ao horror. Desde o primeiro instante de *Mangler* o diretor estabelece um ritmo narrativo insano que casa perfeitamente com a representação carregada da rotina daquelas operárias. A proximidade com *Tempos modernos*, portanto, não é fortuita: esse é também um filme crítico ao capitalismo industrial e aos velhos poderes que perduram, ainda que essa crítica acabe diluída na relação exacerbada de Hooper com os códigos do gênero em que trabalha.

Biblioteca Stephen King

A dança da morte: o folhetim sombrio do Maine para o mundo

por André Vianco

Meu encontro com Stephen King não foi planejado. Aconteceu de suas obras acabarem pulando no meu colo pelas mãos de dois amigos meus, os irmãos Pinkovai, que sempre foram adoradores desse gênio do terror. Na época eu tinha 17 anos e eles sabiam que eu era um ávido devorador de livros, não importava o tamanho e nem o gênero, além de um tímido e pretensioso escritor de pequenos ensaios para o que um dia seria chamado de obra.

Por conta disso, Christian me emprestou — com uma longa lista de recomendações e pedidos repetidos para que eu devolvesse o livro — um exemplar de *Quatro estações*, que reunia contos e noveletas que já expunham a exuberância do autor. Pode parecer uma curiosidade, mas o texto que me costurou a King para sempre foi o habilidoso, tocante e humano *Rita Hayworth e a redenção de Shawshank*.

Stephen King é um dos maiores e mais habilidosos ficcionistas contemporâneos e continua produzindo. Lá atrás, *Shawshank redemption* teve uma adaptação sublime para o cinema e (tudo bem, sou muito fã!) acredito que seja uma das melhores traduções de obra literária para o mundo do audiovisual, e teve um título que provavelmente vai ativar a memória de muitos: *Um sonho de liberdade*, com Tim Robbins e Morgan Freeman. O longa metragem mostra como a amizade de dois homens foi forjada no cárcere. O protagonista da noveleta, Andy Dufresne, é condenado por um crime que não cometeu (não é um *spoiler*, segura a onda!) e, pronto, aí está o palco desse drama vivido entre tijolos, concreto, barras de aço e humanidade.

Falei de amigos duas vezes até aqui e vou falar mais. A amizade e a lealdade, ou os desvios da traição, são a massa que liga os tijolos com os quais King levanta seu castelo de *storyteller* para toda uma geração. Tão conhecido como “mestre do terror”, na realidade Stephen King é um apaixonado por falar de gente e de como essa gente se imbrica, se mistura e segura na mão de quem confia nele até o fim, para sua glória ou sua desgraça. Mais humano que isso impossível.

O terror está lá, como pano de fundo para muita coisa que ele cria, como agente catalizador de crises e exposição do caráter das pessoas que habitam seus mundos e, insisto, da recorrente e quase obcecada busca por mostrar as diferentes faces e possibilidades dos laços de amizade e confiança que é sublime em seu quase ingênuo sucesso *Conta comigo*, e também em *Louca obsessão*, *Cemitério maldito*, *A torre negra*, *It*, *Celular* e acrescente aqui uma lista (quase) sem fim.

Perdoe a empolgação deste escritor de Osasco, mas escrevo aqui na qualidade de fã desse criador de histórias, e isenção não fazia parte do *briefing* para este texto. A ideia era contar como descobri o terror de King e me apaixonei pelo gênero. Digamos que o mestre me aplicou um golpe rasteiro. Ele embebia sua obra em rotinas de folhetim, e eu fui desde muito cedo amante do formato, e cresci lendo Victor Hugo, Maria José Dupré, Alexandre Dumas, Marcos Rey, Thomas Mann e Henry James. Encontrei, portanto, irmandade

com esse cara do Maine que gosta de olhar para as sombras como ninguém. Bem, o Maine já é outra história...

Meu primeiro ingresso no terror de King foi com o imenso *A dança da morte*, no qual os Estados Unidos (leia-se o mundo todo) se dissolvia frente a um vírus letal que tirava a vida dos humanos em poucos dias e foi batizado de “Capitão viajante” (personagem e encarnação do medo recorrente na obra do escritor). Seu poder de criação e de materialização de um apocalipse viral (que aconteceu também em *Celular*) diante dos olhos do leitor foi impactante e eletrizante. Aos 17 anos, eu nunca tinha lido nada tão viciante quanto esse livro e fiquei cativo daquela história por alguns dias.

Logo depois do ápice do cataclisma global, veio o longo trecho pós-apocalíptico e, de novo, a compressão das relações e de como os sobreviventes refizeram famílias com o rescaldo de gente que tinha subsistido ao vírus mortal, trazendo também todos os *beats* que tornaram esse livro uma obra antológica para os amantes do terror e da fantasia, com personagens proféticos, vaticínios, loucura e uma contagem regressiva para um novo incidente apoteótico. Difícil resistir.

Existe também uma obra escondida no mundo desse escritor, mais desconhecida, e que passou despercebida por muitos de seus leitores, talvez por não ter um protagonista comercialmente apelativo e trazer um *plot* menos sedutor. Mas para mim se tornou, dentre seus romances, o meu favorito. Estou falando de *Insônia*. Ambientado em Derry, no Maine, conta como Ralph Roberts, um senhor aposentado, vai perdendo a capacidade de dormir, depois que sua esposa morre, e ele começa a ver coisas pelas ruas pacatas da cidade onde sempre viveu. Não é esquizofrenia e nem outro distúrbio psiquiátrico, Ralph vê mesmo entidades que estão se conectando com seus vizinhos e amigos e manipulando os cidadãos de toda a cidade.

Insônia, assim como *A dança da morte*, é um livro longo, só que enreda devagar e, talvez por isso, alguns leitores desistam antes da hora, antes de o caldo engrossar. Mas eu aconselho: confie no mestre do Maine. Todas as camadas que ele sempre usa para nos seduzir estão lá. Para quem gosta de escrever, é uma aula de apresentação de personagens e de enredo. Fica a dica. Para mim a lição ficou. Stephen King e todos os outros professores do folhetim rasgaram um caminho em meu coração, e foi como se dissessem: “Vai menino! Vai também contar seu folhetim sombrio!”.



A maldição: **vingança e castigo**

por Ana Carolina Garcia

A maldição (*Thinner*)

Direção Tom Holland, 1996. **Com** Robert John Burke, Joe Mantegna e Lucinda Jenney.

Advogado obeso atropela e mata um cigano e graças à sua influência escapa de cumprir algu-ma pena. O problema é que a família do cigano roga uma praga para que ele perca peso... mas de uma maneira fatal.

Responsável por clássicos cult como *A hora do espanto* (*Fright Night*, 1985) e *Brinquedo assassino* (*Child's Play*, 1988), Tom Holland assumiu a direção de um projeto baseado na obra de Stephen King pela primeira vez em 1995, mas na televisão, na minissérie *Fenda no tempo* (*The Langoliers*, 1995). Este trabalho lhe rendeu a oportunidade de dirigir e roteirizar *A maldição* (*Thinner*, 1996), adaptação do livro homônimo do escritor.

No filme, que conta com uma participação especial de King como um farmacêutico, Billy Halleck (Robert John Burke) é um advogado obeso que não consegue vencer a balança porque come por compulsão. Numa noite, Billy atropela uma cigana idosa e, para se livrar da acusação de homicídio culposo, acerta um esquema com o juiz e um policial. Inocentado no tribunal, é amaldiçoado por Tadz Lempke (Michael Constantine), cigano de 106 anos sedento por vingança, e começa a emagrecer rapidamente, até beirar à morte.

Assinado por Holland e Michael McDowell, o roteiro se desenvolve de forma linear, tratando as tramas secundárias de modo a complementar o drama de Billy, cada vez mais atormentado pelo medo da maldição. Assim, aborda prioritariamente as transformações psicológicas e físicas do protagonista, mostrando como a situação sem nenhuma solução aparente ou viável potencializa suas falhas de caráter, degradando-o moralmente dia após dia.

Indicado ao Saturn Award de melhor maquiagem para Greg Cannom, que bebe da fonte da obra de George A. Romero, concedido pela Academia de Cinema de Ficção-Científica, Fantasia e Horror, *A maldição* é uma das adaptações cinematográficas de livros de Stephen King menos lembradas pelo público. Isto se deve em parte à opção de relegar o mistério ao segundo plano em prol do drama de Billy, cuja vida familiar desmorona à medida que a maldição o domina. Mesmo assim, corrobora a autoralidade do cinema de Tom Holland, que se apropria de elementos trash, inserindo o grotesco como parte fundamental da narrativa. E o grotesco, aqui, se manifesta não apenas nas transformações físicas dos personagens e nas cenas de violência gráfica que lhe dão roupagem de produção gore, mas também no que tange ao consumo de alimentos.

Com isso, Holland explora a voracidade de Billy à mesa e a utilização de uma simples torta de morangos como instrumento de vingança. E em ambas as situações o objetivo do diretor é um só: despertar no espectador o sentimento de repulsa, algo que é fortalecido pelos movimentos da câmera, sobretudo na sequência do jantar do protagonista na companhia da filha adolescente, que aposta tanto nos planos mais abertos para mostrar os alimentos sobre a mesa quanto nos mais fechados, focando na mastigação para representar a compulsão de Billy.

Classificado como fantasia e horror, *A maldição* é, na verdade, um drama sobre vingança e castigo numa pequena comunidade que tem o preconceito e a corrupção arraigados e institucionalizados.

O iluminado: a história contada pelo próprio autor

por Anderson Horta



O iluminado (*The Shining*)

Direção Mick Garris, 1997. **Com** Steven Weber, Rebecca De Mornay, Courtland Mead, Melvin Van Peebles e Elliott Gould. A adaptação mais fiel do livro de Stephen King. Produzido para a TV. Escritor em recuperação de alcoolismo torna-se o zelador de um hotel amaldiçoado, levando consigo a esposa e o filho.

Depois da famosa produção cinematográfica de Stanley Kubrick de 1980, pela qual, diga-se de passagem, o próprio Stephen King parece não nutrir tanta simpatia, o livro *O iluminado* ganhou uma adaptação para televisão em formato de minissérie em 1997. Dessa vez King acompanhou tudo mais que de perto, sendo roteirista e produtor, além de fazer uma aparição diante das câmeras, como o maestro da orquestra fantasma durante o sinistro baile dos mortos.

Fato é que as diferenças são muitas entre as duas produções, indo da substituição do icônico machado empunhado pelo enlouquecido Jack (Steven Weber) por um taco de croquet ao destino do cozinheiro também dotado de poderes sobrenaturais, Dick (Melvin Van Peebles). Na versão televisiva, a história ganha, ainda, uma maior profundidade humana, mostrando em detalhes as características dos personagens que explicam suas ações e reações em meio aos eventos aterrorizantes vividos por eles dentro do Hotel Overlook. A personalidade do pretense escritor e ex-professor, Jack, que se torna zelador de inverno do hotel, é mais bem explorada, deixando toda a sua tendência a arrogância e violência à mostra, ainda que de maneira contida no início da trama. Características essas que não deixam de se sustentar dentro da narrativa, como sua relação conturbada com um pai também violento, que o assombra como um modelo que termina por ser reproduzido antes mesmo de qualquer evento sobrenatural. O alcoolismo de Jack é mostrado como um gatilho, uma fenda em suas boas intenções pela qual seus demônios internos podem sair quando provocados pelos fantasmas do hotel, permitindo que o pai e marido torturado entre o desejo de cuidar de sua família e sua natureza nada estável seja manipulado pelo mal que domina o lugar.

Enquanto isso, Wendy (Rebecca De Mornay) é a esposa e mãe que, embora atenciosa, acaba por se comportar de forma permissiva diante das ações do marido. Mesmo depois de diversos episódios em que a violência de Jack é revelada, a recusa da dona de casa em encarar tais problemas com mais que ameaças vãs de ir embora expõe a ela mesma e a seu pequeno filho a um perigo constante. Sua recusa em lidar com esse perigo e sua escolha insistente em permanecer ao lado do marido e manter seu casamento também se estende aos acontecimentos fantasmagóricos que acontecem à sua volta dentro do Overlook. Uma tentativa de não enxergar o mal para que tudo permaneça bem é o que leva a linda moça a um destino aterrorador na história.

Já o pequeno Danny (Courtland Mead) é uma criança centrada e muito madura para sua idade, por vezes, mais que os adultos a seu redor. Ele é resiliente e quer apoiar o pai adocido, mas as entidades do Overlook se nutrem de seus poderes paranormais e ficam cada vez mais fortes, causando mais e mais problemas para sua família. Claro que essa maturidade toda nem sempre o impede de se comportar como criança e desobedecer às regras por curiosidade ou falta de senso de consequências, o que também o expõe aos maléficos fantasmas na trama.

O assunto central da história termina por ser as relações familiares ou a própria estrutura dessa instituição. O que faz todo o sentido no contexto em que nasce o livro original, escrito por King em 1977, final da Era de Ouro, quando se começa a perceber mais claramente o clima de derrocada das convenções mais estáveis em consequência das transformações que vinham acontecendo por toda parte. A impermanência já tomava conta da cena social e seu maior astro é o individualismo, justamente o elemento mais corrosivo às já gastas bases da tradição.

Por fim, a minissérie vale cada um dos 273 minutos de sua extensão, dando direito a muita tensão, momentos assustadores, lições de humanidade e reflexões. Os fãs de Kubrick que me perdoem, mas essa produção vai além da marca alcançada pelo filme, inclusive dando um final bem mais interessante. Há que se assistir para conferir ;)

STEPHEN KING'S THE SHINING



Voo noturno: o vampiro de notícias

por Raphaela Ximenes

Voo noturno (*The Night Flier*)

Direção Mark Pavia, 1997. **Com** Miguel Ferrer, Julie Entwisle, Dan Monahan e Michael H. Moss.
Repórter sensacionalista investiga um *serial killer* de pilotos que bem pode ser um... vampiro!

“Voo noturno” (*The Night Flier*) é um conto escrito por Stephen King que foi publicado em 1993 na coletânea *Pesadelos e paisagens noturnas*, e que virou filme em 1997 dirigido por Mark Pavia. É uma história que funciona perfeitamente bem em tempos de fake news, quando cada vez mais as notícias fabricadas se misturam às informações verdadeiras, criando um fenômeno perigoso onde uma maioria acredita nas maiores atrocidades, oposto ao que é verdadeiro.

Stephen King cria histórias de terror em cima de atrocidades reais e as usa como crítica social ao tempo em que se vive. Ao revisitar suas obras percebemos como o mundo muda muito pouco e *Voo noturno* é uma excelente amostra disso. Quando King escreveu o conto, no início da década de 1990, os tabloides sensacionalistas tinham força e muitas pessoas consumiam as besteiras fabricadas que eles publicavam como notícias verdadeiras. O conto é curto, com um pouco mais de 40 páginas e acompanha a incessante busca de Richard Dees pelo misterioso *serial killer* que voa num Cessna Skymaster apenas a noite, para escrever uma matéria para o tabloide sensacionalista, “Inside View”. O filme pega a premissa de King, aumenta um pouco a trama e cria outros personagens, além de aprofundar mais a persona de Dees, que é vivido por Miguel Ferrer. Richard Dees é o repórter com mais matérias de capa do tabloide, há muitos anos, e sua principal estrela, mas ele está perdendo o jeito e precisa de uma nova história de capa. Quando a repórter novata, Katherine Blair, descobre sobre um *serial killer* que mata pessoas em pequenos aeroportos no interior do norte do país, apenas a noite, Dees convence seu editor a dar a história a ele.

Dees não tem escrúpulos e criou uma carreira em cima dessa sua característica. Deturpa depoimentos, aumenta fatos, ao inventar que o assassino é um vampiro, e até profana um túmulo para poder ter uma foto mais aterrorizante para sua matéria. Há de verdade um vampiro na história de King, mas o elemento sobrenatural normalmente não é o objeto principal de suas histórias, ele os usa como uma alegoria sobre o que realmente quer falar. Aqui o verdadeiro vampiro é Richard Dees, um homem que criou fama em cima de mentiras e notícias fabricadas, que prejudicaram pessoas e que são tão nocivas quanto as mortes causadas pelo misterioso piloto noturno assassino. Uma história que funciona muito bem em 2019, infelizmente, quando as notícias fabricadas estão sendo combatidas com mais força porque ganharam um poder muito maior do que Richard Dees poderia algum dia imaginar em sua vida. *Voo noturno* é um filme e uma história menos conhecidos de King, que merece maior destaque exatamente por ainda ser tão atual e se encaixar com perfeição aos tempos que vivemos.

O aprendiz e sua triste atualidade

por Rita Ribeiro

O aprendiz (*Apt Pupil*)

Direção Bryan Singer, 1998. **Com** Ian McKellen, Brad Renfro, Joshua Jackson, Mickey Cottrell e Michael Reid.

Um jovem descobre-se fascinado pela história do nazismo, até que esse fascínio assume conotações perigosas, quando ele descobre que um velho vizinho é um comandante nazista procurado pela polícia.

O Ministério da Saúde registrou 17.386 casos de violência em que a motivação principal foi a condição de situação de rua da vítima entre 2015 e 2017. Só por esse dado o filme *O aprendiz* já poderia ser considerado atual. A história faz parte da coletânea de novelas *Quatro estações*, publicada em 1982. Nelas Stephen King se dedica ao horror que permeia o cotidiano. Os monstros que normalmente transitam em suas histórias se disfarçam em seres humanos normais. Tão normais como o garoto Todd Bowden. Um autêntico exemplar americano: loiro, saudável, esportista, brilhante aluno, filho de pais casados e equilibrados. Com um futuro brilhante pela frente. E uma enorme curiosidade que o leva, depois de ver algumas revistas que abordam as atrocidades alemãs na Segunda Guerra, a se deparar com um fugitivo nazista.

O interesse do garoto pelo velho Kurt Dussander ultrapassa os limites do que se convencionava entender por normalidade. Bowden se compraz com as histórias perversas do ex-oficial, responsável pelo extermínio de milhares de judeus. Dussander, por sua vez, se vê aprisionado na teia criada pelo garoto, que ameaça entregá-lo às autoridades, caso não faça os seus desejos e conte cada pormenor das pavorosas experiências ocorridas no campo de concentração.

A relação mórbida que se estabelece entre ambos oscila entre a repulsa e o fascínio que sentem um pelo outro. Enquanto Dussander odeia o garoto (ele nunca se refere a ele pelo nome), ao mesmo tempo se sente lisonjeado e fortalecido em seu desejo assassino. E Todd despreza o alemão, mas não consegue se distanciar deste.

No entanto, o que o espectador presencia é um jogo de gato e rato. Enquanto Bowden ameaça Dussander, ao mesmo tempo se vê preso a ele. O fascínio do garoto pelas histórias logo começa a se manifestar em suas ações. E o nazista, incentivado pelas narrativas também se rende aos seus instintos. As vítimas? Moradores de rua. Aqueles que ninguém dá falta. Assim como acontece ainda hoje.

A adaptação para o cinema lançada em 1998, dirigida por Bryan Singer conta com a presença magistral de Ian McKellen no papel de Kurt Dussander contracenando com Brad Renfro como o garoto, num jogo em que todos só podem sair perdedores.

Enquanto isso, para a família Todd é o filho dos sonhos. Isso nos leva a outra questão. Não seria assim que os pais dos jovens que promoveram o massacre na escola de Columbine e em diversas outras, inclusive aqui no Brasil, veem seus filhos? Vivemos um momento muito delicado quando partidos nazistas renascem com força em muitos países. Os extremismos seduzem os jovens, cada vez mais desapontados com o futuro sem perspectiva. Num cenário assim, quantos Todd Bowden podem ser produzidos? *O aprendiz* mostra como o caráter, por mais que as famílias possam se esforçar, vem da pessoa. As escolhas que fazemos e suas consequências podem trazer prejuízos incalculáveis.

E no fundo sabemos que ninguém conhece o que se passa dentro da cabeça do outro. A história é um alerta para os pais, que, cada vez mais, preferem entregar bens materiais a

seus filhos como compensação para sua negligência, ou ausência. Mas é também um alerta para os riscos que corremos diariamente ao negligenciar a história. Porque, por mais que os rastros sejam apagados, um dia a verdade ainda virá à tona.

Stephen King conhece o coração dos homens. Você conhece bem o seu?



Ian McKellen

Brad Renfro

TRISTAN MULLER FILM

APT PUPIL

*If you don't believe in the existence of evil,
you've got a lot to learn.*

Um Rei nos Arquivos X

por Antero Leivas

Arquivo X: Feitiço (*The X Files: Chinga*)

Direção Kim Manners, 1998. **Com** David Duchovny, Gillian Anderson, Susannah Hoffman e Jenny-Lynn Hutcherson. Roteiro do episódio de Stephen King, para série icônica dos anos de 1990. O título do episódio é um coloquialismo espanhol para o termo "Feitiço". A história de uma terrível boneca amaldiçoada e a destruição causada por onde quer que ela passe.

Deixando as hipóteses de lado, a série de TV *Arquivo X* (*The X-Files*) criada por Chris Carter nos idos já remotos de 1993, é uma das maiores (em tamanho e qualidade) produções de todos os tempos. Lançou moda, criou legiões de fãs e carregou a honra de que ninguém jamais imitou nem superou a química entre Fox Mulder (David Duchovny) e Dana Scully (Gillian Anderson), seus protagonistas. É uma daquelas paixões eternas tipo *Star Trek* ou *Além da imaginação*... Pelo menos o era, até fins da década de 1990. Depois decaiu, rumo ao aparente fim em 2002 e um discutível retorno em 2016, gerando dois estertores de temporadas e... O fim mesmo. Ao menos até agora. E foi justamente neste fim de década que a série veria seu último apogeu: longa-metragem para o cinema, a quinta temporada cheia de roteiros brilhantes, com roteiristas do porte de William Gibson e Stephen King. O primeiro, o criador do universo Cyberpunk e o segundo... Bem, o segundo dispensa comentários. Simplesmente um dos maiores escritores vivos de terror e suspense...

Chinga

O trabalho de King (O Rei! O Rei!!!) permeia o culto popular e provoca todo tipo de análise e exploração.

Arquivo X fez algo semelhante na TV. Foi um show que frequentemente se interessava por gêneros de culto, lidando com os temas de horror e ficção científica constantemente.

Chinga (significa *Feitiço*) é o décimo episódio da quinta temporada e foi co-escrito pelo criador da série Chris Carter, sob a direção do experiente Kim Manners (1951–2009). Uma boneca nas mãos de uma criança antipática causa mortes horríveis em quem brinca (ou não brinca) com ela.

As bonecas estão intimamente ligadas à vida infantil. Lembramos que em seus primeiros jogos, os infantes não distinguem nitidamente entre objetos vivos ou inanimados e que gostam especialmente de tratar suas bonecas como pessoas.

Os estilos de Chris Carter e Stephen King amalgamam-se razoavelmente bem, talvez por isso tenhamos um episódio tão *gore* (repleto de sangue), quanto irônico.

Faz sentido que *Chinga* tenha sido desenvolvido durante a quinta temporada. A anterior fora bastante caótica, com Carter dividindo sua atenção com a primeira temporada de *Millennium*, outra série absolutamente criativa, a quarta temporada de *X-Files* e a pré-produção de *Arquivo X*, o filme. Em contraste, a quinta temporada saiu-se mais relaxada. Carter entregara *Millennium* para Glenn Morgan e James Wong e só havia trabalho na pós-produção remanescente do longa cinematográfico. Vale a pena notar os elementos de King no episódio. Situado no Maine, o estado natal do autor, o episódio abre numa placa do Maine e Scully até usa uma camiseta alusiva ao estado. A caça às bruxas de Salem é um motivo recorrente no trabalho de King e não é surpresa que seu roteiro se refira a elas nas figuras de Melissa e Polly Turner, a dona da boneca maléfica e sua mãe, explicitamente acusadas

de feitiçaria pela comunidade local. O ponto óbvio de comparação é *Carrie, a estranha*, outra jovem que é condenada ao ostracismo por seus vizinhos e demonstra poderes sobrenaturais. Claro, o poder sobrenatural aqui vem através do brinquedo demoníaco, mas as semelhanças são óbvias.

Agrada tanto aos fãs de *Arquivo X*, quanto aos fãs do referido escritor. E é uma pena que não houve mais episódios escritos pelo autor de *O iluminado* e *It*. Mulder e Scully aprovam. O terror de King se casava bem com a dupla de agentes, pois todos estão sempre tendendo para o sobrenatural e o místico, arraigados nos clássicos norte-americanos...



A dor do mundo

por Francisco Russo

À espera de um milagre (*The Green Mile*)

Direção Frank Darabont, 1999. **Com** Tom Hanks, Michael Clarke Duncan, David Morse e Sam Rockwell.

Um sujeito enorme é condenado à morte por assassinar duas gêmeas. Embora professe inocência, sua sentença já foi dada, resta a ele e a seus carcereiros, a espera. Ocorreria algum milagre? Ou... Milagres?

Tão conhecido como mestre do terror, Stephen King não limitou a carreira neste único gênero. Por mais que tenham sido exceções, de vez em quando ele emprestou sua habilidade com o universo fantástico em narrativas dramáticas bem embaçadas, que exploraram o que há de melhor (e de pior) no ser humano. *À espera de um milagre*, lançado nos cinemas em 1999, é um destes casos.

Situado no temível corredor da morte, onde os prisioneiros aguardam seus últimos dias antes de enfrentar a cadeira elétrica, King desconstrói o inevitável peso de tal ambiente de forma a trazer alguma leveza — dentro do possível, claro. Para tanto, o autor conta muito com o comportamento ético dos carcereiros que trabalham na tal “milha verde”, do título original: tendo por objetivo manter os prisioneiros calmos, eles os tratam com respeito e dignidade, sentimentos estes que não só dialogam com o dever da profissão, mas também com preceitos humanitários acerca de tal situação.

Não por acaso, o escolhido para interpretar o chefe do setor foi Tom Hanks. Sucessor de James Stewart na arte de compor personagens absurdamente humanos e éticos, Hanks traz credibilidade a um personagem que poderia, facilmente, tender para o estereótipo. Seu Paul Edgecomb traz um senso de justiça que vai além do cumprimento das leis, dialogando também com as regras de convivência e, também, da própria existência. É neste aspecto que entra em cena outro ator essencial para esta história: Michael Clarke Duncan.

De características físicas tão peculiares, já era difícil escalar o intérprete de John Coffey por si só. Duncan vai além: não só atende ao perfil exigido como demonstra profunda ternura ao compor este gigante dócil cujos poderes não compreende, mas utiliza de forma a promover o bem alheio. É através dele que *À espera de um milagre* envereda pelo fantástico, em uma narrativa que remete a Jesus Cristo em sua sina de condenado pelos que tentava salvar. King, entretanto, não deseja enveredar por questões religiosas: seu real objetivo é usar tal proposta para refletir sobre vida e morte, por vezes invertendo o peso que ambas trazem.

Para tanto, o diretor Frank Darabont constrói um filme absolutamente sóbrio de tom agridoce, mas flertando com o terror em seus momentos mais tensos, cujos figurinos impecáveis ressaltam (também) o orgulho em pertencer a tal corporação. O clima de filme de época traz um ar de nostalgia que se reflete não apenas na icônica canção de *O picolino* — uma bela homenagem ao cinema, vale ressaltar —, mas na própria dinâmica entre os personagens, sejam eles carcereiros ou prisioneiros, mocinhos ou malvados. Tudo isso numa narrativa sem pressa, ao longo de mais de três horas de duração.

Segundo Stephen King, *À espera de um milagre* é a adaptação mais fiel a um texto seu já produzida. Pela reverência demonstrada por Darabont, seja como diretor ou roteirista, não é difícil entender o porquê.

Biblioteca Stephen King

***Creepshow*, a história em quadrinhos: em busca das origens do terror de Stephen King**

por **Ciro I. Marcondes**

Ainda que os quadrinhos e o imaginário de Stephen King tenham tudo a ver, foram poucos os projetos, nesta forma de expressão, em que o autor se envolveu. Algumas de suas obras foram adaptadas com relativo sucesso, caso de *A torre negra*, e seu filho Joe Hill chegou a ganhar notoriedade como roteirista de HQs (venceu até um prêmio Eisner), tendo também colaborado com King. Fora isso, a interface é pequena, exceto pela primeira experiência de adaptação que foi o próprio quadrinho de *Creepshow*, que saiu em 1982 como parte de um lançamento conjunto com o filme de George A. Romero.

O projeto *Creepshow* procurava prestar homenagem às publicações de terror e ficção científica dos anos 1940 e 1950 (em especial a linha editorial da EC Comics), e revela a mentalidade de Stephen King em sua formação enquanto leitor, além de possíveis origens para o caráter ao mesmo tempo estranho e familiar de suas obras. O que se viu nas telas de cinema, com uma condução cheia de truques e *expertise* de Romero, fora os efeitos especiais de Tom Savini, foi um filme análogo ao tipo de experimentação narrativa que esses quadrinhos antigos realizavam: suas mudanças abruptas, seu tom acima do registro do realismo, agressividade visual e psicológica, *gore*, *exploitation*, além de uma (providencial) pitada de análise da sociedade americana.

Creepshow surgiu como uma espécie de produto transmídia. Como, no prólogo do filme, um menino (interpretado pelo próprio Joe Hill) de uns 10 anos está lendo um gibi no estilo EC e é severamente repreendido pelo pai, desenvolveu-se a ideia de que o espectador também pudesse ler o conteúdo da revista, materializado nos próprios episódios de ambos os produtos. Há alguns *easter eggs*: na versão audiovisual, as HQs lidas pelo garoto são desenhadas por Jack Kamen, famoso por ter trabalhado na própria EC Comics. Ele também ilustra a capa do gibi que saiu de verdade, mas quem ficou mesmo responsável por adaptar o texto de King para os quadrinhos foi o grande ilustrador americano Bernie Wrightson, cocriador do personagem Monstro do Pântano, e autor de uma perspectiva barroca, detalhista e fantástica sobre clássicos de Edgar Allan Poe, H.P. Lovecraft e Mary Shelley.

Wrightson havia trabalhado na Warren, também uma editora de terror que se inspirara no pioneirismo da EC Comics. Mas que diabos, afinal, foi essa importante editora que arrebatou a imaginação do jovem Stephen King e que transborda em referências num produto como *Creepshow*? A história “oficial” é a de que a EC (antes Educational Comics, e depois Entertaining Comics), criada pelo editor Max Gaines, foi herdada por seu filho William Gaines e rapidamente passou de adaptações bíblicas em HQ para históricas e chocantes (especialmente para os padrões da época) narrativas de terror, crime, ficção científica e guerra, em títulos históricos como *Tales from the Crypt*, *Weird Science*, *Crime Suspensories* e *Two-Fisted Tales*.

Atuando num fervilhante ambiente editorial pós-Segunda Guerra, quando o formato de revista em quadrinhos virou um fenômeno de popularidade sem parâmetros de comparação anterior ou posterior, a EC viu seu mercado, de gibis estranhos e apelativos, cres-

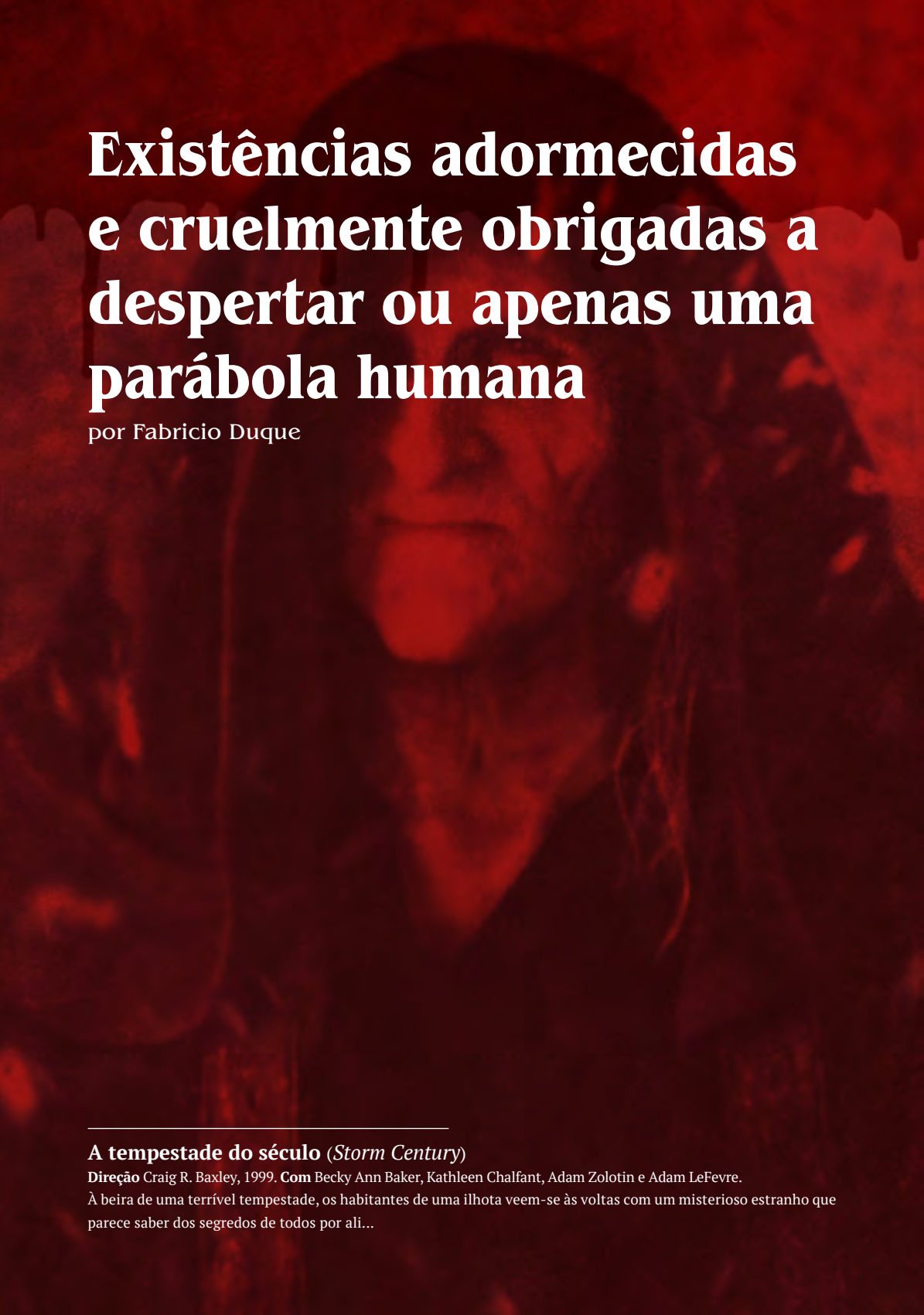
cer com o declínio do gênero de super-heróis, associados à propaganda sobre o conflito e a uma união ideológica em torno do patriotismo americano. Após a Guerra, uma resaca moral pessimista teria levado os americanos a optarem por temas mais sombrios, do gênero *noir* no cinema, às HQs *exploitation* da EC. Um aumento da delinquência juvenil americana nesse período teria levado também a uma reação de setores conservadores da sociedade. Professores, padres, pais e mães: todos apontaram os quadrinhos como bode expiatório de uma mudança geracional que era, na verdade, claramente multifatorial. Diante disso, foi criado, pela própria indústria, um código de autocensura que limitava enormemente as menções a temas como crime, sexo, nudez, violência e mesmo à criaturas fantásticas como lobisomens e vampiros. Foi o fim precoce do reinado da EC.

O legado da editora, no entanto, ainda está muito vivo, pois esses quadrinhos foram sendo passados de geração em geração, criando um culto ao redor de roteiristas como o próprio Gaines, o filosófico Harvey Kurtzman e o diabólico Al Feldstein. Artistas que fizeram história na indústria americana de quadrinhos, como Wally Wood, Frank Frazetta e Jack Davis, também se escolararam na EC. *Creepshow*, sem tirar nem por, é um puro exercício de emulação do sentido narrativo, dos temas e do tipo de imaginário trabalhados nesta editora, e, nesta direção, Stephen King foi, mais uma vez, brilhante.

Duas das histórias de *Creepshow* (que são as mesmas no filme e no quadrinho) foram extraídas de contos previamente escritos por King, mas as outras foram criadas pensando especialmente na tradição da EC. Bernie Wrightson ilustra e colore visando uma estilística clássica, sem muito rebuscamento nas técnicas narrativas propriamente ditas. Os letrados, carregados de ironia *kitsch*, são complementados pelas expressões faciais malévolas dos tortuosos personagens, e as criaturas (mortos-vivos, animais selvagens, mutantes) são delineadas à maneira do terror tradicional, ou seja, para assustar crianças entre 8 e 14 anos. Era fundamental, para o estilo da EC, que cada história fosse autônoma, que a situação fosse apresentada de maneira breve e objetiva, e que os imorais personagens sofressem consequências de suas obsessões por meio de destinos irônicos — e horripilantes.

As histórias de King para *Creepshow* seguem, à risca, esta linha, com um sabor, digamos, de comentário social, não totalmente ausente das próprias publicações da EC, mas que se tornaram marca registrada do escritor. Em “Dia dos pais”, por exemplo, mais do que a história de zumbis que se segue, é o conflito de interesses familiares numa aristocracia decadente que traduz a marca de King sob a influência de um terror *vintage*. O propósito de “A morte solitária de Jordy Verrill”, mais do que trazer à tona um conto *pulp* de ficção científica típica dos anos 1950, é fazer prevalecer a solidão do caipira do *midwest* americano. “A caixa” traz como pano de fundo a hipocrisia das relações institucionais na universidade, e “Indo com a maré” aborda psicopatias associadas à psicologia do casamento. Por fim, a brilhante “Vingança barata”, sobre um capitalista sociopático e paranoico com insetos, é a própria transfiguração de uma surrealidade que envolve, como contrapartidas, as realidades psíquica e objetiva.

Creepshow — o filme e o quadrinho, são parecidos, mas também específicos em seus meios, e funcionam bem até hoje justamente porque são produtos que refletem sobre a história do gênero do terror, num tipo de metalinguagem que Stephen King tinha plena consciência de estar exercendo.



Existências adormecidas e cruelmente obrigadas a despertar ou apenas uma parábola humana

por Fabricio Duque

A tempestade do século (*Storm Century*)

Direção Craig R. Baxley, 1999. **Com** Becky Ann Baker, Kathleen Chalfant, Adam Zolotin e Adam LeFevre.

À beira de uma terrível tempestade, os habitantes de uma ilhota veem-se às voltas com um misterioso estranho que parece saber dos segredos de todos por ali...

Realizado em três episódios televisivos, com 4 horas e 16 minutos de duração, *A tempestade do século* (1999) talvez seja a obra que mais representa a literatura de Stephen King, o mestre em personificar o terror pela sensação do medo. Dirigido por Craig R. Baxley (do seriado *Esquadrão classe A*), o filme, por uma ambiência de construção paranormal e de estrutura teatral, segue os moldes narrativos do seriado cult dos anos noventa *Twin Peaks*, de David Lynch, por causa da coloquial organicidade comportamental em abordar temas universais e primitivos, ainda não lapidados dentro do processo evolutivo dos seres humanos: egoísmo, inveja, luxúria e outros pecados capitais.

Os espectadores são aprisionados até a tempestade passar, em conflito com a própria selvageria mascarada de sentimentos escondidos. Aqui, monstros são apresentados de carne, osso e poder sobrenatural, que como “Anticristos” (antagonistas), conhecem o funcionamento dos humanos: sinapses emocionais e obviedades das reações-consequências. Cada ser é padronizado na essência da criação, sofrendo alterações-interferências do meio em que se vive, afetado por “a lei da selva” — “farinha pouca meu pirão primeiro”, protegendo seu próximo até quando pode.

A tempestade do século comporta-se como uma parábola, por uma câmera de inclusão subjetiva. O Mantra maléfico “Dê-me o que quero e eu irei embora” põe em xeque a fé dos errantes imperfeitos pelo sinistro forasteiro do mal (com um que de uma diabólica Mary Poppins), que desperta o “ar de ministro” dos moradores (com “bocas ignorantes”), manipulando as emoções, os confrontando com a sádica verdade e desencadeando paranoia e ilusões de uma comunidade unida, porém hipócrita, sob pressão e não diplomática. São inocentes impuros, que pelas frágeis e vulneráveis mentes, sucumbem ao convite da posseção. Ali, cada um esconde e aceita as diferenças, ainda que moralmente deturpadas.

“Quem nasce no pecado, é apanhado”, objetiva-se desmoronar as almas fracas. Repetir para massificar o “erro-vício do que já se sabe” e anteciper o Armageddon de nevasca iminente numa cidade-ilha típica do interior, com farol e dificuldades de locomoção, muito semelhante às histórias do autor homenageado, *O iluminado* e *Louca obsessão*, por exemplo: em que ruas fechadas podem alterar a percepção, criando um realista transe coletivo. Cada um está metaforicamente adormecido no egoísmo salutar de suas existências robóticas e formais, com seus nomes e sobrenomes.

O filme é um cinema de história, arquitetado por características de uma novela: didático, palatável e autoexplicativo. Tudo para construir o caminho às “coisas estranhas” desenvolvido em camadas sensoriais, cognitivas e psiquiátricas, em movimentos articulados e premeditados desta “legião” de demônios. É a escolha moral de Sofia, por uma prova vingativa, à moda de *Dogville*, de Lars von Trier, que por ódio, quer punir em lições. É o sacrifício bíblico da fé incondicional contra a lógica sentimental humana de um mundo do “pague e leve”.

Mistérios do passado: marca das narrativas clássicas

por Robertson Mayrink

Lembranças de um verão (*Hearts in Atlantis*)

Direção William Goldman, 2001. **Com** Anthony Hopkins, Anton Yelchin e Mika Boorem.

Baseado num dos livros mais vendidos de Stephen King. A convivência de um jovem com um homem idoso e misterioso transforma-lhe completamente a visão de vida.

Quando Charles Foster Kane soltou da mão a redoma de vidro e pronunciou a palavra “rosebud”, uma revolução se anunciou na história do cinema. As extravagâncias técnicas que o diretor Orson Welles e o diretor de fotografia Gregg Toland, imprimiram em *Cidadão Kane* (*Citizen Kane*, EUA, 1941) assombraram o mundo cinematográfico. Em termos narrativos, camadas de *flashbacks* também inovaram na busca do jornalista pelo significado da palavra que Kane pronuncia antes de morrer. No entanto, a trama parte de recurso tão antigo quanto contar histórias: a volta à infância motivada por um objeto simbólico.

Corta para 2001. O fotógrafo Bobby Garfield está em seu estúdio, fotografando uma redoma de vidro. Toca a campainha, ele recebe uma encomenda pelo correio. Abre a caixa e se depara com uma surrada luva de beisebol. Junto, recorte de jornal informa sobre a morte de um herói militar. Pensamentos de Bobby anunciam: “O passado pode chegar derrubando a sua porta. E você nunca sabe para onde ele vai te levar. Você só pode esperar que seja um lugar para onde você queira ir.” Bobby pega a foto de uma menina, coloca na carteira e sai em busca de seu passado.

Segundo o roteirista Michel Chion, acessórios cenográficos podem ter papel revelador ou mesmo simbólico: “É o caso de objetos cuja posse é disputada e que representam o poder, a riqueza, o saber ou ainda a infelicidade, a lembrança, a infância (o trenó de *Citizen Kane*, que representa o objeto perdido).” Esses clichês narrativos são caros ao cinema clássico americano.

A viagem leva Bobby ao funeral do amigo de infância Sully, dono da luva. Durante a solenidade, outro recurso narrativo comum é usado: *flashbacks* revelam os meninos Bobby e Sully e a menina Carol brincando em um bosque.

Lembranças de um verão é adaptação de texto de Stephen King, autor especialista no gênero literário que desperta emoções há tempos imemoriais. Um princípio de texto do autor é a volta à infância em um período determinado que demarca a passagem. Em toda boa narrativa de gênero como as do mestre Stephen King, o passado esconde um mistério.

Personagens centrais para a elucidação do mistério escondido em um verão da década de 1950, quando Bobby acaba de completar 11 anos, entram em cena quando o *flashback* toma conta da narrativa. A mãe do garoto, o pai ausente e Ted Brautigan, inquilino que chega para morar no andar de cima da casa de Bobby.

Jacqueline Nacache indica que a forma mais segura de identificar o gênero consiste na análise do início do filme, quando elementos simbólicos e personagens são apresentados ao espectador. Não pretendo analisar passo a passo o filme. Concentro-me nos minutos iniciais para dizer do fascínio que sinto por narrativas que, de forma clássica, me permitem descobertas de mistérios envoltos aos personagens e me remetem a recantos insondáveis da memória.

Lembranças de um verão trabalha com temas fundamentais na formação de todos nós:

atitudes lúdicas da infância, *bullying*, amizade, o primeiro beijo, pacto entre amigos, a incompreensão do universo dos pais, assédio, o fascínio por um adulto que pode determinar como vamos enxergar o mundo (no caso de Bobby, aprender com Teddy a olhar o futuro). A guerra fria também demarca a narrativa, “homens ordinários” perseguem Teddy e algo que ele tem para uso em fins políticos..

O filme acontece com a simplicidade visual e técnica das narrativas clássicas, pontuada por frases de efeito e trilha sonora encantadora. Ao final do filme, fica da simplicidade o que todos nós buscamos por mais complexo que seja: “Aquele foi o último verão da minha infância.”

ANTHONY HOPKINS

HEARTS

IN ATLANTIS



"TWO BIG
THUMBS UP!"

-EBERT & ROEPER

Uma casa que pulsa em *Rose Red* e *O diário de Ellen Rimbauer*

por Beatriz Saldanha

Rose Red: a casa adormecida (*Stephen King's Rose Red*)

Direção Craig R. Baxley, 2002. **Com** Nancy Travis, Matt Keeslar, Kimberly J. Brown, David Dukes, Judith Ivey, Matt Ross, Julian Sands e Kevin Tighe.

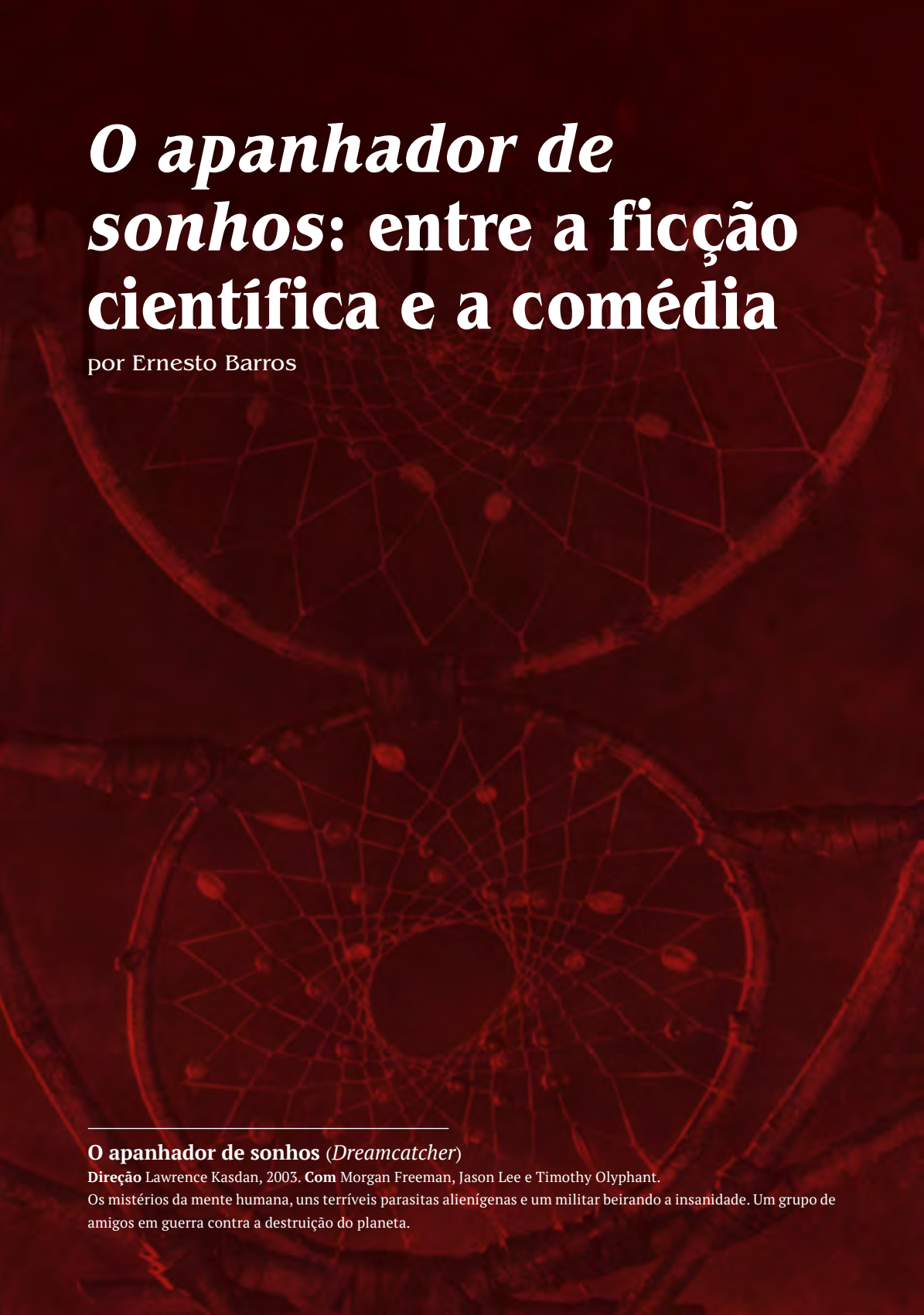
Contratada por Steve Rimbauer, herdeiro do magnata do petróleo John P. Rimbauer, marido de Ellen Rimbauer, desaparecida de forma misteriosa nos anos 50, Joyce Reardon, professora de psicologia, lidera uma equipe de médiuns na decrépita mansão conhecida como Rose Red. Eles despertam o espírito de Ellen Rimbauer e descobrem os horripilantes segredos daqueles que viveram e morreram na mansão sombria.

O diário de Ellen Rimbauer (*The diary of Ellen Rimbauer*)

Direção Craig R. Baxley, 2003. **Com** Austin Stoker, Henry Corden, Philippa Harris, Richard Blackburn, Claudette Nevins. Seattle, início do século XX. Ellen Rimbauer (Lisa Brenner) recebeu de presente de casamento de seu marido, o magnata do petróleo John P. Rimbauer (Steven Brand), uma majestosa mansão, Rose Red. Após o casamento, Ellen descobre que John sentia-se fortemente atraído por “jogos sexuais”, que ela se habituou em participar. Em pouco tempo ela constata que não era a única mulher na vida de John. Ellen passa a temê-lo ao saber do misterioso sumiço de algumas pessoas bem próximas a ele. Também há alguns acontecimentos inexplicados na Rose Red, que podem ter conexão com as pessoas desaparecidas.

Personagens femininas fortes não são raras na obra de Stephen King; na verdade, *Carrie, a estranha*, seu primeiro romance, já traz uma das personagens mais marcantes da literatura de horror moderna, consagrada na bela adaptação de Brian De Palma. Em *Rose Red: a casa adormecida* (2002), minissérie escrita por King para a televisão, o escritor retoma, ainda que de maneira implícita, o tema da sexualidade feminina, já presente em *Carrie*. Na trama, Joyce Reardon (Nancy Travis) é uma professora universitária empenhada em legitimar a investigação paranormal como campo válido da psicologia. A fim de reunir provas de manifestações sobrenaturais, ela organiza uma expedição à Rose Red, a velha mansão de uma das famílias mais poderosas da antiga Seattle, fonte de uma série de histórias estranhas sobre mortes de homens e desaparecimentos de mulheres. Apesar do chefe de departamento tentar impedir a investigação de campo, Nancy consegue reunir pessoas com distintos dons mediúnicos para passar alguns dias com ela na casa. Annie (Kimberly J. Brown), uma adolescente de quinze anos, é a mais poderosa do grupo e, também, a mais imprevisível. Joyce é decidida, sabe muito bem o que deseja. Na cena em que acidentalmente corta a mão e, ao invés expressar dor, esfrega o sangue no rosto de seu oponente, ela mostra a que veio. A naturalidade com que lida com o sangue, usando-o como instrumento de batalha, sugere que é uma mulher madura e corajosa. Annie, por sua vez, é uma adolescente que está começando a se interessar por rapazes, e sua energia pulsante devolve a vida à casa e desperta seus mortos.

Craig R. Baxley, diretor da minissérie, lançou a seguir *O diário de Ellen Rimbauer* (2003), filme para a televisão que teve como base o romance *The Diary of Ellen Rimbauer: My Life at Rose Red*, escrito por Ridley Pearson e publicado como se fosse o diário de alguém que realmente existiu. O lançamento do livro foi a principal estratégia de divulgação da minissérie *Rose Red* dois anos antes e provocou um burburinho nos Estados Unidos, tendo aparecido em diversas listas de livros mais vendidos. O telefilme mostra o que se passou antes dos acontecimentos da minissérie, quando a jovem Ellen (Lisa Brenner) conhece John Rimbauer (Steven Brand), com quem se casa e de quem ganha a mansão Rose Red. *O diário* mostra ainda como Ellen encontrou pela primeira vez Sukeena (Tsidii Leloka, a única atriz que está presente tanto na série quanto no filme), uma mulher africana que é levada pelo casal aos Estados Unidos para trabalhar como criada e que se torna a melhor amiga e confidente da patroa. Ellen é ingênua e, aos poucos, vai mergulhando em um relacionamento abusivo com o marido, um homem manipulador e viciado em sexo. Se sentindo infeliz e desrespeitada, encontra conforto em Sukeena, sua cúmplice e quem melhor entende o funcionamento da casa, que se alimenta do comportamento vicioso do patrão. É interessante pensar na casa como uma célula viva, que não é feita apenas de madeira e vidro, mas um ser senciente que se transforma a partir dos sentimentos de seus moradores. O final um tanto catártico é um suspiro na história das duas mulheres, o primeiro passo para a jornada de desvendar seus próprios desejos.



O apanhador de sonhos: entre a ficção científica e a comédia

por Ernesto Barros

O apanhador de sonhos (*Dreamcatcher*)

Direção Lawrence Kasdan, 2003. **Com** Morgan Freeman, Jason Lee e Timothy Olyphant.

Os mistérios da mente humana, uns terríveis parasitas alienígenas e um militar beirando a insanidade. Um grupo de amigos em guerra contra a destruição do planeta.

Há 20 anos, Stephen King saiu para passear numa tarde de sábado, nas proximidades de sua casa de veraneio, na pequena cidade de Lewiston, no Maine — onde se passa *Carrie, a estranha* (*Carrie*, 1976), e a minissérie *Kingdom Hospital* (2004), que ele adaptou do original de Lars von Trier — e foi atingido por uma van. No sério acidente, o escritor, então com 52 anos, sofreu um traumatismo craniano, fraturas múltiplas e teve um dos pulmões perfurados.

Apesar de ter ficado entre a vida e a morte, a sua recuperação foi milagrosa. E reza a lenda que, durante sua convalescença, Stephen King não perdeu tempo e aproveitou o período para escrever febrilmente, com letra cursiva, o romance *O apanhador de sonhos* (*Dreamcatcher*), um calhamaço de 620 páginas lançado em março de 2001, nos Estados Unidos, que se tornou o 44º livro publicado por ele, seu 36º romance e o 30º com o seu próprio nome.

Como sempre, King vendeu os direitos de adaptação de *O apanhador de sonhos* para a Castle Rock Entertainment, que está ligada à sua obra desde *Conta comigo* (*Stand by Me*, 1986), o primeiro filme produzido pelo estúdio independente, que tem entre seus criadores o cineasta Rob Reiner. Castle Rock é nome da cidade fictícia do conto “The Body”, o material escrito por King que resultou em *Conta comigo*.

Desde 1986, o estúdio — que atualmente pertence à Warner Bros —, tem a opção inicial nos trabalhos do escritor, como demonstra a longa lista de títulos, entre eles: *Louca obsessão* (*Misery*, 1990), de Rob Reiner; *Eclipse total* (*Dolores Clairborne*, 1995), de Taylor Hackford; *Um sonho de liberdade* (*The Shawshank Redemption*, 1994), *À espera de um milagre* (*The Green Mile*, 1999) e *O nevoeiro* (*The Mist*, 2007), todos dirigidos por Frank Darabont.

A conhecida logomarca da Castle Rock — um farol com um feixe de luz em movimento, que passa sob um lago — aparece nos créditos da versão cinematográfica de *O apanhador de sonhos* (*Dreamcatcher*, 2003), que o estúdio também produziu, de uma maneira nunca vista antes. Todo mundo sabe que o Maine é uma vasta paisagem gelada — e a abertura do filme reitera isso ao o mostrar as logomarcas da Castle Rock, da Village Roadshow e da Warner sob uma tremenda nevasca.

O apanhador de sonhos foi dirigido pelo experiente Lawrence Kasdan, que dividiu a adaptação do roteiro com William Goldman, o mesmo de *Louca obsessão* e uma das lendas de Hollywood (falecido em novembro de 2018).

Embora tenha uma considerável duração — 136 minutos —, *O apanhador de sonhos* parece vários filmes num só. De certa maneira, há uma lógica nisso, porque o filme navega por vários gêneros, como o terror, a ficção científica, o drama juvenil e a comédia. O filme também se prestaria como uma minissérie, como tantos outros filmes adaptados da obra do escritor. King considerou, inclusive, que esta foi uma das melhores adaptações de sua obra.

Assim como o livro, o filme tem uma estrutura episódica ao seguir uma trama tortuosa. De imediato, somos apresentados a quatro amigos, separadamente, com cada um demonstrando poderes fora do comum, como ouvir os pensamentos alheios, falar com o

pensamento e mentalmente retroceder no tempo. Enquanto testemunhamos as habilidades de Henry (Thomas Jane), Beaver (Jason Lee), Jonesy (Damien Lewis) e Pete (Timothy Olyphant), a narrativa é entrecortada com a meninice deles em Derry, outra cidade fictícia do universo de Stephen King. Estranhamente, Derry é a mesma cidade dos quatro amigos de *Conta comigo*. E o *flashback* de *O apanhador de sonhos* parece que tirado da mesma fonte. Foi de lá que eles ficaram com poderes especiais ao proteger um amiguinho down, Duddits (Andrew Robb, depois Donnie Wahlberg, quando reaparece na trama).

Solteirões, os quatro amigos se encontram para passar um fim de semana numa cabana perdida no meio da neve. É lá que a ficção científica e a comédia vão se encontrar, quando tomam contato com um homem na estrada, aparentemente doente, que sofre de uma severa flatulência. O que aparenta humor, no entanto, é a porta de entrada para a ficção científica, em que alienígenas engravidam seres humanos pelo aparelho digestivo. E como o destino do que sai do estômago não é uma coisa bonita de se ver, Lawrence Kasdan parece bastante empenhado em fazer das cenas escatológicas um espetáculo divertido. É o que acontece numa longa sequência num banheiro, tendo uma privada como atração.

Em meio a uma história que não parecia tomar caminho tão pouco usual, de repente o filme vira uma operação de guerra do exército dos Estados Unidos contra uma invasão alienígena, com Morgan Freeman no papel de militar enlouquecido. No fim, e ao cabo, a história fecha o seu arco e ilumina a ligação entre a infância e o presente dos quatro amigos, com a imaginação febril de Stephen King mais uma vez servindo para um filme de difícil classificação.



O limiar entre o imaginário e a morte em *Montado na bala*

por Tatiana Trindade



Montado na bala (*Riding the Bullet*)

Direção Mick Garris, 2004. **Com** Jonathan Jackson, David Arquette e Barbara Hershey.

Após o falecimento do pai e de tentar o suicídio por conta de uma namorada, sujeito acaba fascinado pela ideia de morte. Ao socorrer sua mãe, a ida ao hospital torna-se uma jornada bizarra de pânico e mistério.

Nos primórdios da internet como conhecemos hoje, Stephen King já estava no auge de sua carreira e começava, aos poucos, a engajar seu público através de outras mídias. Nesse contexto, o conto “Riding the Bullet”, lançado em 2000, no formato online, alcançou expressivos 400 mil exemplares vendidos em menos de 24 horas. Quatro anos depois, Mick Garris, um dos muitos fãs das histórias do autor, deu vida à sua quarta tentativa de fazer uma adaptação à altura de sua admiração, e desta vontade nasceu *Montado na bala*, em 2004.

Situado no final dos anos 1960 e com uma cinematografia impecável, o filme conta a trajetória de Alan Parker (Jonathan Jackson), um artista com tendências suicidas que flerta constantemente com a morte e que decide fazer uma viagem para visitar a mãe no hospital, vítima de um derrame. Jean (Barbara Hershey) criou seu filho único com o espectro da morte do marido sempre à espreita, e agora ela vem ao encontro dos dois.

O próprio nome do filme, *Montado na bala*, pode ser alusão a muitas metáforas discutidas durante a viagem de Alan, mesmo que deixe enfatizado que se trata da montanha-russa que ele não quis andar quando era criança. E nesse percurso, o jovem confronta medos e traumas, sempre com uma edição frenética para representar a ansiedade de sua mente, trazendo reflexões interessantes sobre a vida nas sublinhas do roteiro.

Garris é cuidadoso em transpor para o espectador os elementos abstratos da narrativa, como o subconsciente de Alan e a sobreposição de situações, já que a mente do personagem é muito imaginativa. Assim, não conseguimos, muitas vezes, diferenciar o real do imaginário. Há, ainda, a linha tênue entre a loucura e as drogas, fazendo dessas caronas na estrada uma viagem de consciência sobrenatural e um encontro com o sentido da vida. Por conta disso, algumas cenas são incríveis e traduzem bem essa dualidade entre realidade e sobrenatural que o personagem vivencia, ao mesmo tempo que muitas das escolhas podem se tornar confusas ou muito frenéticas. Apesar de o diretor ter seus vícios de montagem e de edição dos anos 1990, a história estar situada nos anos 60 cria um estilo único, fazendo a trama funcionar, mesmo que não assuste tanto.

Diante desse cenário, Jackson é muito competente em fazer a dupla interpretação do Alan espectro e do ser humano confuso, enquanto a contribuição de David Arquette faz toda a diferença para o suspense dar lugar ao terror, em sua forma mais pura. Grande parte da força do filme, portanto, é em seu terceiro ato, quando Arquette traz, em sua atuação, o viés mais aterrorizante que consegue, tanto sozinho quanto com o trabalho de maquiagem maquiavélica feita em seu personagem, George Staub.

Apesar de ser um dos filmes menos relevantes da obra de Stephen King, tanto de público quanto de crítica, tem seu peso e sua importância no cenário de adaptações, e seus méritos enquanto longa-metragem de terror.

No reino das assombrações do *Kingdom Hospital*

por Rita Ribeiro

Kingdom Hospital (*Kingdom Hospital*)

Direção Craig R. Baxley, 2004. **Com** Andrew McCarthy, Bruce Davison, Jack Coleman, Diane Ladd, Jodelle Micah Ferland, Ed Begley, Jr., Jamie Harrold, Sherry Miller, Allison Hossack, William Wise e Julian Richings.

Um hospital fictício localizado em Lewiston, Maine, construído no local de uma fábrica que produzia uniformes militares durante a Guerra Civil Americana, foi reconstruído após dois terríveis incêndios. O primeiro aconteceu ainda durante a Guerra de Secessão, que atingiu a fábrica, onde crianças trabalhavam em condições precárias. Praticamente todas elas morreram durante o incidente. O segundo incêndio destruiu o velho Kingdom, um hospital onde um médico sem escrúpulos realizava experimentos horríveis em pacientes.

Lars von Trier não pode ser considerado, de maneira alguma, um cineasta fácil. Ao desenvolver a série *The Kingdom* para a televisão dinamarquesa em 1994, sua proposta foi aliar dramas hospitalares a manifestações sobrenaturais, tudo bem ao estilo Von Trier, com iluminação sépia e pouquíssimos efeitos especiais. Em 1997 foi produzida uma segunda temporada e a terceira está prometida para 2021.

Em 2004, Stephen King alia-se a Von Trier para produzir *Kingdom Hospital*, diretamente para a TV. Se pensarmos que hospitais não são os melhores exemplos de lugares calmos e pacíficos e ligarmos isso à imaginação de King, já sabemos o que esperar. Muito terror.

A premissa de *Kingdom Hospital* gira em torno de uma equipe médica dirigida por um gestor que só pensa em difundir os benefícios do ar puro, um chefe da equipe de neurocirurgia dono de um ego gigantesco, que usa de diversos artifícios para encobrir seus erros, uma vidente hipocondríaca, um vigia praticamente cego, uma dupla de assistentes com síndrome de down, os médicos bonzinhos e... Mary, a menina fantasma que desencadeia a trama.

O início da história é uma forma de Stephen King exorcizar seus próprios fantasmas. Um renomado pintor (Jack Coleman) sai de casa para correr na estrada e é atropelado por uma van que o abandona. Em 1999 o autor foi atropelado do mesmo jeito, enquanto corria na estrada próxima de sua casa de veraneio, tendo sofrido graves contusões que resultaram em diversas cirurgias. Portanto, a história se desenvolve dentro do hospital, enquanto o pintor em coma, entra em contato com Mary e seu guardião Antubis, um gigantesco tamanduá.

Apesar de ter muitos personagens similares àqueles da trama de Von Trier, *Kingdom Hospital* traz parte da mitologia americana. O hospital foi construído em cima de uma tineraria que foi destruída por um incêndio criminoso causando a morte de várias crianças no período da Guerra de Secessão. Posteriormente o primeiro *Kingdom Hospital* também foi destruído e os fenômenos assustadores permanecem no local. Desde o jogador de baseball que revive depois de morto os seus fracassos, até mesmo a alusão ao milagre da ressurreição de Cristo e da conversão de São Paulo, fazem parte do cotidiano do hospital.

Outro ponto interessante que destoa da narrativa de Von Trier é o tratamento dado a determinados personagens. A dupla de funcionários com síndrome de down da versão de King é apresentada como parte integrante do contexto, sem distinção dos outros membros da equipe. King também não deixa de tocar naqueles que não têm acesso ao luxuoso hospital, como a turma de sem tetos que frequenta um abrigo em frente a este.

Novamente o autor tem como protagonista da história uma criança vítima dos horrores desse mundo, que continua padecendo no outro mundo. Por mais assustadora que seja a trama de fundo, as particularidades da equipe médica com suas estranhezas garantem momentos de leveza à história. Mas, se depois de King os corredores de hotéis se tornaram lugares sombrios, hospitais que já não são os melhores lugares para se frequentar, ganham uma carga extra de terror com essa série. Se puder, mantenha-se longe.

Pesadelos e paisagens Sombrias

por Sonia Rodrigues

Pesadelos e paisagens noturnas (*Nightmares and Dreamscapes*)

Direção Rob Bowman e Mikael Salomon, 2006. **Com** William Hurt, William H. Macy e Tom Berenger.

Baseado em oito contos do livro homônimo, histórias curtas que vão de brinquedos assassinos a uma cidade sem saída, um personagem literário, o sonho de um mundo em paz, uma pintura que ganha vida e um tesouro escondido, o veneno de cobra e lendas mortas do rock.

Hitchcock afirmava, talvez em tom de blague, talvez não, que ao adaptar prestava duas homenagens ao autor: colocava seu nome nos créditos e mantinha o título do livro.

A série *Nightmares and Dreamscapes* segue a máxima de Hitchcock na adaptação do livro homônimo.

King é um escritor que desde a década de 1970, publica muito. Em especial contos em jornais e revistas, contos que depois aparecem em coletânea.

O que os produtores fizeram nessa série? Mantiveram o título da coletânea com aproveitamento de alguns contos de outras. O tratamento audiovisual mais audacioso aos contos que não estão na coletânea título.

Um exemplo disso é o primeiro episódio *Battleground (Campo de batalha)* retirado de outra antologia, *Sombras da noite*. O episódio é *thriller* com William Hurt e quase um filme mudo. Roteiro impecável sobre brinquedos que se revelam assustadores. O conto de origem é, possivelmente, inspirado na fabulosa viagem de Gulliver. Só que, para emoção de quem assiste, Lilliput vai ao encontro do gigante.

Stephen King disse, numa entrevista, que escritores têm dois medos. Mal de Alzheimer e bloqueio criativo. Em outro momento, escreveu que alguns dos livros dele, já publicados, trazem seus terrores.

The End of the Whole Mess é o melhor conto da coletânea *Pesadelos e paisagens sombrias*. É também o melhor episódio da série homônima. Porque além de enfrentar o maior medo de qualquer escritor, mexe também com as consequências do excesso de criatividade. No caso, o excesso de criatividade envolve a inteligência e a capacidade de lidar com a Ciência e a Tecnologia. Um “mensa boy”, ou melhor, um gênio, decide resolver os problemas bélicos da humanidade. A *hybris* grega em sua forma mais direta. Ocorre que “não existe almoço grátis”, como dizem os norte-americanos. Nada do que o ser humano inventa para resolver um problema, deixa de acarretar outra complicação. É só olhar para os efeitos colaterais dos remédios inventados, dia após dia, para nos afastar da Morte.

O bloqueio criativo enclausura um escritor em sua própria obra, no conto, e no episódio *Umney’s Last Case*.

Outro medo assumido de Stephen King é o das consequências da transgressão. *Crouch End* e *You Know They Got a Hell of a Band* são contos que estabelecem o terror a partir da desobediência que acompanha nossa espécie desde o Pecado Original. “Não comam a maçã”, “não vá por esse caminho” e tudo leva os desobedientes para a armadilha terrível. Esses são episódios mais fiéis aos contos que lhes deram origem.

The Road Virus Heads North também traz um escritor. Um escritor de terror (como o próprio King) sendo perseguido por um morto congelado num quadro bizarro que ele não precisava ter comprado. Mas compra.

The Fifth Quarter é um suspense quase terno, se considerarmos a simpatia de King por

brancos pobres nos Estados Unidos. Morando em trailers, como ele e sua família moraram. Ali não existe terror, só o medo cotidiano de não conseguir colocar comida na mesa, não conseguir criar os filhos, ser preso ou voltar para a cadeia.

Autopsy Room, bem, dá para listar quantas vezes, a literatura “brincou” com o medo de ser enterrado vivo. Pode ser que não escritores tenham esse medo também. Mas para quem lê muito literatura, esse medo provoca a vontade de imaginar quais novas formas de traduzir a possibilidade terrível de morrer sem ter morrido.

Afinal, se a maneira de se manter vivo de King é cultivar memórias de seus medos e aterrorizar os outros, a série *Nightmares and Dreamscapes* consegue isso muito bem.



NIGHTMARES
& DREAMSCAPES

FROM THE STORIES OF
STEPHEN KING

8 MIND-BENDING STORIES

Biblioteca Stephen King

Um romance sobre os tabus da morte: *O cemitério*

por Michelle Henriques

Stephen King é considerado o mestre do terror, mas sua literatura vai muito além disso. Publicado em 1983, *O cemitério* é um livro sobre luto, antes de ser aterrorizante. O nome de King já ultrapassou a si mesmo e hoje faz parte da cultura pop. Por exemplo, mesmo quem não tenha lido o livro *It: a coisa* conhece a figura de Pennywise. O mesmo acontece com *O cemitério*, que já ganhou duas adaptações para o cinema, uma de 1989 dirigida por Mary Lambert e uma recente, de 2019, dirigida por Dennis Widmyer e Kevin Kölsch. Para o filme de 1989 os Ramones gravaram uma música com o mesmo nome da obra, em inglês *Pet Sematary*, que aparece no disco *Brain Drain*.

No livro, o médico Louis Creed se muda de Chicago para Ludlow junto com sua família após ser convidado para ser diretor da enfermaria da Universidade do Maine. Ele, a esposa Rachel, os filhos Ellie e Gage, além do gato Church, passam a morar numa enorme casa na frente da qual passam diversos caminhões em alta velocidade.

Do outro lado da estrada vivem Jud Crandall e sua esposa Norma, ambos já bastante idosos. Jud rapidamente se torna amigo de Louis e eles passam muitas noites conversando e tomando cerveja.

Há um “*Simitério*” de Animais na região. O nome, propositalmente escrito errado, revela a forma simples que Jud Crandall e os habitantes da região falam. Após saber da existência do mesmo, Ellie, de apenas cinco anos, começa uma discussão sobre a morte com seu pai. Ela fica preocupada com seu gato, faz mil perguntas sobre a sua futura morte. A mãe, Rachel, se recusa a falar sobre o assunto com a família, pois tem um trauma que guarda em segredo.

Ao longo do livro sabemos que ela tinha uma irmã chamada Zelda que faleceu devido a uma doença que a fez sofrer muito. Rachel era encarregada de dar remédios para a irmã e se sente culpada, pois a mesma faleceu sob seus cuidados. Rachel não lida bem com a questão e não se abre com o marido, mesmo após muitos anos de casados.

Em meio a tudo isso, em seu primeiro dia de trabalho, Louis Creed se depara com um jovem com severo traumatismo craniano. Ele faz o que pode, mas é impossível salvar Victor Pascow. Desde então Creed sente a presença do jovem, sonha com ele e chega até mesmo a achar que passa por momentos de sonambulismo, como na manhã em que acorda com os pés cobertos de terra e pequenos gravetos.

Desde então o médico passa a ter visões frequentes de Pascow e em algumas delas o jovem parece lhe dar avisos para tomar cuidado. Ele também informa que o Cemitério de Animais não é o verdadeiro. Algum tempo depois Church, o gato de Ellie é atropelado na estrada. Jud Crandall, diz que para retribuir um favor, levaria Creed para um local em que poderia trazer Church de volta. Ellie, Gage e a mãe estavam visitando os avós, então eles não precisariam saber do ocorrido.

Creed e Crandall passam pelo cemitério, atravessam a floresta e chegam a um espaço que tem uma energia diferente. Essa passagem é uma das mais interessantes do livro. Crandall compara a energia da floresta com heroína. No momento em que a droga entra na

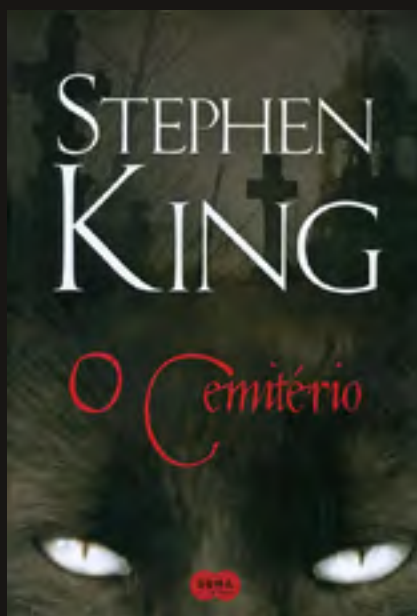
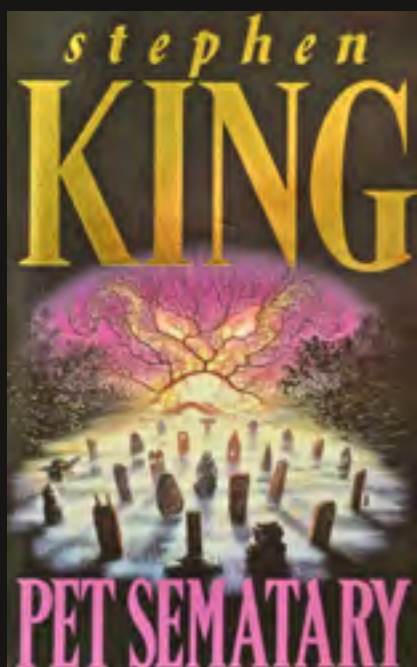
corrente sanguínea ela causa uma forte sensação de prazer, mas ao mesmo tempo envenena o corpo. É assim que Creed se sente quando visita o local pela primeira vez.

Lá Crandall explica o que o pai deve fazer com o gato da filha. Ele o enterra e volta para casa. No dia seguinte o gato o espera na frente da casa. Ele está mudado, seus olhos não tem vida. Ellie volta de viagem e nota que o gato não é mais o mesmo, reclama de seu mau cheiro, mas a rotina segue para todos.

Avançando um pouco no enredo, chegamos ao fatídico momento em que Gage é atropelado na estrada. A cena do ator mirim da primeira adaptação para o cinema também já faz parte da cultura pop, Gage com o rosto machucado segurando um bisturi. King uniu diversos tabus que cercam a morte neste romance, e conseguiu de forma magistral traçar uma discussão sobre a morte, sobre o luto e sobre o que seria moralmente errado, o que alguns chamam de “brincar de Deus”.

Há diversas referências à bíblia, a Lázaro, a cultura indígena, forças estranhas, espíritos e o Wendigo, espírito canibal das lendas Algonquian, que pode se transformar em um humano. King também cita os zumbis da cultura haitiana e o conto “A pata do macaco”, de W. W. Jacobs, no qual ele se inspirou livremente para escrever este livro.

Para os mais velhos a morte é algo bastante natural. Ela sempre deveria ser tratada assim, mas com o passar das gerações parece que nos distanciamos cada vez mais. Não falamos sobre, nunca estamos prontos para ela, mesmo sendo a nossa única certeza. Stephen King traz essa questão no livro. Com maestria ele aborda um assunto que poderia estar em qualquer outro gênero literário, mas ele une ao terror e cria sua literatura única.



O som e o desespero

por Júlio Alessi

Desespero (*Stephen King's Desperation*)

Direção Mick Garris, 2006. **Com** Tom Skerritt, Ron Perlman, Annabeth Gish e Charles Durning.

Casal cruzando a estrada é detido por porte de maconha, pela figura pra lá de sinistra de um xerife, aparentando desequilíbrio. Paulatinamente eles vão percebendo que algo sobrenatural ronda aquele sujeito e sua cidade...

Uma imersão na obra de Stephen King nos leva a experiências de fortes emoções, seja pelo suspense das cenas, pela profundidade dos personagens ou por causa de temas tão peculiares como espíritos, demônios, seres amaldiçoados, paranormais ou mesmo pessoas loucas. Esse universo tem despertado grande interesse nas pessoas desde tempos remotos, seja por narrativas orais, por contos de terror ou por grandes obras literárias. Em literatura Stephen King é um mestre. Além de escrever livros sobre ficção, terror, temas sobrenaturais, muitas de suas obras foram adaptadas e transformadas em obras cinematográficas do gênero, que tiveram como uma das principais escolas o Expressionismo Alemão dos anos de 1920. O autor também escreveu especificamente para o cinema.

Desespero é um filme de 2006, com nome original *Desperation*, escrito por Stephen King e dirigido por Mick Garris, que também dirigiu outras cinco histórias para TV escritas por King como: *Sonâmbulos* (1992), *A dança da morte* (1994), *O iluminado* (série para TV, 1997), *A maldição de Quicksilver* (1997) e *Montado na bala* (2004). O filme *Desespero* se inicia com um casal que viajava por uma das estradas mais desertas dos EUA: a rodovia 50. Ao avisar um gato morto em uma placa na estrada, pressente que algo muito estranho irá ocorrer. Na sequência, o casal é abordado por um xerife (Collie Enragian), uma pessoa muito estranha, que os leva presos por porte de maconha.

Ao chegarem em *Desespero*, observam que a cidade está abandonada, com pessoas e animais mortos pelas ruas e na delegacia encontram com outros personagens que constituirão a base da narrativa, principalmente a família Carver e seu filho, um menino chamado Dave que, a todo instante, reza para Deus proteger sua família do policial louco.

O tema central do filme é um mistério que ocorreu há muitos anos em uma mina dessa cidade. Logo no início do filme são mostradas imagens dessa mina com trabalhadores chineses. O cerne da história é a luta do bem, representado pelo menino Dave, contra o mal, representado pelo xerife. As cores da fotografia do filme inicialmente são quentes tendendo para o amarelo, contrastando com vermelho do sangue das vítimas. Ao desenrolar os fatos, principalmente nas cenas noturnas, a presença do azul representa o etéreo, o bem e o espírito de uma garotinha que foi vítima do policial louco. O espírito de meninas é algo recorrente na obra de King, tanto em uma das cenas de *flashback* do filme *À espera de um milagre* (Frank Darabont, 1999), como no filme *O iluminado* (Stanley Kubrick, 1980).

A trilha sonora é vital para reproduzir as sensações à flor da pele vivenciadas pelas páginas dos livros de Stephen King. Uma experiência de terror no cinema sem a música e sem os efeitos sonoros não consegue emocionar da mesma forma. Ao iniciar a narrativa, temos batidas de um tipo de sino e na sequência, soa um tema executado ao piano de uma música tranquila com fundo orquestral. Seu conceito é alterado quando aparece a estrada e escutamos uma música com sugestão misteriosa com grasnido de um condor, sons de coruja, vento e outros signos que remetem ao deserto.

Alguns sons estão presentes em toda a narrativa evocando ou mesmo antecipando mo-

mentos de tensão e horror, principalmente as batidas tipo tribais, remetendo a rituais diabólicos. Esses sons estão presentes em quase todas as cenas em que aparecem os personagens demoníacos do filme.

As músicas sugerem o estado de espírito dos personagens, representando a esperança ou mesmo alívio no tema de piano, ou com frases musicais repetitivas e marcadas em momentos de ação e suspense, como no som do espírito da menina que pula cordas, ou no ventilador que gira com um corpo pendurado, marcando assim o ritmo da música.

Os filmes baseados na obra de King contam com uma produção sonora de muita qualidade para tornar a imersão em sua obra audiovisual mais completa e aterrorizadora. Mergulhe nesse universo de terror e suspense em *Desespero*.



STEPHEN KING'S
DESPERATION

O invisível na tela

por Andy Malafaia



O nevoeiro (*The Mist*)

Direção Frank Darabont, 2007. **Com** Thomas Jane, Laurie Holden e Marcia Gay Harden.


Numa cidade do interior, uma tempestade traz misteriosa neblina. Um pintor e seu filho refugiam-se num pequeno mercado e observam que do tal nevoeiro saem terríveis criaturas assassinas.

Uma violenta tempestade assola uma cidadezinha incrustada à beira de um lago. No dia seguinte a família Drayton contabiliza os prejuízos causados. Enquanto uma estranha névoa acinzentada se aproxima, David (Thomas Jane) e seu filho vão ao supermercado comprar mantimentos. É neste local que o terror se constitui.

Baseado no conto homônimo, parte da antologia *Tripulação de esqueletos*, *O nevoeiro* é a terceira adaptação de Stephen King para o cinema do roteirista e diretor Frank Darabont, após *Um sonho de liberdade* e *À espera de um milagre*. Se em seus filmes anteriores ele emulava um Frank Capra contemporâneo, aqui estabelece conexões com os filmes B de Jack Arnold e Roger Corman, e também a *Enigma do outro mundo*, de John Carpenter, em uma referência explícita. *O nevoeiro* poderia ser apenas um filme de tentáculos assassinos e monstros de outras dimensões, todavia Darabont tem mais a oferecer, até porque o conto de King já indica inúmeras possibilidades cinematográficas.

A mais interessante delas é quando a névoa, que assume contornos sobrenaturais, passa a acuar os personagens dentro dos limites do supermercado, o filme desloca o invisível (que o cinema de horror contemporâneo tanto se utilizou no fora de campo) para dentro do quadro. A névoa tem uma materialidade que ocupa a tela, mas ela não é, em si, a ameaça. O perigo de fato reside naquilo que ela esconde. Portanto, é nas sequências em que os personagens adentram a névoa que o risco se torna iminente — e visível. Há algumas cenas em que os elementos monstruosos saem da cortina de fumaça para quebrar o espaço do realismo, porém sem tanto impacto, já que existe a sensação de que, naquele lugar tangível (o supermercado), o problema é passível de ser solucionado.

É dentro da névoa que se possibilita, também, a fabulação total. E há uma certa decepção para com o imaginário que Darabont tem a presentear. Ainda que haja a homenagem afetuosa aos filmes do passado e também as limitações orçamentárias do projeto, é um tanto decepcionante a corporificação deste imaginário em aracnídeos e insetos. Entretanto, se a concretude do monstruoso do lado externo do supermercado é frustrante, no interior da loja surge um outro tipo de ameaça, muito mais efetiva, encarnada na Sra. Carmody (Marcia Gay Harden), uma religiosa alucinada, espécie de profeta histérica do fim do mundo. Ela cria uma cisão entre dois grupos de personagens: a congregação apocalíptica que lidera, e aqueles que pretendem encontrar uma rota de fuga, liderados por David (o nome bíblico não é por acaso). É curioso, mas não inesperado, que o verdadeiro clímax do filme se dê no conflito entre liberais e conservadores, e não com os monstros sobrenaturais. Sinal dos tempos.



O medo da página em branco em *Saco de ossos*

por Rita Ribeiro

Saco de ossos (*Bag of Bones*)

Direção Mick Garris, 2012. Com Pierce Brosnan, Melissa George e Annabeth Gish.

Célebre escritor não consegue superar a morte da esposa e procura paz e sossego numa cabana próxima a um lago, onde conhece uma jovem viúva e sua filha. Isso até os fantasmas começarem a aparecer...

Uma página em branco pode ter vários sentidos: uma promessa de um novo projeto, a ansiedade frente a uma resolução, a saudade de alguém que já partiu ou, no caso de Mike Noonan, uma acusação. Um escritor de sucesso, uma morte na primeira página, uma cantora de blues dos anos 1930, uma casa no lago. Elementos sensacionais que renderiam uma ótima história, certo? Errado. Pelo menos no caso de Mike Noonan.

Acredito que a maior angústia do escritor é se deparar com a página em branco no computador, com o cursor piscando acusadoramente. Onde está a inspiração? No caso de Noonan, sua inspiração se foi com a prematura morte de sua esposa Johanna. Escritor de sucesso, aclamado pela crítica, de repente Mike se sente perdido sem sua amada. Sem inspiração, vivendo uma rotina idiota, ele se vê preso entre a dor da perda e a desconfiança, pois sua mulher estava grávida ao morrer, depois de anos de tentativas para engravidar. Que segredos estariam escondidos?

E para completar, ele começa a ter pesadelos. Com ela e com sua casa, no lago Sara Laughs no livro e Dark Score Lake na série. Tentando escapar do bloqueio que o impede de criar e fugindo dos pesadelos, Mike resolve voltar à casa do lago. Ali a aparente normalidade começa a desmoronar com coisas estranhas ocorrendo. Coisas muito estranhas. Noonan começa a perceber as manifestações de sua amada esposa que, cada vez mais, o enredam numa trama terrível, que desemboca numa maldição.

Nesse meio tempo, conhece Mattie e Kyra Devore, nora e neta do perverso e multimilionário Max Devore. Devore disputa a guarda da criança com a nora e, ao saber do provável envolvimento do escritor com elas, desencadeia uma perseguição a ele, usando meios legais e, claro, outros bem ilegais. Noonan se sente cada vez mais impelido a tomar conta das duas e aí a tragédia se estabelece.

Em Sara Laughs, o autor finalmente recomeça a escrever, mas ao mesmo tempo seus pesadelos vão aumentando e ele começa a descobrir fatos sobre sua esposa e sobre o lugar que permaneciam escondidos. Às vezes a verdade vem à tona. E nem sempre essa é o que gostaríamos de ver.

Apesar das nítidas diferenças entre o livro e a telessérie, dirigida por Mike Garris, a história nos enreda numa espiral de terror e culpa. Culpa por atos terríveis que geram consequências irreparáveis, culpa por não perdoar. A direção de Garris, aliada à uma excelente trilha sonora garante uma atmosfera onírica. Sentimos estar dentro de um pesadelo todo o tempo. Essa foi minha primeira incursão ao universo da literatura de King. E o primeiro King não se esquece fácil. Mesmo não sendo uma das adaptações mais brilhantes, a telessérie estrelada por Pierce Brosnan é uma boa experiência.

Um aspecto curioso na obra de Stephen King diz respeito à permanência do amor. Em diversas obras os laços amorosos que unem os vivos aos mortos aparecem. Seja em *Insônia* ou em *Love* – a história de Lisey, o amor não termina com a morte de um dos amantes. *Saco de ossos* também tem esta tônica. Muito mais que uma história de terror, esta é uma história de amor. Amor à moda King, portanto, muito assustador. Mas não é o próprio amor algo assustador?

Amor demasiado

por Paulo Henrique Silva

Pacto maligno (*Mercy*)

Direção Peter Cornwell, 2014. **Com** Chandler Riggs, Frances O'Connor, Dylan McDermott, Mark Duplass e Hana Hayes.

Uma mãe solteira e seus dois filhos se mudam para uma velha casa de uma avó que teve derrame, o que resultou em sequelas psicológicas e físicas. E o que se torna cada vez mais sabido é que a tal senhora pode guardar segredos. E segredos terríveis.

Pacto maligno é o filme que menos se aproxima da obra original de Stephen King. E, paradoxalmente, um dos que mais absorvem elementos da literatura do mestre do terror, como a casa isolada, as crianças com vidência, o dom sobrenatural como uma espécie de maldição e a influência explícita de H.P. Lovecraft.

Baseado no conto “Gramma”, publicado no livro *Tripulação de esqueletos* (1985), de onde também saiu *O nevoeiro*, o filme dirigido por Peter Cornwell subverte completamente o *plot* do texto, que se concentra no medo infantil, a partir de um neto que se vê sozinho em casa com a avó enferma sobre a qual ouviu histórias terríveis.

Em *Pacto maligno*, vemos, ao contrário, o grande afeto que George tem por sua avó, defendendo-a mesmo quando os fatos revelam que ela flertou com um demônio para realizar o desejo de se engravidar. A ambiguidade da avó — cujo nome Mercy (misericórdia, em português) dá título ao filme — é outro elemento comum à bibliografia de King.

O que o roteiro nos leva a refletir é sobre uma narrativa de amor demasiado, como, a certa altura, um padre observa ao falar dos erros cometidos por Mercy. Esta questão também é marcante nos livros do autor, vista, por exemplo, em *Christine* (1983), que aborda o amor obsessivo de um rapaz por um carro e vice-versa.

Com o viés do amor exagerado como norte, o roteiro de Matt Greenberg (autor também do recente *Cemitério maldito*) se concentra em trabalhar a relação, que se desenvolve paralelamente à elucidação de todo mistério. Esta acaba se tornando a linha narrativa menos importante, pela dificuldade de se construir um esperado *gran finale*.

Avó e neto se tornam uma coisa só, na contramão do anseio dos espectadores em vê-los separados. Embora se perca, especialmente na segunda metade, na elaboração de tantos elementos e conceitos, *Pacto maligno* se torna mais interessante quando estabelecemos essa lupa sobre os dois personagens.

É importante ressaltar que estamos falando de uma família completamente disfuncional, com filhos que repelem a mãe e ausência de relações estáveis (George não tem um pai). É possível imaginar, pelo estranho sentimento de calma que persiste ao final, que a missão do garoto é de resgate familiar, de pacificação.

Numa das sequências iniciais, vemos George sendo instruído por Mercy a como enfrentar a materialização em forma de cobra de um parente enterrado: enquanto toca violino, ele encara o réptil e a vitória se dá quando este passa por entre suas pernas, sem atacá-lo. Cena que podemos definir como síntese do filme.

A partir desta perspectiva, a “mensagem” de *Pacto maligno* aponta para a ideia de aprendermos a lidar com o nosso passado, por mais aterrorizante que possa parecer, cenário que nos conecta a outras grandes obras de Stephen King, como *Salem’s Lot* e “The Body” (base do longa-metragem *Conta comigo*).

Mr. & Mrs. Anderson: Um casal do barulho

por Carlos Primati

Um casal perfeito (*A Good Marriage*)

Direção Peter Askin, 2014. **Com** Joan Allen e Anthony LaPaglia.

Darcy está casada com Bob Anderson há 25 anos e levam uma vida estável e um relacionamento tranquilo e amoroso. Um dia, no entanto, uma série de assassinatos começa a acontecer na região, e Darcy suspeita que seu marido seja o responsável pela morte brutal de mulheres no local. Como lidar com o terrível segredo? Baseado no conto publicado por Stephen King na coletânea *Full Dark, No Stars* (2010), *Um casal perfeito* é baseado em eventos ocorridos no Kansas entre 1974 e 1991, a história real do “serial killer” Dennis Rader, conhecido como o estrangulador B.T.K.

Bob e Darcy Anderson (Anthony LaPaglia e Joan Allen)

comemoram a união de 25 anos, reunindo familiares e amigos, e têm o que pode ser considerado um bom casamento. Felizes, com dois filhos no início da fase adulta, vivem confortavelmente, Bob é um contador respeitado e colecionador de moedas raras. Mais importante: eles se amam e a chama do desejo continua viva. São quase irritantes, de tão felizes.

O marido viaja frequentemente a negócios, mas mesmo à distância se faz presente na vida de Darcy, deixando bilhetes pela casa para desencorajar a esposa a comer doces ou tomar pílulas para dormir. Pequenos gestos inofensivos que se revelam atitudes típicas de um homem manipulador. Durante uma de suas ausências, o casamento será abalado da maneira mais drástica e chocante: Darcy descobre, de modo casual, que o marido é o misterioso assassino em série Beadie, que tem aterrorizado os Estados Unidos cometendo os crimes mais grotescos, matando mulheres depois de estuprá-las e torturá-las. Bob imediatamente percebe que a esposa descobriu seu segredo, e o convívio entre eles passa a ser a manutenção de uma fachada de normalidade, acima de tudo para poupar os filhos da desgraça e vergonha.

Dirigido por Peter Askin, com roteiro do próprio Stephen King, *Um casal perfeito (A Good Marriage)* é adaptado de sua própria novela de mesmo nome, publicada em 2010 no volume *Full Dark, No Stars* (no Brasil, *Escuridão total sem estrelas*), com outras três histórias de vingança. King revelou que a inspiração veio do caso real de Dennis Rader, um assassino em série que se autodenominou BTK (“bind, torture, kill”, ou “amarrar, torturar, matar”) e que cometeu uma série de crimes entre 1974 e 1991, mas só foi descoberto e detido em 2005.

Apesar da premissa grotesca do psicopata estuprador, o filme não mostra o criminoso agindo e se mantém no registro do suspense. Sabemos do assassino apenas o suficiente para termos certeza de sua culpa e do quanto é aleatória sua escolha de vítimas. Acompanhamos tudo pelo ponto de vista de Darcy, mas não suspeitamos que ela planeja uma vingança; mas quando é perpetrada – fria, impiedosa e na hora exata – ela se mostra uma matadora metódica como o marido, e é provocante a ideia de que “Beadie” seja o casal (B+D, suas iniciais) agindo em dupla.

O filme é todo de Joan Allen, que havia interpretado a esposa do controverso e sórdido presidente Richard Nixon na produção *Nixon* (1995), de Oliver Stone. Na mesma época, teve um papel memorável, casada com Daniel Day-Lewis e tendo Winona Ryder como rival, no arreatador *As bruxas de Salém* (1996), de Nicholas Hytner.

Stephen King é um habilidoso cronista de angústias femininas; levadas ao cinema, personagens vividas por Sissy Spacek (*Carrie, a estranha*), Shelley Duval (*O iluminado*), Kati Luani Lee (*Cujo*), Kathy Bates (*Eclipse total*) e Sofia Lillis (*It: a coisa*) são alguns exemplos de mulheres oprimidas, humilhadas ou aprisionadas em relacionamentos problemáticos. Para o escritor, o terror sempre começa dentro de casa, muitas vezes sob uma fachada de normalidade, e é o mais difícil, quase impossível, de escapar.



Uma vingança digna de estar em um livro

por Yasmine Evaristo

Impulso de vingança (*Big Driver*)

Direção Mikael Salomon, 2014. **Com** Maria Bello, Ann Dowd, Will Harris, Joan Jett, Olympia Dukakis, Mary-Colin Chisholm e Tara Nicodemo.

Uma bem-sucedida escritora de mistério e crime está retornando para casa após um compromisso e decide pegar um atalho por uma estrada deserta. Ao se deparar com um pneu furado, ela aceita a ajuda de um estranho que se mostra bastante confiável e solícito, descobrindo então ter sido vítima de uma armadilha arquitetada pelo homem que a estupra e a deixa como morta submersa em águas rasas de esgoto; Após se recuperar decide não contar a ninguém o ocorrido e iniciar por si mesma uma investigação para descobrir se foi uma vítima aleatória do estuprador ou se ele havia premeditado o ataque contra ela.

O cinema de terror usa o corpo como condutor de sensações.

Sejam verossímeis ou absurdamente fantásticas o medo provoca arrepios, mal-estares e diversas sensações de repulsa. Uma obra que coloca no centro de sua trama uma personagem movida pela vingança é a promessa de uma série de desdobramentos que afetarão as pessoas dentro e fora da tela.

O corpo feminino também é elemento recorrente em narrativas pautadas no medo. Pessoas que por alguma motivação se encontram em algum lugar¹ de vulnerabilidade sempre serão boas bases para personagens. Por isso *Corra!*, de Jordan Peele, ou *A vingança de Jennifer*, de Meir Zarchi, são filmes tão assistidos, comentados e questionados. A violência, seja contra a vítima ou contra o algoz, fomenta no espectador o sentimento catártico de ter poder por meio daquela representação.

O filme *Impulso de vingança* foi feito pelo canal Lifetime, baseado em um conto do autor estadunidense Stephen King. O canal é conhecido por suas adaptações de contos e livros como telefilmes. Estes títulos costumam ser de baixo orçamento e qualidade, porém *Impulso* consegue ser mais interessante do que pode parecer. Este filme se encaixa no subgênero *Rape and Revenge*. O estupro é algo utilizado com mais recorrência do que devia (nunca) em filmes de terror e *exploitations* como maneira de motivação para alguma personagem, majoritariamente feminina.

A escritora Tess Thorne (Maria Bello) está se preparando para uma palestra que dará durante um encontro com um grupo de fãs, leitoras de romances policiais. Tendo como companhia seu gato Fritz e sua vizinha Patsy (Jennifer Kydd). A protagonista acabou de participar do encontro com suas fãs e, ao retornar para casa, pega um desvio sugerido por uma das participantes do evento, Ramona Norville (Ann Dowd). Obviamente o caminho a levará para experiência que altera sua vida e a motiva pelo restante do filme.

Com os pneus furados por uma emboscada em uma estrada deserta a mulher aceita a ajuda de um estranho (Will Harris) que passa por ali. Sua esperança se transforma em medo ao ser agredida pelo desconhecido e jogada em um cano para morrer. Sobrevivente, Tess se empenha em descobrir o paradeiro do homem que a violentou e se vingar.

O tempo todo ela busca descobrir os caminhos que levam àquele que a atacou guardando em si um constante medo da morte. Mas em vez de se esconder e fugir do destino trágico que pode estar esperando por ela a mulher caminha em direção ao seu medo. É como se aquele “clima” a provocasse. Como elemento de força — lembrando que nos *Rape and Revenge* a prova de superação é o caminho de encontro aos elementos que provocaram o estupro em busca da catarse — aquela mulher vivendo no limite da loucura e da sensatez caminha com a morte disposta a mostrar para ela “como é que se faz”. Ela busca expurgar

¹ Aqui uso lugar não como espaço físico, mas como espaço social ocupado por minorias ou grupos da sociedade que sofrem algum tipo de opressão. No caso do filme abordado, uma mulher vítima de violência física e sexual.

sua dor e eliminar qualquer vestígio do que aconteceu para não ter sua reputação afetada.

Estrategicamente, como se sua vida passasse a ser elemento componente de uma de suas histórias sua nova rota passa a ser percorrida metodicamente. A personagem de Bello elimina de si a memória física do ataque como pode se limpando, mentido para todos em seu entorno, negando o que aconteceu. Escolhendo um caminho, talvez menos dolorido para manter suas forças e conseguir executar seu plano.

Como não poderia faltar em um filme baseado em uma obra de King os elementos sobrenaturais estão presentes. Além da vizinha e do gato, há ainda cinco pessoas que fazem parte do ciclo de amizades da escritora: as quatro senhoras do clube de tricô (principalmente com a interpretada por Olivia Dukakis), personagens de seus romances, e seu GPS.

Consumida pelo medo a mulher passa a dialogar cada vez mais com esse ciclo de amigos, como se eles fosse a força motriz que ela necessitasse para tomar suas resoluções. Esses elementos/seres tomam cada vez forma mais nítida — por voz ou imagem — se tornando o porto seguro e a consciência da romancista.

Não há muitos mistérios no desenvolvimento da trama e das personagens. Desde o início o caminho está delineado. Até a pessoa mais distraída saberá que o desvio de caminho é o ponto de ignição para a trama, ou que a mulher que sugere essa nova rota está envolvida de alguma forma com o agressor. Os pontos positivos do filme estão na maneira como Tess se porta desde os primeiros momentos.

Ela vê suas personagens como pessoas reais, dialoga com elas e também com o GPS como se este a respondesse. Ela está sempre no limiar de uma possível loucura. Há a possibilidade de por um longo tempo se questionar o quanto aqueles fatos são reais ou não. Ela foi mesmo atacada? Sua imaginação fértil de escritora está pregando uma peça? Ela vive uma verdade ou estamos em sua mente vivendo seu processo criativo?

Assim somos levados a uma série de julgamentos que são incômodos. Em meio a monólogos longos, divagações e a inconstância do ritmo, que parece tão lento quanto o alcance do momento da vingança o filme vale por cada minuto de interpretação de Maria Bello. Em seus momentos mais ativos ou nos mais contemplativos o processo pelo qual Tess Thompson está passando fica evidente na expressão da atriz. Ainda que não seja tão cru quando *A vingança de Jennifer* ou *Vingança* o ataque do primeiro ato é forte o bastante para provocar incomôdo e estar sempre ecoando nas memórias da escritora ou no ambiente do estupro que é revisitado algumas vezes pela personagem.

Cientes de que em uma sociedade que ignora as relações de gênero e culpabiliza a vítima de estupro questionar a sanidade de Tess provoca a sensação de que estamos sendo cruéis. Estar dentro da mente dessa mulher, nesse momento é experimentar seus dilemas, sentir sua dor e compartilhar de suas escolhas. É ser colocado na posição de quem teme a vida e a morte, de quem se equilibra na corda bamba da mínima sanidade que pode ruir a qualquer momento.

A movie poster for Stephen King's 'Big Driver'. The central figure is a woman with a serious expression, wearing a dark quilted jacket over a black turtleneck. She has a red blood splatter on her left cheek and a prosthetic hand on her right side. The background is dark with a red and orange glow at the bottom, suggesting a night scene with emergency lights. The title 'STEPHEN KING'S BIG DRIVER' is overlaid in large, bold, distressed letters.

STEPHEN KING'S
**BIG
DRIVER**

Sobre medos infantis e traumas adultos

por Juliana Melo

It: a coisa (*It*)

Direção Andy Muschietti, 2017. **Com** Bill Skarsgård, Finn Wolfhard, Javier Botet e Nicholas Hamilton.

Segunda adaptação do livro homônimo de Stephen King. Por séculos, o palhaço assassino Pennywise persegue os moradores de uma pequena cidade, até que um grupo de garotos decide enfrentá-lo custe o que custar...


Existem imagens que são ícones do terror sem que boa parte do público saiba como elas se tornaram tão onipresentes. O Pennywise de Tim Curry, da minissérie *Stephen King's It* de 1990, é um desses ícones. A figura de Pennywise criou uma inteira geração (inclusive quem vos fala) aterrorizada com palhaços e ralos de banheiro.

A refilmagem do clássico de terror *It: a coisa*, realizada em 2017 redesenhou não apenas a figura de Pennywise, mas em especial a relação do clube dos perdedores com o palhaço assassino. O longa-metragem de Andy Muschietti é uma bela história de *coming of age* onde os seis protagonistas vivem as dificuldades, crescimentos, amores e medos da transição entre infância e adolescência em uma pequena cidade amaldiçoada. Parece clichê, mas é uma verdade: *It* não é um filme sobre um palhaço assassino, é uma história sobre medos e traumas infantis, as dores do crescimento e a intensidade de amizades, ao melhor estilo de sucessos dos anos 1980 como *Conta comigo* (1986) e *Os Goonies* (1985). Cada criança é forçada a lidar com seus medos individuais na tentativa de vencer o palhaço dançante, mas se mantêm mais fortes ao se unirem e trabalharem juntos.

A escolha de trazer a ação para os anos 1980 é muito acertada por várias razões. O revival dos anos 80 está em alta e essa época se conecta de forma muito pessoal com boa parte do público de *It* em 2017, repleto de nostalgia. Também ao se passar nos anos 80 e focar apenas na primeira parte do romance, quando as crianças se deparam com *It*, Muschietti abre as portas para uma óbvia continuação do filme, que virá em 2019. O foco nas crianças permite que *It* explore mais seus verdadeiros pontos de força.

Bill Skarsgard que assume o palhaço assassino Pennywise sabe que tem grandes expectativas a cumprir seguindo os passos de Tim Curry. Sua interpretação é desconcertante e estranha, toda outra forma de aterrorizar as crianças, o público e os coulrofóbicos. Alguns dos efeitos utilizados no filme, em especial quando Pennywise corre em direção as crianças, distraem de uma forma um tanto cafona. Mas que obra inspirada nos anos 80 não se apoia em doses saudáveis de cafonice?

It: a coisa equilibra boas doses de nostalgia, elementos de drama, *coming of age* com excelentes atuações dos atores mirins que compõe o clube dos perdedores, traços de terror e uma nova imagem icônica de Pennywise, um dos maiores vilões do cinema.



***Doutor Sono* ou o que está morto, deve permanecer morto**

por Rita Ribeiro

Doutor Sono (*Doctor Sleep*)

Direção Mike Flanagan, 2019. **Com** Ewan McGregor, Bruce Greenwood, Cliff Curtis, Emily Alyn Lind e Rebecca Ferguson. A infância de Danny Torrance foi marcada pelo trauma de uma tragédia. Seu pai enlouqueceu até morrer ao assumir a responsabilidade sobre o macabro e isolado hotel Overlook, repleto de mistérios e espíritos malignos. Danny, um possuidor de habilidades paranormais, por pouco sobrevive. Agora, já adulto e alcoolatra, com a parceria de uma criança igualmente paranormal, é hora de fazer algo inimaginável: ele precisa voltar ao Overlook. Sequência de *O Iluminado* (1980).

Continuações são sempre um risco. Uma continuação de algo que deu muito certo é um risco ainda maior. O livro *Dr. Sleep* foi lançado em 2013, como uma continuação de *O iluminado* (*The Shining*) lançado em 1977, retomando, mais de 30 anos depois a história do pequeno Danny Torrance, o iluminado do título original.

Tanto o livro, quanto o filme dirigido por Stanley Kubrick em 1980, mesmo com a discordância de Stephen King, foram sucesso absoluto. O filme, ainda hoje arrasta multidões para suas sessões. Esse, talvez, fosse um dos motivos para que se fizesse uma continuação da história, agora com um Danny Torrance adulto.

E é por aí que a história começa abordando os três sobreviventes do Hotel Overlook: Danny, sua mãe Wendy e o cozinheiro do hotel, Dick Halloran. Com o passar do tempo Halloran ensina Danny a controlar as horrendas visões que o perseguem, mesmo depois da destruição do Overlook. E o tempo passa...

Uma infância turbulenta, por vezes, determina os rumos da sua vida adulta. Assim como seu pai Jack Torrance, Danny revela sua faceta violenta e sucumbe ao alcoolismo. Mesmo porque a embriaguez permite que os terrores sobrenaturais não apareçam. Mas resta a vida real... E então Danny, finalmente, encontra um pouco de paz ao ser acolhido numa pequena cidade, se mantém sóbrio e passa a trabalhar numa clínica para doentes terminais, acompanhando-os até seu fim, daí o nome *Dr. Sleep*.

Mas paz parece não ser sua sina, pois ele começa a receber mensagens de outra iluminada, a pequena Abra. Com poderes tão fortes como os de Danny, ela passa a ser perseguida por seres devoradores da luz que aqueles iluminados possuem. São uma comunidade itinerante, liderada pela maléfica Rose the hat, uma boa alusão a vampiros de almas, no caso, de iluminados.

Esses seres sequestram crianças, as torturam e sugam suas almas. Abra tenta combatê-los, mas acaba sendo vítima desses monstros. E Danny parte em seu enalço, tendo como grande desfecho o Overlook Hotel, que se ilumina para torturá-lo mais uma vez.

A adaptação feita por Mike Flanagan, que também dirigiu para a Netflix outra adaptação de King, *Jogo perigoso* (2017) e uma das séries de terror mais bem sucedidas do canal de streaming *A maldição da residência Hill* (2018), além de outras obras já o credenciam para um bom trabalho que, em alguns momentos, dialoga com o filme de Stanley Kubrick.

Diferente de Kubrick, o filme de Flanagan é uma obra de terror, por vezes bastante assustadora e, ousado dizer, mais clara que o livro que a originou. O trio principal Ewan McGregor (Danny), Rebecca Ferguson (Rose the hat) e Kyliegh Curran (Abra Stone) nos trazem a empatia imediata. Sim, a vilã tem seu charme!

Ao contrário do livro, em que o decorrer da história busca a redenção de Danny, merecida depois de toda uma vida turbulenta e infeliz, conseguindo encontrar uma família, o filme traz um desfecho bem diferente. Aqui redenção vira sinônimo de sacrifício. Mesmo sendo uma adaptação que pode ser considerada muito boa, é uma pena que não tenha respeitado o

final de King. Ainda que em seus piores pesadelos, Mr. King busca a redenção de seus personagens e, em grande parte, finais felizes. Aqui não. E não foi ele mesmo quem disse em outra obra que “o que é morto deve permanecer morto”? Assim como continuações...



Galeria do medo

Scary Gallery by

por

Eduardo Cardenas

Kawany Tamoyos, a.k.a. Kakaw

Bruno Romão

FilipeAnjo

Raquel Bolinho













PARTE III

Curiosidades

John Swithen

Este pseudônimo foi usado somente UMA única vez em meados de 1972, ao escrever o conto “The Fifth Quarter” para a revista masculina Cavalier. Muitos anos depois conseguiu transpor este conto para o livro *Pesadelos e paisagens noturnas (Nightmares & Dreamscapes)*, em 2006 transformada em série de TV e aqui no Brasil, o tal conto escrito quase 35 anos antes, foi traduzido com o título de “O mapa”, sobre um presidiário recém-libertado na busca por uma fortuna.

Os Preferidos

King foi desde sempre muito adaptado para o cinema e para a TV, natural que tivesse suas preferências. E são três: *Stand by Me (Conta Comigo, de 1986)*, *The Shawshank Redemption (Um sonho de liberdade, de 1994)* e, para não dizer que não há sobrenatural na sua lista: *The Mist (O nevoeiro, de 2007)*.

As Rádios

Stephen e sua esposa, Tabitha, possuem estações de rádio. É a Zone Radio, uma empresa que serve para dirigir suas três estações de rádio no Maine. Uma delas, o WKIT, é uma estação de rock clássica que segue o slogan “Stephen King’s Rock Station” e é um dos maiores sucessos na região.

O Acidente

Em 1999, King assustou a todos. Foi atropelado por uma van e ficou às portas da morte. Na melhor das hipóteses perderia uma das pernas. Entre os vários danos, teve um colapso no pulmão, múltiplas fraturas no quadril e nas pernas e um corte profundo na cabeça. Depois de sua plena recuperação, King e seu advogado compraram a van por US \$ 1.500, quando o escritor fez questão de declarar: “Sim, temos a van e eu vou pegar uma marreta!”

O Amigo Esmagado

Stephen King parece ser capaz de criar histórias arrepiantes, mas ele teve seu quinhão de horror real. Além do acidente de carro acima mencionado, quando era apenas uma criança, seu amigo foi atingido e morto por um trem (Inspiração para o conto “The Body”, que daria origem a *Conta comigo*). Embora seja fácil supor que esse incidente tenha formado boa parte dos seus escritos, o autor afirma não ter memória do acontecimento e lembrar somente da narrativa de sua mãe.

A Banda

King tocou guitarra base para uma banda formada por escritores de sucesso, a Rock Bottom Restman. De 1992 a 2012, a banda “excursionou” uma vez por ano. Além de King, havia Amy Tan (escritora de livros infantis), Dave Barry (escritor de comédia), Mitch Albom (dramaturgo premiado), Barbara Kingsolver (ensaísta e poeta), Matt Groening (o criador de Os Simpsons) e Ridley Pearson (autor de livros de suspense), apenas alguns de seus outros membros.

O Mundo Encantado de SK

Ele escreve muito sobre o Maine porque conhece e ama The Pine Tree State (“apelido” oficial): ele nasceu lá, cresceu lá e ainda mora lá (em Bangor). Castle Rock, Derry e Jerusalem’s Lot — as cidades fictícias sobre as quais ele escreveu em seus livros — são apenas produtos da imaginação de King, mas ele pode dizer exatamente onde, no estado, eles estariam se fossem reais.

Bebida e Drogas

Durante grande parte da década de 1980, King lutou contra as drogas e o álcool. Ele admitiu que “há um romance, Cujo, que mal me lembro de escrever. Não digo isso com orgulho ou vergonha, apenas com uma vaga sensação de tristeza e perda”. Chegou ao limite quando os membros de sua família fizeram uma intervenção e o confrontaram com um monte de drogas que haviam encontrado em sua lata de lixo. Foi o que ele precisava; ele tem ajuda de todos e está sóbrio desde então.

King escreveu *Lost*?

King era um ávido fã de *Lost* e às vezes escrevia sobre o programa em sua coluna da famosa revista Entertainment Weekly, “The Pop of King”. A admiração era mútua. Os escritores de *Lost* mencionaram que King foi uma grande influência em seu trabalho. Havia muita especulação de que ele era o homem por trás de *Bad Twin* (ver a seguir), um mistério de *Lost*, mas ele desmentiu esse boato.

E o que é *Bad Twin*?

É um livro relacionado com o seriado de TV, *Lost*. O romance é atribuído, na ficção, a “Gary Troup”, um dos passageiros do Voo da Oceanic 815. Em 18 de junho de 2006, o Daily Variety revelou que *Bad Twin* teve como autor, o romancista Laurence Shames. A história gira em torno de um decadente e desatualizado detetive particular em busca de um dos filhos de Arthur Widmore... Um vilão do seriado.

Algumas Participações

Stephen King tem alma de ator e um quê de Alfred Hitchcock. Sim pois a exemplo do velho cineasta inglês, ele também curte aparecer em filmes sobre suas obras. Aqui vão algumas: sua primeira aparição foi na produção de 1981 *Cavaleiros de aço (Knightriders)* de George A. Romero, onde sua esposa também participa. No ano de 1982, em *Creepshow*, King interpreta Jordy Verrill, um agricultor que começa a se transformar numa planta, após a queda de um meteorito. Depois disso, foi um sujeito diante do caixa eletrônico, no único filme que dirigiu: *O Comboio do terror (Maximum Overdrive)*, de 1986), ainda dublou a si próprio em *Os Simpsons*, fez uma participação importante na série *Sons of Anarchy*, entre muita coisa mais...

King, Os Escritores

Stephen não é o único escritor da família King: sua esposa, Tabitha King, publicou vários romances. Joe, seu filho mais velho, seguiu os passos do pai e é um escritor de horror *best-seller* (ele escreve sob o pseudônimo de Joe Hill). Owen, outro de seus filhos, escreveu uma coleção de contos e uma novela e ele e seu pai co-escreveram *Sleeping Beauties* (Owen também se casou com uma escritora). Naomi, a única filha do rei, é uma ministra da Igreja Unitarian Universalist na Flórida e é ativista gay. Casada atualmente com a Reverenda Thandeka.

Prosseguindo com *O Iluminado*

Depois de escrever o livro, King não estava satisfeito com o final da obra e resolveu escrever *After the Play*, um epílogo que contava o destino do Hotel Overlook depois dos acontecimentos em *O iluminado*. Devido aos processos editoriais, esse epílogo foi perdido e nem mesmo o autor tinha uma cópia. Foi então que um colecionador norte-americano comprou um manuscrito de *O Iluminado* com um capítulo a mais, chamado “After”. Depois de verificar com o escritório de Stephen King, foi constatado que este capítulo era o tão famigerado epílogo perdido há 40 anos!

A série de “Dollar Babies”

Dollar Babies foi o apelido dado aos curtas-metragens baseados nas obras de King, cujos direitos autorais foram vendidos pelo valor simbólico de 1 dólar. São dezenas de curtas-metragens. Esses filmes não podem ser comercializados, tendo suas participações restritas à exibições em festivais de cinema.

Falando com “O Cara”

Além do site oficial <http://stephenking.com/> (que é administrado pela sua equipe) o próprio Steve administra um perfil oficial no twitter <https://twitter.com/stephenking> com quase 900 mil seguidores, onde ele fala um pouco mais sobre a vida, o universo e sabe-se lá o que mais, quase que diariamente. Ou seja, dá pra pedir aquela continuação de *Cujo*, por exemplo...

Richard Bachman

No início da carreira de Stephen King, a opinião geral entre os editores era que um autor deveria se limitar a um livro por ano. Ultrapassar esse limite deixaria o mercado saturado de títulos dos autores e isso não era bom. King, portanto, teve a ideia de escrever com outro nome, a fim de aumentar a sua publicação, sem que para isso acabasse saturando a “marca King”. Ele convenceu o sua editora, Signet Books, a imprimir esses romances sob um pseudônimo: Richard Bachman. Em sua introdução aos Livros de Bachman, King diz ainda que Bachman era também uma tentativa de dar sentido a sua carreira e tentar responder à questão de saber se o seu sucesso devia-se ao talento ou sorte...



Fonte parcial: <http://www.stephenking.com.br>



Biblioteca Stephen King

Lista dos livros e *graphic novels* de Stephen King publicados no Brasil:

List of Stephen King's books and graphic novels published in Brazil:

Jogo perigoso | *Gerald's Game*

Pesadelos e paisagens noturnas I | *Nightmares & Dreamscapes I*

Pesadelos e paisagens noturnas II | *Nightmares & Dreamscapes II*

Insônia | *Insomnia*

Rose Madder | *idem*

Desespero | *Desperation*

Os justiceiros | *The Regulators*

Christine | *idem*

A maldição | *Thinner*

O cemitério | *Pet Sematary*

Saco de ossos | *Bag of Bones*

O iluminado | *The Shining*

O talismã | *The Talisman*

À espera de um milagre | *The Green Mile*

Carrie, a estranha | *Carrie*

Os olhos do dragão | *The Eyes of the Dragon*

Tripulação de esqueletos | *Skeleton Crew*

It, a coisa | *It*

Buick 8 | *From a Buick 8*

A casa negra | *Black House*

Dança macabra | *Danse Macabre*

O pistoleiro (série A torre negra #1) | *The Gunslinger*

A escolha dos três (série A torre negra #2) | *The Drawing of the Three*

As terras devastadas (série A torre negra #3) | *The Waste Lands*

Mago e vidro (série A torre negra #4) | *Wizard and Glass*

Lobos de Cala (série A torre negra #5) | *Wolves of the Calla*

Canção de Susannah (série A torre negra #6) | *Song of Susannah*

A torre negra (série A torre negra #7) | *The Dark Tower*

O vento pela fechadura (série A torre negra, spinoff) | *The Wind Through the Keyhole*

A dança da morte | *The Stand*

O apanhador de sonhos | *Dreamcatcher*
A hora do vampiro | *'Salem's Lot*
O concorrente | *The Running Man*
Quatro estações | *Different Seasons*
Tudo é eventual | *Everything Is Eventual*
Love, a história de Lisey | *Lisey's Story*
Sombras da noite | *Night Shift*
Duma Key | idem
A autoestrada | *Roadwork*
A zona morta | *The Dead Zone*
Celular | *Cell*
Ao cair da noite | *Just After Sunset*
Sob a redoma | *Under the Dome*
Novembro de 63 | *11/22/63*
Doutor Sono | *Doctor Sleep*
Misery, louca obsessão | *Misery*
Escuridão total sem estrelas | *Full Dark, No Stars*
Joyland | idem
Sobre a escrita | *On Writing*
Revival | idem
Mr. Mercedes | idem
Achados e perdidos | *Finders Keepers*
Último turno | *End of Watch*
O bazar dos sonhos ruins | *The Bazaar of Bad Dreams*
Belas adormecidas | *Sleeping Beauties*
Cão raivoso | *Cujo*
A hora do lobisomem | *The Cycle of the Werewolf*
A incendiária | *Firestarter*
A pequena caixa de Gwendy | *Gwendy's Button Box*
A metade sombria | *The Dark Half*
Outsider | idem
Creepshow | idem
N. | idem
O instituto | *The Institute*
Ascensão | *Elevation*
Com sangue | *If it Bleeds*
Trocas macabras | *Needful things*
Depois | *Later*

BIBLIOTECA

STEPHEN
KING





PARTE IV

Versão em inglês
English version

Banco do Brasil presents and sponsors **Stephen King: Fear is your best companion**, a film exhibit with titles based on the works of the master of horror, in addition to the films that inspired him.

Stephen King is one of the most influential writers of recent times, who has attracted Hollywood's top directors and had many of his stories adapted for film and television. Stanley Kubrick, Brian De Palma, and John Carpenter are some of the names who took the writer's books to the screen and turned them into classics of the Seventh Art, such as *The Shining* (1980), *Carrie* (1976) and *Christine* (1983).

Through this exhibition, CCBB puts the public in contact with the work of one of the most remarkable authors of horror and fiction of his generation and stimulates debates on his creation process and his adaptations, besides promoting a dialogue between literature and cinema.

Bank of Brazil Cultural Center

Fear is your best companion

Fear is one of the inherent conditions for survival. From an early age, it follows us. From the monster under the bed, to the terrorists, psychopaths, ghosts... In fact, as we grow older, we try to push the primal fear into the back of our minds. Then, we forget about the monster that used to lurk in the back of the closet at night, or those who were waiting for us in the hall when we felt thirsty at night. But that does not mean that they ceased to exist. We just forgot them.

But, like almost everything in life, fear always comes back. We grew up living with fear in matinees or midnight showings, with the endless reruns of *Christine* (1983), *Silver Bullet* (1985), among other works from the master Stephen King. Our generation grew up watching these movies, first on TV (because we were not old enough), and later at the movie theaters. So far so good, because those films were shared fears, but in our dark living rooms, alone at night, we knew that it was only a matter of running to our parents' room or to the bed of our big brother, and then we would not be alone anymore.

However, the great experience of fear comes when we are alone, when only a ray of light striking the pages of the book we are reading. That's where Stephen King works his magic. In the pages of his books we become hostages of fear. A fear that makes us return to our primary instincts. Only this time it's not the monster inside the closet or under the bed. King's monsters sneak out and enter our minds. And after they have invaded us, there is no escape.

Horror was long considered a minor genre. Alongside classical authors like Oscar Wilde, Bram Stoker, Mary Shelley, Robert Louis Stevenson, who all devoted works to the genre, came very successful Penny Dreadfuls or Penny Bloods, leaflets that were published in the nineteenth century featuring horror stories full of blood and macabre characters, sold at popular prices. In the same way, since the beginning of the cinema, horror films were seen with distrust, as if they discredited the directors and actors. Curiously, if we look at the production lists, this genre has never ceased to be produced.

Just like horror literature as never ceased to be produced. Only in the early years of the twenty-first century that the extensive work by Stephen King stopped being considered a minor genre. The proof of that is the quantity of films and miniseries based on his books. But what has changed over the years? Maybe we're becoming less judgmental. Perhaps, finally, we recognize that King shaped, in his

peculiar way, the fear of the contemporary human being. Why are his books so good? Because, more than simply knowing the demons, King knows the human beings like nobody else. And that's where the worst monsters live. Moving through the everyday universe, the author transforms simple things into something to be feared: laundry machines and cars become murderous objects; little children and old ladies become psychopaths. And don't get us started on hotels. These will never be the same again. Cast the first stone the one who does not stare suspiciously at a hotel long hallway... Lovecraft, Machen, Poe, they all shaped the horror in the twentieth century. Stephen King is the great master of the 21st, and continues to create fans and influence new authors.

The retrospective **Stephen King: fear is your best companion**, arriving now in Belo Horizonte, has gathered more than 11,000 people in Rio de Janeiro, Brasília and São Paulo. For the first time in Brazil, an exhibition presents — in person and online — 47 titles adapted from the works of the Master of Terror, in addition to five original TV productions (some developed by King himself) and five films that King himself considers influential while becoming an author. Film sessions in theaters will follow all safety protocols concerning Covid-19 pandemic prevention. Online sessions will have free access on the Darkflix platform for the duration of the retrospective.

Running parallel to the exhibitions, **Stephen King: fear is your best companion** will also offer live streamings and panels with film critics, researchers, Brazilian authors and readers who are fans of King's work. A masterclass will also be scheduled during the four weeks of the retrospective. As per the exhibitions, activities will be a mix of in person and online events.

Throughout this catalog, in addition to the contributions of authors, directors, critics and researchers, we also have designers and illustrators showing their peculiar vision of Stephen King and his works.

We thank CCBB (Banco do Brasil Cultural Center) for the opportunity to present for the first time to all of you, as the master would say, faithful readers, the adaptations of Stephen King's main stories. And we hope that many more will come. For, as much as we deny, fear will always be our best companion!

Rita Ribeiro & Breno Lira Gomes

Curators

Though King's work as an author is very cinematic, it's amazing how many adaptations over the decades kind of miss the point. They go for the horror over the humanity. What makes King special is not the monster in the closet. It's the people who live in the house with the monster in the closet: their lives, their foibles, their relationships. They are us. King has a firm grip on the pulse of his characters. His is a uniquely human — and humane — world view, offering complex characters in a very real world. Though he is often called a horror author, it's often used as an insult. Stephen King is a great artist and author, but also a deep thinker and humanitarian who respects his characters — and his monsters — as if they were his own family.

Mick Garris

Filmmaker and screenwriter

PART I

Long live the King

by Edilton Nunes

On September 21st, 1947, contrary to all possible expectations, since his mother had been informed that she could no longer bear children, Stephen Edwin King was born at Portland General Hospital, Maine. Son of the merchant seaman Donald Edwin King and Nellie Ruth Pillsbury, King has demonstrated his talent for writing since he was very young. In 1959, when he was 12 years old and living without his father's presence (Donald, a free-spirited man who always used to travel, left home one day in 1949 to buy cigarettes and never returned), King started to write articles for his brother's mimeographed newspaper *Dave's Rag* reviewing TV shows of the time. Later, he would write several short stories that he would end up selling for his friends 30 cents each. His passion for horror would bloom after a visit to his aunt Emrine's, where he found a box full of old science fiction and horror magazines.

In 1962, King joined Lisbon Falls High School, a school that would inspire one of his best-known stories, the novel *Carrie*. Four years later he entered the University of Maine in Orono, where he graduated in 1970, three years after his first sale as a professional writer, the short story "The Glass Floor", and four years after he met the woman who would become his future wife, Tabitha Spruce. His first daughter with Tabitha, Naomi Rachel King, was born also in 1970. On January 2 of the following year, King married Tabitha in a discreet ceremony.

Two other noteworthy events marked Stephen King's life in the following years. In 1972, the couple's first boy, named Joseph Hillstrom King (now known as the famous writer Joe Hill) was born, and in 1973, his mother, Nellie Ruth King, died of lung cancer. This event leaves a mark on King, who later would address the disease in several of his books.

In 1974, King's first book, *Carrie*, is published by Doubleday Publishing, yielding \$2,500 in advance to the author and later having its paperback rights sold for \$400,000. At first, King thought *Carrie* was not very good and threw it in the trashcan. Tabitha, his wife, eventually retrieved the manuscript and managed to persuade him to finish it. Afterwards the book would become his first editorial phenomenon.

In 1977, King publishes what may have become his best-known novel, *The Shining*, which would later become a successful movie in the hands of director Stanley Kubrick. In the same year, Richard Bachman is born, the pseudonym Stephen King would use it secretly to publish seven novels, including *Rage* (1977), which King forbid to be reprinted because of his fear that the book would encourage teenagers to commit crimes inside their schools.

In the following decade, King published *Danse Macabre* (1981), a theoretical treatise in which he discusses, among other things, horror in various media (cinema, TV, theater) and how they influenced his creative process.

In July 1982, the publishing house Donald M. Grant released the first volume of *The Dark Tower* saga, entitled *The Gunslinger*. The book, which had begun to be written by King when he was only 19 (inspired by the epic poem *Childe Roland to the Dark Tower Came* and *Lord of the Rings* trilogy), would take 33 years to complete.

Some of his best books were released in the 80's; among them we can highlight *Different Seasons*, *The*

Stand, It and Misery. In 1985, Bachman died of what King himself said to be “cancer of the pseudonym”. It was also one of his most productive decades considering the amount of adaptations of his works for the screen, with movies like *Christine*, *Creepshow*, *Cujo*, *Stand by Me*, being released among others.

The next decade was marked by productivity, his trademark, and the adaptations *The Shawshank Redemption* (1995) and *The Green Mile* (1999), but the most striking fact was undoubtedly the accident that happened to King on June 19th, 1999, while hiking. King was hit by a Minivan while hiking. He fractured his hip, broke his leg and had serious lung damage that almost killed him. The accident was staged in the miniseries *Kingdom Hospital*, written by him (adapted from the original Danish miniseries *The Kingdom*, by director Lars von Trier) and released in 2004.

The 2000’s were marked by the release of *Doctor Sleep* — a sequel to one of his greatest hits, *The Shining* — which shows the boy character Danny, now as an adult, working in a hospital and using his powers to help older people make the passage into another world.

Another remarkable fact in his biography occurred on October 10th, 2015, when Stephen King was one of the winners of the *National Medal of Arts*, an award given to him for his contribution to American literature. King received the award from the hands of President Barack Obama at a ceremony that took place at the White House.

Throughout his 45-year career the author has won more than 50 awards, including the Edgar and the Bram Stoker Award. He has more than 60 best-sellers, numerous adaptations for the movies, TV, theater, comics and about 400 million books sold worldwide under his belt.

All this made Stephen King into one of the greatest writers of horror and suspense literature, placing him alongside great immortals like Edgar Allan Poe and H.P Lovecraft. His work has been studied in several universities around the world and each year the public interest for it grows even more. All we have to do is hope that many more novels will come and that the King will have *Long Days and Pleasant Nights* on this land!

The author and cinema

by Rita Ribeiro

Let me tell you a story. I love to tell stories, not always to write them. But I need to make an exception to describe what my first contact with Stephen King’s work was like. One day in class, when commenting on the movie *The Shawshank Redemption* (1994), a student of mine asked me if I had read any books by the author. I said no, but that I really would like to read something from him as long as it was a serious book. Horror was not serious to me. So this student, Marina, said something like this: “Oh teacher, I’ll lend you one of his books”. I thought to myself: “oh my God, let’s read it”. I hardly ever say no to my students; this is a flaw, of course!

And so this is how she introduced me to *Bag of Bones* (1998). To this day it thrills me to remember reading the first two pages of the book, when King introduces the stroke that the author’s wife in the story suffers. It was like getting a shock. Perhaps, when reading the book, you do not feel the same way I did. What a pity! And this is how my great passion for Stephen King began, and consequently for the horror genre. I searched for his books in all the stores as well as in all used books stores online and I can say that I have read practically everything that was published in Brazil. Making contact

with King's books led me to discovering other authors that influenced him. My home library has even been referred to as The Library of Horror. Wait until they see my video library!

Although it already existed in practically every culture, the crystallization of the horror genre in literature happened throughout the eighteenth century and peaked in the nineteenth century with the publication of Mary Shelley's *Frankenstein* in 1816; *The Wolf Leader*, by Alexandre Dumas in 1857; *The Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde*, by Robert Louis Stevenson, in 1886; and finally Bram Stoker's *Dracula* in 1897. The time when Bram Stoker's novel emerged was favorable, for it was also a period in which the occult spread in Europe on the opposite way of the dissemination of scientific thought.

Even with all the advances made by science at the time, the ever-inevitable fear of death could not be discarded, while the promise of eternal life advocated by the church was not a reliable alternative either. It was in fiction, or in the promises of the occult, that the desire for eternal life and resurrection found its greatest diffusers.

Thus, leaving aside the dark corners of the countryside, the horror genre spreads its stories throughout the cities. The urban setting, full of dark alleys, is as prone to ghosts and monsters as the woods and deserts were in the past. The genre revealed authors such as H. P. Lovecraft, Edgar Allan Poe, Shirley Jackson, H. G. Wells, Henry James, among many others, including Brazilian authors who dabbled on it such as Machado de Assis.

The literary horror quickly spread and, with the transition to mass culture represented by cinema, became one of the great genres of the twentieth century. Following what happened to the horror films bloomed throughout the 1930's, the period of the Great Depression in the United States. The greatest hits of the genre were as follows: Tod Browning's *Dracula* (1931); *Frankenstein* (1932), *The Mummy* (1932), *The Invisible Man* (1933), *The Black Cat* (1934), *Bride of Frankenstein* (1935), among others. They made stars of Bela Lugosi (Count Dracula) and Boris Karloff (the Frankenstein monster) and also brought great fortune to Universal Pictures, which specialized in the genre.

Another period of success comes in the 1950s with so-called B-movies, low-budget films aimed at young audiences. Especially after the end of World War II, with the world fearing the effects of the atomic bomb, cinema uses fears to create a universe of radiation-generated monsters in titles such as *Tarantula* (1955), *The Giant Spider Invasion* (1975), *The Black Scorpion* (1957) or *The Attack of the Crab Monsters* (1957). These are some of the examples of films released during this period, which made a profound impact on Stephen King.

The genre reaches a more mature level between the 1950's and 1960's with classic horror movies from British studios Hammer Films that immortalized Christopher Lee and Peter Cushing as fearsome vampires, among other monsters produced in the period. However, the affirmation of the horror genre as an adult film genre comes true with the release of *Rosemary's Baby* (1968), directed by Roman Polanski, which precedes a wave of horror films starred by the Devil (in the Catholic sense) in the 1970s. From this period we have *The Exorcist* (1973) and *The Omen* (1976); 1976 is also the year of the release of *Carrie* — Stephen King's first work adapted for the screen, directed by Brian De Palma.

Over the following 40 years, the adaptations of Stephen King's books have only increased to the point of some of the movies have even been remade, such as *Carrie*, the recent *Pet Sematary*, and the film adaptation of *It*. Movie versions do not always live up to the original. The author himself admits not liking some of them, including Stanley Kubrick's famous adaptation of *The Shining*.

In the preface of *The Stand* (1978), the author talks about adaptations of his stories: "Movies, after all, are just a moving illusion formed by thousands of still photographs. Imagination, however, moves along its own flow of the tide. Movies, even the best ones freeze fiction [...] this is not necessarily bad

... but it is limiting". In fact, an adaptation of *The Dark Tower*, a story told in seven volumes, would hardly be true to the nuances of the original, when condensed in a movie a few hours long. But we see that a lot of directors have managed to capture the essence of King's books such as Mick Garris (*The Stand*, *Sleepwalkers*, *Riding the Bullet*, *Stephen King's Desperation*), Frank Darabont (*The Shawshank Redemption*, *The Green Mile*, *The Mist*), Rob Reiner (*Stand by Me*, *Misery*) who were responsible for some excellent film and TV adaptations.

In recent years we have seen a growing interest in Stephen King's works and the increase in productions based on his books. It is also undeniable the influence that his writing has on the new authors of horror that we see emerging every year, including in Brazil. Stephen King shaped the fear of the late twentieth century and still reigns in the twenty-first century. I dare to attribute such success because we live in dark times and fear, after all, is always our companion.

Maine, Bangor and Osasco

by André Vianco

The state of Maine is a place where everything happens in Stephen King's books. I think that 90% of his works occur in cities where he has lived since childhood and the one he made his home, the bucolic Bangor. There, he first fell in love with the house he chose together with his wife (or as he has already mentioned, they were chosen and accepted by the house). By looking at those streets, even though these comments are cliché, you can almost see his characters materialize in front of you. You can see children walking along the train line, a killer clown lurking inside a manhole, and imagine King himself taking his long walks and taking in the whole atmosphere of everything and everyone around him.

Maine is like a signature of the work of this master of the thriller and horror genre, a groove as deep as the recurrent ode to loyalty and friendship, factors that come together and make up an atmosphere of their own, in which the fans of this contemporary and prolific writer breathe well. In order to know more of his journey from Portland to Bangor, I recommend reading his book *On Writing: A Memoir of the Craft*, a non-fiction book that is like a textbook for young authors (and for mature ones too, who still have eyes and ears wide open) to learn different ways in creating a good fiction.

It turns out that *On Writing: A Memoir of the Craft* is also an autobiographical testimony of his struggle to establish himself as a writer, to overcome life challenges of a regular Joe, the battle to keep one's house in times of short earnings and the difficulties that led him to believe he was himself the protagonist of *The Shining*.

Well, every good writer needs to be a little crazy, a little bold, a bit arrogant, quite insecure, and melancholic enough to make the wheels turn. King brings it all together and gives us a work worthy of a first-rate fraud, an unscrupulous manipulator, thank heavens. You think you're going to read just a horror story and bam!, you'll soon find yourself plunged into open wounds that talk to all of humanity.

And thanks to his salesman's trick, we are soon addicted to the souls of his characters and crazy to understand where his plots will end. As he puts a lot of fuel in the people he creates, every reader of the Master's extensive work forgives him when he delivers endings that upset us. After all, on the roller coaster of sensations, we ride on a car that almost derails making our hearts pound.

As a man of words, one who loves logos, and loves to understand how we put together letters and

turn them into figures, and how the sum of these figures makes images inside the reader's brain, I cannot be thankful enough for how much King has taught me. It was not in terms of style and, interestingly, neither terms of the genre, but it was in terms of location, in his case Maine. This passion for the ground on which we grew up and his decision to create a whole world in the most absurd and fantastic circumstances so our characters can live hallucinatory adventures walking through the real streets and neighborhoods that are really there actually "grounds" our stories.

It was not King who invented this, but it was in his works that I first realized this repetition, this choice. And that's how I chose to write too. The result is that, when creating my tales of vampires and werewolves, of interplanetary ghosts and travelers, I have flooded my work with the improbable, and in my books Osasco has become a spot in the world where things happen. I had to take a step further to honor my birthplace when I began to think how I, Andre Silva, still a teenager at the time, would sign my works, when I did not even believe that this name of mine on my books would have the strength to attract the attention of readers, which I would have to conquer through a lot of effort, with my novels sitting on the shelves of bookshops at a time when social networks were still at an early stage.

I wanted a strong name and also that people knew I was from Osasco (at least the readers of my city would be curious about a madman who was writing stories of angels and vampires). I confess that I even thought of André Rei ("King"), but there was still some common sense left in my head, and there was this other great author who I admired and had the same surname, Marcos Rei, who wrote *The Mystery of 5 Stars* and other YA books and the nostalgic *Vaga-Lume* Collection. But the problem was that I wanted Osasco. So I started to walk through the streets downtown and imagine which of those names would be of any help, from the founders of the city where I grew up, where I rode bicycles over dirt streets, gave my first kiss to a girl, rode a gravity racer and where I started reading in the neighborhood called Santo Antonio.

Osasco received its name from Antônio Agú in honor of his Italian birth place. This immigrant worked those lands on the banks of the Tietê River and the Sorocabana railroad. Agú had a daughter, Primitiva Vianco, and this little girl, at the age of 17, had her first and only daughter. The young Primitiva Vianco died of postpartum complications a few days after giving birth and her name today marks one of the main streets in the center of my city. As I have said before, writers need a little melancholy, and from that mother-child I borrowed my surname, releasing my first book as André Vianco and always including Osasco in my stories. It's been a long way from Maine to here.

The gangsters of the animal world: A brief dossier of Stephen King's cats

by Carlos Primate

"The horror movie asks you if you want to take a close look at the dead cat", Stephen King says in his book *Danse Macabre* (1981), in which he dissects the phenomenon of the horror genre in film, literature and television. The reflection comes from an episode of the author's childhood, when little Stevie, then nine years old, encountered for the first time the real image of death, when he saw a cat that was run over. For days, on the way to school, the boy watched — dazzled and curious — the animal de-

composing, drying up, being devoured by worms, until its remains were taken by a flood.

Like Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle, Robert Bloch, and others before him, King has developed a love for felines – especially for their rebellious, outlaw, rogue nature that often ends up shortening their lives. A notorious ‘cat-lover’, King got the inspiration from a sad family experience to write the novel *Pet Sematary* (1983), when Smucky, his daughter’s cat was killed by a truck on a road near his house. The book was a huge selling success and King was approached to write the script for the movie.

Pet Sematary (1989), directed by Mary Lambert, presents the author’s most famous cat, the hairy Winston Churchill – or ‘Church’ –, a British Shorthair. A remarkable presence in the book – the name ‘Church’ is mentioned more than 250 times in the novel –, the cat is also iconic on the screen, being played by seven cats trained by Brian McMillan and Scott Hart.

Stephen King’s first movie cat was the protagonist of *Cat’s Eye* (1985), a feature film in the form of an anthology with three stories that are intertwined by the title animal. King’s original script adapts two of his short stories and concludes with the unpublished story “General” about a domestic cat that saves a child from being attacked by a monstrous creature.

The film was written especially for Drew Barrymore, commissioned by producer Dino De Laurentiis, who was impressed by the performance of the nine year-old actress in *Firestarter* (1984), another adaptation of a King’s novel. *Cat’s Eye* was directed by Lewis Teague, who made *Cujo* in 1983, also based on King’s work and with an animal in the center of the action – in this case, a rabid St. Bernard dog. The canine was trained by Karl Lewis Miller, who returned to collaborate in *Cat’s Eye*, for which he tested 35 animals and selected sixteen cats for the various actions on the screen.

The writer’s fascination for felines resulted in one of his most ambitious film projects: *Sleepwalkers* (1992), an original screenplay based on a story that has never been published. Mick Garris, who had been in talks with Paramount to direct *Pet Sematary*, was chosen by Columbia to shoot *Sleepwalkers* – the director would later become one of King’s acolytes in his TV productions (*Danse Macabre*, *The Shining*, etc.).

The film tells the story of a mother and a son who are sleepwalkers, and also metamorphic nomadic creatures, hybrids of humans and felines, that feed on virgin women and are vulnerable to a cat’s scratch. The film is full of cats – some scenes used almost a hundred of them – and it even has a hero, Clovis, played by a domestic cat named Sparks (and by several other four-legged stunt doubles). The animals, trained by Terri Knapp and Sam Coulter, grabbed all the attention: Garris, still on set, stated that the cats “are among the best actors in the film” and that everyone was in love with them. What he did not reveal at the time is that he was allergic to cats...

The hypothetical evil nature of felines appears in *Tales from the Dark Side: The Movie* (1990), an anthology film that adapts, among other writers’ works, the short story “The Cat from Hell”, written by Stephen King and published in 1977. Narrated in an atmosphere of black humor, it tells the story of a professional assassin who is hired by an eccentric millionaire to slay a black cat that has killed several people, always at midnight. Director John Harrison chose to show less of the cat and more of its point of view, in subjective shots he called the ‘Cat Cam’.

King spread cats of a more generic breed throughout his other works, suggesting that sometimes a cat is just a cat. The animals appear in a decorative way in some films based on the writer’s work, such as *The Dark Half* (1993), *Cell* (2016) and *It* (2017). In *Apt Pupil* (1998), some animals are killed by a Nazi executioner, but at least one escapes safe and sound. On the “Crouch End” episode of TNT’s Channel 8 series, *Nightmares and Dreamscapes: From the Stories of Stephen King* (2006), a cat with half its head torn apart is a sign that there is something strange about an almost abandoned city.

The recent wave of remakes of Stephen King's works brought back to the screens *Pet Semetary* (2019), this time with a screenplay by Jeff Buhler and direction by Kevin Kölsch and Dennis Widmyer. And obviously, Church was back, alive and (more importantly) undead, played by four Maine Coon tabby cats named Leo, Tonic, Jager, and JD.

Consistent with the age of social networks, Leo became famous thanks to his Instagram account, run by Kirk Jarrett, his owner and handler; Tonic (which was adopted by another trainer who worked in the film, Melissa Millett) and JD also have profiles on the social network. Obedient and quiet, Leo did most of the scenes of 'undead' Church, while Tonic played the animal on the scenes in which it is alive. Unfortunately, the stardom of the animal/actor was short-lived: just over a month after the film's premiere, Leo died of Aortic Thromboembolism, a common congenital heart problem in cats of its breed.

Enigmatic and inscrutable: cats have served Stephen King as raw material to reflect on personal dramas, transposing ideas to paper and screen, and the cycle repeats itself with the fictional death occurring also in the real world. And before this fascinating animal that we love so much, the bottom line is that we know as little about the mysteries of life and death as the undecipherable secrets of our four-legged companions.

Fear of the ordinary

by Rodolfo Stanki

Stephen King was about thirteen years old when he discovered the literature of H. P. Lovecraft. According to Lisa Rogak, his unofficial biographer, at this age he was already an avid reader and devoured everything regarding fantasy fiction. Nevertheless, the work of the creator of Cthulhu did not seem very attractive to him. This is because Maine's future writer was very fond of other types of stories, much more familiar to his own daily life.

Unlike what happened in Lovecraft's short stories, the narratives that appealed to the young King in the mid-1950's and 1960's were those that portrayed horror as a banal element of the world in which he lived.

On the radio and in the books, Ray Bradbury's plots inspired his imagination by putting extraordinary elements unto absolutely ordinary situations. The episodes by Rod Serling and Richard Matheson in the TV show *The Twilight Zone* (1959) fertilized his creative potential to show how characters in our world would react to typical fantasy and science fiction circumstances. In E.C. Comics magazines, the writer glimpsed how the supernatural could invade and conquer adulthood without any warning.

This more naturalistic and contemporary way of thinking horrifying narratives was strongly appropriate by King in virtually everything he has written. Often, when asked where his ideas come from, the author replies that he "writes about what he knows" and "about what frightens him".

His ideas almost never come from inhospitable places of his imagination. To conceive *Carrie's* religious and extremist mother, the writer relied on experiences with conservative Christian women he met as a child and on a fanatic colleague from the time when he worked at an industrial laundry to pay the bills. The same job inspired him to write the short story *The Mangler* (1972), present in the collection *Night Shift* (1978). The plot of *The Shining* (1977) came from a trip that he had taken to a hotel that seemed haunted.

To sum up, Stephen King's experiences led him to create a body of work that basically portrays a

type of fear that rises from the ordinariness of everyday life. Lovecraft, on the other hand, has always written about cosmic beings and forbidden knowledge. Evil, for the Rhode Island storyteller, came from unknown ancient origins. People would remain safe, in ignorance, if they never tampered with macabre rituals or awakened space and oceanic gods that were asleep.

The concept not only did not interest King, as it was rejected by him. In the collection of interviews *Bare Bones: Conversations on Terror with Stephen King* (1988), organized by Tim Underwood and Chuck Miller, the author is questioned about his intentions when trying different types of fear that he wants to awaken in his readers, and he responds with an unpleasant comparison to the legacy of Lovecraft: "All I want to do is make people scared. I'm humble in that sense. I do not put my opinions in such a high position. H.P. Lovecraft tried to reach the maximum of horror, and there are times when it is almost comical, because in some of these stories he looks like a little boy jumping to get a bunch of grapes that is at an unreachable height for him".

The commentary shows that Stephen King did not exactly the distance Lovecraft took from the objects that strike fear in the readers. That is why King attributed horror to what is common. Convertible cars, dogs and children become monstrous creatures in his stories — sometimes by mere chance and without much explanation.

When discussing *Dracula* in his classes on English literature, the novelist pondered how he could update the premise created by Bram Stoker in the twentieth century. The result was *Salem's Lot* (1975), a book that brings the same argument from the classic novel into a small Maine town that mirrored the very community in which King lived. In this version, Jonathan Harker would not need to travel to a castle in Transylvania to bring evil to his acquaintances. The vampire count would come alone, accompanied by a false benevolence from his human subject.

The work of Stephen King was not a pioneer when portraying narratives that inserted the fantastic in the ordinariness of everyday life. Ray Bradbury, Richard Matheson and Ira Levin, among other names in American literature, have written dozens of stories with the same principles since the 1940's in the United States.

What made King a prominent reference for thinking this kind of plot was possibly his relations with the movies — which arose precisely when horror went through a deep shift of focus in Hollywood, thanks to a new generation of filmmakers that were interested in revolutionizing the relationship of the public with the genre.

When his first novel came to the bookstores in 1974, young filmmakers such as Brian de Palma, Tobe Hooper, George Romero, John Carpenter and David Cronenberg were launching innovative productions that would become the basis of the modern horror film. Many of these directors came from outside the mainstream film industry and wanted to discuss fear from their own references. For this reason, they abandoned the innocence and classicism that prevailed in the genre until then (in literature, this movement surpassed even the marginalized Lovecraft).

This generation of filmmakers - called the new horror by journalist Jason Zinoman in *Shock Value: How a Few Eccentric Outsiders Gave Us Nightmares, Conquered Hollywood, and Invented Modern Horror* — saw in King's work a voice to channel these horrific stories of the ordinary. In this way, the author's nightmares became visible and even closer to the people, who could now recognize their own world in the images that would appear on the screen.

Films and books as an inspiration

by Breno Lira Gomes

“I’m a writer by profession, which means that the most interesting things that have happened to me happened in my dreams”

By Stephen King

In the first chapter of the non-fiction book *Danse Macabre*, Stephen King recalls the exact moment he was struck by horror for the first time in his life. According to him, this moment happened when he was 10 years old, during the movie *Earth vs. the Flying Saucers* (1956) at the Stratford Theater, where the projection was interrupted at the very last reel. The nervous movie manager appeared in front of an audience comprised mostly of children and teenagers, and reported that the Russians had just put a satellite into orbit, the Sputnik. “Rest assured that I am not suggesting that the Russians were responsible for a trauma that resulted in my interest in science fiction, I am simply pointing out the moment when I began to notice a useful connection between the fantasy world and the one that *My Weekly Reader* used to call it Current Events”, King wrote in the book.

The universes of fantasy and horror were present in Stephen King’s life from an early age. His interest in ghost stories and haunted houses, monsters, abominable creatures, beings from other planets, humans capable of terrible evil, has been with him since his childhood. And the contact with fantasy literature (and other literary works, regardless of genre) has been very important for his training as a writer and an inspiration for his stories, which have made us lose our sleep for over forty years.

Through reading *Danse Macabre* (a book commissioned by his former editor, Bill Thompson, and published in 1981), we come into contact with all that made Stephen King the Master of Horror, the most important name in horror literature of the 20th century. The study on horror developed by King spans a certain period of the last century, from about 1948 to 1978, but it also makes some incursions in the genre of earlier times.

Stephen King has been a voracious reader since he was a child. During childhood and youth, he read every book that he could put his hands on. Literature in general, especially fantasy literature, was crucial for the future author to write his stories. Having read works by writers such as H.P. Lovecraft, Shirley Jackson, Bram Stoker, Edgar Allan Poe, Mary Shelley, Ray Bradbury and so on, made Stephen King into one of the world’s leading writers. Lovecraft was a very important author for King. His mind was opened after he discovered a collection of Lovecraft’s books in a box left by his father. It allowed for an unprecedented reading experience, only possible when coming into contact with the imagery created by Lovecraft.

And not only novels and short stories inspired Stephen King. Movies, comics and television also had their importance. Among these, perhaps the invention by the Lumière Brothers played a more important role. In *Danse Macabre*, King recalls that *Creature from the Black Lagoon* (1954) was the first movie he saw at a drive-in when he was maybe 7 years old. The contact with the creature that lived under the dark waters in the middle of the Amazon forest left a everlasting mark on the boy King. “My visceral reaction to *Creature from the Black Lagoon* on that distant night was kind of a terrible vertigo. The nightmare was happening right in front of me; the most horrifying possibilities to which human flesh is subjected were shown there on that drive-in screen”, he wrote.

Cinema is so important to Stephen King that he never gets tired of paying tribute to the movies. Whether through an indirect reference to a film he watched and liked, or something even more straightforward, such as praising (and thereby revealing his fascination for) actress Rita Hayworth, as we can see in the movie *The Shawshank Redemption* (1994), adapted from the novella *Rita Hayworth and Shawshank Redemption*. King himself ventured into directing a movie (*Maximum Overdrive*, 1986), and from time to time he writes the script for the adaptations of his stories to film or television. He is perhaps one of the most adapted writers for the screen. And he is fortunate to have some of his adaptations being directed by filmmakers he himself admires such as George A. Romero, Tobe Hoper and John Carpenter.

In *Danse Macabre*, King lists the essential horror movies that everyone should watch. He does the same with fantasy literature, presenting readers with titles, including novels and collections, that every horror fan should read. The lists made for the 1981 edition of *Danse Macabre* are below. Marked with an asterisk (*) are Stephen King's favorite movies and books.

THE MOVIES

- *The Abominable Dr. Phibes* · Robert Fuest · 1971
- *Alien** · Ridley Scott · 1979
- *The Bad Seed* · Mervyn LeRoy · 1956
- *The Birds* · Alfred Hitchcock · 1963
- *Asylum* · Roy Ward Baker · 1972
- *The Bird with the Crystal Plumage* · Dario Argento · 1970
- *Black Sunday** · Mario Bava · 1960
- *The Brood** · David Cronenberg · 1979
- *Burnt Offerings* · Dan Curtis · 1976
- *Burn Witch Burn* · Sidney Hayers · 1962
- *The Cage** · Walter Graumann · 1964
- *Carrie** · Brian De Palma · 1976
- *The Conqueror Worm** · Michael Reeves · 1968
- *Creature of the Black Lagoon** · Jack Arnold · 1954
- *The Creeping Unknown** · Val Guest · 1955
- *Curse of the Demon** · Jacques Tourneur · 1957
- *The Day of the Triffids** · Steve Sekely · 1963
- *Dawn of the Dead** · George A. Romero · 1978
- *The Deadly Bees** · Freddie Francis · 1966
- *Deep Red* · Dario Argento · 1975
- *Deliverance** · John Boorman · 1972
- *Dementia-13** · Francis Ford Coppola · 1963
- *Diabolique* · Henry-Georges Clouzot · 1955
- *Doctor Terror's House of Horrors* · Freddie Francis · 1965
- *Don't Look Now* · Nicolas Roeg · 1973
- *Duel** · Steven Spielberg · 1971
- *Enemy from Space** · Val Guest · 1957
- *Eraserhead* · David Lynch · 1977

- *The Exorcist** · William Friedkin · 1973
- *The Exterminator Angel* · Luis Buñuel · 1963
- *Eye of the Cat* · David Lowell Rich · 1969
- *The Fly* · Kurt Neumann · 1958
- *Frenzy** · Alfred Hitchcock · 1972
- *The Fury* · Brian De Palma · 1978
- *Gorgo* · Eugene Lourie · 1961
- *Halloween** · John Carpenter · 1978
- *The Haunting** · Robert Wise · 1963
- *The H-Man** · Ishirô Honda · 1958
- *Horrors of the Black Museum* · Arthur Crabtree · 1959
- *Hour of the Wolf* · Ingmar Bergman · 1968
- *The House That Dripped Blood* · Peter Duffell · 1971
- *Hush... Hush, Sweet Charlotte* · Robert Aldrich · 1964
- *I Bury the Living* · Albert Band · 1958
- *The Incredible Shrinking Man* · Jack Arnold · 1957
- *Invasion of the Body Snatchers** · Don Siegel · 1956
- *Invasion of the Body Snatchers* · Phillip Kaufman · 1978
- *I Saw What You Did* · William Castle · 1965
- *It Came from Outer Space** · Jack Arnold · 1953
- *It! The Terror from Outer Space* · Edward L. Cahn · 1958
- *Jaws** · Steven Spielberg · 1975
- *The Killer Shrews* · Ray Kellogg · 1959
- *Last Summer* · Frank Perry · 1969
- *Let's Scare Jessica to Death** · John Hancock · 1971
- *Macabre* · William Castle · 1958
- *Martin** · George A. Romero · 1977
- *The Masque of the Red Death* · Roger Corman · 1964
- *Night Must Fall* · Karel Reisz · 1964
- *The Night of the Hunter** · Charles Laughton · 1955
- *Night of the Living Dead** · George A. Romero · 1968
- *Not of This Earth* · Roger Corman · 1957
- *No Way to Treat a Lady* · Jack Smight · 1968
- *Panic in the Year Zero* · Ray Milland · 1962
- *Picnic at Hanging Rock** · Peter Weir · 1978
- *The Pit and the Pendulum* · Roger Corman · 1961
- *Psycho** · Alfred Hitchcock · 1960
- *Rabid** · David Cronenberg · 1977
- *Race with the Devil* · Jack Starrett · 1975
- *Repulsion** · Roman Polanski · 1965
- *Rituals** · Peter Carter · 1977
- *Rosemary's Baby** · Roman Polanski · 1968
- *Salem's Lot* · Tobe Hooper · 1979
- *Seance on a Wet Afternoon* · Bryan Forbes · 1964

- *Seizure* · Oliver Stone · 1974
- *The Seventh Seal** · Ingmar Bergman · 1956
- *Sisters** · Brian De Palma · 1973
- *The Shining** · Stanley Kubrick · 1980
- *The Shout* · Jerzy Skolimowski · 1978
- *Someone's Watching Me* · John Carpenter · 1978
- *The Stepford Wives* · Bryan Forbes · 1975
- *Strait-Jacket* · William Castle · 1964
- *Suddenly Last Summer* · Joseph L. Mankiewicz · 1959
- *Suspiria** · Dario Argento · 1977
- *The Texas Chain Saw Massacre** · Tobe Hooper · 1974
- *Them!** · Gordon Douglas · 1954
- *They Came from Within* · David Cronenberg · 1975
- *The Thing** · Christian Nyby · 1951
- *The Tomb of Ligeia* · Roger Corman · 1965
- *Trilogy of Terror* · Dan Curtis · 1975
- *Village of the Damned* · Wolf Rilla · 1960
- *Wait Until Dark** · Terence Young · 1967
- *What Ever Happened to Baby Jane?** · Robert Aldrich · 1962
- *When Michael Calls* · Philip Leacock · 1972
- *The Wicker Man* · Robin Hardy · 1973
- *Willard* · Daniel Mann · 1971
- *X: the Man with X-Ray Eyes** · Roger Corman · 1963
- *X The Unknow* · Leslie Norman · 1956

THE BOOKS

- Richard Adams · *The Plague Dogs; Watership Down**
- Robert Aickman · *Cold Hand in Mine; Painted Devils*
- Marcel Aymé · *The Walker through Walls*
- Beryl Bainbrige · *Harriet Said*
- J.G. Ballard · *Concret Island**; *High Rise*
- Charles Beaumont · *Hunger**; *The Magic Man*
- Robert Bloch · *Pleasant Dreams**; *Psycho**
- Ray Bradbury · *Dandelion Wine; Something Wicked This Way Comes**; *The October Country*
- Joseph Payne Brennan · *The Shapes of Midnight**
- Fredric Brown · *Nightmares and Geezenstacks**
- Edward Bryant · *Among the Dead*
- Janet Cird · *The Loch*
- Ramsey Campbell · *Demos by Daylight; The Doll Who Ate His Mother**; *The Parasite**
- Suzy McKee Charnas · *The Vampire Tapestry*
- Julio Cortázar · *The End of the Game and Other Stories*
- Harry Crewa · *A Feast of Snakes*
- Roald Dahl · *Kiss Kiss**; *Someone Like You**
- Les Daniels · *The Black Castle*

- Stephen R. Donaldson · *The Thomas Covenant Trilogy* (3 vols.)*
- Daphne Du Maurier · *Don't Look Now*
- Harlan Ellison · *Deathbird Stories**; *Strange Wine**
- John Farris · *All Heads Turn When the Hunt Goes By*
- Charles G. Finney · *The Ghost of Manacle*.
- Jack Finney · *The Body Snatchers**; *I Love Galesburg in the Springtime*; *The Third Level**; *Time and Again**
- William Golding · *Lord of the Flies**
- Edward Gorey · *Amphigorey*; *Amphigorey Too*
- Charles L. Grant · *The Hour of the Oxrun Dead*; *The Sound of Midnight**
- Davis Grubb · *Twelve Tales of Horror**
- William H. Hallahan · *The Keeper of the Children*; *The Search for Joseph Tully*
- James Herbert · *The Fog*; *The Spear**; *The Survivor*
- William Hjortsberg · *Falling Angel**
- Shirley Jackson · *The Haunting of Hill House*; *The Lottery and Others**; *The Sundial*
- Gerald Kersh · *Men Without Bones**
- Russell Kirk · *The Princess of All Lands*
- Nigel Kneale · *Tomato Cain and Other Stories*
- William Kotzwinkle · *Dr. Rat**
- Jerzy Kosinski · *The Painted Bird**
- Fritz Leiber · *Our Lady of Darkness**
- Ursula K. Le Guin · *The Lathe of Heaven**; *Orsinian Tales*
- Ira Levin · *Rosemary's Baby**; *The Stepford Wives*
- John D. MacDonald · *The Girls, the Gold Watch, and Everything*
- Bernard Malamud · *The Magic Barrel**; *The Natural*
- Robert Marasco · *Burnt Offerings**
- Gabriel García Márquez · *One Hundred Years of Solitude*
- Richard Matheson · *Hell House*; *I Am Legend*; *Shock II*; *The Shrinking Man**; *A Stir of Echoes*
- Michael McDowell · *The Amulet**; *Cold Moon Over Babylon**
- Ian McEwen · *The Cement Garden*
- John Metcalf · *The Feasting Dead*
- Iris Murdoch · *The Unicorn*
- Joyce Carol Oates · *Nightside**
- Flannery O'Connor · *A Good Man Is Hard to Find**
- Mervyn Peake · *The Gormenghast Trilogy* (3 vols.)
- Thomas Pynchon · *V**
- Edogowa Rampo · *Tales of Mystery and Imagination*
- Jean Ray · *Ghouls in My Grave*
- Anne Rice · *Interview with the Vampire*
- Phillip Roth · *The Breast*
- Ray Russel · *Sardonicus**
- Joan Samsom · *The Auctioneer**
- William Sansom · *The Collected Stories of William Sansom*
- Sarban · *Ringstones*; *The Sound of His Horn**
- Anne Rivers Siddons · *The House Next Door**

- Isaac Bashevis Singer · *The Seance and Other Stories**
- Martin Cruz Smith · *Nightwing*
- Peter Straub · *Ghost Story**; *If You Could See Me Now*; *Julia*; *Shadowland**
- Theodore Sturgeon · *Caviar*; *The Dreaming Jewels*; *Some of You Blood**
- Thomas Tessier · *The Nightwalker*
- Paul Theroux · *The Black House*
- Thomas Williams · *Tsuga's Children**
- Gahan Wilson · *I Paint What I See*
- T. M. Wright · *Strange Seed**
- John Wyndham · *The Chrysalids*; *The Day of the Triffids**

Starting small: the priceless dollar babies

by Carlos Prinati

“Here’s a story, and if anyone wants to make a movie adaptation of it... I love movies”, Stephen King once said, sending a clear message about how much he is in favor of seeing his own creations being adapted for the screen. The relationship between literature and film was very successful from a very early stage in his career, with his novels being adapted shortly after their original release.

The writer was already a household name when the anthology *Night Shift* was published, in 1978, collecting several of his short stories previously published in magazines. At the same time, film students and aspiring directors began to seek the author for permission to adapt these short stories. It was then that King envisioned a way — in his words — to give back some of the pleasure he felt watching movies: a deal that would allow beginning filmmakers to adapt his short stories in exchange for a single dollar fee and a copy of the film in VHS.

Other clauses were added to the “dollar babies”: only stories whose rights still belonged to King could be adapted and the film could not be commercially screened or distributed without prior authorization from the author, being restricted to the festival circuit and film schools. King also says that when he receives this kind of movie adaptation, he watches it — usually alone, and only once — and then keeps it on a shelf tagged as “Dollar Babies”.

The first of these films was *The Boogeyman*, with a running time of about thirty minutes, directed by Jeffrey C. Shiro, a New York University film student. A few years earlier, in 1980, a twenty-year-old Frank Darabont, then a rookie filmmaker just graduated from Hollywood High School, approached King intent on adapting one of his short stories. The result was the thirty minutes long *The Woman in the Room*, completed in 1983. Darabont would later create an intimate relationship with King’s body of work, directing three acclaimed adaptations: *The Shawshank Redemption* (1994), *The Green Mile* (1999) and *The Mist* (2007).

Also from this initial period is the 1983 short *Disciples of the Crow* (with just under twenty minutes of running time), directed by young filmmaker John Woodward, a *Children of the Corn* adaptation produced a year before the feature film based on King’s short story. These three “dollar babies” received authorization for commercial release on VHS, in two volumes entitled *Stephen King’s Night Shift Collection*; the first hit shelves in 1986 and the other, in 1989. Only *Disciples of the Crow* was released in

Brazil by Mundial Filmes, with the title “*Discípulos do Corvo*”, in the anthology “O túnel do terror” (*Tunnel of Terror*), along with two other short films unrelated to King.

A new batch of short films soon followed, and some became classics like *Srazhenie* (1986), a Soviet animation by Mikhail Titov; *The Last Rung on the Ladder* (1987), by James Cole and Dan Thron, and *The Lawnmower Man* (1987), by Jim Gonis. Another “dollar baby” that was commercially distributed after being praised by Stephen King himself was Jay Holben’s *Paranoid* (2000), an 8-minute short adapted from the poem “Paranoid: A Chant”, from the anthology *Skeleton Crew*. The film was allowed to be shown on the internet for a limited time in 2002 and it was later released on DVD.

The “dollar babies” phenomenon acts almost like a parallel filmography of Stephen King’s work, with more than a hundred adaptations made in almost forty years — nobody, besides the writer himself, knows exactly how many films were made under the one dollar deal. In September 2004, filmmaker James Renner, director of one of those shorts (*All That You Love Will Be Carried Away*), organized the first Dollar Babies Festival at the University of Maine, in Orono, with a second edition taking place the following year. There are two books that document part of this filmography: “Dollar Deal: The Stephen King Dollar Baby Filmmakers” (2015), organized by Shawn S. Lealos, who reviews twenty films and also directed a “dollar baby” (*I Know What You Need*); and “Stephen King Dollar Baby: The Book”, by Anthony Northrup, released in January 2021, compiling 55 interviews with directors.

Not all babies are short films — with the advent of digital filmmaking, some filmmakers have played with longer narratives. The first of these titles was *Everything’s Eventual* (2009), directed by J.P. Scott; next was *Willa* (2012), by Christopher Birk, but feature films are very rare exceptions. Due to the short selection of short stories available to filmmaker candidates, many stories have been adapted on multiple occasions: *The Man Who Loved Flowers*, *Cain Rose Up*, *All That You Love Will Be Carried Away*, *The Boogeyman*, *I Am the Doorway*, *Night Surf* and *Harvey’s Dream*, all hold five to ten versions each in a few years time.

Brazil contributed with some “dollar babies” (or about R\$ 5,50 according to February, 2021 exchange rate): the short films *Tudo que Você Ama lhe Será Arrebatado* (2015), by Leonardo Granado and Lucas Tomaz Neves, and *Zornit* (2016), by Marcello Trigo, adapted from the short story *The Ballad of the Flexible Bullet*, produced as a final term project for the film school course at Uniaeso, in Recife; and “Willa” (2013), a 66-minute feature film by J.P. Doná, a little seen title exhibited at smaller festivals.

As small steps by filmmakers still finding their footing, the “dollar babies” proliferate and show that the possibilities of Stephen King’s universe are still very broad.

From fan to translator — when dreams come true

by Regiane Winarski

Being a teenager in the years following the Brazilian dictatorship period was not easy. We lived in an outdated country, distanced from the rest of the world, with little contact with foreign culture. One of the doors to anything foreign was the English courses, with their study of song lyrics, cultural activities, and libraries, however modest, with relatively recent books and magazines. That’s how I discovered the anglophone culture, including Stephen King.

I became a fan after reading a magazine called *Speak Up*, in which there was the short story entitled

“The Boogeyman” (1973), published as “The Ghost” in Brazil, in the *Night Shift* book (1982), by Francisco Alves and translated by Luiz Horácio da Matta. I searched thoroughly for every material by Stephen King that I could find in Brazil. I introduced the author to a friend — and from there, we decided to give his books as Christmas and birthday presents between ourselves so that we could acquire different books and thus gain access to a wider variety of his works.

My fascination with King came from more than one aspect. I had finally found an author who seemed not afraid to speak about any subject, even those which used to be taboo, like death (including children’s), who used colloquial language, which is closer to mine (though in another language originally), who manipulated the emotions of the reader with no pity to the point of making him/her a hostage of the story until the liberation at the end. He is an author capable of turning even the most silly argument into a sinister story: this was my experience after reading the short story “The Mangler” and thinking “what an idiotic subject, it must be horrible” and later realizing I was caught up in the narrative, wanting to know what was going to happen, fully hypnotized by the demon-possessed ironing machine. Because this is one of the great talents of Stephen King, using words with mastery to tell any story and still hold the reader’s attention.

Another great talent of his is developing characters. It’s no wonder that when we read *It* (1986), we fall in love with Bev, Bill, Ben and with the other kids and their 27-year-old adult versions. We cheer, we curse at the villains (hi, Henry Bowers) and share their feelings during the brilliant and cruel unfolding of the story. That’s also why we celebrate the character development of former detective Bill Hodges and make faces at Brady Hartsfield. Or that we feel warm-hearted when following the overcome by Devin Jones from *Joyland* (2013), or feel our hearts pounding with Jamie Morton’s ups and downs in *Revival* (2014). We flinch in the chair when Annie Wilker from *Misery* (1987) picks up the ax (or a sledgehammer in the film), and we almost feel the pain of Paul Sheldon. The characters are the essence of King’s stories, and perhaps that’s why so many well-known actors and actresses wish to be in films inspired by the author’s works. We can add to this list Tim Robbins and Morgan Freeman in *The Shawshank Redemption* (1994), Tom Hanks in *The Green Mile* (1999), Kathy Bates in *Misery* (1990) and *Dolores Claiborne* (1995), Tim Curry in *IT* (1990), Anthony Hopkins in *Hearts in Atlantis* (2001), Ian McKellen in *Apt Pupil* (1998) and many others. I believe that characters with so many nuances are perfect for those who act for a living.

I’ve never stopped being a Stephen King’s reader, but life goes on, college and work take time and I eventually distanced myself from him. My love for English and books made me drop out of chemical engineering, graduate in publishing, and teach English for ten years. But after several attempts, with some hits and misses, I started translating books. It has always been a dream that would never cease to be a dream — until the opportunity appeared and it all came true. My contact with publishing houses increased and a seed of another dream began to grow: translating Stephen King.

But, as I said, life indeed has some hits and misses, and my first opportunity to work with King was not translating him but copy editing his former translations (it’s still a translating job, done by comparing the original text with the translated version, correcting mistakes and adjusting other little things). The Brazilian publisher Objetiva hired me for the reprint of some of Stephen King’s books in trade paperback: I was supposed to re-read old translations by Francisco Alves Publisher, from 1980-1990 and make the necessary adjustments. There were six books. For a fan, this was almost paradise.

A few years later, the opportunity I dreamed about so much knocked on my door, and it was not a small one. It was over a thousand pages long, to be more precise: the new translation of *IT*, one of Stephen King’s greatest classics that was sold out in Brazil and needed a new treatment to match its status.

It was an adventure worthy of the Losers Club — nine months of coexistence and dedication to one of the most difficult stories of my life. It was not easy because a story with the nuances of IT can never be easy. It is deceitful to those who see the book just as a horror story: it discusses racism, homophobia, domestic violence and so many other issues that are always relevant in our society and present in King's works. The author never keeps to himself, even when the subject is hard.

After IT, many others book came, such as *Joyland*, the Bill Hodges trilogy, the most recent *The Dark Half* (1989), and soon *The Institute: A Novel* (2019). There have been already fourteen Stephen King's books translated by me (not all of them published yet) and I hope for many others in the future.

For a fan, what a glory it is to be able to work with the books of my beloved author! Each meeting of ours is like seeing again an old friend, an endless joy. But I think I can say that the greatest feeling, no doubt, is to be able to get the books that are simultaneously released in Brazil and in the United States and that arrive in my doorstep before coming to any other reader around the world. It is a privilege and an honor!

PART II

The Jean Grey of horror

by Rodrigo Fonseca

Many 1970's Hollywood talents consider themselves indebted (aesthetically and morally) to Brian Russell De Palma, including King Midas himself, Steven Spielberg, who in a Fox Studios-mediated phone interview (he in Los Angeles; we in Bonsucesso, Rio de Janeiro), praised his colleague: "He is a phoenix. Brian has the ability to reinvent himself when we least expect it, and partly because he got his eye not on the real thing, like ours, but on the illusion". *Jaws* (1975) was already a cash cow when Spielberg's older cinephile brother was called in to inaugurate Stephen King's series of audio-visual adaptations, filming *Carrie*, a novel published in 1974. The copyrights were negotiated for a trifle (\$ 2,500) by a young writer who, a few years later, would become one of the biggest book sellers on the planet. De Palma, at the time, enjoyed prestige on account of *Sisters* (1972), in which he displayed his mastery of the dynamics of fear and demonstrated a unique ability to investigate the female psyche. Of course he felt comfortable to explore the fractured mind of Carrie White, a role that was almost Melanie Griffith's. A friend of his suggested King's book in 1975, and he smelled a beautiful story to be filmed, making a few phone calls to greenlight the project in a six-month negotiating course finalized by Red Bank Films and United Artists.

Despite all the box-office potential of the horror genre, De Palma had only \$1.6 million to shoot *Carrie*, which was later become a \$1.8 million production. The filmmaker tested Melanie for the role, then tested Nancy Allen (his future wife), but was charmed by Betsy Slade. Sissy Spacek took Carrie's character from Slade with great perseverance: she went to the audition with Vaseline on her hair, with no makeup and wearing a "seventh grade" dress. That image charmed De Palma, who would not have imagined that this talented actress would be nominated for an Oscar for such a commercial horror thriller. Nor did he imagine that the film would yield \$33 million to United Artists in America alone, shedding a light on one of his supporting actors, a hunk named John Joseph Travolta, who in 1977 would achieve stardom as Tony Manero in *Saturday Night Fever*. De Palma gave him the role of one of the students who bully Carrie.

If the filmmaker was more attentive to the comics aspect of the American publishing industry, De Palma would have seen a direct association between Carrie and Jean Grey, the heroine from the *X-Men* comic book, who, just like Carrie, is equally tormented by her powers. Both women have telekinesis, the ability to move objects with her thoughts, including particles, which generates fire with the friction created by her mind. The central difference is that Jean has her superpowers scientifically explained by a certain X Factor, a genetic dysfunction created by comics writer Stan Lee. Carrie takes her gifts from something that may come from Damnation or the Divine. Her mother, Margaret (played brilliantly by Piper Laurie), believes in both, and drowns her daughter in her fanaticism, which serves as a cover for the sexual castration of her religious morals. Amy Irving is one of Carrie's classmate who testify how Mrs. Margaret's sentimental upbringing weighs on her daughter.

As Carrie does not fit within the standards of *coolness* of her time, she bullied by her schoolmates, which awakens her sinister strength, expressed by de Palma's camera aerobics and hitherto unknown

special effects. The filmmaker's perfectionism to impress visual excellence to a narrative inspired by Stephen King's words led to the dismissal of the original cinematographer Isidore Mankofsky, replaced by Mario Tosi, who came from *Frogs* (1972). The change in DPs yielded a visual spectacle, which won the Grand Jury Prize at the Avoriaz Fantastic Film Festival in France, with a mention for Sissy Spacek. The movie also inspired a Broadway musical in 1988 and a vexing 2013 remake with Chloë Grace Moretz in the title role.

Carrie (1976)

Director Brian De Palma. **With** Sissy Spacek, Piper Laurie and John Travolta.

Overly shy adolescent has difficulty coping with her school class and her mother's religious delusions. Gradually, she realizes that she has certain special abilities that no one else has.

The time of the vampires (and haunted houses too)

by Breno Lira Gomes

Right at the beginning of *Salem's Lot*, we are introduced to Ben Mears, a writer who is back in Jerusalem's Lot, or Salem's Lot. Years after having had a traumatic experience involving Marsten Manor, a mysterious local house wrapped in scary stories, Ben returns to town with the intention of writing a story about the house.

The 1979 production is a TV adaptation of Salem's Lot, Stephen King's second novel. It's a two-part miniseries directed by Tobe Hooper. As it may seem, *Salem's Lot* is not only a story about vampires. There is one element in the plot that may be the cause of everything: the Marsten Manor, which is a character on itself. In addition to being a great story about vampires, the TV movie/book is also an amazing story about haunted houses. No wonder that in the book, Stephen King cites a passage from Shirley Jackson's classic *The Haunting of Hill House*, a tale that is a reference for anyone who wants to tell stories about cursed houses. The writer-protagonist believes that the house attracts evil to itself, and consequently, to the town. All who lived there were capable of abominable deeds. And Ben himself claims that when he was a child he saw the ghost of the man who built the house.

If we take into account Ben's views, Marsten Manor is really capable of attracting Evil. And in the case of *Salem's Lot*, Evil is embodied in the figure of the abominable Mr. Barlow, who has as faithful squire, Richard Straker. Barlow is more spoken about than shown in the film. Like Dracula, he arrives in his new home inside a box that needs to be unloaded with care. King's inspiration indeed comes from elements that are present in Bram Stoker's book. The author in no way seems eager to recreate the myth of the vampire; on the contrary, he implies that he wants to reinforce everything he has ever seen and read in movies and books about these creatures of the night.

And director Tobe Hooper does not deviate from King's view in his TV adaptation. Do not expect the nervous camera from his big break *The Texas Chain Saw Massacre* (1974). Hooper opts for classic shots and a by-the-book cinematography, since it is a TV production. Wind and fog, essential el-

ements in horror films, are present in some sequences, especially in those where the vampires attack their victims. And we can also interpret the wind and fog a symbol for dreams, since all the people that are attacked report having had deep dreams. The vampire Mr. Barlow is introduced more on the grounds of F.W. Murnau's *Nosferatu* (1922) than on the classic type created by Bela Lugosi in 1931's *Dracula*. He is shown like a really monstrous being, disgusting in its form, and in no way seductive, just as Mr. Barlow is described by King in his book.

In the final sequence of *Salem's Lot*, when we can finally see Marsten Manor from the inside, director of photography Jules Brenner — the same one from *Return of the Living Dead* (1985) —, takes the opportunity to pay homage to the great classics of horror films, making use of the light and the dark as scene elements. He shows an environment that is both repulsive and frightening, where it seems that someone is lurking around at all times.

Adapting Stephen King, whether for the movies or television, is never an easy task due mainly to the rich details and elements the author uses to surprise his readers. Tobe Hooper's *Salem's Lot* is not the best adaptation of a Stephen King's book. The script and editing leave the impression that something went unexplained. But it's nothing that undermines the fascination that this vampire/haunted house story has provoked for more than 40 years. Years later, a sequel was made for television in 1987 with the title *A Return to Salem's Lot*.

In 2004, a new adaptation directed by Mikael Salomon for TNT. The Danish filmmaker chose to introduce us to Mr Barlow in the first half of the story. Instead of the frightening decrepit figure inspired by Murnau's Count Orlok in *Nosferatu*, we have the Dutch actor Rutger Hauer playing a vampire lord without much in the way of characterization: contact lenses to change the color of his eyes, elongated canines and a seductive poise.

Also split into two parts, this new version takes some liberties in relation to the original material, which is understandable when it comes to book adaptations for TV or film. One of those changes is to turn the boy Mark into a troubled teenager. The character's fascination with horror stories (something important in the plot) is little explored.

The Marsten Mansion also doesn't cause as much fear as in the previous version, but it's a more imposing building in the way that seems to overwatch the city at all times — just like it is described by King in the book. The trauma experienced by author Ben Mears at the mansion is further explored in this adaptation, in the form of memory flashes at the beginning and when he tells young Susan Norton about the events. This only strengthens the protagonist's belief that Evil resides in that place. While in Hooper's *Jerusalem's Lot* the fog begins to take over once the nocturnal beings arrive, Salomon gives us cold town right from the beginning, with frozen streams and snow covering the hill where the mansion is located.

The cool thing about King's story is that we look forward to seeing the city dominated by vampires. In Mikael Salomon's version we see more of the creatures of the night attacking and roaming the streets in search of fresh blood. The attacks on a school bus, in the city dump and at a long-awaited wedding make any vampire movie fan happy.

And soon, following Hollywood's new wave of interest in Stephen King's body of work, *Salem's Lot* will receive its first adaptation for the big screen, produced by James Wan. Hopefully, the striking elements of King's book, which pays great homage to vampires and evil houses alike, will be maintained.

Salem's Lot (1979)

Director Tobe Hooper. **With** James Mason, David Soul and Lance Kerwin.

A writer begins to investigate mysterious murders, while his countryside town is slowly being infested by vampires.

Salem's Lot (2004)

Director Mikael Salomon. **With** Rob Lowe, Donald Sutherland, Rutger Hauer, Chris Haywood e James Cromwell.

Writer Ben Mears returns to Jerusalem's Lot to face his turbulent past in the town he once lived. He is obsessed with writing a story about the sinister Mansion Marsten, recently bought by a man named Straker and his mysterious partner Mr. Barlow.

A cinematographic haunting

by Marcelo Janot

No one was prepared for what Stanley Kubrick offered us in 1980 with *The Shining*: his film took a series of liberties in relation to the book on which it was based, and at the same time it didn't look like a conventional horror movie. As a constant in his career, the director showed how a literary adaptation can take off from the original text to the point of giving birth to a sublime audiovisual work.

From the opening sequence, everything in the film is essentially cinematic. It begins reversing expectations through the mix of music with imagery. Credits roll on the screen while an aerial shot reveals all the splendor of the Colorado mountain region on a sunny day, and the camera tracks Jack's car in the distance. The inviting landscape contrasts with the scary music by Wendy Carlos, inspired by the dreary *Dies Irae*, a medieval poem used in funerals. The camera floats up and down as if anticipating the roller coaster of emotions to which the viewer will be subjected within the next two hours, conveying the idea of a mysterious point of view that accompanies and chases the car.

Kubrick uses the newly invented steadycam to accentuate the sense of disorientation. Strolling along the huge aisles of the hotel riding his tricycle, the boy Danny makes a turn and goes from one of the halls into the kitchen, or from there to the bedrooms, as if the internal configuration of the rooms mirrors the labyrinthian garden of the exterior. The notion of space in the film seems like a metaphor for Jack's deteriorating mind.

There are many differences between the movie and King's book. In the book, Jack is a recovering alcoholic, and his craziness is caused by his personal frustrations as a writer and father. In the first version of the film, the script by Kubrick and Diane Johnson featured a scene that referred to the fact that Jack had accidentally broken his son Danny's arm. In the 119-minute version that became more internationally known (and it is Kubrick's favorite), this and other scenes were cut because the director realized that by omitting Jack's psychic fragility, he emphasized the mystery around the evil forc-

es which gradually possess him.

The screenplay also cut many of the book's supernatural parts, such as the garden sculptures coming to life. Jack's natural death, frozen in the garden without Grady or the other ghosts being able to help him, reinforces the doubt about the origin of the haunting, making *The Shining* break the mold of the traditional horror film, and thus much more frightening.

Stephen King did not like the adaptation, an evil that plagues many zealous writers about their own books. But it is precisely because the film reiterates, at all times, that this is CINEMA, that it does not matter what King thinks. When Kubrick's *The Shining* hits the screen, it gains a life of its own in the haunting form that is peculiar to the great geniuses of art.

The Shining (1980)

Director Stanley Kubrick. **With** Jack Nicholson, Shelley Duvall, Scatman Crothers and Danny Lloyd. A writer in crisis accepts the job offer to oversee a remote hotel with his wife and young son during a harsh winter. Over there he will have all the necessary isolation to write... But are they really isolated?

Creepshow or the monstrous male power

by Délcio Almeida

“That’s why God created parents, woman.” With this phrase, a man ends an argument with his wife, about him having confiscated a horror comic book from their son and thrown it into the trash. After all, he is the man of the house and, therefore, holds the power over them. Thus begins *Creepshow* (1982), directed by George Romero, with an screenplay by Stephen King. Loaded with comic book aesthetics, the movie mixes horror with humor. *Creepshow* is divided into five episodes starred by male characters:

“Father’s Day” tells the story of Nathan Granthan, who has a relationship of dominance and harassment with his daughter Bedelia. The psychologically abused girl eventually murders her father. The crime is covered up for years, until, one night, Mr. Nathan Granthan returns from the dead to claim his rights.

In “The Lonesome Death of Jordy Verrill” — played by Stephen King himself —, a pathetic man sees his chance for success and wealth falls, literally, from the skies in the form of a meteor. However, Verrill touches the space rock and gradually begins to turn into a plant. This episode discusses the figure of the man who dreams of achieving success without any effort and ends up a victim of his own recklessness.

The toxic chauvinism is evident in “Something to Tide You Over,” in which a betrayed husband, Richard, with an inflated self-esteem and extreme cowardice, plans a revenge against his wife and her lover. He will not give up his possession. Of course, the man’s victims return for revenge.

Threatened masculinity is the motto of the episode “The Crate”. Henry is humiliated by his wife Wilma and keeps on imagining how he would get rid of her female power. Luck begins to change when a mysterious crate appears in the educational institution he works for. Inside the crate, there is a carniv-

orous creature, which is a great opportunity for Henry to get rid of the woman who dominates and castrates him, someone who dares to think she can be more bossy than a man. Henry is the winner of this game now. The freaks, the monster and Wilma are all in the bottom of the lake. But can simple chains be able of imprisoning a creature that has fed on a woman?

“They’re Creeping Up on You” portrays the kind of man who treats not only women as inferior beings, but anyone else he considers to be inferior. The philosopher Peter Singer coined the term “speciesism” to classify the human tendency to put our species above other living beings. However, the limit that sets what is human or not is very clear. It is in this context that we meet Mr. Upson Pratt, a millionaire who lives in a clean and sterile dome. As he struggles to get rid of the cockroaches that infest his refuge, he treats his subordinates equally as insects. Thus, it’s a story that shows that the weak and despised can overcome the strong and the despicable. *Creepshow* has an unexpected ending, reaffirming the idea that the weak can defeat brute strength through magic and imagination.

Creepshow (1982)

Director George A. Romero. **With** Hal Holbrook, Adrienne Barbeau, Leslie Nielsen and Ted Danson. A father takes the Creepshow magazine from his son and throws it in the trash. As the wind opens the pages, stories are revealed, such as that of an undead revengeful father, a meteor that falls on a farm affecting the plantation and the farmer himself, a couple of adulterers re-turning from death, a crate with something alive inside. And a lot of cockroaches.

Common man’s praise

by Marcelo Miranda

The only adaptation of Stephen King directed by David Cronenberg came in a sequence of remarkable films in the trajectory of the Canadian filmmaker. They were released all from around the same time, shortly before or after *The Dead Zone* (1983), like *Scanners* (1981), *Videodrome* (1983) and *The Fly* (1986). Definitely explicit and violent, with heads exploding, bodies melting or misshapen masses connecting to electronic devices, these films are best remembered when speaking of Cronenberg than the much more serene *The Dead Zone*.

This serenity, let no one be deceived, is only at surface level. By sticking to the basics of King’s plot (there are many changes in Jeffrey Boam’s script in relation to the novel, especially in the narrative structure), Cronenberg’s approach is straightforward, almost a character study, while following the drama of Professor John Smith (Christopher Walken) after being severely run over on the eve of his wedding. After five years in a deep coma, Smith wakes up to a different world. And it further complicates things even more for having acquired sensory powers.

The entire film virtually is told from the protagonist’s point of view, from his recovery and the impact of being displaced in the very universe of which he is part of. It is still one of the most romantic works

in Cronenberg's career: Smith's entire drama is amplified by the distance that the coma puts him in relation to his bride, now a married woman (to another man) and a mother. Much of the tragedy that falls onto the character with each new plot twist is due, largely, to never being able to save his relationship.

The episodic characteristic of the *The Dead Zone* is framed by the way Smith's powers are portrayed. Like a film as distinguished as *Phenomena* (1985), by Dario Argento, the character's gifts are the starting point for the things that happen, not the other way around. Smith glimpses at the near future of whoever touches him, and this feature is used by the film as the action moves through various centers of attention — the recovery clinic, the young student son of a millionaire, and finally the candidate for the Senate Greg Stillson (Martin Sheen). Each phase expands Smith's maturity in dealing with his powers and adds new layers on his journey towards sacrifice.

What starts as a plot of suspense with science fiction reaches political (and, in a sense, apocalyptic) outlines upon Stillson's entrance in the plot. A republican with presidential yearnings, he is the allegory of the bad ruler, portrayed as an ambitious opportunist thirsting for power. Stephen King has always been very critical of this type of public figure who wants to seize control of the State, and Cronenberg's film keeps this characteristic that turns out to be, in fact, the essence of the original story. John Smith seems to exist essentially to confront Greg Stillson, which becomes the common man's praise as someone that is able to alter the course of events on a national or world-wide scale.

The Dead Zone (1983)

Director David Cronenberg. **With** Christopher Walken, Martin Sheen and Brooke Adams.

After a serious accident, a literature teacher awakens from a long coma and begins to guess people's future in the form of tragedies.

STEPHEN KING LIBRARY:

He was handsome and alive and almost... crunchy¹

Brief notes on female desire in the novel *Carrie*

by Gabriela Amaral Almeida

The story about *Carrie*, the novel, is written in the preface to most of the editions of the book. At first a short story, *Carrie* is about the life of a teenage girl with paranormal powers — Carrie White —, largely inspired by two girls from Stephen King's adolescence. Both were the typical rejected or losers in the hierarchical social system of American high schools: "scapegoat," "under the social hierarchy," "strange family," "weird and fervent religiousness," people wearing "strange clothes" are some of the expressions that the author uses to remind them, with regret and despair. In this passage, he says:

I was frightened... both at the young female world that I would have to live in (it was a world I did not know) and the level of cruelty I would have to describe. It also frightened me to revisit what I had not had the head nor courage to contain” (King, preface to *Carrie*).

King quit on the story and threw out the first two unfinished pages of the short story, which (fortunately) were rescued by his wife, the also writer Tabitha Spruce King: “She took the pages in the bin, shook out the cigarette ashes, straightened the paper, read everything and suggested that I go ahead.” I like to imagine that the ghosts of those two ‘strange’ teenagers, already dead at the time of the book’s publication in 1974, guided King’s pen. And I’m sure that Tabitha’s vision was vital for the story to be what it is: “and I went [forward] just to please her,” King recognizes the value of his wife’s vision in the preface.

Carrie is by far the most feminine novel by Stephen King. The astonishment with which the writer speaks about the task of building the text is also the key to its structure. An epistolary novel in the tradition of classics such as Mary Shelley’s *Frankenstein* and Bram Stoker’s *Dracula*, the text consists of excerpts from newspapers, scientific books, and interviews, mixed with blocks of narration about the daily life of the protagonist Carrie White, whose third person omniscient narrator is a mark of the writer’s prose. The fragmentation of the point of view intensifies the riddle that it is Carrie White, a religious teenager whose telekinetic powers intensify from her first menstruation on. The story’s polyphony has a direct correlation, I believe, to the fear that King claims to have felt by approaching the female universe and its avalanche of desires and fears, its life drives, but also — and above all — its death drives.

It is this army of voices that boldly advances toward the territory of the body and mind of a young woman during puberty. In general terms, the plot is structured around the repercussion of a tragedy that occurred in the small town of Chamberlain, Maine (the author’s home state and a recurrent location in his stories), where Carrie lives under the castrating tutelage of her mother, the religious fanatic Margaret White. When she first gets her period in the school bathroom, Carrie thinks she’s dying (“I’m dying of internal bleeding!, Carrie cried”), her panic is aggravated by her classmates jokes: “The girls were already bombarding her with tampons (...) the volley was like a falling snowstorm”. The traumatic event triggers the girl’s paranormal powers, which she gradually becomes aware (and a user) of the uncontrollable force of her desires, moving ever larger objects with the power of her mind. She is a danger, thus, when under pressure.

Carrie’s paranormal gift is sometimes put under suspicion and sometimes confirmed by the other characters through police testimonials, autobiographical narratives (characters who survive the tragedy of Chamberlain and publish their own perspectives on the facts), phone call recordings, etc. In a “scientific” excerpt from the book *The Shadow Exploded*, for example, it is said: “The gene of telekinesis [the ability to move objects with the force of thought], or TC gene, gives birth to women who disseminate this threatening gift and are capable of pretty much destroying anything they want”. What underlies this story’s fantasy fabric is that the force of a woman’s thought can be frightful.

The allegory of repressed female desire reaches its climax when Carrie is falsely crowned the prom queen and bathed in pig blood. This “coronation of blood” is equivalent to menstruating in front of everybody — an extremely painful situation from the perspective of a young woman who has the power to annihilate those who put her in that situation. Again, the whole fantastic apparatus of King is in service, before and above all, of the stream of feelings that runs in the characters’ intimacy.

The parts narrated in third person do not leave out Carrie’s detailed descriptions of her negative as-

pects, be they physical (“a frog among swans”, “all bent”, “looked like a monkey”) or moral (not rarely, Carrie’s thoughts reveal an unrestrained hatred for everyone around her). Carrie is *also* a monster.

The curious thing is that the construction of the “monster” is always relative in the novel. Carrie causes death and pain because she herself suffers. The strangeness that makes her a laughingstock is the result of the abusive education she received from her mother, Margaret is a woman who is so out of her own body that she only discovered that she was pregnant when she went into labor. Margaret herself is the target of abuse that precedes the story — a single, uneducated mother, clinging to religious dogmas so that she does not go completely insane.

The patriarchal structure reveals itself from the shadows of all the female characters in the plot: the physical education teacher, who defends Carrie from bullying, has her authority constantly questioned by male voices (“unfortunately, the school administration is all in the hands of men”, she says); the villainess Chris Hargensen, responsible for the final revenge, cannot achieve orgasm with her boyfriend (and does not dare talk to him about it); the young girl Sue Snell, once regretting to have been part of the bullying in the bathroom, asks her own boyfriend to accompany Carrie to the ball — an attitude that is seen as suspicious by everyone, including her parents (sorority is definitely not a well-known word in the adolescent universe described by King).

Let the drama of a horror story take the menstruation of a teenager as a starting and ending point; the manifestation of her powers become intimately bound up with her sexual awakening (“he was handsome and alive and almost... crunchy” — that is what Carrie thinks of a boy) and the blood element evoke the powers of gestation and annihilation of the uterus. All of that makes *Carrie* a study of the feminine, of the physiological even (!), in spite of the taboo that (still) exists around the women’s “monthly bleeding” and the supposed target audience that common sense imagines for this type of literature (that said, Carrie was the success responsible for putting the name of Stephen King on the map).

¹ Excerpt extracted from the novel *Carrie* (Doubleday, 1974).

Wild nature

by Lucas Salgado

Stephen King’s undeniable talent for horror is present not only in the quality of his writing but also in the fact that his stories often succeed in conveying the horror and suspense of less threatening characters. It can be an affectionate parent, a car or even a pet. And the latter is the case of *Raging Dog* (the Brazilian title), a book released in 1981 and adapted for the screen two years later, in 1983, under its original name, *Cujo*.

Directed by Lewis Teague, *Cujo* traumatized a whole generation by telling the story of a dog that, after being bitten by a bat, is possessed by a wild and murderous instinct, and puts a family at risk. In the film, we follow a mother and her son that are trapped inside a car without being able to leave,

since the animal is lurking nearby, ready to attack.

The feature film has all the ingredients that make up a good 1980's horror classic. Showing gore and scenes of violence without spare, *Cujo* uses its low budget in its favor. The technical limitations end up serving to create a more terrifying and shocking atmosphere. It's really a B- movie, a true horror film.

As usual in some of King's most famous works, the film features a woman as the protagonist. Dee Wallace plays the role of Donna Trenton, a dedicated mother with marital problems with her husband (Daniel Hugh-Kelly). One day, she goes with her son Tad (Danny Pintauro) to a mechanic on a nearby farm. There, she ends up being trapped inside the broken car and under the threat of Cujo. Up until that moment, the screenplay advances the plot not only on the family's part, but it also gradually shows the shift of the dog's personality.

Even though the horror scenes use lots of closed-up shots of the main characters, it is through beautiful long shots that the film shows the local dynamics, whether of the small town where the family lives, or the isolated farm. There is even a degree of melancholy, which contrasts with the wild nature of the situation. Thus, it tackles at the same time classical elements of horror, such as the provincial town scenery and the uninhabited countryside.

Jan de Bont's cinematography, Neil Travis's editing and Charles Bernstein's soundtrack are some of the elements that make the movie a fascinating and distressing experience. Donna and Tad's confinement inside the a car turns the claustrophobic environment into something as threatening as the animal that is surrounding them. Both departments of art and make-up must be praised, especially for work on the dog. They managed to turn a beautiful animal into something really creepy. For this, they did not worry about excesses. It's gore, it's supposed to be grotesque. And that's why it works so efficiently.

Cujo is a modest film compared to King's most famous adaptations. Still, it does not disappoint those who seek a tense and personality-filled horror.

Cujo (1983)

Director Lewis Teague. **With** Dee Wallace, Danny Pintauro, Daniel Hugh-Kelly and Ed Lauter.

A docile Saint Bernard dog, bitten by a vampire bat, becomes a terrible monster, trapping a woman and her child in a broken car under a scorching heat.

Christine, a hit of the video stores in the 80's

by *Laura Cánepa*

The novel *Christine* was published in the US in March 1983, and even before its release, it was already being adapted into a film by Columbia Pictures, by producer Richard Kobritz (from the TV miniseries *Salem's Lot*) and then young master of horror John Carpenter. Shooting began in April 1983, and *Christine* premiered in the United States in December of the same year.

For Carpenter, that was not a personal project. The director, who was recovering from the low box office of *The Thing* (1982), had accepted the adaptation just to keep his name on the market — and in a way, *Christine* resents the relative disconnection of Carpenter with the elaborate plot created by Stephen King. Still, the movie did well at the box office, it cost \$9 million, but it made \$21 million in the US alone, while *The Thing*, which cost \$15 million, did not make more than \$13 million. *Christine* would also become a hit at video stores around the world, getting nominated for the prestigious Saturn Award for Best Horror Movie in 1984, losing to David Cronenberg's *The Dead Zone* (1983), another adaptation of Stephen King.

Nowadays, it is curious to picture two great names of horror — Carpenter and Cronenberg — trading places and imagining how these films could have been different. After all, Carpenter was always interested in stories about paranoia such as *The Dead Zone*, while Cronenberg never hid the fact of being a big fan of cars and Freud — two central elements to understand the “uterine” story told by Stephen King in *Christine*.

The novel tells the story of a cursed 1958 Chrysler Plymouth Fury, nicknamed Christine. The car becomes the great love of Roland Le Bay, who, twenty-five years later, with his life destroyed, sells Christine to a troubled young man, Arnie Cunningham. In the book we notice that the car plays the role of a possessive and jealous lover in Le Bay's life, whereas, in Arnie's case, Christine will rival mainly with his dominating mother, Regina, turning itself into a kind of “reflex” of a badly resolved Oedipus complex.

When he decided to adapt the book, Carpenter found himself faced with the challenge of tackling the complexity of King's narrative, written at a time when the issue of motherhood in horror stories had been discussed in depth by literature theorists such as Julia Kristeva. However, Bill Phillips' script virtually ignores the two central characters in King's book — Regina and Le Bay himself —, simplifying the story and turning Christine into some sort of buddy to Arnie.

But John Carpenter will always be John Carpenter, and pointing out some omissions would never make *Christine* a bad movie! Starring Keith Gordon as Arnie and twenty Plymouth Furys as Christine, the film reinforces the supernatural horror of a killer car with a strong personality, and is not afraid to bet on our sense of fun when Christine goes out in defense of its faithful friend against bullies — and also against all those who try to separate them.

For those who have read the book, the great choice of cast and locations (Pennsylvania, from the book, is switched by California) must be praised for offering one of those fun movie-to-book comparisons — not because of its “faithfulness” to the original text, of course, but precisely because of the variations and new features brought by a film master who sees himself before the work of another master.

Christine (1983)

Director John Carpenter. **With** Keith Gordon, Alexandra Paul and Harry Dean Stanton.

A red 1958 Plymouth Fury becomes the obsession of a young man in love with vintage cars. What he did not expect was that a car would love him back. In a deadly way.

For you, daddy!

by Giselle Hissa Safar

Firestarter (1984) is a thriller that was adapted from the novel with the same title, written by Stephen King and published in 1982.

The story follows a father and his daughter with psychic abilities who are fleeing from a secret government agency, called the Shop, whose aim is to capture them, conduct experiments and use their skills for military purposes. They are interested mostly in the girl Charlie, because she is endowed with the dangerous power to ignite anything just by thinking about it.

Stanley Mann's script was relatively faithful to the original text. He kept some topics that Stephen King considers to be very precious to him, such as the victimization of children, the existence of conspiratorial groups inside governments, and the conviction that shared information is the way to override the shady and obscure actions from these organizations (for King's readers, it is only unforgivable that *Rolling Stone* was replaced by *The New York Times*!).

Firestarter features a little girl who can start fires with her mind; her father, whose ability to shape the thoughts of others causes him to have constant brain hemorrhages; a murderous mercenary descended from Native Americans; a black scientist; a gentle farmer; an ambitious government bureaucrat and a brilliant scientist, whose experiments kill 80% of his human guinea pigs, but grant the survivors powers beyond the imagination of any mortal man. However, anyone who is looking for a horror film will be deceived. It's a science-fiction thriller backed by a top-notch cast, compelling special effects considering the technology of the times, and a superb soundtrack from the German electronic band, Tangerine Dream.

The cast includes the small and self-reliant Drew Barrymore, who plays Charlie; David Keith, as her tormented father; Martin Sheen as the Shop Director, and George C. Scott, wearing a gray pony tail and a glass eye, as the maniac of the movie. Despite the politically incorrect depiction of a descendant from Native Americans as a villain, it is inevitable to hate him because of the erotic and mystical ambiguity of his interest in the child, which bothers the viewer.

But the truth is that the deadliest person in the whole movie is also the one we all cheer for. Charlie is a sweet girl whose precocious maturity, due to the challenges she faces, turns her into a strong, decisive and much, much more dangerous woman. But she does not frighten us. Among the numerous chase scenes, of morally ambiguous conversations between the Shop members, and the child's violent "pyrokinetics" reactions, we also see many moments of affection, complicity and hope between father and daughter. Yes, as incredible as it seems, throughout the whole film, what prevails is the love and the unconditional commitment between the two of them, which is very well summed up in Charlie's last line: "For you, daddy!".

Firestarter (1984)

Director Mark L. Lester. **With** Drew Barrymore, Heather Locklear, George C. Scott and Art Carney. A couple's daughter, who was a subject of some experiments as a child, acquires the power to manipulate fire. Soon, she begins to be chased by a strange agency.

Thou shalt not grow up

by Luiz Baez

Writing about film implies leaving aside the purisms often embedded within the judgment of literary adaptations. Such work, though, is particularly arduous in the case of the catalogue for *Stephen King – Fear is your best companion*. It is, after all, a Stephen King’s retrospective, a name from the literary universe whose creative verve escapes from pages of books and takes over the big screen. That being said, the invitation to write a few sentences about the cinematic version of *Children of the Corn* brings on an ambiguous impetus. On one hand, King’s short story must be referenced, as he is the one being honored by this catalog. On the other, one should not forget the feature film’s peculiarities, since it is this text’s actual empirical object.

Over a black screen, giant letters say *Stephen King’s Children of the Corn*. King’s name itself precedes the title, as if director Fritz Kiersch claimed for himself all the prestige associated with “the master of horror”. Such appraisal, however, doesn’t imply an imprisoning pretension of “fidelity to the original” – nor could it be, especially when comparing the few printed pages of the short story to the several rolls of the film. It is up to Kiersch, otherwise, to (re)interpret King’s words: a task in which, incidentally, he truly succeeds.

First published in 1977, in an issue of *Penthouse*, “*Children of the Corn*” inserts itself within the context of Vietnam War, which ended two years prior. Defeated, the United States saw their ideals of liberty and democracy – previous excuses for the public opinion’s support – being questioned. How not to associate, then, the teenagers prevented from reaching the age of nineteen in fictional Gatlin to the young soldiers killed in Vietnamese territory? In both cases, a “god” was protected: fictionally, “He Who Walks Behind the Rows”; historically, the American dream.

In this regard, the 1984 movie points to the real reference, formerly a mere subtext. This is expressly evident in the introduction of two new characters, the little brothers Job and Sarah. The first one, who tells the story, distinguishes himself from Stephen King’s observer narrator as he brings the tale closer to the viewer. While in the short story horror seeps into the journey of the couple Burt and Vicky, in the feature film, protagonisms are interspersed. Screenwriter George Goldsmith’s clever narrative decision sees the children no longer as exterior monstrosities, but rather as something distorted within society itself.

“My dad built it when the communists launched their first strike”, Job says of his shelter. Burt answers: “I don’t think it’s the communists we have to worry about”. Clairvoyant like the child Sarah, the adult Burt foresees the absurdity of the Cold War, which would last for another seven years. Straightforward – and even overtly so –, Kiersch mocks the “monsters” of a society as grotesque as the being within the cornfield. Dressed in their parents’ clothes, Job and Sarah play Monopoly and dispute who will have “all the money in the world”. The American way of life is a simulacrum.

Children of the Corn (1984)

Director Fritz Kiersch. **With** Linda Hamilton, John Franklin and Peter Horton.

A bizarre sect of children gathers in a cornfield to decide who lives or dies. Something supernatural always seems to be lurking.

The efficiency of fear in portions

by Cecilia Barroso

In 1978, Stephen King released *Night Shift*, his first and still best short stories anthology. Many have already been adapted to the movies, such as *Children of the Corn* (1984), *Sometimes They Come Back* (1991), *The Lawnmower Man* (1992) e *Graveyard Shift* (1990). Two of them, *The Ledge* and *Quitters Inc. are in Cat's Eye* (1985).

The episodic feature film, scripted by King himself, was directed by Lewis Teague, shortly after his adaptation of the novel *Cujo* (1985) for the screen. To connect his three stories, a street cat follows in search of a little girl who sends messages in unexpected ways and places.

The first reference to other books written by King is *Castle Rock*. Even if the place is not determined, like the ones present in the feature film, it is possible to recognize the fictitious city created by King by the bloodied presence of *Cujo*, the Saint Bernard dog who chases the cat until it ends up in a transport truck which takes it to New York.

The stories, which lead to Atlantic City and Wilmington, do not relate so well, with connections based solely on the not always effective presence of the feline. In addition, they suffer from typical problems of 1980's American movies, such as forced humor, some no longer acceptable social behaviors, experimentation with special effects, and an exaggerated soundtrack by Alan Silvestri. Some features surprise and work well, others end up showing the film's age.

However, in *Cat's Eyes* there is a remarkable fidelity to fear that impresses. The main theme of Stephen King's books is featured in the story of a man who decides to give up smoking; in the fear of heights of a tennis instructor whose mistress is the wife of a mobster who is addicted to gambling; and in the fear of cats of a little girl's mother who is being threatened by a goblin, in the most implausible of the stories, the only one originally written for the film.

Morrison's delirium at the smoky party, the presence inside the closet, and the entire Martin sequence in the 5 inches ledge of the skyscraper — in an incredible assimilation and fulfillment of the feeling caused by reading King's text — and the amusing use of the song "Every Breathe You Take", by The Police, are among the best things in the film.

The subversion of the feline figure, a revealing aspect of the tales, is delightful. Cats, seen as creatures associated with evil and the supernatural since the earliest of times, have their existence linked to a large number of legends and myths and have already haunted the works of Edgar Allan Poe and H. P. Lovecraft. Stephen King lies among the masters of fantasy literature, but takes the exact opposite way. His traveling cat is actually a savior, one who follows a path to seek and protect little Amanda, who wants to help and pities those who cross her path. As long as they do not have feathers, of course.

Cat's Eye (1985)

Director Lewis Teague. **With** Drew Barrymore, James Woods and Alan King.

Three stories: a terrible clinic for smokers, a bet between a husband and his wife's lover and a child pursued by a monstrous creature. Two of these stories are from the *Night Shift* book.

Beware of the moon! Stephen King and his legend for the werewolf

by Fernando Tibúrcio

Unlike other classic monsters like Dracula and the Frankenstein creature, the werewolf did not have its legend inspired by a novel. The main vampire in history was conceived by British author Bram Stoker, and the tragic story of the monster built out of human limbs, created by Dr. Victor Frankenstein, was written by the brilliant Mary Shelley. Holding up the well-deserved title of “Master of Horror,” Stephen Edwin King dared to work with various horror myths. *The Shining* is his perspective on ghost stories; in *Pet Sematary*, he presents his version for zombies; the vampires are in *Salem’s Lot*; and of course, the werewolf would not be forgotten.

In 1979, Stephen King was challenged to write a book separating his chapters into months of the year and each chapter could only have a maximum of 500 words. He accepted as long as each chapter had about six thousand words, or that the total of the publication contained around forty thousand words. Therefore, *Cycle of the Werewolf* was published in 1985 and some experts consider it a novel, while others say it is a short story. As usual, King settles his narrative in Maine. From January to December we follow monster attacks on the residents of a small town on full moon nights.

Like most of his books, *Cycle of the Werewolf* presents in its writings a visual image of significant value. In this particular case, it is even more noticeable by the impressive and detailed illustrations of Bernie Wrightson. So, it is easy to understand why King is the most adapted living author. There are more than 70 movies and TV series that were inspired by his stories, and the same happened to *Cycle of the Werewolf*.

In 1985, the movie adaptation is released under the title *Silver Bullet*, which makes an allusion to the wheelchair used by the protagonist, and also a key element in the monster’s legend. Directed by Daniel Attias, the film brings elements that are typical of both the narrative of Stephen King and the movies of the 1980’s. For obvious adaptation reasons the film does not have the episodic structure that we find in the book. Another interesting point is that it has a microuniverse structure, that is, a plot set in a small town, Tarker’s Mills. Filled with a realistic and subtle horror that reveals very little, the film works the peculiarities of this place, its idiosyncrasies, the people that live there, haunted by a horror that lacks a face or a name.

This microuniverse factor also applies to the characters. What matters here is the relationship between the siblings Jane (Megan Follows) and Marty Coslaw, played by one of the 1980’s icons, actor Corey Haim, and his Uncle Red (Gary Busey). Never does the action overlap with the situation, that is, the dramatic horror story, although fundamental, it is not more important than the place and its residents. All the killings are deeply felt, just remember Sheriff Joe Haller (Terry O’Quinn) walking the streets holding a kite bathed in blood.

Cycle of the Werewolf is a true classic, of both Stephen King’s literature and the 1980’s cinema. Film and book helped in establishing Mr. King’s image as a reference in horror. And to think that at the beginning of his career, shortly after *Carrie*, his publisher, Bill Thompson, even suggested that he should not devote so much to these stories or he would be typecast. And at one point Bill got it right, Stephen King is a success!

Silver Bullet (1985)

Director Daniel Attias. **With** Corey Haim, Gary Busey, Terry O'Quinn and Megan Follows.

A series of murders shakes a provincial town. Everyone thinks it's a serial killer, but a young man in a wheelchair knows it's something much deadlier...

STEPHEN KING LIBRARY:

Ice hell

by Sergio Gomes

Jack Torrance, his wife and son are assigned to spend the winter season at the Overlook Hotel. Jack, a former alcoholic and literature teacher, accepts the job and becomes the keeper of the place.

The imposing structure is isolated from the city and from everybody when the snow comes. The roads are closed between October and April. The only communication between them and everyone else is a radio. Eventually the family discovers that the hotel hides a dark past and that its former guests continue to wander the rooms and corridors of the sumptuous structure, threatening the lives of the couple and the boy with a gift which Halloran, the hotel chef, calls "The Shining", a term coined by his mother when he was a child.

The construction of the characters in the work of Stephen King is quite efficient. We know the conflicts between the couple and the child in a very creative way, with flashbacks that permeate the entire narrative of the book in question. They are very interesting and complex characters. Jack's fight against drinking demonstrates how fragile he is and how exposed he will be to the situation ahead when they find themselves isolated in the hotel. His wife, Wendy, is a woman who has her mother as an enemy, and who projects on her son, Danny, the protection she has never had. The boy is very creative, typical of his age. Several things about life are a mystery to him. The real and his visions seem blurred to him in such way that the poor boy cannot discern what is really true. The intuition in Danny is in full bloom, and his gift is empowered by Tony, his invisible friend, who presents to him future events in a disorganized way.

The Hotel, in the beginning of the book, is also presented as a character through Ullman, the manager of the place.

"Ahead I could see the Overlook, mocking from afar, seeming to stare at him with its many windows."

The Structure of the Overlook is like a great organism, about to swallow those who enter through the door. The geography of the place becomes present early in the book, building in our minds a grandiose and frightening universe. Former guests play roles like a monstrous gear. The isolation from all the rest causes them to awaken from a deep sleep in order to haunt the living.

"It is as if people came here just to throw up and they hire a guy like Ulman to clean up all the mess."

“Every big hotel has its scandals as well as its ghosts”

The snow covers the hotel like shovels of dirt over a grave.

“The silence had fallen over the hotel like a heavy blanket covering everything, broken only by the light vibration of the afternoon wind outside.”

The loneliness of the characters isolated by the snowstorm; the so-called “Hut Fever” seems to bring about conflicts once overcome by the family, digging out old sorrows and mistrust.

The discovery of old reports and picture albums of former guests in the basement awakens in Jack a morbid curiosity about the scary and frightening events that had been part of the Overlook story. He abandons the idea of writing a play and goes on to pursue an obsessive research on the hotel and its guests.

“There was a long and horrible masked ball here and it went on for years”.

The masks are removed at midnight as disguises to hide true identities. The power game is narrated as a tool to subvert people. An example is the character that is shown in the form of a dog in the corridors and the hall; he is proof that the people haunting the hotel are corrupt in essence, as the author skillfully tries to describe.

“Hallways shrinking in time and distance, hungry shadows, restless guests who do not rest in peace.”

The family structure is broken leaving Wendy, Jack and Danny exposed to the hotel’s wishes. The job of looking after the Overlook Hotel is distorted in Jack’s haunted head, who is seduced with the promise of rewards. Being accepted in a private club among those who once lived in the old hotel and those who obey his wishes seduces the writer.

The use of thoughts between dialogues shows to the reader that not everything that is said is true. This ambiguity is used in a quite interesting manner. It is a subtle technique to show the change among family members in relation to each other.

The way King tells the story demonstrates how the author is really skilled in the art of writing. Splitting blocks of text with subheadings takes us smoothly to a future scene and flashbacks.

The author has a rather imagistic writing, which makes us understand why King ventured into the movies and TV. The divide between madness and sanity is quite latent in his book through well structured dialogues along the pages.

The description of the hotel is rich in details, but at the same time it is neither boring nor monotonous. The characters are quite believable and human, like a neighbor or a friend. The book reminded me of Neil Gaiman’s words. “A good book has the power to make you turn pages naturally”.

The Shining is eloquent and very well executed. I believe that Jack’s character is the reflection of the author who at the time was fighting against alcoholism. This projection certainly helped to make the character become believable in the eyes of the reader and convincing in its construction. When I

read the book I understood the author's dislike of the film version. A lot of what I consider important was left out. But I believe that taking to the screen a book as complex as *The Shining* is no easy task. Stanley Kubrick proposed a different vision in a successful way. Proof of this was Mick Garris's frustrated adaptation for a television miniseries that is more faithful to the book... but that does not have the strength of the film directed by Kubrick.

The challenge of watching *Maximum Overdrive*

by Paulo Fontenelle

I saw *Maximum Overdrive* (1986) when I was still a child, and on VHS, to tell you the truth. What I knew about Stephen King at that time prepared me to see a terrifying movie. The other films by the author that I "had seen" — I put in quotation marks because I need to take into account the times when I had closed my eyes or left the room — and have strong memories of had been *The Shining* (1980) and *Carrie* (1976). I remember I didn't sleep for a week due to the ending of *Carrie* because I used to sleep in a twin bed and I was sure that a hand was going to stick out of the mattress and grab me during the night.

So the act of having the courage to watch *Maximum Overdrive* was already an adventure. In my childhood (I think in everyone's childhood all over the world), friends used to boast about the horror movies they had seen, just to show how brave they were. When my older brother rented the video cassette of *Maximum Overdrive* I had to see it, I had to have the guts to see it.

To my surprise *Maximum Overdrive* was one of the most enjoyable movies for me at that time. To this day I have doubts if the film was admittedly trashy or if it was trash by accident. The premise per se is ridiculous: the moment a comet overpasses a city the trucks come alive and attack the entire population. But other stories by Stephen King also do not have the world's coolest premises (a possessed car, a possessed dog, a possessed mist) and they are not trash movies, quite the opposite. Perhaps it is the fact that the film has a loose direction from King himself, who realized that he was much better as a writer and did not venture again in this job. And there is the fact that the cast is a bit hammy too. Emilio Estevez has acted in great movies, but neither he nor his brother Charlie Sheen are phenomenal actors, are they? (okay, *Platoon* is an exception). Anyway, the truth does not matter at all; *Maximum Overdrive* is trash but it is also a treat for fans of the genre. Who will ever forget the image of the main truck with the head of the Green Goblin chasing Estevez with AC/DC music in the background?

For me, *Maximum Overdrive* is on the list of King's classics; the problem is that my list of author's classics is huge, ranging from *Carrie*, *The Shining* and also *Pet Sematary* (1989), *The Dead Zone* (1983) and *It* (1990) to *Stand by Me* (1986), *Misery* (1990) and *The Shawshank Redemption* (1994). I have to admit that I even like *Silver Bullet* (1985). For me, the fact that King can wander through so many different genres with mastery and competence is something to be envied. He has written horror and drama with the same force. The important thing is the stories. King, as an author, is among the masters who made me choose cinema as a way of life.

Maximum Overdrive is considered by many to be a minor work of the author, but even these people

need to admit that there is a great amount of films that have been influenced from them, like *Tremors* (1990) among several others. I agree that it is far from being one of the best films based on a King's book, even for me. *Maximum Overdrive* is not on my top 10 list. When reviewing the film to write this text, I saw that it was dated and a little slow but I had a lot of fun once more, had great remembrances, and when AC/DC began to play with the roaring of the trucks I turned my TV volume up.

It pays seeing *Maximum Overdrive* again, and even after all those adaptations of Spider-Man, perhaps up to now, this has been by far the best personification of the Green Goblin of all times.

Maximum Overdrive (1986)

Director Stephen King. **With** Stephen King, Emilio Estevez, Laura Harrington and Pat Hingle.

Vaguely inspired by the short story "Trucks", from the *Night Shift* collection, it is the only film directed by Stephen King. It is a rebellion of machines, more specifically, of big trucks.

Stand by Me – We shall always have castle rock

by Flavia Guerra

"I have never had any friends like the ones I had when I was 12 years old. Jesus, does anyone have one?"

The question with which the then experienced writer Gordie Lachance (Richard Dreyfuss) finishes his novel *Stand by Me* put an end not only to his childhood memoirs but also to the plot of a movie that made film history. The year was 1986, and ever since director Rob Reiner took the adventures of the four boys from little Castle Rock to the screens, movies about friendship have never been the same.

To say the least, if nowadays productions like *Stranger Things* capture millions of viewers around the world — and pay tribute to Reiner's film — much of that is due to *Stand by Me*, a phenomenon that cost about eight million dollars and made over 50 million dollars only in theaters.

Inspired by the short story "The Body", which Stephen King wrote for the 1982 book *Different Seasons*, the plot follows the saga of young Gordie (Wil Wheaton) and his friends Chris (River Phoenix), Teddy (Corey Feldman) and Vern (Jerry O'Connell). In the summer of 1959, they live in Castle Rock, Oregon, where, as Gordie relates, there were only 1281 residents at the time, but for him "it was like the whole world".

It is the ability to create a story that embraces the small-big world of four boys as young as 12 who deal with adult issues while still being children in pursuit of affection, attention and adventure, that has made not only King's short story but also Reiner's adaptation one of the best stories about friendship and coming of age in the movies.

Since the 1980's, generations of moviegoers have been traveling with Gordie and his friends for more than 30 kilometers between Castle Rock and neighboring Harlow. And why would they walk so much, expose themselves to the risks of sleeping in the woods and being spanked by their parents because they lied? Because in the forest was the body of the boy Ray Brower who disappeared for days. Clumsy Vern had overheard a conversation from his older brother, who said he had found Brower, already dead,

in the Harlow Woods, probably after being run over by a train. Finding the body, becoming heroes of the city and finally gaining everybody's attention would be the trophy worth the risks they would face.

However, the great reward of this adventure lies in the symbolism of facing the unknown of the forest so as, at the end of the journey, there can find a new meaning for everything in the face of death, and return from it more mature. This conclusion seems obvious and somewhat simplistic. And it is. But translating this journey with simplicity and honesty is no easy task. If King has masterfully accomplished the mission in "The Body", Rainer met the challenge of competently filming and masterfully directing the four boys. In the end, he delivered to the public a contemporary classic.

It is essential to highlight Raynold Gideon and Bruce A. Evans' screenplay which, not by chance, was nominated for an Oscar for Best Adapted Screenplay. In every line and/or frame of *Stand by Me*, there is the spirit of a reality which is deeply American: there are the social roles already outlined for a highly competitive society; the act of bullying by the older boys' gang (Kiefer Sutherland in a great performance at 19); the little town lost in time and space.

At the same time, the universality of the story is guaranteed by the honesty with which the dramas of each of the four friends are treated. Teddy loves his abusive father because he admires and understands the trauma his father had suffered in the war. If Gordie feels he is invisible and unloved by a father who preferred his eldest son, killed prematurely, it is a stigmatized Chris who helps his friend to understand that deep down he does not know his own son. And it is Gordie who also helps Chris (a big hand to Phoenix, the most charismatic of the group) to trace his own destiny. And if Vern's fears seem silly, what child has not tasted the bitter sweet taste of late childhood to adolescence and hence to adulthood? It's the relationships, the jokes, and especially the mutual support among them that the boys build that lead us to another finding of Gordie: As in a restaurant, friends come and go, and often get lost along the way. But the stories remain.

Stand by Me (1986)

Director Rob Reiner. **With** Will Wheaton, River Phoenix, Corey Feldman and Kiefer Sutherland.

A writer recalls a dangerous adventure lived with friends in the summer of 1959. Rites of passage and the sheer beauty of youth.

Running for life

by Tom Leão

Nowadays, it is commonplace to watch films and TV series set in dystopic futures. But *The Running Man* is a pioneer of the genre. The original book, published in 1982, takes place in 2017, in a militarized United States that lost its status as an economic power in a world in disarray. In this scenario, and with the media under control by the government, the most popular TV show is a violent game show called "The Running Man", in which prisoners are thrown into an arena and have to run for

their lives while being chased by bizarre costumed guys.

The main character, Ben Richards, was mistakenly caught in an anti-government protest, and therefore becomes an enemy of the state. It turns out that Richards (Arnold Schwarzenegger) is a former police officer, well trained, both tactically and physically. So he ends up “leveling up” in the game, and becomes a hero of the people as he defeats his opponents in the arena. Strong dark humor and political/social criticism predominate in the narrative. Because of the violence of certain sequences, the film has been modified for screening in America. And also because of that, it has different TV and theatrical versions in several countries.

At the time, Schwarzenegger was the hottest name in action and sci-fi films, having starred the spectacular *The Terminator* (1984), *Commando* (1985) and *Predator* (1987), this one released in the same year as *The Running Man*. Later, he would star in *Total Recall* (1990), before returning triumphant to *Terminator 2: Judgment Day* (1991). In other words, there was no one better than him for the role.

A curiosity: King wrote the book under the pseudonym of Richard Bachman. And when producer Rob Cohen bought the rights to the film, he did not know that. It was a good deal after all, because the film was very successful — it even inspired the creation of the TV show *American Gladiators* (1989) and now it has earned a cult status.

The Running Man (1987)

Director Paul Michael Glaser. **With** Arnold Schwarzenegger, Yaphet Kotto and Maria Conchita Alonso. In 2017, during an economic collapse, America lives under a police and authoritarian state. A popular entertainment is a deadly reality show called “The Running Man”.

The horror of loss in *Pet Sematary*

by Beatriz Saldanha

British author W. W. Jacobs’s short story “The Monkey’s Paw”, published in 1902, tells the story of a man who loses his son in a horrible accident and, through a mummified monkey’s paw, wants him to come home alive. In 1983, Stephen King published the novel *Pet Sematary*, which narrates the spiral of tragedies that consumes a family moving into a country house. Partly inspired by Jacobs’ story, it is one of the most powerful books ever written by King, a tragic and moral portrait of mourning.

In 1989, the year the movie *Pet Sematary* was released, Stephen King completed fifteen years of a solid writing career, with more than twenty books published, having been adapted to the screen by directors such as Brian De Palma, Stanley Kubrick, David Cronenberg and John Carpenter. George Romero, King’s partner in *Creepshow* (1982), was the chosen director to make *Pet Sematary* into a movie, but he had to abandon the project because of a conflicting schedule with another project. The script, written by King himself, fell onto the lap of Mary Lambert, who had only one feature film under her belt, the drama/mystery *Siesta* (1987), but she had been directing music videos for some of the most important artists at the time. Her partnerships with Madonna has become iconic, especial-

ly because of the controversial video for “Like a Prayer”, which addressed religion, racism, and intolerance. George Romero is adored by every fan of horror, and it’s hard not to wonder what his *Pet Sematary* would be like, but it’s also true that with her penchant for pop, Mary Lambert made an unforgettable classic.

The Creeds are a young family formed by the father, Louis (Dale Midkiff), the mother (Denise Crosby), their two children — Ellie and Gage — and the cat Church. The title refers to an old indigenous cemetery located at the back of the family’s house, which has the power to bring the dead back to life. At first it is shown that Louis, a doctor, does not handle losses well. One of his patients dies in his hands, and this fact disturbs him greatly. The father is an evil character who always makes wrong choices and unleashes a series of tragedies, in which each member of the family, in their own way, experiences horror.

An interesting part to highlight is a certain artificiality that at first glance can be interpreted as something negative, but which it turns out as a bold and effective decision by the director; for example, Zelda’s character, a thirteen-year-old girl played by an adult man (Andrew Hubatsek) wearing makeup that emphasizes her bones and cadaverous face. When Mary Lambert chooses subtlety, she also achieves remarkable results: the scene in which the slipper rolls down the road, suggesting that the child had been run over is overwhelmingly sensible.

A new movie version was released in 2019, with different narrative choices and effects, which is extremely positive. The remake also caused the audience to turn their eyes to the 1989 film that, even though is generally neglected among Stephen King’s fans, makes a unique reflection on mourning and deserves to be rediscovered.

Pet Sematary (1989)

Director Mary Lambert. **With** Denise Crosby, Fred Gwynne and Dale Midkiff.

A family moves to live in a desolate house right in the middle of a dangerously busy road. With the death of the pet cat, many strange things begin to happen.

Where does the monster hide?

by Francisco Carbone

In 1990, this adaptation of a Stephen King’s short-story was directed by producer Ralph S. Singleton in the only directing job of his career, a project he inherited from Tom Savini. Coming from the production of *Pet Sematary* (1989), Singleton had a small material in his hands in which he tried to convey that the times were changing back then, even though he came across typified conventions, such as the same female presence that is basically divided between two characters. Although both of them are stereotyped, one is able to capture, in most of her scenes, a progressive bias that was beginning to appear in the society being represented in the movies of the time, that is, a female character that takes responsibility for her decisions and has an active voice.

Filmed in Maine where the author himself lives, the film focuses its action on a rat-infested cotton mill that needs to get rid of the pest, but that probably hides something much larger. With limited resources even for the time, the film still solves itself visually within the genre, creating an atmosphere that shifts between the human villain in the character of the factory manager (played by Stephen Macht) and the very creature, which creates the dubiety of the title: who would be the real monster? A moral ambiguity is added to this implicit discussion throughout the whole film, which features chauvinism and homophobia whenever possible, typical of the time and place of its production.

The practical effects do not make the film a particular example of the gore genre. They are discreet and efficient, causing the expected tension, with many doses of hemoglobin for the fans. Although the creature does not have a striking/memorable look, at least it is grotesque enough to cause disgust. What the creature does not accomplish by itself, the film leaves to the expressive amount of rats on the scene, which contribute to the scary and claustrophobic atmosphere among the factory walls — they seem like a mechanism ready to devour its members.

One particular scene from the film is a product of its era, when one of the actresses destroys the factory manager's car. The senseless motives that led her to do it, the gratuitous violence that emerges from her to his reaction and the angular shape of how the scene unfolds, they are examples of the racy moviemaking of the 1990's, which explores all the hysterical possibilities of its dramatic arc.

Early on, a line about evacuating the town also makes the film ponder on the real decay of small American communities that have survived around a single income generator — in this case, the cotton mill. The decadent environment reshapes the metaphorical aspect of the film by portraying the end of an uncompromising and prejudiced era about to be swallowed up by the world around it, leaving the sign on the factory door constantly asking for new employees, where the only things that remain at the end are the winds of change that will blow from their surroundings; winds of change that bring new ideas and inner monsters to destroy everything that was already outdated.

Graveyard Shift (1989)

Director Ralph S. Singleton. **With** David Andrews, Kelly Wolf, Stephen Macht, Andrew Divoff, Vic Polizos, Brad Dourif e Dana Packard.

Adaptation of the short story *Graveyard Shift*, from the book *Night Shift*. A factory worker holds a night job in a rat-infested textile company. For “fun,” he starts tossing the rats into a cotton shredder until someone else does the same to him. A corrupt factory manager and a neurotic rat exterminator scramble to get rid of the rodents, yet a far more dangerous and deadly creature begins to murder several people inside a maze of sewers and catacombs.

The horror in everyday situations

by Mario Abbade

Stephen King is one of the most adapted writers in the history of cinema. It is undeniable that his books are perfect for making movies, because of their abundance of scary and dramatic scenes. Unfortunately, most film adaptations of his books don't get the treatment necessary to achieve the same brilliance and success they have in the publishing market. However, when this happens, the audience is graced with an unforgettable experience. *Misery* is part of this little hall of successes, besides seeming prophetic — one can notice, up to a point, what fans are doing on social networks today to influence (or repudiate) works being released in bookshops and movie theaters. The “fanboy” phenomenon has become a double-edged sword. Director Martin Scorsese had already made an ironic comment on the subject in his *The King of Comedy* (1982).

The plot features Paul Sheldon (James Caan) finalizing his latest book of his popular character Misery Chastain, who starred a series of famous novels. He suffers a car accident and is saved by Annie Wilkes (Kathy Bates), a reclusive woman who is wild about Misery. While Paul is recovering in Annie's house, she ends up reading the new book. She gets furious when she finds out that Paul had killed Misery, so she decides to physically threaten him until he rewrites the novel with her favorite character.

Misery is a cat and mouse game, filled with a lot of tension and suspense in a claustrophobic space. Much of the success of the film relies on the lean script full of twists, knowing exactly how to extract the best from King's book. Screenwriter William Goldman (1931-2018) gets the credit for doing this. Winner of two Oscars (*Butch Cassidy and the Sundance Kid*, 1970, and *All the President's Men*, 1977), Goldman was considered a craftsman of scripts in Hollywood. He knew how to measure the visceral suspense, alternating drama and humor. In addition to his winning screenplays, it is worth remembering his work in *Harper* (1966), *Marathon Man* (1976) and his surgical though uncredited role in *Papillon* (1973).

Director Rob Reiner took the material from Goldman and gave it a smooth veneer with rich mis-en-scène, where each element on the scene gains small layers of meaning. This choice is emphasized by the wide-angle with which cinematographer Barry Sonnenfeld catches Annie to create a feeling of suffocation, the same one the character provokes on Paul.

All this is framed by the perfect chemistry between Kathy Bates and James Caan. The confrontation between the two actors has parallels in the famous works of couples that guided their acting through constant conflict, as Jack Nicholson and Louise Fletcher did in *One Flew Over the Cuckoo's Nest* (1975). The film eventually won the Oscar for best actress for Kathy Bates' performance, something very unusual for an evil character in a thriller/horror film. It is interesting to note that here, Bates, guided by Reiner and Goldman, manages to put into play one of the best characteristics of Stephen King's body of work: to find horror in everyday situations.

Misery (1990)

Director Rob Reiner. **With** Kathy Bates, James Caan and Lauren Bacall.

A famous writer suffers a serious accident near his number one fan's house. She takes care of him but ends up discovering that her favorite character will die in his next book.

Horror in two times: *It* (1990)

by Tom Leão

Most of Stephen King's books are huge and require that you spend weeks reading them (as I did with *The Tommyknockers*, for example). A lot of them have already been adapted as TV miniseries. And the film versions are usually unsatisfactory or lacking in detail (see *Dreamcatcher*, 2003). Those which derive from short stories, such as *Carrie* (1976), perform best when adapted into film.

So the first time we came in contact with an adaptation of *It* — indeed a big book, released in 1986 — was in the form of a TV movie in 1990, produced by Lorimar and distributed by Warner Bros. In Brazil, it was renamed *It: A Masterpiece of Fear*, and was released here in the form of a miniseries on open and cable television, due to its long duration (just over three hours). In VHS, it came out on two tapes. On American TV, it was exhibited in two parts, on two days in a row.

In this way, nothing was left out of the adaptation, directed by Tommy Lee Wallace (George Romero, 'The King of Zombies', had been considered to take the director's chair). The book, as well as the miniseries, is split into two distinct parts: the first one takes place in the 1960's and shows a group of friends, all in their pre-teens, struggling with a demon that appears to children under the form of a killer clown, in order to attract them. After a series of events, it seems that they managed to defeat the creature. However, 30 years later, when they are all grown up and living their lives, the threat returns to Derry, their hometown.

As with many of his books, King knows how to handle the memories of the 1960's, groups of teenagers, and horror in small towns. The evil clown, Pennywise (an incredible performance by Tim Curry, the same actor who played Dr. Frank-N-Furter in *The Rocky Horror Picture Show*, 1975), is really scary. At the time, Pennywise became so popular that even became the name of a still active American punk-hardcore band. On the DVD extras, the actors say that Curry's performance was so scary that they avoided running into him on the film sets.

Although the part starred by the children (which in the book are called "The Losers Club" but in the TV adaptation were renamed "The Lucky Seven") is the one that most pleases the fans (there is a vibe of *Stand by Me* in them), the segment with the adults gained more prominence, for bringing renowned actors (all Golden Globe or Emmy nominated for other works). Among them are Richard Thomas (*The Waltons*' eternal John Boy), Annette O'Toole (who was Lana Lang in *Superman III*) and the late John Ritter, a King's fan, among the most known.

And the fans know (and King has already made it clear) that *It* is part of the *Dark Tower* universe. But, this is a topic for another part of this catalog...

It (1990)

Director Tommy Lee Wallace. **With** Tim Curry, Richard Thomas, Seth Green and Annette O'Toole.

A group of children confront the evil incarnate in a terrifying clown-clad individual. For a little while the group survives. Now, thirty years later, he's back. And the group needs to unite again.

The macabre, the drama and the human sensibility

by Frini Georgakopoulos

The beginning of the 1990's is what we can call today "simpler days": no internet, cable TV was a dream in Brazil and binge watching meant renting six VHS tapes on Friday and returning them on Monday. Why this introduction? Because context is essential to talk about *Sometimes They Come Back*.

Published as a short story in 1974, *Sometimes They Come Back* tells the story of a teacher who, in his youth, could not prevent his older brother from being murdered by bullies. Almost three decades later, as he teaches a class full of stuck-up jocks, the protagonist sees his only good students being murdered and replaced by the ghosts of the bullies from the past, who returned to finish the job. But Jim — our protagonist — solves the case by conjuring up something even worse.

Here's where the context comes in. Despite the fact that Stephen King is the master of horror and suspense it took him a while to achieve this title. Although *Sometimes They Come Back* is one of his earliest works, it clearly brings King's signature into the plot and into the final scenes of the short story. But the book has some inconsistencies, for example, how can someone be haunted by deceased people, but everyone around him can also see and touch the very same ghosts? Would this be a failure by the part of the author? I do not see it that way, but rather as an example of the material of the time and the publication medium. *Sometimes They Come Back* was published originally in a magazine and, years later, it was collected into a book — and that influences the final result. Not to mention that we, his faithful readers, consumed short stories, movies and everything else in 1974 without much questioning. As I said before, they were simpler times.

The film with the same title, released in 1991 and directed by Tom McLoughlin has become a King's classic and, although faithful to the story, it features some changes like almost all the author's film adaptations. Of course, movies and books are different media, using whatever works for each of them in terms of narrative, and result achieved by the film version is excellent, even if it goes from horror to drama in the end.

Both book and film adaptation make it clear that King despises bullying, something that appears throughout his work several times and that unfortunately still exists in 2019. The story can be dated from the beginning of his career, and the film can be considered outdated for belonging to another decade, but his macabre touch, the drama and the human sensibility that are present in Stephen King's books can already be seen in this story. And who does not love a movie from the 1980's or 90's, right?

Being a fan of Stephen King is being capable to see his signature no matter the temporal context and admiring his criticism of society, besides the macabre, of course. If you're already a fan, you know what I'm talking about. If you're about to become one, enjoy each movie and look for the source material to learn the words of the original author. Because time has passed, and he continues to write, and the ghosts of the past... Well, sometimes they come back!

Sometimes They Come Back (1991)

Director Tom McLoughlin. **With** Tim Matheson, William Sanderson and Nicholas Sadler.

A teacher tries to return to his hometown and start life from scratch, but people begin to die and even his brother's killers, already dead, reappear.

STEPHEN KING LIBRARY:

Salem and the recurring power of evil

by Jessica Reinaldo

Vampires are one of the most versatile creatures in the horror genre. The opportunity to work with an ancient, destructive and cruel monster that can also be seen as a metaphor of humanity's dark desires, a being sensitive to arts and feelings, makes authors feel comfortable exploring more the many faces of this myth, with several different combinations.

During the nineteenth century, several vampires made history and helped to create this many possible traits, but one of them was responsible for inserting the living dead into the culture of the century to come. Bram Stoker, when he wrote and published *Dracula* in 1896, did not know that he would change the course of history for the horror genre, and place the creature as one of the most beloved of the movies in the following years.

Even after so many years, *Dracula* has remained the best-known vampire in history, and many authors have embraced his story, trying to find other ways to write the creature's narrative through new eyes, or trying to find an inspiration for their own stories. Perhaps one of the best of these attempts is Stephen King's *Salem's Lot* (1975), his second published book. Its latest publication in Brazil was by Suma, translated by Thelma Médici Nóbrega.

In *Salem's Lot* we travel to a small town in the countryside of Maine called Jerusalem's Lot, which the inhabitants affectionately abbreviated to Salem's Lot. Jerusalem's Lot has a number of eccentricities that only provincial towns have. Everyone knows each other, everyone knows the secrets of the other inhabitants; there are elders who know the town's whole history, but Salem's Lot has something more to it: the town has destruction, sin and darkness. Horrible people who did horrible things have lived there, like Hubert Marsten, who owned a house up on the city's hill. There are many stories about the Marsten house, and whether they are true or false, all citizens believe in its power and prefer to stay away from its backyard.

Although the town is one of the main characters (and this is one of the greatest traits of King's narrative), the story is also told from Ben Mears's life events. Mears is a writer who is looking for inspiration for his new book. He lived a few years of his childhood in this picturesque town, and decided to return, both to exorcise some of the demons that haunted him, and to write his new novel, which he hopes will be a tremendous success. But Ben's arrival coincides with the arrival of two strange gentlemen, R.T. Straker and Barlow, who buy the spooky house on the hill, don't bothering (or being attracted to) the cursed past of the place.

And this hilltop house plays a pivotal role in Ben's nightmares, and it is from there that events begin to unfold, making him wonder: could a cursed house attract more evil than a normal one? Do places really hold negative energies from those who inhabited them before? Is there something like a recurring power of evil?

King works in an exceptional way with the vampire myth, giving Barlow the supernatural air totally inspired by Bram Stoker's *Dracula*. His features in the book, in fact, are very similar to the first film version of the book, released in 1931, starring Bela Lugosi and directed by Tod Browning. King conjures up the image of this version of the Count when he says he has "high Slavic cheekbones, bone white forehead and black hair combed back". And in doing so, he gives the reader a certain proximity

ty to something he probably already knew: the figure of an ancient vampire, willing to do anything to conquer a particular place. In the case of *Dracula*, London; in the case of Barlow, the small town of Salem's Lot. The difference here is that in King's story we don't have a Van Helsing to stop Barlow from going on, but we have a haunted house that can increase the vampire's powers: the Marsten house.

And it is in this detail that King has a twist that makes *Salem's Lot* one of his most interesting books, and not just another vampire story: he brings the myth of the haunted house, and uses the image of the hill house in the little town of Salem's Lot. Not coincidentally, the epigraph of the first chapter of the book is an excerpt from Shirley Jackson's *The Haunting of Hill House* (1959), whom King considers one of America's greatest writers of horror. Putting together a vampire story with a haunted house and still dealing with it in the countryside of Maine (but that could be anywhere else in the country), is indeed hard work, which King knew how to do very well.

The first TV adaptation of *Salem's Lot* was broadcast in 1979, four years after the original publication of the story. It was directed by famous horror director Tobe Hooper, who also directed *The Texas Chain Saw Massacre* (1974) and *Poltergeist* (1982). The approximate three-hour length of the movie give us a close adaptation of the book's narrative and evokes interesting scenes about the spooky events in Jerusalem's Lot.

King writes in a particular passage of the book that the basis of all human fears is a half-open door. *Salem's Lot* is basically that: a door half-opened to the world of horror and to King's narrative, who works with courage and mastery on so many elements in a captivating and beautifully constructed story from beginning to end.

Feeding on virgin souls

by Luciana Costa

When a book is adapted for the screen, many fans get disappointed with the result. In some cases because they show great differences in relation to the characters they imagined; in others, the disappointment comes from the fact that the director and screenwriter distanced themselves a lot from the original. Fortunately, this could not be the case of *Sleepwalkers* (1992), since it was the first script written by the King of Horror Stephen King that was not previously published as a novel before. King even makes a cameo in the film, as it happened two years earlier in *Pet Sematary* (1989). The feature film is directed by the relatively unknown Mick Garris.

Contrary to what the title might suggest, sleepwalkers are not the ordinary people we know who walk or talk while asleep. In this story, they are creatures that feed on the life force of virgin girls. Unlike *Salem's Lot* (1975), a book about vampires, which later had two screen adaptations, the Sleepwalkers do not resemble vampires, although it is mentioned that they gave birth to the legend of the famous blood drinkers. Physically, they appear more werewolf-like, possess several supernatural powers and are very afraid of cats. In Bram Stoker's *Dracula* (1897), the vampire can take the form of a wolf, and perhaps that was King's inspiration, since he has always been a fan of horror books.

The plot tells the story of Charles (Brian Krause) and his mother Mary (Alice Krige), who are sleepwalkers, and have an unhealthy and incestuous relationship. They have just arrived in a town called Travis and are hunting for their next victim. This time the chosen one was the beautiful Tanya, played by Mädchen Amick (*Twin Peaks*). The girl falls for the boy, who studies at her school, without imagining that he is a murderous creature. An interesting fact is that up to half of the film we see things more through the eyes of the villains, that is, their daily lives are more present than those of their victims.

A very important character is Clovis, a cat in pursuit of the sleepwalkers. Since one of the first scenes we discover that their greatest weakness is the feline scratch. Clovis is practically the leader of an army of cats ready to put an end to their terrible foes. There are small appearances by well-known actors such as Mark Hamill (*Star Wars*) and Ron Perlman (*Hellboy*).

The film resembles *An American Werewolf in London* (1981). Although *Sleepwalkers* was released in 1992, its special effects are very precarious, looking quite like those used in films from the 1980's, such as *Friday the 13th*. There are minor script inconsistencies that should be ignored so that we can enjoy this mixture of horror and adventure, which is a must-have combination for fans of Stephen King.

Sleepwalkers (1992)

Director Mick Garris. **With** Mädchen Amick, Brian Krause, Alice Krige and Ron Perlman.

A teenage girl falls in love with a mysterious young man in high school, unaware that he and his mother feed on the vitality of virgin girls. Incest and a touch of eroticism, in a surprising plot.

Civilization in Ruins

by Thiago Stivaletti

Written by Stephen King in 1987, *The Tommyknockers* is one of the books that were disowned by the author himself. According to what he has stated in interviews, this was the last story he wrote when he was addicted to hallucinogenic drugs. Somehow, this is echoed by the somewhat psychedelic history of the quiet town of Haven, Maine, whose inhabitants discover a strange solid object buried in the forest in the vicinity of the city. This object, which emits a mysterious green light, gives people special powers.

Bobbi, an author and one of the protagonists, gains the ability to read minds, and her typewriter begins to write her novels while she sleeps. However, as always in King's universe, no so-called blessing comes without taking something in return. Gradually, Bobbi and the other citizens affected by this energy start acting up more and more like zombies, enslaved by something mysterious and much bigger than themselves. The outcome, which borders on the absurd, will take us to the discovery of an alien spaceship buried in the forest and its passengers, the titular creatures.

In 1993, six years after its publication, the book was adapted by ABC as a two-part miniseries — which can also be watched as a single three-hour feature film. In Brazil, it was released on home video as *Tommyknocker: Lock Your Doors*. It is a product of its time — it's funny to notice that the characterization of the Tommyknockers is directly based on the designs of the creatures from *Alien* and *Predator*, both successful franchises of previous decades.

Criticisms aside, some of the recurring elements of King’s work can be found here. The great hero of the story shares something with the author: Jim Gardner, Bobbi’s husband, is an alcoholic poet who, due to an accident in the past, has been implanted with a metal plate on his head, which protects him from having his mind read by creatures that have already been converted by the strange force. To some extent, the evil energy releases repressed drives from the Haven residents. An example: a grandfather teaches his grandson to do harmless magic tricks. One day, in a presentation to a small group of relatives and friends, the boy uses green energy to make his younger brother disappear — who effectively disappears without any trace. It’s a beautiful translation of the good old jealousy between brothers to the world of fantasy. Small ambitions and betrayals are also on the community’s menu and, through that evil energy, they speed up their own downfall.

The ABC miniseries presents some good and interesting ideas that help shed some light on Stephen King’s plot, besides many flaws in direction and performance and the improbable outcome. And one of those ideas gains momentum in light of the first major event of 2021: the invasion of the American Capitol by a horde of savage fanatics inspired by Donald Trump. Both episodes of the miniseries open with wide shots of the city of Haven and the statue of a soldier, probably one of its founders. When most of its residents are already dominated by the Tommyknocker energy, showing zombie-like features and attacking their enemies, at some point the statue falls down, symbolizing the ruin of civilization and the rise of barbarism. Thomas Hobbes, the British philosopher who wrote “Leviathan”, could not agree more.

In other words, although in a less polished way, whether in the book or in its TV adaptation, *The Tommyknockers* preserves the central theme of books such as *Carrie* and *The Shining*: the greatest evil resides within man himself.

The Tommyknockers (1993)

Director John Power. **With** Jimmy Smits, Marg Helgenberger, John Ashton, Allyce Beasley, Robert Caradine, Joanna Cassidy, Annie Corley, Cliff De Young, Traci Lords, E.G. Marshall and Leon Woods.

In a small town in rural America, a strange radiation begins to emanate from the forest after a novelist finds an artifact and begins to dig up what appears to be a spaceship.

When evil spreads through the sparks of desire

by Juarez Guimarães Dias

We are in Castle Rock, an provincial city located in Maine, in the United States, that was created by Stephen King and named after a mountain fort from William Golding’s novel *The Lord of the Flies* (1954). Castle Rock is a recurrence in the vast work of Stephen King and has been the location of innumerable novels and short stories, such as *The Dead Zone* (1979), *Cujo* (1981), *The Body* (1982), *The Dark Half* (1993) and *Elevation* (2018). Not by chance, the town would be on the title of another novel, *The Last Castle Rock Story*, but it was later published as *Needful Things*, in 1991. It is in this town that

the plot of the novel, and later the film, *Needful Things* (1993), adapted by W. D. Richter and directed by Fraser Clarke Heston, unfolds.

The residents of Castle Rock see a change in their daily routine when an antique shop called “Needful Things” opens. The owner, Leland Gaut, is a total stranger. A embodiment of the devil, this elegant gentleman’s sales strategy is to offer objects that are especially dear to several of locals, who consider the items part of their personal history, whether from a recent or a remote past.

Curious about the store, the characters have to deal with their own desires, in the form of the objects. Since they have little money, in order to acquire these precious items, they are urged by Leland Gaut to play pranks on each other, since he knows the soul, the history and the conflicts of each one in the small town. And this is what happens to teenager Brian Rusk, the waitress Niette Cobb, the farmer Wilma Jerzyck, the Mayor Danford “Buster” Keaton III and the merchant Polly Chalmers. Only Sheriff Alan Pangborn, responsible for unraveling the strange events that affect Castle Rock, manages to stay out of it.

In *Needful Things*, the fetish for the objects is the *leitmotif* for us to think that evil can reside in small actions and gestures, and that a spark is enough to set a whole town on fire, putting the residents against each other, and promoting death and destruction with no regard for the consequences. The devil in this story does not get his hands dirty in order to promote evil, but uses their human weaknesses and ambitions to spread it out. Fear, greed, and prejudice make Castle Rock a metonym for society, especially the American society, which is tainted by consumption, civilian armament, and individualism.

The film, acknowledged as one of Stephen King’s best adaptations for the screen, should appeal greatly to the fans of the genre and the author, whether for the noir atmosphere and the tense narrative set by the script, direction, cinematography and soundtrack, or the good acting performances by Maxwell Sydow (Leland), Ed Harris (Sheriff Alan) and Amanda Plummer (Niette). It is recommended to watch it with the lights off and at high volume.

Needful Things (1993)

Director Fraser Clarke Heston. **With** Max von Sydow, Bonnie Bedelia, Ed Harris and Amanda Plummer. An antique shop opens its doors in a small, quiet town. Its owner seems to know each local’s desire and ends up indulging them with one condition: that one resident plays a trick on another. Soon the city is seized by countless fatal incidents.

The sparrows fly again: rediscovering Stephen King and George A. Romero

by Diego Benevidez

After *Creepshow* (1982), Stephen King and George A. Romero returned to collaborate in the film adaptation of *The Dark Half* (1993), which is about a writer who is threatened by the embodiment of an alter ego that helps him in the creative process of his books. Two great thinkers of horror and the conflicts between human bonds, King and Romero connect at all times, side by side, in the telling of a plot that explores the frontiers of fear and death.

When the protagonist Thad Beaumont literally decides to bury George Stark, the pseudonym who signs his thrillers, a series of events begin to happen to the people surrounding the writer. The apparent relationship of commensalism between Thad and George begun in his childhood, but not only in his imagination. When he undergoes a surgical procedure in his brain, the doctors find a type of tumor that is represented as a human eye, suggesting a carnal fusion between the two of them.

The script, however, avoids giving too much explanation to both the physical issues between Thad and George, and to the diabolical humanization of Thad who, until then, behaved like a tamable collaborator. It seems that the important thing for King and Romero is the antithetical bond established on the scene, between what would be good and bad, life and death. A double relationship intertwines during projection, either with more obvious features, like the protagonist's twin children and all the tension of what can happen to them, or the double-layer dimension of the narrative.

Thad watches helplessly his minions being murdered by an entity carrying his own physical traits and fingerprints, putting to the test the possibility of coexisting with his now foe. The connection between the two is superhuman and, no matter what it takes to solve this impasse, the feeling is that they are both headed for an ideological, intellectual and brotherly destruction.

In this sense, Romero explores the nuances proposed in King's original book, both by unfolding the psychological thriller filled with noir drama to establish paranoia among the characters, as well as by exploring the more graphic horror of the imagery, although in a tame way if we consider the director's background. Sparrows represent a power of almost divine nature, and they are fundamental to the suspension of the mystery and to its resolution, a clear and very welcome reference to the Hitchcockian identity.

King, who was inspired by his own experience of writing under a pseudonym early in his career to create *The Dark Half*, seems like an extra character that never manifests himself, but whose narrative traits are so powerful and subjective that put him in a mystical atmosphere, controlling all the pieces of that game. Romero respects the original creation, but he also brings his incisive authorial perspective, making this film adaptation a dark and unforgettable reunion of two minds that could exist as one, as well as Thad and George.

The Dark Half (1993)

Director George A. Romero. **With** Timothy Hutton, Amy Madigan, Michael Hooker and Julie Harris.

A horror book writer adopts a pseudonym. Eventually, he tries erase this persona, but it takes on a life of its own and begins to threaten the writer and his family.

Everyone is innocent and has the same dream: freedom!

by Angélica Coutinho

The Shawshank Redemption (1994) tells the story of Andy Dufresne (Tim Robbins), a successful financial-market professional, who is sentenced to life in Shawshank prison for the murder of his wife and her lover. After a prologue revealing about the case and showing the trial, the film begins effectively when we are introduced to the prison, with convict Ellis Redding (Morgan Freeman) taking on the narrative. From there, we follow the plot advancing from his point of view.

In the beginning, we learn that everyone in the prison is innocent because they say so. Therefore, just like anyone else, Andy defends himself from the murder charge. The only one who is different is Red, who assumes the crime for which he has already served 20 years of time. He can never be awarded probation, although he doubts whether he could live outside the penitentiary. Red feels like one of the institutionalized people who have spent many years in prison and fear returning to the streets. And the movie also imprisons the viewer. After Andy's arrival, we start to live intensely the life of the prison with its strategies of survival, one of them led by Red, "the guy who gets almost every object desired by the convicts", like movie posters portraying Rita Hayworth, an actress featured on the title of King's adapted novella: *Rita Hayworth and Shawshank Redemption*.

More than the daily prison life — which has been the subject of countless films — *The Shawshank Redemption* shows the friendship between Red, an institutionalized convict, and Andy, who will never be institutionalized. And this defiance will only be completely evident at the end, but there are some little clues of it throughout the film when, for example, Andy challenges the authority of the warden, Samuel Norton (Bob Gunton), by turning the radio speakers and playing opera, even though it would cost him days in solitary confinement. However, most of the time Andy seems to have adapted to life in prison, working to improve the well-being of others and taking advantage of the relationship with the warden, for whom he launders money. The service, which seems comfortable, ends up being the biggest impasse for his freedom: upon learning that a man confessed to the crime against his wife and lover, Andy finds resistance in Norton to get another trial. The moment of discovery, the narrative's point of no return, aggravates his situation and leads to the murder of a friend who witnessed the confession of the crime by the real murderer.

At the point where it seems the audience will have no way out, we are surprised by Andy's spectacular escape. Red, as the narrator, tell us the strategy behind the opening of a hole on the wall and achieving freedom. That is when we learn why Andy had plans for when Red leaves the prison and also that that is the point in the future from when the story is told. Or rather, that everything we saw and heard was told by Red while free and living in Mexico with Andy.

The Shawshank Redemption speaks about the construction of a friendship and solidarity. Despite having not being well-reviewed at the time of its release and not having achieved box office success, the film is still considered a favorite of the public. It has become a classic. Frank Darabont hit the nail on the head as a director and for choosing this novel to adapt, for which he paid \$5,000 that were never deducted by Stephen King. It is known that after the movie was released, the author sent Darabont the framed check with a message: "In case you need bail money. Love, Steve".

The Shawshank Redemption (1994)

Director Frank Darabont. **With** Tim Robbins, Morgan Freeman, Bob Gunton and William Sadler.

The hard life in prison. Sentenced to two life sentences, for the death of his wife and her lover, an innocent man goes through a hard time in jail while planning his escape.

The right side of the battle

by Antero Leivas

Stephen King is a writer who does not leave the movies. His works and even himself give us the impression that they never leave the small and the big screens. Occasionally, there are adaptations with some specific characteristics: the gathering of groups around a common good (or evil), such as *Stand by Me* (1986), *It* (1990), *The Langoliers* (1995)... Other times they have with a religious pinch: *Carrie* (1976), *The Green Mile* (1999), *Pet Semetary* (1989)... Or he does cameos in *Creepshow* (1982), *Sleepwalkers* (1992) and *The Shining* (1997's version). And adaptations from many books like *It*, *The Shining*, *The Dead Zone*... Sometimes it becomes less complex to adapt a short story by Stephen King because it runs for 50, or, at most, 80 pages of text... Which is definitely not the case with *The Stand* and its 1248 pages. In the hands of a director that is worried about the adaptating all the details from the, there is only one solution: the TV miniseries format, like 1994's *The Stand*. It has all of the writer's regular elements: the Christian religion, the group that will sacrifice itself to defeat evil, his usual cameo and a very long running time of 360 minutes that tell the horror divided into parts, narrating another post-apocalypse story: this time a laboratory pest that exterminates 99% of the world's population, making the planet a desert overnight with half a dozen people here and there. And part of those survivors are on one side of the planet, forming a kind of collectivist democracy inhabited by the overly well-intended people, while the other part is on an opposite side, leaving in a resource-poor dictatorship that takes care of corruption and carnal satisfactions. It's a very polarized universe, like the present reality we know so much.

The size of the cast is impressive: Gary Sinise, Molly Ringwald, Rob Lowe, Laura San Giacomo, Ossie Davis, Ruby Dee... However, just like Indiana Jones in *Raiders of the Lost Ark*, the plot happens no matter the characters, that is, everything would happen with or without them getting involved.

Anyway, it is an epic fantasy loaded with symbolism: the black crow representing death; the deadly flu that may be AIDS or a grim result from recreational drug use (although the series is from 1994, the book is from 1978). *The Stand* shows its end-of-the-world version, including God and the Devil on Earth, etc. Directed by Mick Garris, himself a horror writer, this is not his first encounter with King: Garris had also directed *Sleepwalkers* (1992), but *The Stand* is perhaps his masterwork, divided in four episodes: *The Plague*, *The Dreams*, *The Betrayal* and *The Stand*. There aren't any of the constant and predictable rhythms of a normal miniseries. The scenes have irregular lengths and sometimes important characters disappear for hours. This unexpected structure, as a sort of a clever confusion, acts to the benefit of suspense, because anything can happen at any moment. And since remakes are al-

ways in fashion, a new version of *The Stand* aired in 2020, with the direction of Josh Boone, from *The Fault in Our Stars* (2014) with a very interesting cast: Whoopi Goldberg, James Marsden, Greg Kinnear, Amber Heard, among others. We expect that this new version will be produced with more technical care, because this post-apocalyptic tale of two cities gives us a message of hope at the end — especially if we are still imprisoned in such surreal times.

The Stand (1994)

Director Mick Garris. **With** Gary Sinise, Molly Ringwald, Jamey Sheridan and Laura San Giacomo.

A mutation of the influenza virus spreads death across countless regions of the United States. Two groups of people are immune. One dreams of an old lady in a cornfield and the other dreams of a devilish being. The time has come to choose which side to fight for.

A horror story out of the supernatural

by Ana Rodrigues

The work of Stephen King is notable for the supernatural, but if we think of his literary and cinematographic successful stories such as *The Shawshank Redemption* (1994), *Misery* (1990) and *Stand by Me* (1986), which do not follow this path, we can also find horror. In *Dolores Claiborne* (1995), directed by Taylor Hackford, the tragedy of Dolores Claiborne (Kathy Bates) explores themes such as violence against women, child abuse and the traumas caused by these perversities. Horror gains the investigative ingredient in the plot that also involves the daughter of Dolores, the journalist Selena (Jennifer Jason Leigh). King created a dramatic story involving two women attempting to survive in the past and present.

Dolores is a housemaid of a mansion on the coast of Maine. She and her daughter have not seen each other for 15 years. Selena lives in New York and reads a local newspaper story showing that her mother is a suspect for murder. One scene shows Dolores taking care of an ill elderly woman and the shadows on the wall indicate that she pushed the lady down the stairs. Her mistress agonizes and asks the housemaid to put an end to her suffering. Dolores takes a dough rolling pin from the kitchen to put an end to the woman's life. She is seen by a postman. The question is: does the scene show exactly what the audience saw in the movie or what the postman saw?

The scriptwriting skill of the award-winning Tony Gilroy, from *Michael Clayton* (2007) and *Nightcrawler* (2014), is to sharpen the rich literary plot into pictures. The mistress Vera Donovan (Judy Parfitt) was a demanding and vain woman. Dolores worked for her for many years and suffered from her exaggerated perfectionism in taking care of the household. Therefore, there is a suggestion that Dolores has held a grudge against Vera. But the biggest challenge is still the relationship with Selena. Her daughter lives under heavy consumption of alcoholic beverages, pills and cigarettes. There is a coldness in the relationship between mother and daughter. Will the past reveal why?

The film shows, slowly, a character from both their pasts. Joe (David Strathairn), Dolores's husband

and Selena's father, was a drunk who used to beat his wife. Only two actresses with Bates and Leigh's talent and such a well-constructed story could make this melodrama of such deep pains and extreme attitudes believable. Stephen King was so enthralled by Bates's Oscar-nominated performance in *Misery*, another film adaptation of his books, that he created the character Dolores thinking of her for the role. It is curious how the stereotypes are worked and deconstructed in Dolores Claiborne and in Kathy's contribution to these dramatic ups and downs. The cinematography by Mexican Gabriel Beristain explores the grayish-blue of Dolores' present rundown house and the relationship with her daughter. The past is orange-like as a reminiscent of a time that could have been happy. The eclipse that happens in the movie is both literal and symbolic. Its meanings are reflected in the photography, design and in the history of each two-faced character with their many disclosures.

Dolores Claiborne (1995)

Director Taylor Hackford. **With** Kathy Bates, Jennifer Jason Leigh, Judy Parfitt and Christopher Plummer. A journalist investigates the life of a widow suspected of killing two people. Little does she know that this will bring about changes in her own life.

Time rift

by Antero Leivas

Human beings have always hypothetically traveled through time, mentally speaking. We are able to think about the past, present and future despite living in the present. Astrophysicist Ron Mallett postulates that by distorting time in a loop, it is possible to travel from the future back to the past — and then back to the future. The idea of a wormhole, a kind of tunnel with two openings, would lead us there. But what about parallel realities, where would they fit in? Perhaps, they are realities scattered throughout the cosmos with their own future or past. Stephen King likes to consider such trajectories even if monsters are included in the drama. And let's stop here so we don't give away any spoilers more than we already have...

The screenplay by Tom Holland and author Stephen King is based on yet another very thick book written by King (the 763-page collection of *Four Past Midnight* novels). It focus more on the science fiction side than horror and tells the story of a routine flight between Los Angeles and Boston in which ten passengers wake up to notice the absence of the crew and the rest of the passengers on a plane that was once full of them. Where would everyone be?

The direction of genre specialist Tom Holland (the filmmaker responsible for the original *Fright Night* and *Child's Play*, not to be confused with the *Spider-man* actor) is not as steady as usual, and he seems to have his hands full with such a large number of characters. However, the originality of the plot helps to overcome lack of charisma on part of the cast and any limitations on part of the production. The 1995 TV miniseries (two 90-minutes episodes) masterfully unravels the mystery plot until its surprising (and slightly exaggerated) conclusion. It is worth seeing and reviewing even if it departs

from the usual time travel stories. And what are the Langoliers of the title? Just watch the TV adaptation and read the book, after all it is from Stephen King, and that's enough!

Stephen King's *The Langoliers* (1995)

Director Tom Holland. **With** Patricia Wettig, Dean Stockwell, David Morse and Bronson Pinchot.

On a routine flight from Los Angeles to Boston, ten passengers who were sleeping, wake up only to discover that they are the only people on the plane. But the worst is yet to come.

Deadly Machine

by Wallace Andrioli Guedes

The idea of the machines being possessed by demons immediately goes back to *Christine* (1983), also based on a story by Stephen King. However, *The Mangler* (1995) distances itself from John Carpenter's elegance: Tobe Hooper makes a very conscious choice for exaggeration, filling the movie with cartoonish appearances. The villain played by Robert Englund is the most extreme case, of course, but the police photographer (Jeremy Crutchley) and, to a lesser extent, the protagonist (Ted Levine) also seem to come straight out of a pulp-era comic book.

Based on a short story by King, *The Mangler* is not a movie with a well developed plot. Hooper throws caution to the wind and treats the investigative plot with great disdain. What really seems to matter to the director is showing the numerous death scenes featuring the titular deadly machine, an immense mangler inside an industrial laundry, devouring the characters one by one.

And Hooper not only has a lot of fun in those moments, but he also display, once more, his great talent to create impactful images, which remain entrenched in the viewer's memory – this is, after all, the director of *The Texas Chain Saw Massacre* (1974) and *Poltergeist* (1982). The first act of devouring, still in the first moments of the film, is already dramatic in its brutality, and it is impressive because it looks like a twisted and terrifying reinterpretation of the classic scene from *Modern Times* (1936) in which Charles Chaplin is swallowed by a conveyor belt and taken inside the machinery in a factory. There is another similar moment at the ending, also impressive for its violence. And the very design of the deadly machine, with its organic texture as if it had come out of a David Cronenberg film, reinforces this perception of Hooper's care regarding the look of his film.

It is also worth noting the effectiveness of the design of the factory environment as an unwholesome space, a scenario perfect for horror. From the very first moment of *The Mangler*, the director establishes an insane narrative rhythm that matches perfectly with the heavy representation of the female workers' routine. The closeness to *Modern Times*, therefore, is not accidental: this is also a criticism of industrial capitalism and the old powers that still endure, even though this criticism ends up being diluted in Hooper's exacerbated relationship with the lexicon of the genre in which he works.

The Mangler (1995)

Director Tobe Hopper. **With** Robert Englund, Ted Levine and Daniel Matmor.

In a small town, strange things happen at the local laundry. A machine comes to life and causes terror. A policeman decides to take action, even if he has to clean up the evil spirits to beat the machine.

STEPHEN KING LIBRARY:

The Stand: Maine's gloomy novella for the world

by André Vianco

My meeting with Stephen King was not planned. Truth is, his works ended up landing on my lap by the hands of two friends of mine, the Pinkovai brothers, who have always been fans of this genius of horror. At the time I was seventeen and they knew that I was a hungry bookworm, no matter the size of the book or its genre, plus a shy and would-be writer of small essays for what would one day be called my body of work.

Because of this, Christian lent me — with a long list of recommendations and repeated requests for me to return the book — a copy of *Different Seasons*, which featured tales and novellas that already exposed the author's exuberance. It may seem curious, but the story that put me in King's grip forever was the skillful, touching and humane *Rita Hayworth and Shawshank's Redemption*.

Stephen King is one of the greatest and most skilled contemporary fiction writers and still continues to write. Back then, *The Shawshank Redemption* had a sublime film adaptation and (okay, I'm a fan!) I believe it's one of the best translations made from a literary work into the audiovisual world, and with a title (in Portuguese), that will probably trigger the memory of many fans: "A Dream of Freedom", with Tim Robbins and Morgan Freeman. The feature film shows how the friendship of two men was shaped in prison. The protagonist of the novella, Andy Dufresne, is tried and convicted for double murder, a crime he had not committed (no spoilers, take it easy), and there it is, the stage is set for this drama that happens among bricks, concrete, bars of steel and humanity.

I've talked about my friends twice and I'll tell you some more. Friendship and loyalty, or the deviations of betrayal, are the mortar that binds the bricks with which King raises his storyteller castle for a whole generation. Well known as the "master of horror", Stephen King is in fact a really passionate author that loves writing about people and how these people hold hands with those who trust him to the end, to his glory or his disgrace. More human than that is impossible.

Horror is there, as the background for much of what he creates, as a catalyst for crisis and exposure of people's character traits which inhabit their worlds and, I insist, as the recurrent and almost obsessed search to show the different shades and possibilities of the bonds of friendship and confidence, found in the almost naive *Stand by Me*, and also on *Misery*, *Pet Sematary*, *The Dark Tower*, *It*, *Cell* — and the list goes on.

Forgive the excitement of this writer from Osasco, but I write here as a fan of this storyteller, and impartiality was not part of the briefing. The idea was to tell how I discovered King's horror and fell in love with the genre. Let's say that the master gave me a low blow. He presented his work as novellas, and I love the format since my childhood. I grew up reading Victor Hugo, Maria Jose Dupré, Alexander

Dumas, Marcos Rey, Thomas Mann and Henry James. I found, therefore, brotherhood in this guy from Maine who enjoys diving into the shadows like no one else. Well, Maine is another story altogether...

My first ticket to King's horror land was the huge *The Stand*, in which the United States (there is, the whole world) dissolves in the face of a deadly virus that took the lives of humans in a few days and was named "Captain Trips" (a character and a recurring incarnation of fear in the writer's work). His power of creating and describing a viral apocalypse (which also happened in *Cell*) before the eyes of the reader was shocking and electrifying. At seventeen, I had never read anything as addictive as this book, and I was held captive to that story for a few days.

Soon after the climax of the global cataclysm came the long post-apocalyptic stretch, and again the compression of the relations and how the survivors reformed families with the rest of the people who had resisted the deadly virus, bringing all the beats that had made this book an anthological work for the lovers of horror and fantasy, with prophetic characters, predictions, madness and a countdown to a new climatic incident. It's hard to resist.

There is also an unknown book hidden in the world of Stephen King, that went unnoticed by many of his readers, perhaps because it doesn't have a commercially appealing protagonist and features a less seductive plot. But for me, it became my favorite among his novels. I'm talking about *Insomnia*. Set in Derry, Maine, it tells how Ralph Roberts, a retired old man, gradually loses his ability to sleep after his wife dies, and he begins to see things in the quiet streets of the town where he has always lived. It is not schizophrenia nor it is any other psychiatric disorder; Ralph really sees entities that are making contact with his neighbors and friends and manipulating the citizens of the entire town.

Insomnia, as well as *The Stand*, is a long book, but it slowly unfolds and maybe that's why some readers give up before the plot thickens. But I advise you all: trust the master from Maine. All the layers that he always uses to seduce us are there. For those who like to write, it is a lecture on character and plot design. That's my tip. For me, the lesson stuck. Stephen King and all the other professors of the novella format drew a path in my heart, as if they were saying, "Go on, boy! Go write your own dark novella too!"

Thinner: Revenge and Punishment

by Ana Carolina Garcia

Responsible for such cult classics as *Fright Night* (1985) and *Child's Play* (1988), Tom Holland took over the direction of a project based on a story by Stephen King for the first time in 1995, on the television miniseries *The Langoliers* (1995). This job earned him the opportunity to later write and direct *Thinner* (1996), an adaptation of the writer's book of the same title.

In the movie, which features a special cameo of King as a pharmacist, Billy Halleck (Robert John Burke) is an obese lawyer who cannot beat the scales because he is a compulsive eater. One night, Billy runs over an elderly gypsy woman, and in order to get rid of charges of manslaughter, he plots with the judge and a police officer. Acquitted in court, he is cursed by Tadzu Lempke (Michael Constantine), a 106-year-old gypsy man thirsting for revenge, and from this moment on he begins to lose

weight very fast, until he almost dies.

The screenplay by Holland and Michael McDowell follows a linear path, treating the subplots as a way to enhance Billy's drama, who is increasingly tormented by the fear of the curse. Thus, it focuses primarily on the psychological and physical transformations of the protagonist, showing how the situation — with no apparent or viable solution — intensifies his character flaws, morally degrading him day by day.

Thinner was nominated for the Saturn Award for best makeup by the Academy of Science-Fiction, Fantasy and Horror Film (Greg Cannom was the makeup artist, inspired by George A. Romero's work). It is one of Stephen King's film adaptations least remembered by the public. This is due in part to the option of relegating the mystery of the curse to the background in favor of Billy's drama, whose family life crumbles down as the curse overwhelms him. Even so, it confirms the vision of Tom Holland, who appropriates elements of the trash genre, inserting the grotesque as a fundamental part of the narrative. And the grotesque here is manifested not only in the physical transformations of the characters and in the scenes of graphic violence, but also in the food consumption department.

In *Thinner*, Holland explores Billy's voracity at the table and the use of a simple strawberry pie as an instrument of revenge. And in both situations the director's goal is one: to arouse in the viewer the feeling of repulsion, something that is strengthened by the camera movements, especially in the sequence of the protagonist's supper with his teenage daughter, which uses medium shots in order to show the food on the table, and closed-up shots, focusing entirely on chewing to represent Billy's compulsion.

Rated as fantasy and horror, *Thinner* is actually a drama about revenge and punishment in a small community that has entrenched and institutionalized prejudice and corruption.

Thinner (1996)

Director Tom Holland. **With** Robert John Burke, Joe Mantegna and Lucinda Jenney.

An obese lawyer runs over and kills a gypsy. Thanks to his influence, he escapes serving some sentence. The problem is that the gypsy's family curses him to lose weight... but in a fatal way.

The Shining: the story told by the author himself

by Anderson Horta

After Stanley Kubrick's famous 1980 film version, which Stephen King himself does not seem to be so much fond of, the book *The Shining* became a TV miniseries adaptation in 1997. This time King followed the production closely, by being the scriptwriter and producer, besides making a cameo as the conductor of the phantom orchestra during the sinister ball of the dead.

There are a lot of differences between the two versions, from the replacement of the iconic ax wielded by the crazed Jack (Steven Weber) for a croquet bat to the fate of the cook, Dick (Melvin Van Peebles), who is also endowed with supernatural powers. In the TV adaptation, the story also gains a greater human depth, showing in detail the character features that explain their actions and reactions amidst the terrifying events they experienced inside the Overlook Hotel. The personality of the

would-be writer and former teacher, Jack, who becomes the hotel's winter janitor, is best explored when all his arrogance and penchant for violence is depicted, even though he is restrained in the beginning. These traits are shown within the narrative, such as his troubled relationship with his father — a violent man like him — who haunts Jack as a model of behavior that ends up being reproduced even before any supernatural event happens. Jack's alcoholism is shown as a trigger, a crack in his good intentions by which his inner demons can leave when coaxed by the hotel ghosts, allowing the father and husband, split between the desire to take care of his family and his unstable nature, to be manipulated by the evil that dominates the place.

Meanwhile, Wendy (Rebecca De Mornay) is the wife and mother who, although a caring woman, eventually behaves in a permissive way when faced with her husband's actions. Even after several episodes in which Jack's violence is revealed, Wendy's refusal to face him with more than vain threats to leave exposes herself and her small child to constant danger. Her refusal to deal with the danger and her choice to stand by her husband and keep her marriage also extends to the ghostly events that happen around her at the Overlook hotel. Wendy's attempt to dismiss evil so that everything stays well is what leads her to a terrifying fate in the plot.

On the other hand, Little Danny (Courtland Mead) is a very mature child for his age, sometimes more than the adults around him. He is resilient and wants to support his sick father, but the Overlook beings feed on his paranormal powers and get stronger and stronger, causing more and more problems for his family. Of course, his precocious maturity does not always prevent him from behaving like a child and disobeying the rules out of curiosity or the lack of knowledge about consequences, which also exposes him to the evil ghosts in the plot.

The main subject of the story ends up being the family relations or the very structure of this institution. That makes perfect sense in the context in which the original book was written by King — in 1977, at the end of the Golden Age — when one begins to perceive more clearly the overthrow of the most stable conventions as a consequence of the transformations that were happening everywhere. Impermanence was already taking hold of the social scene and its greatest star is individualism, precisely the most corrosive element to the already worn bases of family tradition.

Finally, the miniseries is worth every one of the 273 minutes of its running time, portraying tension, scary moments, lessons of humanity and reflections. Fans of Kubrick's version forgive me, but this TV adaptation goes beyond what was achieved by the film, including a much more interesting ending. You have to watch it to check it out.

The Shining (1997)

Director Mick Garris. **With** Steven Weber, Rebecca De Mornay, Courtland Mead, Melvin Van Peebles and Elliott Gould.

This is the most faithful adaptation of Stephen King's book. Made for TV. A writer recovering from alcoholism becomes the caretaker of a cursed hotel, taking his wife and son with him.

The Night Flier: the vampire reporter

by *Raphaela Ximenes*

The Night Flier is a short story written by Stephen King and published in 1993 in the collection *Nightmares and Dreamscapes: From the Stories of Stephen King*, and turned into a movie in 1997, directed by Mark Pavia. It is a story that works perfectly well in these times of fake news, as more and more fabricated news mix with true information, creating a dangerous phenomenon where a majority of people believes in the greatest atrocities that are opposite to what is true.

Stephen King creates horror stories from real atrocities and uses them as social criticism to our times. In revisiting his stories we realize how very little the world changes, and *The Night Flier* is an excellent example of this. When King wrote the short story in the early 1990's, sensationalist tabloids were powerful and many people consumed that fabricated nonsense they published as true news. The story is short, a little over 40 pages long and follows Richard Dees' incessant quest for the mysterious serial killer who flies on a Cessna Skymaster only at night, to write a story for the tabloid "Inside View". The film takes the premise set by King, increases the plot a little and creates other characters in addition to deepening Dees' persona, who is played by Miguel Ferrer. Richard Dees has been the reporter with the most tabloid cover stories for years, but he is losing his way and needs a new cover story. When rookie reporter Katherine Blair discovers a serial killer who kills people at night at small airports in the northern part of the country, Dees convinces his editor to give him the story.

Dees has no scruples and has created his career around this trait. He misrepresents testimonials, increases facts by inventing that the killer is a vampire, and even desecrates a tomb in order to obtain a more terrifying photo for his story. There is indeed a vampire in King's story, but the supernatural element is not usually the main object of his books, the author uses them as an allegory about what he really wants to talk about.

The true vampire is Richard Dees, a man who has created fame over fabricated lies and news that have hurt people and are as harmful as the deaths of the mysterious night-time assassin pilot. It's a story that unfortunately works great in 2019, when fabricated news are being fought harder because they have gained a much greater power than Richard Dees could have ever imagined in his life. *The Night Flier* is a lesser know story and movie to the public than King's other works, but both of them deserve more prominence precisely because they remain so current and fit perfectly in the times we live in.

The Night Flier (1997)

Director Mark Pavia. **With** Miguel Ferrer, Julie Entwisle, Dan Monahan and Michael H. Moss.

A sensationalist reporter investigates a commercial pilot serial killer who may well be a... vampire!

The pupil and his sad reality

by Rita Ribeiro

The Department of Health in Brazil has registered 17,386 cases of violence toward homeless people between 2015 and 2017. This data alone makes the film *Apt Pupil* (1998) feel contemporary. The story is part of the collection *Different Seasons*, published in 1982. In those stories, Stephen King dedicates himself to the horror that pervades our everyday lives. The monsters lurking around his stories usually disguise themselves as regular humans. As normal as the boy Todd Bowden, an all-American example: blond, healthy, sportsman, brilliant student, born to married and mentally healthy parents, with a bright future ahead of him and a great curiosity which leads him to meet the fugitive Nazi Kurt Dussander, after checking some magazines about the German atrocities committed in WWII.

The boy's interest in old Kurt Dussander goes beyond the limits of what is conventionally understood by normality. Bowden takes pleasure in the former Nazi officer's perverse stories, where he was responsible for the extermination of thousands of Jews. Dussander finds himself imprisoned in the web created by the boy, who threatens to hand him over to the authorities if he does not fulfill his wishes and tells every detail of the dreadful experiments in the concentration camps.

The morbid relationship between them oscillates between the repulsion and fascination they feel for each other. While Dussander hates the boy (he never refers to him by his name), at the same time he feels flattered and empowered by his murderous desire. And Todd despises the German but cannot be apart from him.

However, what the audience sees is a cat and mouse game. While Bowden threatens Dussander, at the same time he finds himself stuck to him. The boy's fascination for the stories soon begins to manifest itself in his actions. And the Nazi, encouraged by the narratives also surrenders to his instincts. Who are the victims? The victims are the homeless, people who nobody will ever miss. Exactly as it happens nowadays.

The 1998 film adaptation directed by Bryan Singer features the masterful presence of Ian McKellen in the role of Kurt Dussander acting side by side with Brad Renfro as the boy, in a game where everyone loses.

Meanwhile, to the Todd family he is the dream son. This brings us to another question. Is that not so how the parents of the young people who committed the Columbine School massacre, and shootings at many other schools, including here in Brazil, see their children? We live in a very delicate time when Nazi parties are being reborn in many countries. Extremism seduces young people, who are increasingly disappointed with a future without perspective. In such a scenario, how many Todd Bowdens can be produced? *Apt Pupil* shows how character comes from within the person, no matter how much effort families make. The choices we make and their consequences can bring immeasurable damage.

And deep inside we are aware that no one knows what goes on inside the other person's head. This story is a warning to parents, who increasingly prefer to hand over material possessions to their children as compensation for their neglect, or absence. But it is also an alert to the risks we face daily when neglecting history. For as much as the traces are erased, one day the truth will come up. Stephen King knows the hearts of men. Do you know yours as well?

Apt Pupil (1998)

Director Bryan Singer. **With** Ian McKellen, Brad Renfro, Joshua Jackson, Mickey Cottrell and Michael Reid. A young man finds himself fascinated by the history of the Nazi regime until such fascination leads him to a dangerous path when he discovers that an old neighbor is a Nazi officer wanted by the police.

A King in the X-Files

by Antero Leivas

Leaving the hyperbole aside, *The X-Files* TV series created by Chris Carter in the distant past of 1993 is one of the largest (in size and quality) productions of all time. It set new ideas, created legions of fans and carries the honor that no one has ever imitated or overcome the chemistry between the protagonists Fox Mulder (David Duchovny) and Dana Scully (Gillian Anderson). It is one of those eternal passions like *Star Trek* (1966) or *The Twilight Zone* (1959-1964). At least it was, until the end of the 1990s. Then, it collapsed, towards the apparent end in 2002 and a debatable return in 2016, generating two seasons and... The very end. At least until now. And it was precisely at the end of the decade that the series would see its last pinnacle: a feature film and a fifth season full of brilliant screenplays, with writers of the quality of William Gibson and Stephen King. The first is the creator of the cyberpunk genre and the second... well, the second author doesn't need introductions. He's simply one of the greatest living writers of horror and suspense...

Chinga

The body of work of Stephen King (indeed the king!) is entrenched in pop culture and it has been the object of all kinds of analysis. *The X-Files* did something similar on TV. It was often interested in dealing with themes of horror and science fiction. Chinga (meaning "spell") is the tenth episode of the fifth season, co-written by the series creator Chris Carter and with the direction of the experienced Kim Manners (1951-2009). In the story, a doll in the hands of an unfriendly child causes horrible deaths to those who play (or not play) with it.

Dolls are intimately linked to a child's life. Infants do not clearly distinguish between living or inanimate objects while playing, and they especially like to treat their dolls as people. Chris Carter's and Stephen King's styles mix together reasonably well, that is why maybe we have an episode that is both full of gore and irony.

It makes sense that *Chinga* was developed during the fifth season. The previous one was quite chaotic, with Carter splitting his attention with the first season of *Millennium* (1996-1999), another very creative series, the fourth season of *The X-Files* and the pre-production of *X-Files — The Movie* (1998). In contrast, the fifth season came out more relaxed. Carter had given *Millennium* to Glenn Morgan and James Wong and had only worked in the post-production of the feature film. It's worth noting the usual elements of King's stories in the episode. Set in Maine, the author's home state, *Chinga* fades in on a Maine sign with Scully even wearing a T-shirt allusive to the state. Salem's witch-hunt is a recurring motif in King's work, and it is no surprise that his screenplay refers to it in the characters of Polly and Melissa Turner, the owner of the evil doll and her mother, explicitly accused of witchcraft by the local community. The obvious point of comparison is Carrie, another young woman who is ostracized by her neighbors and shows supernatural powers. Of course, the supernatural power here comes through the devilish toy, but the similarities are obvious.

Chinga appeals to both *The X-Files* and King's fans. And it's a pity there were no more episodes written by the author of *The Shining* (1977) and *It* (1986). Mulder and Scully would approve. King's horror was well-matched with the couple of FBI agents, for they were always investigating the supernatural and mystic elements rooted in the American classics.

The X Files: Chinga (1998)

Director Kim Manners. **With** David Duchovny, Gillian Anderson, Susannah Hoffman and Jenny-Lynn Hutcherson.

Stephen King's episode script for the iconic 1990's series. The title is a Spanish colloquialism for the word "spell." It's the story of a terrible cursed doll and the destruction caused wherever it goes.

The pain of the world

by Francisco Russo

Well known as the Master of horror, Stephen King did not limit his career to this unique genre. As much as they have been exceptions, from time to time he lent his fantasy skills to well-written dramatic narratives that explored the best (and worst) in human beings. *The Green Mile*, released in 1999, is one such case.

Set on the fearsome death row, where prisoners await their final days before facing the electric chair, King deconstructs the inevitable weight of such an environment to bring some lightness — as far as possible, of course. In order to do so, the author relies on the ethical behavior of the jailers who work in the “green mile” of the title: for the purpose of keeping prisoners calm, they treat them with respect and dignity, feelings that not only relate to their duty, but also to humanitarian norms that rule the execution procedure.

Not by chance, the actor chosen for the role of the head supervisor was Tom Hanks. Following James Stewart's footsteps in the art of composing absolutely ethical and human characters, Hanks brings credibility to a character who could easily become a stereotype. His Paul Edgecomb brings a sense of justice that goes beyond compliance with the law, relating also to the rules of coexistence and existence itself. Following the lead, another essential actor for this story enters the scene: Michael Clarke Duncan.

By having such peculiar physical characteristics, it was already difficult to cast the role of John Coffey. Duncan goes beyond the casting: not only does he meet the required profile but also demonstrates deep tenderness in composing this gentle giant, whose powers he does not understand but uses them in a way to do good to others. It is through him that *The Green Mile* enters the realm of fantasy, that is, through a narrative that refers to Jesus Christ in his condemnation by those he had tried to save. King, however, does not want to embark on religious issues: his real purpose is to use such a narrative proposal to reflect on life and death, sometimes reversing the weight they both bring.

In order to translate King's ideas, director Frank Darabont builds an absolutely sober and bittersweet movie, but flirts with horror in its most tense moments. The atmosphere of a vintage film brings an air of nostalgia that is reflected not only in the iconic song *Top Hat* (1935) — a beautiful tribute to the movies, by the way — but in the very dynamics between the characters, whether they are jailers or convicts, good guys or bad guys. All this is told without hurry over three hours.

According to Stephen King, *The Green Mile* is the most faithful adaptation to one of his books that has ever been produced. By Darabont's reverence to the source material, whether as a director or a screenwriter, it is not difficult to understand why.

The Green Mile (1999)

Director Frank Darabont. **With** Tom Hanks, Michael Clarke Duncan, David Morse and Sam Rockwell. A huge guy is sentenced to death for murdering two twin girls. Although he professes innocence, his sentence has already been given, so all that he and his jailers can do is wait. Would there be a miracle? Or... miracles?

STEPHEN KING LIBRARY:

Creepshow, the comics:

in search of Stephen King's horror origins

by **Ciro Marcondes**

Although the comics and Stephen King's imaginary have everything in common, there were few comics projects in which the author was involved. Some of his works were adapted to this medium with relative success, like *The Dark Tower*, and his son Joe Hill gained notoriety as a comics writer (he even won an Eisner award), having also collaborated with his father. Other than that, his comics production is small. His first experience in the medium was the comics adaptation of *Creepshow*, whose comic was published in 1982 as part of a joint release with George A. Romero's film.

The *Creepshow* project sought to pay homage to the horror and science fiction publications of the 1940's and 1950's (especially the EC Comics editorial line), revealing Stephen King's mentality in his formation as a reader, as well as the possible origins for the features of his works, both strange and familiar. What was seen on the big screen, a movie filled with Romero's tricks and expertise, apart from the special effects of Tom Savini, was analogous to the type of narrative experimentation that those ancient comics carried out: abrupt changes, a tone above the level of realism, visual and psychological aggressiveness, gore, exploitation, besides a (welcome) analysis of the American society.

Creepshow was released as a kind of transmedia product. The comic book was produced because in the film prologue a 10 year-old boy (played by Joe Hill himself) is severely reprimanded by his father after being caught reading an EC-style comic book, and the idea was that the public could also read the same comic. There are some Easter eggs: in the film version, the comics read by the boy are designed by Jack Kamen, famous for having worked at EC Comics. He also illustrates the real comic book cover that was published, but the artist actually responsible for adapting King's script to the pages was the great American illustrator Bernie Wrightson, co-creator of the Swamp Thing, and author of some baroque and fantastic versions of classics by Edgar Allan Poe, H.P. Lovecraft and Mary Shelley.

Wrightson had worked at Warren, also a horror publisher which had been inspired by EC Comics. But what was, after all, this important publisher who snatched the imagination of young Stephen King and in which references overflow in a product like *Creepshow*? The "official" story is that EC (formerly Educational Comics, and later Entertaining Comics), created by publisher Max Gaines, was inherited by his son William Gaines and quickly moved from biblical adaptations into comics format to hysterical and shocking (especially for the standards of the time) narratives of terror, crime, science fiction and war, such as *Tales from the Crypt*, *Weird Science*, *Crime Suspense Stories* and *Two-Fisted Tales*.

Operating in a wild post-WWII editorial environment, when the comic book format became a phenomenon of popularity without prior or subsequent parameters of comparison, EC saw its market of strange and appealing comics grow with the decline of the superheroes genre, then associated with war propaganda and an ideological union around American patriotism. After the War, a pessimistic moral hangover would make Americans choose darker subjects, from the movie noir genre to the exploitation in EC's comics. An increase in American juvenile delinquency during this period also led to a reaction from conservative sectors of society. Teachers, priests, fathers and mothers all pointed to comics as a generational change scapegoat that was, in fact, clearly multifactorial. So a code of self-censorship was created by the industry itself, which limited enormously the use of subjects such as crime, sex, nudity, violence and even fantastic creatures such as werewolves and vampires. It was the early end of EC's reign.

The publisher's legacy, however, is still very much alive, as these comics have been passed down from generation to generation, creating a cult around writers such as Gaines himself, the philosophical Harvey Kurtzman and the devilish Al Feldstein. Artists who made history in the American comic book industry, such as Wally Wood, Frank Frazetta, and Jack Davis, came all from EC. *Creepshow* is a pure exercise of emulation of the narrative sense, the subjects and the type of imaginary work done by this publisher, and Stephen King was once again brilliant in accomplishing it.

Two of *Creepshow's* stories (which are the same in the film and in the comic) were drawn from short stories previously written by King, but the others were created with the EC tradition in mind. Bernie Wrightson illustrations and colours aim at a classic style, without much digress in the narrative techniques. The narrative boxes, filled with "kitsch" irony, frame the malicious facial expressions of devious characters, and creatures (undead, wild animals, mutants) are drawn in the traditional horror way, that is, to scare children between 8 and 14. It was fundamental for the EC's style that each story was autonomous, that the situation was presented briefly and objectively, and that immoral characters should suffer consequences for their obsessions through ironic and horrifying fates.

King's stories for *Creepshow* follow this idea to the letter, with a taste for social commentary, not entirely absent from EC's own publications but which have become the writer's trademark. "Father's Day," for example, more than a regular zombie story, portrays the conflict of family interests in a decadent aristocracy that translates King's mark under the influence of a vintage horror. The purpose of "The Lonesome Death of Jordy Verrill," rather than bringing up a typical science-fiction pulp tale of the 1950's, is to make the American Midwest hillbilly's loneliness prevail. The institutional relations at the university acts as the background for "The Crate", and "Something to Tide You Over" addresses psychopathy associated with the psychology of marriage. Finally, the brilliant "They're Creeping Up on You", about a sociopathic capitalist who is paranoid about insects, is itself the transfiguration of a surreal world that involves, as counterparts, the psychic and objective realities. *Creepshow* — the film and the comic book are similar but also specific in their own media, and work well precisely because they are products that reflect on the history of the horror genre in a kind of metalanguage that Stephen King was fully aware of employing.

Slumberous beings cruelly compelled to awaken

Or just a human parable

by Fabricio Duque

Produced as three television episodes, with a running time of 4 hours and 16 minutes, *Storm of the Century* (1999) is perhaps the title that best represents the literature of Stephen King, the master in personifying horror through the sensation of fear. Directed by Craig R. Baxley (from *The A-Team* series), the film follows the paranormal narrative of David Lynch's 1990's cult series *Twin Peaks*, addressing universal and primitive themes, not yet carved within the evolutionary process of human beings: selfishness, envy, lust, and other capital sins.

The audience is imprisoned until the storm passes, and clash with their own savagery of hidden feelings. In the movie, monsters with supernatural powers are presented in the flesh, who as "Anti-christs" (antagonists) know how humans function: through emotional synapses and truisms of reactions and consequences. Each being is standardized in the essence of creation, suffering alterations and interferences from the environment in which one lives, affected by "the law of the jungle", that is, protecting one's neighbor until is no longer possible.

The Storm of the Century behaves like a parable seen through a camera of subjective inclusion. The evil mantra "Give me what I want and I will leave" challenges the faith of the imperfect wanderers by the sinister evil outsider (with a pinch of a devilish Mary Poppins), who awakens the ministers inside the residents (with "ignorant mouths"), manipulating the emotions, confronting them with the sadistic truth and unleashing paranoia and illusions of a united but hypocritical community, which is not diplomatic and it is under pressure. They are impure innocents, who, through fragile and vulnerable minds, succumb to the invitation of possession. Once there, each one hides and accepts their differences, although morally misrepresented.

The mantra "Whoever is born in sin is caught" is aimed at breaking down the weak souls. They repeat "mistake-addiction of what is already known" until is ingrained in their minds and anticipate the Armageddon of an impending snowfall in a typical island-city, very similar to those in *The Shining* (1980) and *Misery* (1990), with a lighthouse and transport difficulties. Closed streets can alter perception and create a realistic collective trance. Each one of them is metaphorically asleep in the salutary selfishness of their own robotic and formal existences, with their names and surnames.

The film is plot-driven, designed like a novel: it is didactic, palatable and self-explanatory. Everything is shown in order to build the path towards the "strange things" developed in sensory, cognitive and psychiatric layers, in articulated and premeditated movements by this legion of demons. It is Sofia's moral choice, a vindictive proof, in the sense of Lars von Trier's *Dogville* (2003), that, out of hatred, wants to punish through lessons. It is the biblical sacrifice of unconditional faith against the human sentimental logic of a "pay and take it" world.

Storm of the Century 1999)

Director Craig R. Baxley. **With** Becky Ann Baker, Kathleen Chalfant, Adam Zolotin and Adam LeFevre. On the brink of a terrible storm, the inhabitants of a small island find themselves struggling with a mysterious stranger who seems to know the secrets of everyone around...

Mysteries of the past: a mark of the classic narratives

by Robertson Mayrink

When Charles Foster Kane let go of the glass globe and uttered the word “rosebud,” a revolution was announced in the history of movies. The technical extravagances that director Orson Welles and cinematographer Gregg Toland imprinted in *Citizen Kane* (1941) haunted the cinematographic world. In narrative terms, layers of flashbacks told the journalist’s search for the meaning of the word that Kane pronounces before dying. However, the plot unfolds by using a resource as old as telling stories: the return to childhood triggered by a symbolic object.

Cut to 2001. Photographer Bobby Garfield is in his studio, photographing a glass globe. The door bell rings and he receives a package through the mail. He opens the box and stares at an old baseball glove along with a newspaper clipping reporting on the death of a military hero. The thoughts of Bobby announce “the past may come knocking on your door. And you never know where it’s going to take you. You can only hope it’s a place you want to go”. Bobby takes the picture of a girl, puts in his wallet, and goes off in search of his past.

According to the writer Michel Chion, scenery objects can have a revealing or even a symbolic role: “this is the case of objects whose possession is disputed and which represents power, wealth, knowledge or even unhappiness, memory, childhood (*Citizen Kane*’s sleigh represents the lost object)”. These narrative clichés are dear to the classic American cinema.

The trip takes Bobby to the funeral of his childhood friend Sully, owner of the glove. During the ceremony, another common narrative feature is used: flashbacks reveal the boys Bobby and Sully and the girl Carol playing in a forest.

Hearts in Atlantis (2001) is an adaptation of a Stephen King’s book, an author that awakens emotions that have long been immemorial. One feature of the author’s narrative is the return to childhood in a given period that marks the passage of time. In every good horror narrative, and especially in master King’s books, the past hides a mystery.

Central characters enter the scene through flashbacks for the unraveling of the mystery hidden in a summer of the 1950’s, when Bobby just turned 11. They are the boy’s mother, his absent father, and Ted Brautigan, a tenant who comes to live on the top floor of Bobby’s house.

Jacqueline Nacache says that the safest way to identify a genre by analysing the film’s beginning, when symbolic elements and characters are presented to the audience. I do not intend to analyze the movie step by step. I’ll focus on the first minutes to talk about the fascination I have for narratives that, in a classic way, allow me to discover mysteries wrapped around the characters and take me to unfathomable corners of memory.

Hearts in Atlantis exposes crucial subjects in the upbringing of all of us: playful games of childhood, bullying, friendship, the first kiss, pacts among friends, incomprehension of the parents’ universe, harassment, a fascination for an adult who can determine how we’ll see the world (in Bobby’s case, learning from Teddy to look into the future). The Cold War is also present in the narrative — “ordinary men” chase Teddy and something that he has to be used for political reasons.

The film has a visual and technical simplicity of classic narratives, punctuated by catchphrases and an enchanting soundtrack. At the end of the movie, what remains of simplicity is what we all seek however complex it may be: “that was the last summer of my childhood”.

Hearts in Atlantis (2001)

Director William Goldman. **With** Anthony Hopkins, Anton Yelchin and Mika Boorem.

Based on one of Stephen King's best-selling books. The coexistence of a young man with an old and mysterious man completely changes the way he sees life.

A house that throbs in *Rose Red* and *The Diary of Ellen Rimbauer*

by *Beatriz Saldanha*

Strong female characters are not uncommon in Stephen King's work; in fact, *Carrie*, his first novel, already featured one of the most striking characters in modern horror literature, enshrined in the beautiful film adaptation by Brian De Palma. In *Rose Red* (2002), a miniseries written by King for television, the author goes back once more, albeit implicitly, to the female sexuality theme already present in *Carrie*.

Joyce Reardon (Nancy Travis) is a university professor committed to legitimizing paranormal investigation as a valid field of psychology. In order to gather evidence of supernatural phenomenon, she organizes an expedition to *Rose Red*, the old mansion of one of the most powerful families in Seattle, and the source of a series of strange stories about men dying and women disappearing. Although the department head tries to stop the field investigation, Nancy manages to gather people with different sensory gifts to spend a few days with her inside the mansion. Annie (Kimberly J. Brown), a fifteen-year-old teenager, is the most powerful member of the group and also the most unpredictable. Joyce is a determined woman; she knows what she wants. In the scene in which Joyce accidentally cuts her hand and, instead of expressing pain, she rubs the blood on her opponent's face, she shows her true colors. The ease with which she deals with her own blood, using it as a battle tool, shows precisely that she is a mature and courageous woman. Annie, on the other hand, is a teenager who is starting to take an interest in boys, and her pulsating energy brings life back to the house and awakens the dead.

The director of the miniseries Craig R. Baxley released next *The Diary of Ellen Rimbauer* (2003), a TV movie based on the novel *The Diary of Ellen Rimbauer: My Life at Rose Red*, written by Ridley Pearson and published as if it was the diary of someone who really existed. The release of the book had been the main marketing push for the *Rose Red* miniseries two years earlier and caused a buzz in America, having appeared on several lists of bestselling books.

The TV movie shows what had happened before the events of the miniseries, when young Ellen (Lisa Brenner) meets John Rimbauer (Steven Brand), whom she marries and from whom she acquires the *Rose Red* mansion. *The Diary of Ellen Rimbauer* also shows how Ellen found Sukeena (Tsidi Leloka, the only actress appearing in both the series and the film), an African woman who is taken by the couple to America to work as a maid and who becomes her mistress's best friend and confidante. Ellen is naive and, little by little, she plunges into an abusive relationship with her husband, an addicted to sex and manipulative man. Feeling unhappy and disrespected, she finds comfort in Sukeena, her accomplice and who best understands how the house works, feeding on the John Rimbauer's vicious behavior.

It is interesting to think of the mansion as a living cell, and not only a house made of wood and glass,

but a sentient being that is transformed by the feelings of its residents. The somewhat cathartic ending is a breath of fresh air in the story of the two women, the first step on the journey to unveil their own desires.

1 Here I use “place” not as a physical space, but as a social space occupied by minorities or other society groups suffering some kind of oppression. In the case of this film, a woman victim of physical and sexual violence.

Stephen King’s Rose Red (2002)

Director Craig R. Baxley. **With** Nancy Travis, Matt Keeslar, Kimberly J. Brown, David Dukes, Judith Ivey, Matt Ross, Julian Sands and Kevin Tighe.

Joyce Reardon, a psychology professor, is hired by Steve Rimbauer, heir to the oil magnate John P. Rimbaue and husband to Ellen Rimbauer, who disappeared mysteriously in the 1950s. Joyce leads a team of mediums to the decrepit mansion known as Rose Red where they awake the spirit of Ellen Rimbauer and discover the horrifying secrets of those who lived and died in the dark mansion.

The Diary of Ellen Rimbauer (2003)

Director Craig R. Baxley. **With** Austin Stoker, Henry Corden, Philippa Harris, Richard Blackburn and Claudette Nevins.

Seattle, early 20th century. Ellen Rimbauer receives a wedding gift from her husband, the oil magnate John P. Rimbauer: the majestic mansion called Rose Red. After the wedding, Ellen discovers that John was strongly attracted to “sex games”, which she got used to participating. Soon Ellen realizes that she was not the only woman in John’s life. Ellen starts to fear him when she figures out the mysterious disappearance of some people who were very close to him. An some unexplained events at Rose Red may have a connection with the missing people.

Dreamcatcher: between science and comedy

by Ernesto Barros

Twenty years ago, Stephen King went out on a Saturday afternoon near his summer home in the small town of Lewiston, Maine — where the story of *Carrie* (1976), and the *Kingdom Hospital* miniseries (2004), which he adapted from Lars von Trier’s original TV show, take place — and was hit by a van. The writer, then at age 52, suffered a head injury, multiple fractures and had one of the lungs perforated.

Despite being between life and death, his recovery was miraculous. And the legend goes that during his recovery, Stephen King wasted no time and took the opportunity to write feverishly, in cursive handwriting, the 620-page novel *Dreamcatcher* (2003), published in March, 2001, in the United States. This became his 44th book, his 36th novel and the 30th with his own name. As always, King sold the adaptation rights of *Dreamcatcher* to Castle Rock Entertainment, which is linked to his body

of work since *Stand by Me* (1986), the first film produced by this independent studio, having among its founders the filmmaker Rob Reiner. Castle Rock is named after the fictional town of “The Body” (1982), the story written by King that resulted in *Stand by Me*.

Since 1986, the studio — which currently belongs to Warner Bros. — has been the first option for his books, as demonstrated by its long list of titles, among them Rob Reiner’s *Misery* (1990); *Dolores Clairborne* (1995), by Taylor Hackford; *The Shawshank Redemption* (1994), *The Green Mile* (1999) and *The Mist* (2007), all three directed by Frank Darabont.

The well-known Castle Rock logo — a beacon with a moving beam of light over a lake — appears in the credits of the film version of *Dreamcatcher* in a way never seen before. Everyone knows that Maine is a vast icy landscape — and the opening of the film reiterates this by displaying the logos of Castle Rock, Village Roadshow and Warner under a heavy blizzard.

Dreamcatcher was directed by the experienced Lawrence Kasdan, who shared the adapted screenplay with William Goldman (deceased in November, 2018), a Hollywood legend, the same screenwriter from *Misery* (1990).

Although it has a considerable running time — 136 minutes — *Dreamcatcher* seems to be several movies in one. In a way, there is a logic to this, because the film sails through various genres, such as horror, science fiction, youth drama and comedy. The film could also be turned into a miniseries, like so many other films adapted from the author’s books. King even considered that *Dreamcatcher* was one of the best adaptations of his work.

Like the book, the film has an episodic structure that follows an intricate plot. We are introduced to four friends, separately, with each one demonstrating unusual powers, such as listening to the thoughts of others, communicating with the mind and mentally going back in time. While witnessing the abilities of Henry (Thomas Jane), Beaver (Jason Lee), Jonesy (Damien Lewis) and Pete (Timothy Olyphant), the narrative is interrupted by their childhood in Derry, another fictional city in the Stephen King’s universe. Strangely, Derry is the same city of the four friends from *Stand by Me* (1986). And the flashback in *Dreamcatcher* seems like it’s taken from the same source. It was from there that they got special powers while protecting a friend with Down syndrome, Duddits (Andrew Robb, then Donnie Wahlberg, when he reappears in the plot).

The four friends, all single, spend a weekend in a remote cabin in the snow. It is there that science fiction and comedy will meet, when they make contact with a man on the road, apparently ill, who suffers from severe flatulence. What appears to be humor, however, is the gateway to science fiction, in which aliens impregnate humans through the digestive tract. And since the fate of what comes out of the stomach is not a beautiful thing to watch, Lawrence Kasdan seems quite committed to making eschatological scenes a fun spectacle. This happens in a long sequence inside a bathroom, where the toilet is an attraction in itself.

In the midst of a story that made such an unusual turn the film suddenly shows a US Army warfare operation against an alien invasion, with Morgan Freeman in the role of a military madman. In the end, the story manages to reach a conclusion and shed light to the connection between their childhood and the present time, with Stephen King’s feverish imagination once again being the driving force of a difficult to classify film.

Dreamcatcher (2003)

Director Lawrence Kasdan. **With** Morgan Freeman, Jason Lee and Timothy Olyphant.

The mysteries of the human mind, some terrible alien parasites and a military man bordering on insanity. A group of friends at war against the destruction of the planet.

The threshold between the imaginary and death in *Riding the Bullet*

by Tatiana Trindade

In the early days of the internet as we know it today, Stephen King was already at the peak of his career and began slowly to engage his audience through other media. In this context, the novel *Riding the Bullet*, released in 2000 as an ebook, reached expressive 400,000 copies sold in less than 24 hours. Four years later, Mick Garris, one of the many fans of the author's stories, made his fourth attempt to adapt a King's book that would live up to his admiration, and so film *Riding the Bullet* was released in 2004.

Set in the late 1960's, with impeccable cinematography, the movie tells the story of Alan Parker (Jonathan Jackson), an artist with suicidal tendencies who constantly flirts with death. He decides to take a trip to visit his mother at the hospital, victim of a stroke. Jean (Barbara Hershey) has raised her only child with the specter of her husband's death lurking around, and now the Grim Reaper comes to meet them.

The film's name, *Riding the Bullet*, may be an allusion to many metaphors discussed during Alan's trip, even though the plot emphasizes that it is the name of the rollercoaster Alan did not want to ride when he was a child. The young man confronts his fears and traumas, and his anxiety is represented by frantic editing, which brings interesting reflections on life between the lines of the script.

Mick Garris is careful about transposing to the audience the abstract elements of the narrative, such as Alan's subconscious and the overlapping situations, since the character's mind is very imaginative. Thus, we cannot often differentiate what is real from what is imaginary. There is also a thin line between madness and drugs, making his hitchhiking a journey of supernatural consciousness and an encounter with the meaning of life. Because of this, some scenes are incredible and translate well this duality between reality and supernatural that the character experiences, while many of Mick Garris' choices can become confusing or very frantic. Although the director has his 1990's editing vices, the fact that the story is set in the 1960's allows for a unique style, making the plot work, even though it does not scare so much.

Jonathan Jackson is very competent acting as both Alan as an specter and as a confused human being while David Arquette's contribution makes all the difference to the suspense giving way to horror in its purest form. Much of the film's strength, therefore, lays in its third act, when Arquette makes the most terrifying turn of his acting, due to his talent and also to the Machiavellian makeup work done on his character, George Staub.

Despite being one of the less relevant films based on Stephen King's books, both to the public and critic, it has its weight and importance in the field of adaptations, and its merits as a horror feature film.

Riding the Bullet (2004)

Director Mick Garris. **With** Jonathan Jackson, David Arquette and Barbara Hershey.

After the death of his father and an attempted suicide, a man ends up fascinated by the idea of death. He embarks on a bizarre journey of panic and mystery when he travels to see his mother at the hospital.

In the realm of hauntings at Kingdom Hospital

by Rita Ribeiro

Lars Von Trier cannot be considered an easy filmmaker to pin down at all. While producing the Danish TV series *The Kingdom*, in 1994, his proposal was to put together a hospital drama sprinkled with supernatural elements, all in the peculiar Von Trier style, complete with sepia photography and a sparse use of visual effects. In 1997, a second season was produced and a third one is promised to air in 2021.

In 2004, Stephen King joined Von Trier to produce *Kingdom Hospital*. Considering that a hospital is not the best example of a calm and peaceful place, you know what you can expect of such a building combined with King's imagination: plenty of horror.

This is the story of a medical team led by a manager who only thinks about spreading the word about the benefits of clean air; with an egomaniac neurosurgery team who uses several resources to hide his own mistakes; a hypochondriac seer; an almost blind watchman; a pair of assistants with Down syndrome; some good-guy doctors and... Mary, the ghost girl who is the spark of the plot.

Stephen King exorcises his own ghosts right at the beginning of the story. A renowned painter (Jack Coleman) is a victim of a hit-and-run by a van when jogging on the road. In 1999, the author was run over in the same way, near his summer house, and he went through several surgeries to recover from his serious injuries. Therefore, the story unfolds at the hospital, where the comatose painter comes into contact with Mary and her giant anteater guardian, Antubis.

Despite being a Danish production, *Kingdom Hospital* deals with American mythology. The titular hospital was built on top of a dry cleaner destroyed by arson causing the death of several children who worked there during the American Civil War. Eventually the first Kingdom Hospital was also destroyed, being haunted by frightening phenomena. The hospital's daily life range from having a baseball player reliving his failures after death, to an allusion to the resurrection of Jesus Christ and the conversion of Saint Paul.

The treatment given to certain characters is also different from Von Trier's usual narrative. The two employees with Down syndrome from King's version are shown as an integral part of the hospital, without any distinction from the other team members. King also shows people who not have access to the services of the luxurious hospital, such as the homeless gang that lives in a shelter in front of it.

The author once more put a child on the center stage of the the story, a girl who was a victim of the horrors of this world and who continues to suffer in the afterlife. As frightening as the background plot may seem, the quirks of the medical team take some of the weight out of the story. But if hotel halls have become gloomy places after King wrote about them, hospitals — which are not the best places to go in the first place — gain an extra shot of horror with this TV show. If you can, just keep away.

Kingdom Hospital (2004)

Director Craig R. Baxley. **With** Andrew McCarthy, Bruce Davison, Jack Coleman, Diane Ladd, Jodelle Micah Ferland, Ed Begley, Jr., Jamie Harrold, Sherry Miller, Allison Hossack, William Wise and Julian Richings.

A hospital located in Lewiston, Maine, built on the site of a factory that produced military uniforms during the American Civil War, was rebuilt after two terrible fires. The first occurred during the conflict itself, where children worked in precarious conditions and all of them died during the incident. The second fire destroyed the hospital where an unscrupulous doctor was performing horrible experiments on patients.

Nightmares and Dreamscapes

by Sonia Rodrigues

Alfred Hitchcock used to say, perhaps as a joke, or perhaps not, that in adapting a book he was honoring the author in two ways: he put his own name on the credits and kept the title of the book.

The series *Nightmares and Dreamscapes* (1993) follows Hitchcock's statement in the adaptation of the eponymous book.

Stephen King has been writing a lot since the 1970's specially short stories published in newspapers and magazines that later appear in collections. So what did the producers do in this series? They kept the title of the collection and used some short stories from others. But they gave the most bold audiovisual treatment to the short stories that are not originally in the title collection.

An example of this is the first episode "Battleground", taken from another anthology, *Night Shift* (1978). The episode is a thriller with William Hurt and almost a silent film, with an impeccable script about toys that prove to be scary. The original short story is possibly inspired by Gulliver's fabulous journey, only in this case it's Lilliput that goes to meet the giant.

Stephen King said in an interview that writers have two fears: the fear of Alzheimer's disease and creative blockage. At another time, he wrote that some of his published books explore both these fears.

"The End of the Whole Mess" is the best short story in the collection *Nightmares and Dreamscapes*. It is also the best episode of the series because in addition to facing the greatest fear of any writer, it also involves the consequences of over-creativity. In this case, the excess of creativity involves the intelligence and the ability to deal with Science and Technology. A "Mensa boy", or rather a genius, decides to solve the problems of humanity concerning war. It's the Greek hubris in its most direct form. But it turns out that "there is no free lunch", as Americans say. Everything the human being invents to solve a problem causes another complication. Just look at the side effects of medications invented to stall death.

The creative blockade imprisons a writer in his own work in the short story "Umney's Last Case", also adapted here.

Another assumed fear of Stephen King is that of the consequences of transgression. "Crouch End" and "You Know They Got a Hell of a Band" are short stories that establish horror from the disobedi-

ence of our species ever since the Original Sin. “Do not eat the apple”, “do not go that way” lead the disobedient to a terrible trap. These episodes are more faithful to the short stories they are based on.

“The Road Virus Heads North” also features an author as a protagonist. A horror writer (like King himself) is being chased by a frozen dead man from a bizarre painting he didn’t need to have bought, but he ended up buying it anyway.

“The Fifth Quarter” is an almost tender suspense if we consider King’s sympathy for poor white people that live in trailers in America, like he and his family did. There is no horror here, only the daily fear of not being able to put food on the table, not being able to raise children, being arrested or going back to jail.

“Autopsy Room”, well, you can list how many times literature played with the fear of being buried alive. It’s possible that non-writers have this fear as well. But for those who read a lot, this fear arouses the desire to imagine new ways of translating the terrible possibility of dying without having really died.

After all, if King’s way of staying alive is to cultivate memories of his own fears and terrify others, the *Nightmares and Dreamscapes* series achieves its goals.

Nightmares and Dreamscapes (2006)

Director Rob Bowman e Mikael Salomon. **With** JWilliam Hurt, William H. Macy and Tom Berenger.

Based on eight short stories from the eponymous book, the stories range from murderous toys to a dead-end city, a literary character, the dream of a peaceful world, a painting that comes to life, a hidden treasure, snake venom and dead rock legends.

STEPHEN KING LIBRARY

A novel about death taboos: *Pet Sematary*

by Michelle Henriques

Stephen King is considered the master of horror, but his literature goes far beyond that. Published in 1983, *Pet Sematary* is a book about mourning before being terrifying. King’s name has gone beyond itself and is now part of the pop culture. For example, even those who have not read the book *IT* know the character Pennywise. The same goes for *Pet Sematary*, which has already had two film adaptations, one from 1989, directed by Mary Lambert and one from 2019, directed by Dennis Widmyer and Kevin Kölsch. For the 1989 film, the punk rock group Ramones recorded a song with the same name, *Pet Sematary*, which appears in the album *Brain Drain*.

In the book, physician Louis Creed moves from Chicago to Ludlow with his family after being offered a director’s position at the Infirmary of the University of Maine. He, his wife Rachel, their children Ellie and Gage, as well as the cat Church, start living in a huge house in front of a road where several trucks pass by at high speeds.

Across the road live Jud Crandall and his wife Norma, both quite old. Jud quickly becomes friends with Louis, and they spend many nights talking and drinking beer. There is a “Sematary” of animals in the region. The name, purposely misspelled, reveals the simple way Jud Crandall and the locals speak. After learning its existence, Ellie, just five years old, begins a discussion about death with her father. She gets worried about her cat and asks a thousand questions about its future death. The mother, Rachel, refuses to talk about it with her family because she keeps an old trauma a secret.

Throughout the book we learn that she had had a sister named Zelda who died due to a disease that made her suffer greatly. Rachel was in charge of giving medicine to her sister and feels guilty because she died in her care. Rachel does not deal well with the issue and does not open herself with her husband, even after many years of marriage.

In the midst of all this, on his first day at work, Louis Creed comes across a young man with severe head trauma. He does what he can, but it is impossible to save Victor Pascow. Since then Creed feels the young man’s presence, dreams of him, and Creed even thinks he has been sleepwalking, like in the morning when he wakes up with his feet covered in dirt and twigs.

Since then the doctor has frequent visions of Pascow and in some of them the young man seems to warn him to be careful. He also tells that the Animal Cemetery is not the real one. Sometime later Church, Ellie’s cat, gets hit on the road. Jud Crandall says that, in order to return a favor, he would take Creed to a place where he could bring Church back. Ellie, Gage, and her mother were visiting their grandparents, so they wouldn’t know what happened.

Creed and Crandall pass through the cemetery, go through the forest and into a space that has a different energy. This passage is one of the most interesting ones in the book. Crandall compares the energy of the forest with heroin. The moment the drug enters the bloodstream it causes a strong sense of pleasure but at the same time it poisons the body. This is how Creed feels when he first visits the place.

Over there, Crandall explains what his neighbor should do with his daughter’s cat. Creed buries it and returns home. The next day the cat is waiting for him in front of the house. The animal has changed, its eyes have no life. Ellie returns home and notices that the cat is no longer the same and complains about its stench, but their daily lives go on.

Eventually, we reach the fateful moment when Gage herself gets hit on the road. The child actor’s scene from the first film adaptation is also part of the pop culture, with Gage and his bruised face holding a scalpel. King put together several taboos surrounding death in this novel, and masterfully managed to draw a discussion about death, mourning, and what would be morally wrong or what some people call “playing God”.

There are several references to the Bible, Lazarus, indigenous culture, strange forces, spirits and the Wendigo, a cannibal spirit of Algonquian legends that can transform into a human. King also cites the zombies of Haitian culture and W.W. Jacobs’s short story “The Monkey’s Paw”, which freely inspired him to write this book.

For the elderly, death is quite natural. It should always be treated like this, but over the generations it seems that we get further and further away from it. We don’t talk about death, we are never ready for it, even though it’s our only certainty. Stephen King brings this issue in the book. He masterfully addresses a subject that could be in any other literary genre, but he joins it with horror and creates his unique literature.

The sound of despair

by Júlio Alessi

An immersion in Stephen King's literature makes us experience strong emotions, whether by the scenes of suspense, the depth of his characters or because of such peculiar subjects like spirits, demons, cursed beings, paranormals or even crazy people. This fantastic universe has aroused great interest in people since ancient times, whether by oral narratives, horror tales or great literary works. In literature, Stephen King is a master. In addition to writing books on fiction, horror, supernatural themes, many of his stories have been adapted for the screen. The author also wrote specifically for the movies.

Stephen King's *Desperation* is a 2006 film, written by Stephen King and directed by Mick Garris, who also directed five other adaptations originally written by King: *Sleepwalkers* (1992), *The Stand* (1994), *The Shining* (TV series, 1997), *Quicksilver Highway* (1997) and *Riding the Bullet* (2004). *Desperation* begins with a couple traveling on one of the most deserted roads in the United States: Highway 50. When they see a dead cat on a road sign, they sense that something very strange will happen. Later, the couple is approached by a sheriff (Collie Enragian), a very strange man, who arrests them for possession of marijuana.

When they arrive in *Desperation*, they notice that the town is abandoned, with people and animals killed on the streets. At the police station, they meet other characters that will form the basis of the narrative, especially the Carver family and their son, a boy named Dave who prays to God at all times to protect his family from the crazy policeman.

The central theme of the film is a mystery that occurred many years ago inside a mine in this town. The movie begins with Chinese miners working in the mine. The crux of the story is the fight of good, represented by the boy Dave, against evil, represented by the sheriff. The colors of the film's cinematography are initially warm tending to yellow, contrasting with the victims' red blood. As the events unfold, especially during the night scenes, the presence of blue represents the ethereal, the good, and the spirit of a little girl who was a victim of the mad sheriff. Girls' spirits are recurrent in King's work, both in one of the flashback scenes from the movie *The Green Mile* (Frank Darabont, 1999) and *The Shining* (Stanley Kubrick, 1980).

The soundtrack is vital for reproducing the sensations that get under our skin provoked by the pages of Stephen King's books. A horror movie experience without music and sound effects cannot thrill the audience in the same way. At the beginning of the narrative there are bells tolling and then a quiet piano music sounds with orchestral background. Its concept is altered when the road appears and we hear a song that suggests sounds for a condor, owls, the wind and other signs that refer to the desert.

Some sounds are present throughout the narrative evoking or even anticipating moments of tension and horror, especially tribal-like beats, referring to devilish rituals. These sounds are present in almost every scene in which the movie's demonic characters appear.

The songs suggest the mood of the characters, representing hope or even relief through the piano, or with repetitive musical phrases for moments of action and suspense, such as the sound of the girl's spirit jumping rope or the fan that spins with a hanging body, thus marking the rhythm of the music.

The films based on King's work feature a high quality sound production to make the immersion the most complete and terrifying. Immerse yourself in this universe of horror and suspense in Stephen King's *Despair*.

Stephen King's Desperation (2004)

Director Mick Garris. **With** Tom Skerritt, Ron Perlman, Annabeth Gish and Charles Durning.

A couple crossing the road is detained for possession of marijuana by the sinister figure of a sheriff, who appears mentally unbalanced. Gradually, they realize that something supernatural surrounds the policeman and his town...

The invisible on screen

by Andy Malafaia

A violent storm sweeps through a small town on the edge of a lake. The next day the Drayton family consider the damage suffered. As a strange gray haze approaches, David (Thomas Jane) and his son go out to buy groceries. It is in this place that horror happens.

Based on the eponymous tale, which is part of the anthology *Skeleton Crew*, *The Mist* (2007) is Stephen King's third film adaptation by screenwriter and director Frank Darabont, after *The Shawshank Redemption* (1994) and *The Green Mile* (1999). If in his previous films he emulated a contemporary Frank Capra, in this one he establishes connections with the B movies of Jack Arnold and Roger Corman, as well as John Carpenter's *The Thing* (1982), in an explicit reference. *The Mist* could be just a film about murderous tentacles and monsters from other dimensions, yet Darabont has more than that to offer, even so because King's tale already features innumerable cinematic possibilities.

The most interesting one happens when the haze, which takes on supernatural contours, starts to corner the characters within the limits of the grocery store. The film then shifts what's invisible (which contemporary horror movies rely so much on being off camera) into the picture. The fog has a materiality that fills the screen, but it is not the threat itself. The danger really lies in what the fog hides. Therefore, it is in the sequences in which the characters enter the fog that the risk becomes imminent — and visible. There are some scenes in which monstrous elements come out of the smoke-screen to break the realm of reality, but without so much impact, since there is a sense that inside that tangible place (the grocery store), the problem can be solved.

It is within the mist that total fable is possible. And there is a certain disappointment with Darabont's imagery. Although *The Mist* is an affectionate homage to the films of the past, the movie suffers from budgetary limitations of the project, and the use of arachnids and insects as the embodiment of this imaginary horror is somewhat disappointing. However, if the depiction of the monster outside of the grocery store is frustrating, inside the store there is another type of threat, a much more effective one, embodied in Mrs. Carmody (Marcia Gay Harden), a wildly religious woman, a sort of hysterical end-of-the-world prophet. She creates a split between two groups of characters: the apocalyptic congregation she leads, and those who seek to find an escape route, led by David (his biblical name was not given by chance). It is curious, but not unexpected, that the true climax of the film takes place in the conflict between liberals and conservatives, not supernatural monsters. It's a sign of the times.

The Mist (2007)

Director Frank Darabont. **With** Thomas Jane, Laurie Holden and Marcia Gay Harden.

In a provincial town, a storm brings a mysterious fog. A painter and his son take refuge in a grocery store and notice terrible murderous creatures coming out of the mist.

Fear of the blank page in *Bag of Bones*

by Rita Ribeiro

A blank page can have several meanings: a promise of a new project, anxiety about a resolution, longing for someone who has already left or, in Mike Noonan's case, an indictment. A successful writer, a death on the front page, a 1930's blues singer, a house on a lake. Cool elements that would make a great story, right? Wrong. At least in the case of Mike Noonan.

I believe a writer's greatest anguish is to come across the blank page on the computer screen, its cursor blinking accusingly. Where is the inspiration? In Noonan's case, his inspiration was gone with the untimely death of his wife Johanna. A successful author, acclaimed by critics, Mike suddenly feels lost without her. Uninspired, living an idiotic routine, he finds himself caught between the pain of loss and mistrust, as his wife was pregnant when she died, after years of attempts to conceive a child. What secrets would be hidden?

And to top it all off, he starts having nightmares with her and their home on Lake Sara Laughs (in the book) or Dark Score Lake (in the TV series). Mike decides to return to the lake house to break his writer's block and to flee from his nightmares. Once there, the apparent normality begins to fall apart when strange things happen. Very strange things. Noonan begins to perceive the manifestations of his beloved wife who, more and more, entangles him in a terrible plot that ends in a curse.

In the meantime, he meets Kyra Devore, the granddaughter of the perfidious and multimillionaire Max Devore, and Mattie, his daughter-in-law. Devore fights for the custody of the child with her mother Mattie and, upon learning of the writer's probable involvement with them, unleashes a persecution against him, using legal means and, of course, other very illegal ones. Noonan feels more and more impelled to take care of them, and that's when tragedy is established.

The author finally begins to write again in Sara Laughs, but at the same time his nightmares increase and he begins to discover facts about his wife and the place they were hiding. Sometimes the truth comes out. And not always is the one we would like to see.

Despite the sharp differences between the book and the TV series, directed by Mike Garris, the story entangles us in a spiral of horror and guilt. Guilt because of the terrible acts that cause irreparable consequences. Guilt for not forgiving. Garris' direction, along with an excellent soundtrack guarantee a dreamlike atmosphere. We feel like we're in a nightmare all the time. This was my first incursion into the universe of King's literature. And the first Stephen King book is not easily forgotten. Even though it is not one of his best adaptations, the TV series starred by Pierce Brosnan is a good experience.

A curious aspect of Stephen King's literature is the permanence of love. In several stories the love that bonds the living to the dead appear. Whether in *Insomnia* (1994) or *Lisey's Story* (2006), love does

not end with the death of one of the lovers. *Bag of Bones* also has this characteristic. Much more than a horror story, this is a love story. Love in the style of King, so very scary. But isn't love itself scary?

Bag of Bones (2012)

Director Mick Garris. **With** Pierce Brosnan, Melissa George and Annabeth Gish.

A famous writer can't get over his wife's death and seeks a peaceful and quiet place in a lakeside cabin where he meets a young widow and her daughter. All goes well until the ghosts start to appear...

Too much love

by Paulo Henrique Silva

Mercy (2014) is the film that is least close to Stephen King's original work. And, paradoxically, the one that most absorbs elements from the master of horror literature, such as the isolated house, the clairvoyant children, the supernatural gift as a kind of curse and his explicit influence of H. P. Lovecraft.

Based on the short story "Gramma", published in the collection *Skeleton Crew* (1985), the film directed by Peter Cornwell completely subverts the plot of the text, which focuses on childish fear, from a grandson who finds himself alone at home with his sick grandmother about whom he had heard terrible stories.

In *Mercy*, on the contrary, we see the great affection that George has for his grandmother, defending her even when the facts reveal that she had flirted with a demon to fulfill her desire to get pregnant. The ambiguity of the grandmother — whose name *Mercy* gives title to the film — is another common element in King's stories.

The script makes the audience ponder about the excess of love, like in the scene when the priest speaks about the mistakes made by *Mercy*. This issue is also striking in the author's books, seen, for example, in *Christine* (1983), which addresses the obsessive love of a boy for a car and vice versa.

Matt Greenberg's script (also the author of the recent *Pet Sematary*) explores exaggerated love, focusing on the relationship between the kid and his grandmother, which develops parallel to the elucidation of all mystery. This becomes the less important narrative thread, due to the difficulty of building an expected grand finale.

Grandmother and grandson become united, against the desire of the audience to see them apart. Although the film's narrative gets lost, especially in the second half, while elaborating on so many elements and concepts, *Mercy* becomes more interesting when we examine the two characters under a magnifying glass.

It is important to emphasize that I am talking about a completely dysfunctional family, featuring an absence of stable relationships and children who repel their mother (George does not have a father). It is possible to imagine, by the strange peacefulness that persists to the end, that the boy's mission is to rescue and pacify his family.

In one of the opening sequences, we see George being instructed by *Mercy* how to deal with the snake-like materialization of a buried relative: while he plays the violin, he looks at the reptile and

the victory occurs when it passes between his legs, without attacking him. We can define this scene as the synthesis of the entire film.

From this perspective, the “message” of *Mercy* points to the idea of us learning to deal with our past, however terrifying it may seem, a scenario that connects us to other great works by Stephen King, such as *Salem’s Lot* (1975) and “The Body” (1982), the latter being the story that later was adapted into the film *Stand by Me* (1986).

Mercy (2014)

Director Peter Cornwell. **With** Chandler Riggs, Frances O’Connor, Dylan McDermott, Mark Duplass and Hana Hayes.

A single mother and her two children move to an old house whose owner is a grandmother that had a stroke, resulting in psychological and physical damage. And what becomes increasingly known is that such a lady can keep secrets. Terrible secrets.

Mr. & Mrs. Anderson: A messed-up couple

by Carlos Primati

Bob and Darcy Anderson (Anthony LaPaglia and Joan Allen) have what can be considered a good marriage. They are celebrating their 25-year anniversary, bringing family and friends together. The couple lead a happy and comfortable life with their two children. Bob is a respected accountant and collects rare coins. More importantly, they love each other and the flame of desire is still alive. They are almost irritating for being that happy.

The husband often travels on business, but even far from home he is present in Darcy’s life, leaving notes around the house to discourage his wife from eating sweets or taking sleeping pills. But those small harmless gestures turn out to be the typical attitudes of a manipulative man. During one of his absences, the marriage is shaken in the most drastic and shocking way: Darcy discovers that her husband is the mysterious serial killer Beadie, who has terrorized the country by committing the most grotesque crimes, killing women after raping and torturing them. Bob immediately realizes that his wife has discovered his secret, and their relationship becomes a façade of normality, above all to spare the children from disgrace and shame.

Directed by Peter Askin, with a script by Stephen King himself, *A Good Marriage* is adapted from his novella of the same title, published in 2010 in the collection *Full Dark, No Stars*, among three other stories of revenge. King revealed that the inspiration came from the real case of Dennis Rader, a serial killer who called himself BTK (“bind, torture, kill”) and committed a series of crimes between 1974 and 1991, but was only discovered and detained in 2005.

Despite the grotesque premise of the rapist psychopath, the film does not show him in action, relying instead on suspense. We know about the killer just enough to be sure of his guilt and to know how random his choice of victims is. We follow everything from Darcy’s point of view, but we do not sus-

pect that she plans revenge; but when she gets it done — a cold, merciless and well-timed vengeance —, she reveals herself a methodical killer just like her husband, and the idea that “Beadie” is the couple (B + D, their initials) acting as a pair is intriguing.

The film is all about Joan Allen, who had played the wife of the controversial and sordid President Richard Nixon in Oliver Stone’s *Nixon* (1995). Around the same time, she had a memorable role as a woman married to Daniel Day-Lewis and having Winona Ryder as her rival, in Nicholas Hytner’s sweeping *The Crucible* (1996).

Stephen King is a skilled writer of women’s anguishes; characters played by Sissy Spacek (*Carrie*), Shelley Duval (*The Shining*), Kaiulani Lee (*Cujo*), Kathy Bates (*Dolores Claiborne*) and Sofia Lillis (*It*) in movie adaptations are some examples of oppressed women, who are humiliated or trapped in troubled relationships. For the writer, terror always begins at home, often under a façade of normality, being the most difficult and almost impossible to escape situation.

A Good Marriage (2014)

Director Peter Askin. **With** Joan Allen and Anthony LaPaglia.

Darcy has been married to Bob Anderson for 25 years, having a stable life and a peaceful and loving relationship. One day, however, a series of murders begins to take place in the region and Darcy suspects that her husband is responsible for the brutal death of these women. How to deal with this terrible secret? Based on the short story published by Stephen King in the collection *Full Dark, No Stars* (2010), *A Good Marriage* is based on events that took place in Kansas between 1974 and 1991: the real story of the “serial killer” Dennis Rader, known as the BTK strangler.

A revenge worthy of being in a book

by Yasmine Evaristo

Horror movies use the body as a vector of sensations. Whether believable or absurdly fantastic, fear causes chills, malaise and several feelings of disgust. A film that gives centerstage to a character driven by revenge promises of a series of developments that will affect people on and off screen.

The female body is also a recurring element in narratives based on fear. People who for some reason find themselves in a place¹ of vulnerability will always be solid characters to build upon. That is why people watch, talk about and question films like Jordan Peele’s *Get Out* and Meir Zarchi’s *I Spit on Your Grave*. Violence, either against the victim or against the executioner, fosters in the audience the cathartic feeling of having power through that representation.

The movie *Big Driver* was produced by Lifetime, based on a short story by Stephen King. The channel is known for its adaptations of short stories and books into TV movies. These titles are usually low budget and low quality productions, but *Big Driver* can be more interesting than it may seem at first. This movie falls under the subgenre Rape and Revenge. Rape is used more frequently than it should (never) in horror films and it is exploited as a way of motivating mostly female characters.

Author Tess Thorne (Maria Bello) is preparing herself to give a lecture during a gathering of fans and readers of police novels. She has the company of her cat Fritz and her neighbor Patsy (Jennifer Kydd). Upon returning home after the event, Tess takes a detour suggested by one of the participants, Ramona Norville (Ann Dowd). Obviously, the path will take her to an experience that changes her life and motivates her for the rest of the film.

Her car gets the tires punctured in an ambush on a deserted road, and Tess accepts the help of a stranger (Will Harris) who happens to be passing by. Her hope turns into fear when she is attacked by him and thrown into a pipe to die. Tess survives and strives to discover the whereabouts of the man who had raped her, taking her revenge.

She keeps a constant fear of death while trying to get the lead on the man who attacked her, but instead of hiding and running away from the tragic fate that may be in line for her, she keeps going forward confronting that fear. It is as if she is being driven by that mood. In Rape and Revenge movies, facing the rape in search of catharsis lead to overcoming it. Focusing on her strength, living on the edge of madness and common sense, Tess walks alongside Death, willing to show it “how it is done”. She seeks to purge her pain and eliminate any trace of what had happened so as not to have her reputation smeared.

Strategically, as if her life had become an element of one of her own stories, she begins to follow a new route methodically. Maria Bello’s character strips herself from the physical memory of the attack by cleaning her mind, lying to everyone around her, denying what had happened. She thus chooses a path, perhaps less painful, that keeps her strength up, letting her carry out her plan.

The supernatural elements are present since this is a movie based on a Stephen King novel. In addition to her neighbor and her cat, the author trusts her GPS and the four ladies from her knitting club (mainly the one played by Olivia Dukakis), all characters from her novels.

Consumed by fear, the woman starts to talk more and more with her friends, as if they were the driving force behind her decisions. These elements/beings take an increasingly clear form — by voice or image —, becoming a safe place and the conscience of the novelist herself.

There are not many mysteries in the plot and the character development. The path is outlined from the beginning. Even the most distracted person would know that the detour the protagonist takes is the main plot point, and that the woman who suggests this new route is in cahoots in some way with the aggressor. Tess’s behavior since the start of the story is the best part of the movie.

She sees her characters as real people, talks to them and also to the GPS as if it would answer her. She is always on the verge of madness. You can start to question how real or not the facts are. Was she really attacked? Is her writer’s wild imagination playing a trick? Is her life real or are we witnessing her creative process inside her mind?

We are thus led to a series of judgments that are uncomfortable. Amid long monologues, ramblings and a rhythm which seems as slow as the act of revenge, the film is worth every minute of Maria Bello’s performance. In her most active or most contemplative moments, the internal process that Tess Thompson is going through is evident on the face of the actress. Although not as raw as *I Spit on Your Grave* or even “Vengeance”, the attack from the first act is strong enough to cause discomfort and to constantly echo in the author’s memories or in the environment where the rape took place and that is revisited sometimes by the character.

We are aware that we may seem cruel to question Tess’s sanity since we live in a society that ignores gender relations and blames the rape victim. To be inside this woman’s mind, at that moment, is to experience her dilemmas, feel her pain and share her choices. It means to be placed in the position of

those who fear life and death, of those who balance themselves on the edge of the barest sanity that can collapse at any moment.

Big Driver (2014)

Director Mikael Salomon. **With** Maria Bello, Ann Dowd, Will Harris, Joan Jett, Olympia Dukakis, Mary-Colin Chisholm and Tara Nicodemo.

A successful mystery and crime author is returning home after a book event and decides to take a shortcut down a deserted road. When faced with a flat tire, she accepts the help of a stranger who proves to be quite reliable and solicitous. She then discovers that she has been the victim of a trap designed by the man, who rapes her and leaves her to die, submerged in shallow sewage waters. She then recovers and decides not to tell anyone about what had happened and starts an investigation by herself to find out if she was a random victim of the rapist or if he had premeditated the attack on her.

On child fears and adult traumas

by Juliana Melo

There are some images that are horror icons without a lot of people knowing how they have come to be. Tim Curry's Pennywise, from Stephen King's miniseries *It* (1990), is one such icon. The Pennywise figure has made a whole generation (including myself) terrified of clowns and bathroom drains.

The film remake of the horror classic *It*, produced in 2017, redesigned not only the figure of Pennywise, but especially the relationship of the Losers Club with the murderous clown. Andy Muschietti's feature film is a beautiful coming-of-age story where the six protagonists live the hardships, growths, loves and fears of the transition between childhood and adolescence in a cursed little town. It sounds cliché, but it's the truth: *It* is not a movie about a murderous clown, it's a story about fears and childhood traumas, growing pains and the intensity of friendships, in the best style of 1980's hits like *Stand by Me* (1986) and *The Goonies* (1985). Each child is forced to deal with their individual fears in an attempt to beat the dancing clown, but they remain stronger as they gather and work together.

The choice of bringing the action to the 1980's is very accurate for several reasons. The revival of the 80's is in, and this era connects in a very personal way with much of the nostalgia-filled audience of *It* in 2017. Also, by setting it in the 1980's and focusing only on the first part of the novel, when children stumble across the clown, Muschietti opens the door to an obvious sequel, which was released in 2019. The focus on children allows *It* to further explore its true points of strength.

Bill Skarsgard, who plays the killer clown Pennywise, knows he has high expectations to follow in the footsteps of Tim Curry. His performance is bewildering and strange, showing a different way of terrifying the children, the public and the coulrophobics. Some of the effects used in the film, especially when Pennywise runs toward children, distract the audience in a somewhat cheesy way. But which film inspired by the 1980's does not rely on some healthy doses of cheesiness?

It balances a good amount of nostalgia, a coming-of-age story, and elements of drama with ex-

cellent performances by the child actors, featuring many scenes of horror and a new iconic image of Pennywise, one of the biggest movie villains of all time.

It (2017)

Director Andy Muschietti. **With** Bill Skarsgård, Finn Wolfhard, Javier Botet and Nicholas Hamilton. Second adaptation of the eponymous book by Stephen King. For centuries, the murderous clown Pennywise haunts the residents of a small town, until a group of children decide to confront him whatever the cost...

***Doctor Sleep* or what is dead, must remain dead**

by Rita Ribeiro

Sequels are always a risk. A sequel to something that has been successful is an even greater risk. *Doctor Sleep* was released in 2013, as a sequel of *The Shining*, released in 1977, resuming, more than 30 years later, the story of little Danny Torrance, the shining of the original title.

The book, as well as the film directed by Stanley Kubrick in 1980, were an absolute success, despite Stephen King's disagreement about the movie. The film adaptation still attracts crowds to its sessions. That, perhaps, was one of the reasons for the continuation of the story, now with a grown up Danny Torrance.

And that is where the story begins by focusing on the three survivors of the Overlook Hotel: Danny, his mother Wendy and the hotel cook, Dick Halloran. Over time Halloran teaches Danny to control the horrendous visions that have haunted him, even after the Overlook's destruction. And time passes...

A turbulent childhood sometimes determines the direction of your adult life. Like his father Jack Torrance, Danny reveals his violent side and succumbs to alcoholism. Even so because drunkenness does not allow supernatural terrors to appear. But real life remains... And then Danny finally finds a little peace by being welcomed in a small town, staying sober and starting to work in a clinic for terminally ill patients, assisting them until the end, hence his name Doctor Sleep.

But peace does not seem to be his fate, as he begins to receive messages from another shining, little Abra. With powers as strong as Danny's, she is chased by beings that devour the light of the shining. They are an itinerant community, led by the evil Rose The Hat, a good allusion to vampires who feed on souls, in this case, of people who possess the shining.

These beings abduct children, torture them and suck their souls. Abra tries to fight them, but ends up being a victim of these monsters. And Danny goes after her, ending up on the Overlook Hotel, which lights up to torture him once again.

The adaptation made by Mike Flanagan, who also directed Netflix's another adaptation of a Stephen King story, *Gerald's Game* (2017) and also one of the most successful horror series on the channel, *The Haunting of Hill House* (2018), relates to the Stanley Kubrick film in some moments.

Unlike Kubrick's, Flanagan's film is a work of terror, sometimes quite frightening and, I dare to say,

clearer than the book that originated it. The main characters Danny (Ewan McGregor), Rose the Hat (Rebecca Ferguson) and Abra Stone (Kyliegh Curran) bring immediate empathy to us. Yes, the villainess is charming!

Unlike the book, in which the plot delivers Danny's well deserved redemption, managing to find a family after a turbulent and unhappy life, the film brings a very different outcome for him. Here redemption becomes a synonym for sacrifice. Even though it is an adaptation that can be considered very good, it is a pity that it did not respect King's ending. Even in his worst nightmares, Mr. King seeks the redemption of his characters and, in large part, offers them happy endings. Not here. And wasn't he the one who said in another book that "what is dead must remain dead?". The same can be said sequels...

Doctor Sleep (2019)

Director Mike Flanagan. **With** Ewan McGregor, Bruce Greenwood, Cliff Curtis, Emily Alyn Lind e Rebecca Ferguson.

Danny Torrance's childhood was traumatized by a tragedy. His father went crazy and died when took the job of overseeing the isolated Overlook Hotel, a macabre place full of mysteries and evil spirits. Danny, who possesses paranormal abilities, barely survived. Now, an adult and an alcoholic, he joins forces with an equally paranormal child to do something unimaginable: going back to the Overlook. Sequence of *The Shining* (1980).

PART III

TRIVIA

John Swithen

This pseudonym was only used ONE time in mid-1972 by Stephen King, when he was writing the short story “The Fifth Quarter” for men’s magazine *Cavalier*. Many years later he was able to include this short story in the book *Nightmares & Dreamscapes*, which became a TV series in 2006. In Brazil, the short story written was translated and entitled “The Map”, about a recently released prisoner in search of a fortune.

The Favorites

Among the several adaptations for film and TV of his stories, Stephen King naturally has his own favorite versions: *Stand by Me* (1986), *The Shawshank Redemption* (1994) and the only supernatural story on his list, *The Mist* (2007).

The Radios

Stephen and his wife, Tabitha, own radio stations. It’s Zone Radio, a company that runs its three radio stations in Maine. One of them, WKIT, is a classic rock station with the slogan “Stephen King’s Rock Station” and is one of the biggest hits in the region.

The Accident

In 1999, King scared everyone after being hit by a van. His life was hanging by a thread. At best, he would lose a leg. Among the several injuries, he had a lung collapse, multiple hip and leg fractures, and a deep cut to the head. After his full recovery, King and his lawyer bought the van for \$1,500, when the writer declared, “Yes, we have the van and I’ll get a sledgehammer!”

The Crushed Friend

Stephen King is able to create chilling stories, but he has had his fair share of real horror. In addition to the aforementioned car accident, when he was just a child, his friend was hit and killed by a train (an inspiration for the short story “The Body”, which later became the movie *Stand by Me*). Although it is easy to suppose that this incident influenced much of his writing, the author states that he has no memory of the event and only remembers his mother’s narrative.

The Band

King played the guitar for a band of successful writers called Rock Bottom Restman. From 1992 to 2012, the band “toured” once a year. In addition to King, there were Amy Tan (a children’s book writer), Dave Barry (comedy writer), Mitch Albom (award-winning playwright), Barbara Kingsolver (essayist and poet), Matt Groening (creator of *The Simpsons*) and Ridley Pearson (author of thrillers), among other members.

The Enchanted World of Stephen King

He writes a lot about Maine because he knows and loves The Pine Tree State: he was born there, grew up there and still lives there (in Bangor). Castle Rock, Derry and Jerusalem's Lot — the fictional towns he wrote about in his books — are just products of King's imagination, but he can tell exactly where in the state they would be if they were real.

Drink and Drugs

For much of the 1980's, King struggled against drugs and alcohol. He admitted that "there is a novel, *Cujo*, which I can barely remember writing. I do not say it with pride or shame, only with a vague sense of sadness and loss". It reached the limit when his family members intervened and confronted him about some drugs they had found in his trash can. That is what he needed; he's had everyone's help and has been sober ever since.

Did King Write *Lost*?

King was a great fan of *Lost* and sometimes wrote about the TV show in his column, "The Pop of King", in the famous *Entertainment Weekly* magazine. The admiration was mutual. The writers of *Lost* mentioned that King was a big influence on their work. There was much speculation whether he was the man behind the *Bad Twin* (see below), a mystery from the show, but he discredited this rumor.

And What is the *Bad Twin*?

It is a book related to the TV show *Lost*. The novel is attributed to Gary Troup, a passenger on Oceanic Flight 815. On June 18, 2006, *Variety* revealed that *Bad Twin's* author is novelist Laurence Shames. The story revolves around a decadent, outdated private investigator searching for one of Arthur Widmore's sons, a villain on the show.

A Few Cameos

Stephen King has the soul of an actor and a pinch of Alfred Hitchcock, because like the old English filmmaker, he also enjoys appearing in films about his works. Here are a few of his cameos: his first one was in George A. Romero's *Knightriders* (1981), in which his wife also participates. In 1982, King played Jordy Verrill, a farmer who begins to turn into a plant after a meteorite falls, on *Creepshow*. After that, he was a guy at the ATM in the only film he ever directed: *Maximum Overdrive* (1986); King also voiced himself on *The Simpsons* and had a role on the TV series *Sons of Anarchy*, among many other cameos.

King, The Writers

Stephen is not the only writer in the King family: his wife, Tabitha King, has published several novels. Joe, his eldest son, has followed his father's footsteps and is a bestselling horror writer (he writes under the pseudonym Joe Hill). Owen, another one of his sons, wrote a short story collection and a novel, and he and his father co-wrote *Sleeping Beauties* (Owen also married a writer). Naomi, King's only daughter, is a minister of the Unitarian Universalist Church in Florida and is a gay activist. She's married to Reverend Thandeka.

Carrying on with *The Shining*

After writing *The Shining*, King was not satisfied with the ending and decided to write *After the Play*, an epilogue that told the fate of the Overlook Hotel after the events in the book. Due to editorial pro-

cesses, this epilogue was lost and not even the author had a copy. An American collector bought a original manuscript of *The Shining* with an extra chapter called “After.” After checking with Stephen King’s office, it turned out that this chapter was the legendary epilogue lost 40 years ago!

The Dollar Babies Series

Dollar Babies was the nickname given to short films based on Stephen King’s stories, whose copyrights were sold for the symbolic value of \$1. There are dozens of short films. These films may not be marketed, and they must be restricted to screenings at film festivals.

Talking with “The Man”

In addition to the official website <http://stephenking.com/> (which is managed by his team) Steve himself runs an official Twitter profile (<https://twitter.com/stephenking>) with nearly 900,000 followers, where he posts a little more about life, the universe, and who knows what, almost daily. That is, you could ask for that sequel of *Cujo*, for example...

Richard Bachman

Early in Stephen King’s career, the general opinion among publishers was that an author should limit himself to one book a year. Exceeding this limit would leave the authors’ market saturated, which was not good. Therefore King came up with the idea of writing under another name in order to increase its publication slate without saturating the “King brand”. He persuaded his publishing company, Signet Books, to print these novels under a pseudonym: Richard Bachman. In his introduction to the collection of his Bachman books, King says that Richard Bachman was also an attempt to make sense of his career and try to answer the question of whether his success was due to talent or luck...

Source: <http://www.stephenking.com.br>



WHO

MURDER

1 2

A collage of horror movie characters. In the top left, a young boy with a neutral expression. In the top right, a woman with a shocked expression. In the center left, a large, close-up face with wide, staring eyes and a mustache. In the center right, a woman with a shocked expression. In the bottom left, a young boy with a serious expression. In the bottom right, a clown with a serious expression.

PARTE V



Sobre os autores

About the authors

Ana Carolina Garcia

Membro da Associação de Críticos do Rio de Janeiro, a jornalista Ana Carolina Garcia é autora do livro “A Fantástica Fábrica de Filmes”, lançado pela Editora Senac Rio em 2011, mesmo ano em que começou no Portal SRZD, onde assina uma coluna e atua como crítica de cinema.

A member of the Rio de Janeiro Critics Association, journalist Ana Carolina Garcia is the author of the book “The Fantastic Film Factory”, released by Editora Senac Rio in 2011, the same year she started working at Portal SRZD, where she is a columnist and film critic.

Ana Rodrigues

Presidente da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro - ACCRJ. Membro da Federação Internacional de Críticos de Cinema – FIPRESCI. Colaboradora do Jornal do Brasil. Jornalista desde 1991.

President of the Rio de Janeiro Film Critics Association - ACCRJ. She is also a Member of the International Federation of Film Critics – FIPRESCI and also a collaborator of Jornal do Brasil. She has been a journalist since 1991.

Anderson Horta

Pós-doutorado em Design pelo Programa de Pós Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG; Doutor em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUCRIO, 2015; Mestre em Design, Inovação e Sustentabilidade pelo Programa de Pós Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG; graduado em Design de Produto pela Universidade FUMEC. Pesquisador integrante do grupo de pesquisa Design e Representações Sociais (CNPq). Professor colaborador do PPGD ED UEMG. Professor do curso de graduação em Design do Centro Universitário de Belo Horizonte (UnibH). Pesquisador do OhLab Laboratório de Órteses para Humanos (Associação Mineira de Reabilitação). Atua principalmente nos temas de pesquisa design e ortopedia, design e consumo, design e emoção e de-sign e interações socioculturais.

He holds a Postdoctoral Degree in Design by the Graduate Program in Design from the Minas Gerais State University - UEMG; he is PhD in Design from the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro – PUC/RIO, 2015; Master in Design, Innovation and Sustainability from the Graduate Program in Design of the Minas Gerais State University - UEMG; Graduated in Product Design from FUMEC University. He is a researcher at the Design and Social Representations research group (CNPq). He is a Collaborating Professor at PPGD ED UEMG and a Professor of the undergraduate course in Design at the University Center of Belo Horizonte (UnibH). Researcher at the OhLab Orthoses Laboratory for Humans (Minas Gerais Rehabilitation Association). He is mainly engaged in design research and orthopedics, design and consumption, design and emotion and design and socio-cultural interactions.

André Vianco

Escritor, roteirista, dramaturgo e diretor, e um dos mais renomados autores da ficção fantástica nacional. Criador de uma elogiada obra que inclui títulos de terror, suspense, sobrenatural e fantasia, já ultrapassou a marca de 1 milhão de exemplares vendidos. Fã de Henry James e Victor Hugo, cresceu alimentado por seriados, literatura, filmes e HQs. Começou a escrever na adolescência e estreou em 2000,

autopublicando seu livro *Os Sete*, que deu origem à saga de vampiros que se tornou célebre e rapidamente conquistou milhares de fãs, consagrando-se best-seller ao ser publicado por sua primeira editora. Além de ter escrito e publicado 23 obras, foi roteirista contratado da Rede Globo de 2010 a 2014, foi professor da Roteiraria (2017), dirigiu três curtas-metragens, e fundou a *Vivendo de Inventar*, empresa em que forma, orienta e ensina novos escritores em suas carreiras. Mora em Osasco com sua família, emprestando sua imaginação para a cidade, cujas ruas ele preenche com seres surreais em aventuras marcadas por ação e constante contato com o sombrio.

*He is a writer, screenwriter, playwright and director, and is one of the most renowned authors of Brazilian fantasy fiction. His acclaimed literature includes titles on the horror, thriller, supernatural and fantasy genres, with sales beyond the mark of 1 million copies. A fan of Henry James and Victor Hugo, he grew up on a steady diet of sitcoms, literature, movies and comics. He began writing as a teenager and made his debut in 2000, selfpublishing *The Seven*, which gave rise to a celebrated vampire saga and quickly won thousands of fans, becoming a bestseller when released by his first publisher. In addition to writing and publishing 23 books, he was a screenwriter hired by Globo TV Network from 2010 to 2014; he was a teacher of Roteiraria (2017), directed three short films, and set up a company called *Vivendo de Inventar*, where he trains and guides new writers in their careers. He lives in Osasco with his family, and through his imagination he has filled its streets with surreal beings in action-packed dark adventures.*

Andy Malafaia

Formado em Cinema pela Universidade Federal Fluminense, foi crítico e curador, e hoje atua como roteirista, produtor e diretor.

He graduated in Film from the Universidade Federal Fluminense. He has been a critic and curator, and today he acts as a screenwriter, producer and director.

Angelica Coutinho

Jornalista e trabalha com audiovisual há 35 anos.

A journalist with a career in the audiovisual industry spanning 35 years.

Antero Leivas

Jornalista, escritor, editor, revisor, locutor e redator. Autor dos livros *Guia de Super-Heróis Esquecidos*, *The Beatles – A Maior Banda de Todos os Tempos*, *O Essencial do Cinema de Ficção Científica* e *Nietzsche, O Pensamento Eterno*, entre outros. Colaborador da BLG Entretenimento desde seu começo seja em revisão ou na confecção de textos.

*Journalist, writer, editor, proofreader, announcer and copywriter. He is the author of the books *Guia de Super-Heróis Esquecidos* (*The Guide to Forgotten Superheroes*), *The Beatles – A Maior Banda de Todos os Tempos* (*The Beatles – The Greatest Band of All Times*), *O Essencial do Cinema de Ficção Científica* (*Science Fiction Film Essentials*) and *Nietzsche, O Pensamento Eterno* (*Nietzsche, The Eternal Thought*), among others. He has been a collaborator for BLG Entertainment from the beginning working as a proofreader and writer.*

Beatriz Saldanha

Escreve sobre filmes, em especial os de horror, para livros e catálogos. Acompanha o *Fantasma* desde 2009, tendo integrado o júri em três ocasiões. Atualmente, é curadora da CRASH, a mais antiga mostra de cinema fantástico no país, e participou do *CineFantasy* em diferentes edições como júri e

cura-dora. Mantém a revista digital Les Diaboliques (@revistalesdiaboliques), especializada em filmes de horror, e edita a Única, um periódico voltado à obra de Alfred Hitchcock e sua influência no cinema e na cultura pop.

She writes about movies, in particular the horror genre, for books and catalogs. She has participated in Fantaspoa since 2009, having been part of the jury on three occasions. She is currently the curator of CRASH, the oldest fantastic exhibition show in Brazil, and has participated in CineFantasy in different editions as a juror and curator. She runs the digital magazine Les Diaboliques (@revistalesdiaboliques) which specializes in horror films, and publishes Única, a journal focused on Alfred Hitchcock's work and his influence on film and pop culture.

Carlos Primati

Jornalista, crítico, editor, tradutor e curador, dedicado especialmente ao cinema de horror mundial. Escreve para catálogos de diversas mostras de cinema, com destaque para George A. Romero: A crônica social dos mortos-vivos (2016) e Monstros no Cinema (2018), na qual também participou de uma mesa de debate. Realizou a pesquisa dos títulos brasileiros de filmes e séries de televisão para a edição de 2003 do livro Dança Macabra, de Stephen King, lançado pela Editora Objetiva. Convive com cinco gatos, os quais não colaboraram com seu artigo sobre os felinos nos filmes de terror; muito pelo contrário.

Journalist, critic, editor, translator and curator, he has dedicated himself to horror as a film genre. He writes for catalogs of several film exhibitions, like George A. Romero: A Crônica Social dos Mortos-Vivos (George A. Romero: The Social Chronicle of the Living Dead) (2016) and Monstros no Cinema (Monsters in the Movies) (2018)), where he also participated in a discussion panel. He researched the Brazilian titles for films and television series that appeared in the 2003 Brazilian edition of Stephen King's book Danse Macabre, released by Editora Objetiva. He lives with five cats, who did not collaborate at all with his article on felines in horror movies; on the contrary.

Cecilia Barroso

Jornalista e crítica de cinema. Criadora e editora do site Cenas de Cinema, faz também parte do conselho editorial da revista Lume Scope. É integrante da Abraccine e das Elviras - Coletivo de Mulheres Críticas de Cinema.

A journalist and film critic, she is the creator and editor of the Cenas de Cinema website. She is also on the editorial board of Lume Scope magazine. She is a member of Abraccine and Elviras – A Female Film Critics Collective.

Ciro I. Marcondes

Crítico e pesquisador em cinema e histórias em quadrinhos. Doutor em Comunicação pela UnB, com passagem pela Sorbonne, leciona no Mestrado Profissional Inovação em Comunicação e Economia Criativa da Universidade Católica de Brasília.

Film critic and researcher, he holds a PhD in Communication from UnB (Universidade de Brasília). He has had experience at Sorbonne and teaches at the Professional Master's in Innovation in Communication and Creative Economy from Universidade Católica de Brasília.

Décio Julião Emar de Almeida

Designer e ilustrador. Leciona em cursos de Design e Comunicação. Possui mestrado em Educação e

está em processo de doutoramento em Design. Desenvolve projetos de pesquisa em temas relacionados ao Design e à Educação.

Designer and illustrator, he ministers courses in Design and Communications. He holds a Master's degree in Education and is pursuing a PhD in Design. He develops research projects on topics related to Design and Education.

Diego Benevides

Jornalista, crítico e curador de cinema. Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), membro da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) e presidente da Associação Cearense de Críticos de Cinema (Aceccine).

Journalist, critic and film curator. He is currently a Master's student in Communications from the Federal University of Ceará (UFC); he is a member of the Brazilian Association of Film Critics (Abraccine) and the president of the Associação Cearense de Críticos de Cinema (Association of Film Critics from Ceará – Aceccine).

Edilton Nunes

Graduado em Letras pela UEG (Universidade Estadual de Goiás), especialista em educação intermediária digital pela UFG (Universidade Federal de Goiás) e acompanha a carreira de Stephen King há mais de 20 anos, como criador e administrador do site stephenking.com.br.

Graduated in Letters from UEG (State University of Goiás), he is a specialist in digital intermediate education from UFG (Federal University of Goiás) and has followed Stephen King's career for over 20 years, as creator and administrator of the fan site stephen-king.com.br.

Ernesto Barros

Natural de Terezinha, no Agreste Meridional do Estado de Pernambuco, é jornalista formado pela Unicap. Durante 20 anos foi editor de vídeo e telejornalismo na Rede Globo Nordeste. Foi curador das editoras de DVD Aurora (Recife) e Platina (São Paulo). Entre 2018 e 2010, foi curador do Cinema do Apolo e do Cinema do Parque, da Prefeitura do Recife. Atualmente é crítico de cinema do Jornal do Comércio e faz a curadoria do Cinema da Fundação/Derby e Museu, da Fundação Joaquim Nabuco, no Recife.

Born in Terezinha, in the wild Southeastern part of the State of Pernambuco, he is a journalist graduated from Unicap. For 20 years he was a video editor and television journalist at Rede Globo Nordeste. He was the curator of DVD publishers Aurora (Recife) and Platinum (São Paulo). Between 2018 and 2010, he was curator of the Apollo Cinema and the Parque Cinema of the Recife City Hall. He is currently a film critic at Jornal do Commercio and a curator at the Derby and Museum Cinema Foundation at the Joaquim Nabuco Foundation in Recife.

Fabricio Duque

Jornalista apaixonado pela sétima arte, fundador do site Vertentes do Cinema, onde compartilha informações sobre o mundo dos filmes, cobrindo os principais festivais, como Cannes, Berlim, Rio, Toronto, Brasília, Tiradentes, São Paulo. É membro da Co-missão de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Colaborador da Revista LumeScope. Também realiza debates no Sesc Rio, PUC RJ, cineclubes clássicos na Cinemateca do MAM e participa ativamente do cenário do cinema brasileiro.

Journalist in love with the Seventh Art and founder of the Vertentes do Cinema website, where he shares information about the world of film, covering major festivals such as Cannes, Berlin, Rio, Toronto, Brasília, Tiradentes, and São Paulo. He is a member of the Research Ethics Committee of the State University of Rio de

Janeiro. He is also a contributor to LumeScope Magazine. He also holds debates at Sesc Rio, PUC RJ, classic cinema clubs at MAM's Cinematheque and actively participates in the Brazilian cinema scene.

Fernando Tibúrcio

Formado em jornalismo pelo UNI-BH, pós-graduado em Cultura, crítica e produção. Trabalha na Rede Minas de Televisão desde 2005. Atualmente apresenta, produz e dirige o programa Cinematógrafo.

Graduated in journalism from UNI-BH, and postgraduated in Culture, Criticism and Production. He has worked at Rede Minas de Televisão since 2005. He currently hosts, produces and directs the Cinematographer program.

Flavia Guerra

Documentarista e jornalista. É editora do TelaTela (www.telatela.com.br). É colunista de cinema, já apresentou e comentou cinema no canal Arte 1, na TV Bandeirantes e na Band News TV. É colunista de cinema da Rádio Band News FM. Integra o corpo docente do Centro Cultural Barco, onde ministra o curso Documentário para Cinema e TV. Tem mestrado em direção de documentários (Screen Documentary MA) pela Goldsmiths – University of London; é curadora do Feed Dog Brasil - Festival Internacional de Documentários de Moda.

Documentary filmmaker, journalist and editor of TelaTela (www.telatela.com.br). She is a film columnist; she has presented and commented on Art 1, TV Bandeirantes and Band News TV. She is also a film columnist for Radio Band News FM and is part of the faculty of the Barco Cultural Center, where she ministers a course on the Documentary for Cinema and TV. She holds a Master's degree in documentary direction (Screen Documentary MA) from Goldsmiths - University of London; she is the Curator of Feed Dog Brasil - International Festival of Fashion Documentary.

Francisco Carbone

Jornalista, crítico de cinema, professor e curador, tendo mais de 12 anos de intensa dedicação ao mercado de cinema.

Journalist, film critic, teacher and curator, having intensely dedicated himself to the film industry for over 12 years.

Francisco Russo

Editor-chefe e fundador do site AdoroCinema. Formado em Jornalismo pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA) e com pós-graduação em Jornalismo Cultural pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é integrante da Abraccine (Associação Brasileira de Críticos de Cinema) e da ACCRJ (Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro).

Editor-in-chief and founder of the Adoro Cinema website. He graduated in Journalism from the Faculdades Integradas Helio Alonso (FACHA) and postgraduated in Cultural Journalism from the Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro State University (UERJ)). He is a member of Abraccine (Brazilian Association of Film Critics) and ACCRJ (Association of Critics Film Festival).

Frini Georgakopoulos

Jornalista e editora de aquisições na Editora Arqueiro. Autora dos livros Sou fã! E agora? (Editora Seguinte) e Criaturas e Criadores: Histórias para Noites de Terror (Record), Frini também apresenta o Clube do Livro Saraiva há 10 anos no Rio de Janeiro e é colunista literária da 94,1 FM.

Journalist and editor of acquisitions at Editora Arqueiro. She is also the author of books such as Sou Fã e Agora? (I'm a fan! What Now?) (Seguinte Publishing Company) and Criaturas e Criadores: Histórias para Noites de Terror (Creatures and Creators: Stories for Horror Nights (Record). Frini has also hosted the Saraiva Book Club for 10 years in Rio de Janeiro and is a 94.1 FM literary columnist.

Gabriela Amaral Almeida

Cineasta, escritora e dramaturga. Na galáxia muito, muito distante do ano de 2005, defendeu dissertação de mestrado sobre os mecanismos de produção de medo nos livros de Stephen King e nos filmes adaptados, pelo Programa de Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob orientação do Professor Doutor Wilson Gomes.

Filmmaker, writer and playwright. In a galaxy far, far away from 2005, she defended a master's dissertation on the mechanisms of fear production in Stephen King's books and film adaptations, by the Contemporary Communication and Culture Program from Universidade Federal da Bahia (UFBA), under Professor Wilson Gomes' orientation.

Giselle Safar

Doutora em Design pela UEMG, da qual é docente permanente da Escola de Design desde 1983, pesquisando e ministrando conteúdos relacionados a História da Arte e História do Design.

PhD in Design from UEMG, where she has been a permanent professor at the School of Design since 1983, researching and teaching content related to Art History and Design History.

Jessica Reinaldo

Pesquisadora de terror, graduada em história, editora no site Fright Like a Girl, e escritora dos sites Delirium Nerd e Macabra TV.

Researcher on the horror genre. She graduated in History and currently she is the editor at Fright Like a Girl, and writer for Delirium Nerd and Macabra TV.

Juarez Guimarães Dias

Grande fã de Stephen King, Dramaturgo e Encenador teatral, Publicitário e Professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG, além de co-coordenador do Núcleo de Estudos em Estéticas do Performático e Experiência Comunicacional (Neepec).

A great fan of Stephen King, he is a playwright and theater director, advertizing executive and professor of the Department of Social Communications at UFMG, and co-coordinator of the Núcleo de Estudos em Estéticas do Performático e Experiência Co-municacional (Study Center in Performing Aesthetics and Communications Experience) (Neepec).

Juliana Melo

Produtora, crítica de cinema e cientista social e mestra em Cinema e TV pela University of East Anglia no Reino Unido. Atualmente trabalha com coordenação e produção de Festivais e Mostras de Cinema em Brasília.

Producer, film critic and social scientist, she holds a Master's degree in Cinema and TV from the University of East Anglia in the United Kingdom. Currently she works with co-ordination and production of festivals and film shows in Brasilia.

Julio Alessi

É graduado em design gráfico pela Escola de Design da UEMG, mestre em cinema pela Escola de Belas Artes da UFMG e doutorando em design pela Escola de Design da UEMG. É professor universitário do UNIBH e das Faculdades Promove de Sete Lagoas nas áreas de fotografia, cinema e design. Já dirigiu diversos filmes, entre eles o docu-mentário sobre o sistema APAC Como matar um criminoso (2018).

B.A degree in graphic design from the UEMG School of Design, a Master's degree in cinema from the UFMG School of Fine Arts and a doctorate's in design from the UEMG School of Design. He is a university professor at UNIBH and at the Faculdades Promove de Sete Lagoas in the areas of photography, film and design. He has directed several films, including the APAC documentary Como Matar um Criminoso (How to Kill a Criminal, 2018).

Laura Loguércio Cánepa

Doutora em Multimeios pelo Instituto de Artes da UNICAMP em 2008; professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi desde 2009. É autora de diversas publicações sobre cinema fantástico, entre as quais a coletânea Tim Burton, Tim Burton, Tim Burton, organizada para a editora Estronho, em 2016. Também é autora de dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação (ECA-USP) intitulada O expressionismo no cinema de Tim Burton, concluída em 2002.

PhD in Multimedia from the Institute of Arts of UNICAMP (2008); she has been a professor of the Post-graduate Program in Communications at Anhembi Morumbi University since 2009. She has authored several publications on fantastic cinema, including the Tim Burton, Tim Burton, Tim Burton collection, organized for the publisher Estronho in 2016. She is also author of a master's dissertation in Communication Sciences (ECA-USP) entitled Tim Burton's Expressionism in Cinema, completed in 2002.

Lucas Salgado

Jornalista, curador e crítico de cinema e TV. Integrante da Associação Brasileira de Críticos de Cinema e da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro. Colaborador do site CinePOP e do perfil no Instagram @confrariadecinema. Ex-editor do Adoro Cinema.

Journalist, curator and film and TV critic and also a Member of the Brazilian Association of Film Critics and the Rio de Janeiro Film Critics Association. He is a collaborator of the CinePOP website and Instagram profile @confrariadecinema. He is a former editor of Adoro Cinema.

Luciana Costa

Jornalista e membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ). Especializada em Marketing pela Universidade Foco ANJE, em Portugal. Membro do júri Fipresci no Festival do Rio 2018. Criadora e redatora do site Cinematizando.

Journalist and member of the Rio de Janeiro Film Critics Association (ACCRJ). She holds a specialization in Marketing from the Foco ANJE University, in Portugal. She was also a member of the FIPRESCI jury at the Rio Festival 2018. She is the creator and editor of the Cinematizando website.

Luiz Baez

Mestrando em Comunicação e Bacharel em Cinema pela PUC-Rio. Integra a Equipe Editorial da Revista Alceu e escreve para a Woo! Magazine e para o Críticos.com.br.

Master's student in Communications and holds a Bachelor's degree in Cinema from PUC-Rio. He serves on the ALCEU Magazine's Editorial Team and writes for Woo! Magazine and for Criticos.com.br.

Marcelo Janot

Jornalista, crítico de cinema do jornal O Globo e editor-chefe do site Críticos.com.br. Foi presidente da Associação de Críticos de Cinema do RJ e comentarista do canal Telecine Cult. Publicou em 2018 o livro “Revisão Crítica” (Ed. Autografia)

Journalist, film critic of the newspaper O Globo and editor-in-chief of the site Críticos.com.br. He was the president of the RJ Film Critics Association and commentator for the Telecine Cult channel. In 2018 he published the book “Revisão Crítica” (Ed. Autografia).

Marcelo Miranda

Crítico, curador e pesquisador de cinema. Mestre em Comunicação pela UFMG. Escreve na revista “Cinética” e tem textos em diversas publicações impressas e virtuais. Realiza o podcast “Saco de Ossos”, dedicado a entrevistas e análises sobre cinema e literatura de horror.

Film critic, curator and researcher. He holds a Master’s degree in Communications from UFMG. He writes for the “Cinética” magazine and has texts in several printed and virtual publications. He produces the Saco de Ossos (Bag of Bones) podcast, dedicated to interviews and analysis on film and horror literature.

Mario Abadde

Jornalista e crítico de cinema

Journalist and a film critic.

Michelle Henriques

Coordenadora e mediadora do Leia Mulheres. Escreve sobre cinema no site Cine Varda ao lado de Emanuela Siqueira. Mantém o blog pessoal Feminist Horror, no qual foca no papel das mulheres no gênero.

Coordinator and mediator of Leia Mulheres. She writes about films on the Cine Varda website with Emanuela Siqueira. She maintains the Feminist Horror personal blog, which focuses on the role of women in the genre.

Paulo Fontenelle

É diretor e roteirista dos longas metragens de ficção Intruso, Apaixonados, Divã a 2, Se Puder Dirija! e dos documentários Blitz – O Filme, Sobreviventes – Os Filhos da Guerra de Canudos e Evandro Teixeira – Instantâneos da Realidade. Também é diretor e roteirista de diversas obras para cinema, televisão, internet e outras mídias como a série de dramaturgia brasileira mais vista da televisão fechada em 2013, Se Eu Fosse Você – A série (Primeira e Segunda Temporadas) para o canal FOX, Meu Amigo Encosto, para o Canal VIVA, Cinema Café para o Cinebrasil TV, Super Idéias para o Canal Futura e Os Caminhos da Democracia para a TV Cultura.

Director and screenwriter of the feature films Intruso, Apaixonados, Divã a 2, Se Puder Dirija! and the documentaries Blitz – o Filme, Sobreviventes – Os Filhos da Guerra de Canudos e Evandro Teixeira – Instantâneos da Realidade. He is also a director and screenwriter of several works for film, television, internet and other media such as the most viewed Brazilian drama series of cable television in 2013, Se Eu Fosse Você - A Série, by FOX; Meu Amigo Encosto, by VIVA channel; Cinema Café By Cinebrasil TV; Super Idéias, by Futura Channel and Os Caminhos da Democracia, by TV Cultura.

Paulo Henrique Silva

Presidente da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine), crítico de cinema há 25 anos

do jornal Hoje em Dia, de Belo Horizonte, e organizador dos livros 100 Melhores Filmes Brasileiros (2016), Documentário Brasileiro: 100 Filmes Essenciais (2017), Animação Brasileira: 100 Filmes Essenciais (2018), junto a Gabriel Carneiro, e Trajetória da Crítica de Cinema no Brasil (2019).

President of the Brazilian Association of Film Critics (Abraccine), a film critic for 25 years at the newspaper Hoje em Dia from Belo Horizonte, and curator of the books 100 Melhores Filmes Brasileiros (2016), Documentário Brasileiro: 100 Filmes Essenciais (2017), Animação Brasileira: 100 Filmes Essenciais (2018), together with Gabriel Carneiro, and Trajetória da Crítica de Cinema no Brasil (2019).

Raphaela Ximenes

Crítica de Cinema com especialização em Jornalismo Cultural pela Universidade Estácio de Sá. Membro do Elviras: Coletivo de Mulheres Críticas de Cinema. Tem uma coluna sobre Stephen King no site Cheiro de Livro e criadora do projeto sobre filmes e livros de terror, Miss Horror Theater.

Film critic with a specialization in Cultural Journalism from Estácio de Sá University. She is a member of Elviras: Collective of Women Film Critics. She writes a column about Stephen King on the Cheiro de Livro (Book Smell) website and also she is the creator of the horror film and book project Miss Horror Theater.

Regiane Winarski

Formada em Produção Editorial pela ECO-UFRJ e tradutora desde 2008. É especializada em tradução literária, com mais de cem livros publicados. Traduz Stephen King para a Editora Suma e já tem 14 livros do autor no currículo.

Graduated in Publishing from ECO-UFRJ, she works as a translator since 2008. She specializes in literary translation, with more than one hundred books published. She translates Stephen King for Editora Suma and has already worked in 14 of his books.

Robertson Mayrink

Jornalista, publicitário, mestre em Cinema. Professor de História do Cinema e Roteiro. Coordenador dos cursos de Cinema e Audiovisual e de Publicidade e Propaganda da PUC Minas.

Journalist, publicist, and a Master in Cinema Studies. He is a professor of Film History and Screenwriting. He is the coordinator of the Cinema and Audiovisual and Advertising courses at PUC Minas.

Rodolfo Stancki

Jornalista. Atualmente, finaliza o doutorado em Tecnologia Social pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, onde pesquisa a presença de narrativas fantásticas no jornalismo brasileiro. É mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG. Trabalhou como repórter do jornal Gazeta do Povo, entre 2011 e 2014. É professor universitário e mantém uma coluna semanal no portal A Escotilha sobre cinema de horror.

Journalist who is currently finishing his PhD in Social Technology at the Federal Technological University of Paraná (UTFPR), where he researches the presence of fantastic narratives in Brazilian journalism. He holds a Master's degree in Applied Social Sciences from UEPG. He worked as a reporter for the newspaper Gazeta do Povo between 2011 and 2014. He is a university professor and maintains a weekly column on the portal A Escotilha about horror films.

Rodrigo Fonseca

Carioca de Bonsucesso, crítico de cinema e roteirista, é autor do romance Como era triste a chinesa de Godard e da biografia de Renata Aragão, Do Ceará para o coração do Brasil.

Born in Bonsucesso, Rio de Janeiro, he is a film critic, screenwriter and the author of the novel Como Era Triste a Chinesa de Godard and Renato Aragão's biography, Do Ceará Para o Coração do Brasil.

Sérgio Gomes Oliveira

Ingressou nas artes em 1998, cursando a School of Visual Arts em NY, Bacharel no Curso de Direito pelo Instituto Izabela Hendrix e no curso de Cinema pela UNA, lecionou Direção de Fotografia na Escola Livre de Cinema em Belo Horizonte até o ano de 2010. Ele é o autor das obras literárias “Pequeno Sorriso no Canto da Boca”, “Observadores” e “Naquela Direção” (publicação 2019).

Started in arts in 1998, attending the School of Visual Arts in NY. He is a Bachelor of Law from Instituto Izabela Hendrix and a Bachelor of Cinema Studies from UNA. He taught Cinematography at Escola Livre de Cinema in Belo Horizonte until 2010. He is the author of the literary works Pequeno Sorriso no Canto da Boca, Observadores e Naquela Direção (to be published in 2019).

Sonia Rodrigues

Escritora, roteirista e doutora em literatura, com 33 livros publicados. Já escreveu roteiros de telenovela, roteiros de documentários e vários produtos para internet (sites, plataforma e jogos). Primeira especialista brasileira a publicar livro realizando engenharia reversa de 64 séries estrangeiras e brasileira, com o título Como escrever séries. Atua também como parecerista de roteiros de longa metragem, desde 2003.

Writer, screenwriter and PhD in literature, with 33 published books. She has written soap operas and documentary scripts and several internet products (websites, portals and games). She is the first Brazilian expert to publish a book on reverse engineering 64 foreign and Brazilian TV series, entitled “How to Write TV Series”. She has also been a feature film screenwriter reviewer since 2003.

Tatiana Trindade

Jornalista e membro da Associação de Críticos do Rio de Janeiro (ACCRJ). É editora na produtora Gaveta Filmes e nos sites Central 42 e Cine Eterno.

Journalist and member of the Association of Film Critics of Rio de Janeiro (ACCRJ). She is the audiovisual editor at Gaveta Films production and on Central 42 and Cine Eterno websites.

Thiago Stivaletti

Formado em jornalismo pela ECA-USP e com pós-graduação em cinema na Universidade de Nanterre (França), é repórter e crítico de cinema. Passou pelas redações da Folha de S. Paulo, Valor Econômico, Editora Abril, UOL e do portal Filme B, especializado no mercado audiovisual.

Por oito anos, cobriu o Festival de Cannes para o UOL, e por dez anos trabalhou como editor do website e do catálogo de programação da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. Mais recentemente, atuou como roteirista em programas da TV Globo. Com Flávia Guerra, criou o podcast semanal de cinema Plano Geral, disponível nas plataformas digitais.

Graduated in Journalism from ECA-USP and with a postgraduate degree in cinema at the University of Nanterre (France), he is a reporter and film critic. He has worked for Folha de São Paulo, Valor Econômico, Editora Abril, UOL and Filme B, a web portal for the audiovisual market.

For eight years, he covered the Cannes Festival for UOL, and for ten years he worked as editor of the website for the São Paulo International Film Festival and its catalog. More recently, he worked as a screenwriter on TV Globo shows. With Flávia Guerra, he created the weekly film podcast Plano Geral, available on all digital platforms.

Tom Leão

Editou por 22 anos a coluna de cultura alternativa “Rio Fanzine”, no jornal O Globo (1988-2010). Foi crítico de música e cinema para o mesmo jornal por mais de 20 anos. Colunista cultural fixo do canal Globo News, no programa “Estúdio I”. Comentarista de cinema do jornal Globo News, edição das dez da manhã. Atualmente é colunista do Jornal do Brasil, onde também faz crítica de cinema.

For 22 years was the editor-in-chief of a pop culture section Rio Fanzine on O Globo newspaper (1988-2010). He has been a music and film critic for the same newspaper for over 20 years. He maintains a cultural column on Globo News channel, in the program Estúdio I. Also talk about movies in the same channel, on the morning news. Nowa-days, have a newspaper column in Jornal do Brasil, where is also part of the movie critics staff.

Wallace Andrioli Guedes

É historiador e crítico de cinema. Doutor e mestre em História pela UFF, pesquisa as relações entre regimes autoritários e produção cinematográfica. Escreve no site Plano Aberto e na revista Contrabando.

Wallace Andrioli Guedes is a historian and film critic. Doctor and master in History at UFF, he researches the relationship between authoritarian regimes and film production. He writes for “Plano Aberto” website and for “Contrabando” magazine.

Yasmine Evaristo

Graduada em Artes Plásticas pela Escola Guignard , é graduanda em Letras – Tecnologias da Edição, pelo CEFET-MG. Pesquisa e escreve sobre cinema, principalmente do gênero fantástico e de horror, bem como representação e representatividade de pessoas negras no cinema. Tem textos publicados nos veículos Clube da Poltrona, Music Non Stop, Blog Entrando Numa Fria, Plano Aberto. É redatora e co-fundadora do site Longa História.

Graduated in Fine Arts at Escola Guignard, she studies Modern Languages and Publishing Technologies at CEFET-MG. She researches and writes about film, mainly about fantasy and horror genre, as well as representation and representativeness of black people on film. She has published in Clube da Poltrona, Music Non Stop, Blog Entrando Numa Fria, Plano Aberto. She is a writer and co-founder of the Longa História website.

Sobre os ilustradores

About the illustrators

Aline Schaewer

Aline Schaewer, formada em Publicidade e Propaganda e Design Gráfico. Trabalho com artes plásticas e no mercado de ilustrações desde 2016. Unindo pintura digital com técnicas tradicionais como o lápis de cor e o nanquim.

Graduated in Advertising and Graphic Design, Aline Schaewer has been working with fine arts and in the illustration market since 2016. She mixes digital painting with traditional techniques such as colored pencils and ink.

Anderson Horta

Ver em Autores

Available in authors

Bruno Romão

Designer e ilustrador formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e pós graduado em Design Editorial pelo Senac. Trabalhou 10 anos no mercado editorial, passando por editoras como nVersos e Companhia das Letras, onde foi responsável por capas, projetos gráficos e ilustrações para livros e materiais de divulgação. Hoje em dia, dedica-se principalmente à ilustração, voltada para o mercado editorial, publicitário e de animação.

Designer and illustrator, he graduated from Universidade Presbiteriana Mackenzie and post graduated in Editorial Design from Senac. For ten years he workend in the publishing market, being responsible for covers, graphic projects and illustrations for books and marketing pieces for nVersos and Companhia das Letras. Nowadays, he dedicates himself mainly to illustration, focusing on the publishing, advertising and animation market.

Délcio Almeida

Ver em Autores

Available in authors

Eduardo Cardenas

Ilustrador sergipano com trabalhos em histórias em quadrinhos, educação a distância, publicidade, livros e cinema (concept art, figurinos, cenários e direção de arte). Também atua na criação de roteiros, storyboards, lettering e projetos gráficos para produções audiovisuais.

He is an illustrator from Sergipe working with comics, online education, advertising, books and film (concept art, costumes, set design and art direction). He also creates screenplays, storyboards, lettering and graphic projects for audiovisual productions.

FilipeAnjo

Ilustrador, Designer Gráfico e Artista Plástico de Natal/RN. Atua desde 2009 e já criou ilustrações para diversas bandas, como Plutão já foi Planeta, Far From Alaska, WEKS e Kevin O Cris, e festivais como a Virada Cultural de Natal, SIM São Paulo, Braga Music Week (POR) e Soundville(POR). Ilustrou/diagramou 10 livros entre eles “Pensamento Inverso” e “O Anel de Giges”, do rapper e poeta Fábio Brazza. Pinta desde 2013 e já desenvolveu exposições sobre universo rockabilly e rock’nroll, filmes exploitation, no Experiência Grindhouse(ao lado dos irmãos Casquín), outras duas sobre dois filmes do John Carpenter(They Live e Big Troubles In Little China), David Bowie, Zé do Caixão, e última, denominada XiloHorror, em homenagem ao cinema de terror com pinturas e ilustrações com referência as xilografuras nordestinas.

Illustrator, graphic designer and plastic artist from Natal, RN. He has been active since 2009 and created illustrations for several bands, such as Plutão Já Foi Planeta, Far From Alaska, WEKS and Kevin O Cris, and festivals such as Virada Cultural de Natal, SIM São Paulo, Braga Music Week (POR) and Soundville (POR). He illustrated ten books, including “Pensamento Inverso” and “O Anel de Giges”, by the rapper and poet Fábio Brazza. He has been painting since 2013 and promoted exhibitions about the universe of rockabilly and rock n’ roll exploitation films, at the Grindhouse Experience (alongside the Casquín brothers), two exhibitions about two John Carpenter films (They Live and Big Trouble In Little China), David Bowie, Zé do Caixão, and his last event, called XiloHorror, was done in honor of horror films with paintings and illustrations inspired by the woodcuts of Northeast Brazil.

Laura Athayde

Designer, ilustradora e quadrinista. Já colaborou com a Folha de S. Paulo, Revista Piauí, The Nib Magazine e com publicações das Editoras Record, Planeta, Cia. das Letras e outras. Também já ilustrou campanhas publicitárias para Nivea, Netflix e Telecine. Foi finalista do Prêmio Jabuti de Ilustração em 2018 e vencedora do Troféu HQMix em 2019. Em 2020, publicou a coletânea *Aconteceu Comigo - Histórias de Mulheres Reais em Quadrinhos* em parceria com o Itaú Cultural. Natural de Manaus, atualmente vive em Belo Horizonte, onde toma café sem açúcar e maratona séries de ficção científica.

Designer, illustrator and comicbook artist. She has worked with Folha de São Paulo, Piauí Magazine, The Nib Magazine and publishing houses like Record, Planeta, Companhia das Letras and others. She has also done illustrations for advertising campaigns for Nivea, Netflix and Telecine. She was a finalist for the Jabuti Illustration Award in 2018 and winner of the HQMix Trophy in 2019. In 2020, she published the collection Aconteceu Comigo — Histórias de Mulheres Reais em Quadrinhos in partnership with Itaú Cultural. Born in Manaus, she currently lives in Belo Horizonte, where she drinks coffee without sugar and binge watches science fiction series.

Kawany Tamoyos, a.k.a. Kakaw.

Artista urbana, designer e arte educadora. Graduada em Design de Produto, formada em técnico em Design Gráfico e Artes Visuais. Ativa na cena cultural de BH e com conexões pelo Brasil está presente em diversos festivais, exposições e editais, compartilhando seu trabalho e pesquisa sobre a representação da mulher indígena nas artes visuais.

A.k.a. Kakaw. Urban artist, designer and art educator. Graduated in Product Design, graduated in Technician in Graphic Design and Visual Arts. She is active in the cultural scene of Belo Horizonte and has connections throughout Brazil. She has gone to several festivals and exhibits, sharing her work and research on the representation of indigenous women in the visual arts.

Patricia Karin Faber

Goiana, designer gráfica e colorista digital. Atua na produção de cursos de EAD, quadrinhos, ilustrações, publicidade, capas e diagramação editorial.

She is a graphic designer and digital colorist from Goiás. She produces online courses, comics, illustrations, advertising, covers and editorial layout.

Raquel Bolinho

Criadora do personagem Bolinho. Suas mais de 600 obras estão espalhadas pelas cidades de Belo Horizonte, Itabira e São Paulo. Formada em Letras pela UFMG, estudou Artes Visuais na Escola de Design da UEMG e vem espalhando suas intervenções de Graffiti desde 2009.

She is the creator of the character Bolinho. More than 600 pieces of her artwork are spread over the cities of Belo Horizonte, Itabira and São Paulo. She graduated in Modern Languages at UFMG, studied Visual Arts at the UEMG School of Design and has been spreading her graffiti interventions since 2009.

Rodrigo Tannus

Ilustrador da cidade de São Fidélis/RJ, iniciou sua carreira em 2018 e atua principalmente no segmento do terror/horror com trabalhos de estampas, capas e pôsteres para filmes no mercado nacional. Ilustrou capas do Blu-Ray de A Hora do Lobisomem, Eles Vivem e Grito de Horror.

Based in São Fidélis, RJ, he started his career in 2018 and works mainly in the horror segment, creating covers, prints and posters for the Brazilian home-video market. He illustrated the Blu-Ray covers of Silver Bullet and The Howling.

Sobre os curadores

About the Curators

Breno Lira Gomes

Jornalista e produtor cultural, com passagens pelo curso de cinema da Universidade Estácio de Sá, pela Pipa Produções, pelo Ponto Cine e pela Mostra Geração do Festival do Rio. Em 2012 fundou a produtora BLG Entretenimento. É curador do festival Maranhão na Tela desde 2007. Assinou a curadoria e coordenação geral das mostras *El Deseo - O apaixonante cinema de Pedro Almodóvar*; *Cacá Diegues - Cineasta do Brasil*; *Simplesmente Nelson*; *A luz (imagem) de Walter Carvalho*; *O maior ator do Brasil - 100 anos de Grande Othelo*; *Pérola Negra: Ruth de Souza*; *Tim Burton e suas histórias peculiares*; *Monstros no Cinema*; *Fábrica de Sonhos - Mostra de Animação*; *Mostra de filmes A beleza sombria dos monstros: 10 anos de A arte de Tim Burton*; e *macaBRo - Horror Brasileiro Contemporâneo*. Foi curador e produtor executivo do projeto *É Massa! 1ª Mostra do Cinema de Pernambuco*, e curador do Festival Curta Cabo Frio de 2007 a 2014. Foi produtor executivo e em 2019 assumiu a coordenação de produção da mostra *Os Melhores Filmes do Ano*, organizada pela Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ) desde 2010. Fez a produção executiva das mostras *Irmãos Coen - Duas mentes brilhantes*; *Filmes à mesa*; *Dario Argento e seu mundo de horror*; *James Dean - Eternamente jovem*; *Claudio Papienza, o encontro que nos move*; *Neville d'Almeida - Cronista da beleza e do caos*; *Cine DocFr - Mostra de Cinema Documentário Francês Contemporâneo*; *Carlos Reichenbach - O cinema de autor brasileiro*; *George A. Romero - A crônica social dos mortos-vivos*; *O Cinema de Murilo Salles - O Brasil em cada plano*; *Cine Uruguai*; *Luis Buñuel - Vida e obra*; *Rock Terror*; *O cinema político de Ken Loach e do curso Questão de Crítica*. Coordenou a produção do Curso de Crítica Cinematográfica com Mario Abbade e das mostras *John Waters - O papa do trash*; *Jornada nas Estrelas: Brasil - A fronteira final*; *David Lynch - O lado sombrio da alma e a 1ª Mostra Cine Literário*. Fez a direção de produção do 18º Festival Brasileiro de Cinema Universitário. Foi pesquisador do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, realizado anualmente pela Academia Brasileira de Cinema, no período de 2012 a 2016.

Journalist and a cultural producer. He took the film course at Estácio de Sá University and has worked for Pipa Productions, Ponto Cine and Mostra Geração of Festival of Rio. In 2012, he founded the production company BLG Entertainment. He has been the curator of the Maranhão na Tela festival since 2007 and the curator and coordinator of the exhibits El Deseo - O Apaixonante cinema de Pedro Almodóvar; Cacá Diegues - Cineasta do Brasil; Simplesmente Nelson; A Luz (Imagem) de Walter Carvalho; O Maior Ator do Brasil - 100 Anos de Grande Othelo; Pérola Negra: Ruth de Souza; Tim Burton e Suas Histórias Peculiares; Monstros no Cinema; Fábrica de Sonhos - Mostra de Animação; A Beleza Sombria dos Monstros: 10 anos de A Arte de Tim Burton; and macaBRo - Horror Brasileiro Contemporâneo. He was also the curator and executive producer of the project É Massa! 1st Cinema Exhibition of Pernambuco, and the curator of the Curta Cabo Frio Festival from 2007 to 2014. He has been an executive producer and in 2019 he took over the production coordination of the exhibit Os Melhores Filmes do Ano, organized by the Rio de Janeiro Film Critics Association (ACCRJ) since 2010. He was the executive producer of the exhibits Irmãos Coen - Duas mentes brilhantes; Filmes à mesa; Dario Argento e Seu Mundo de Horror; James Dean - Eternamente Jovem; Claudio Papienza, O Encontro Que Nos Move; Neville d'Almeida - Cronista da Beleza e do Caos; Cine DocFr - Mostra de Cinema Documentário Francês Contemporâneo; Carlos Reichenbach - O Cinema de Autor Brasileiro; George A. Romero - A Crônica Social dos Mortos-Vivos; O Cinema de Murilo Salles - O Brasil em Cada Plano; Cine Uruguai; Luis Buñuel - Vida e Obra; Rock Terror; O Cinema Político de Ken Loach and of the Questão

de Crítica course. He coordinated the production of the Film Criticism Course with Mario Abbade and the exhibits John Waters – O Papa do Trash; Jornada nas Estrelas: Brasil – A Fronteira Final; David Lynch – O Lado Sombrio da Alma and the 1ª Mostra Cine Literário. He was the production director of the 18th Brazilian University Film Festival. He was a researcher at the Brazilian Film Grand Prix, held annually by the Brazilian Film Academy from 2012 to 2016.

Rita A. C. Ribeiro

Rita A. C. Ribeiro é doutora em Geografia, mestre em Comunicação Social, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Líder do Grupo de Pesquisa Design & Representações Sociais, suas pesquisas concentram-se nas relações estabelecidas entre o design, as novas gerações, os processos de consumo e as artes, em especial o cinema e nos gêneros terror e ficção científica. É autora dos livros Design & Arte: entre os limites e as interseções (2014), Tempo & Design: as gerações e suas lógicas de consumo (2018), O Quarteirão do Soul: identidade e resistência no asfalto (2020). Entre os cursos ofertados na área de cinema podemos destacar: Star Trek: A ficção científica traduz os medos do homem (2013), Strange People: o cinema ímpar de Tim Burton (2017), Monstros no Cinema (2018).

PhD in Geography and a Master's in Social Communication, she is the coordinator of the Graduate Program in Design at the Minas Gerais State University (UFMG). She is the leader of the Design & Social Representations Research Group, with researches on the relationships established between design, new generations, consumer processes and the arts, particularly cinema and the horror and science fiction genres. She is the author of the books Design & Arte: Entre os Limites e as Interseções (2014), Tempo & Design: As Gerações e Suas Lógicas de Consumo (2018), O Quarteirão do Soul: Identidade e Resistência no Asfalto (2020). She has lectured courses in cinema, such as Star Trek: A Ficção Científica Traduz os Medos do Homem (2013), Strange People: O Cinema Ímpar de Tim Burton (2017) and Monstros no Cinema (2018).

Sobre a produtora

About the Producer Company

BLG Entretenimento

A BLG Entretenimento é uma produtora voltada para a realização e promoção de mostras e festivais de cinema, além de espetáculos teatrais. Fundada em 2012, pelo jornalista Breno Lira Gomes, produziu e/ou coproduziu os seguintes projetos de mostras: El Deseo – O apaixonante cinema de Pedro Almodóvar, Cacá Diegues – Cineasta do Brasil; Simplesmente Nelson; A Luz (imagem) de Walter Carvalho; Irmãos Coen – Duas mentes brilhantes; Claudio Papienza, o encontro que nos move; John Waters – O papa do trash; Cine DocFr – Mostra de Cinema Documentário Francês Contemporâneo; David Lynch – O lado sombrio da alma; O maior ator do Brasil – 100 anos de Grande Othelo; Pérola Negra: Ruth de Souza; Tim Burton e suas histórias peculiares; Monstros no Cinema; Fábrica de Sonhos – Mostra de Animação; Mostra de filmes A beleza sombria dos monstros: 10 anos de A arte de Tim Burton; macaBRo - Horror Brasileiro Contemporâneo; e Steve McQueen – The king of cool. Em 2019 assinou a produção da mostra Os Melhores Filmes do Ano, organizada pela Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro. Realizou a produção local no Rio de Janeiro das mostras Retrospectiva Carlos Hugo Christensen e Jean-Luc Cinema Godard. Fez a produção de cópias das mostras África, Cinema e Cine Design, edição Rio de Janeiro e Florianópolis, e do 10º Festival Cine Música em Conservatória. No teatro atuou na produção dos espetáculos Chopin & Sand – Romance sem palavras; O Gato de Botas – O Musical; Vertigem Digital e Agnaldo Rayol – A alma do Brasil.

BLG Entertainment is a production company focused on the making and promotion of exhibits and film festivals, as well as theatrical performances. Founded in 2012 by journalist Breno Lira Gomes, it produced and/or co-produced the following exhibition projects: El Deseo – O Apaixonante Cinema de Pedro Almodóvar; Cacá Diegues – Cineasta do Brasil; Simplesmente Nelson; A Luz (Imagem) de Walter Carvalho; Irmãos Coen – Duas Mentes Brilhantes; Claudio Papienza, O Encontro Que Nos Move; John Waters – O Papa do Trash; Cine DocFr – Mostra de Cinema Documentário Francês Contemporâneo; David Lynch – O Lado Sombrio da Alma; O Maior Ator do Brasil – 100 Anos de Grande Othelo; Pérola Negra: Ruth de Souza; Tim Burton e Suas Histórias Peculiares; Monstros no Cinema; Fábrica de Sonhos – Mostra de Animação; A Beleza Sombria dos Monstros: 10 anos de A Arte de Tim Burton; macaBRo - Horror Brasileiro Contemporâneo; and Steve McQueen – The king of cool.. In 2019, it was responsible for the production of The Best Movies of the Year, organized by the Rio de Janeiro Film Critics Association. BLG Entertainment also produced the Rio de Janeiro-based exhibit Carlos Hugo Christensen and Jean-Luc Cinema Godard. It produced prints for the exhibits Africa, Cinema and Cine Design (Rio de Janeiro and Florianópolis) and the 10th Festival Cine Música in Conservatória. In theater, BLG Entertainment produced the plays Chopin & Sand – Romance Sem Palavras; O Gato de Botas – O Musical; Vertigem Digital and Agnaldo Rayol – A Alma do Brasil.







PARTE VI

Agradecimentos especiais

Special Thanks to

Stephen King

The Lotts Agency, Ltd – Chris Lotts

RDC Agencia Literaria S.L. - Raquel de La Concha

Companhia das Letras - Beatriz D'Oliveira e Max Santos

Délcio Almeida

DarkFlix – Ernani Silva

E a todas as pessoas que colaboraram com artigos e ilustrações que compõem esse catálogo.

And to all the people who have contributed with articles and illustrations within this catalog.

Agradecimentos

Thanks to

Alda/MPLC, Ana Lyons, Anderson Horta Design, Dark Side, Eidil Fonseca, Filmbank Media, Ibis Belo Horizonte Afonso Pena, Programa de Pós-Graduação em Design - Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGD-UEMG)

Abraão Silvestre, Alessandra Johanna Gelman Ruiz, Karen Lima, Laura Dourado, Letícia Zumaeta, Luciana Tampieri, Mariana Marcolino, Mike Ribeira, Renato Bissa, Rodrigo Rebelo, Samuel Ferreira.



Créditos

Credits

Patrocínio | *Sponsorship*

Banco do Brasil

Realização | *Event Holder*

Centro Cultural Banco do Brasil

Idealização | *Idealization*

Rita Ribeiro

Curadoria Mostra de Filmes |

Film Exhibit Curator

Breno Lira Gomes

Rita Ribeiro

Coordenação Geral | *General Coordination*

Breno Lira Gomes

Produção Executiva | *Executive Production*

Daniela Barbosa

Assistente de Produção | *Production Assistant*

Gregory Baltz

Produção Local | *Local Production*

Yasmini Costa

Monitoria | *Monitoring*

Bárbara Chiari

Projeção de filmes | *Film projection*

André Yanckous

Assessoria de Imprensa | *Press Office*

Agenda Comunicação

Redes Sociais | *Social Media*

Comunicanti Produções

Vinheta | *Vignette*

Fernanda Teixeira

Edição de vídeos de divulgação |

Editing of promotional videos

Jornada Vídeos

Produção, edição e registro das atividades paralelas on-line | *Production, editing and recording of parallel activities online*

Fogueira Doce Filmes

Registro Videográfico | *Videographic Record*

Filipe Chaves

Plataforma de exibição on-line |

Online viewing platform

DarkFlix

Ilustração | *Cover illustration*

Délcio Almeida

Design Gráfico | *Graphic Design*

Folha Verde Design

EQUIPE CATÁLOGO

Organização | *Organization*

Breno Lira Gomes

Rita Ribeiro

Coordenação Editorial | *Editorial Coordination*

Baltazar Produção & Conteúdo

Revisão gráfica e de textos – Português |

Graphic and text revision – Portuguese

Antero Leivas

Carlos Primati

Tradução | *Translation*

Andrei Maurei

Vivi's

Revisão de Textos em Inglês |

English Text Revision

André Gordirro

Transporte de Material e Filmes |

Transportation of Material and Movies

Fênix Cargo

Impressão Catálogo | *Print Catalog*

Gráfica Qualytá

Coordenação Administrativa |
Administrative Coordination
Mariana Sobreira – Fomenta Consultoria
Felipe Vale – Fomenta Consultoria

Contador Responsável | *Accountant*
ABMCONT – Serviços de Contabilidade –
Alexandre Bastos de Mesquita

Sessões com Recursos de Acessibilidade |
Sessions with Accessibility Resources
Ver com Palavras

Master Class & Palestra | *Master Class & Lecture*
Rita Ribeiro

Debates | *Debates*
Breno Lira Gomes
Edilton Nunes
Fernando Tibúrcio
Marcelo Seabra
Regiane Winarski
Rita Ribeiro

Lives | *Lives*
Breno Lira Gomes
Carlos Primati
César Bravo
Ilana Casoy
Marcello Trigo
Regiane Winarski
Rita Ribeiro



As sinopses dos filmes e as curiosidades foram organizadas por Antero Leivas. | *The film and TV synopses and trivia were organized by Antero Leivas.*

A publicação das listas de filmes e livros contidas na edição brasileira de Dança Macabra foi autorizada pela Companhia das Letras. | *The publication of the lists of films and books contained in the Brazilian edition of Danse Macabre was authorized by Companhia das Letras.*

As fotos que não foram creditadas, a produção pede desculpas. Em futuras edições corrigiremos. | *The production apologizes for the uncredited photos. In future editions we will correct this issue.*



Créditos imagens | *Image credits*

Shane Leonard (p. 4, 20) | Warner Bros. Home Entertainment, Inc. (p. 6, 72, 74, 170, 178, 181, 216) | Moviestore Collection/REX (p. 9, 48, 118, 357) | Metro-Goldwyn-Mayer Studios Inc. (p. 10, 11, 36, 62, 65, 92, 116, 120) | Castle Rock Entertainment (p. 12, 40, 136, 138, 139, 144) | Paramount Pictures (p. 24, 32, 112) | Columbia Pictures (p. 28, 84, 87, 106, 109, 126, 132) | Stephen King (p. 31) | Lionsgate (p. 76, 188) | Universal City Studios (p. 88) | New World Pictures (p. 88) | Dino De Laurentis Company (p. 94, 97) | Graveyard Productions (p. 114) | Spelling Films Inc. (p. 154) | Dimension Films (p. 204) | A&E (p. 206) | Universal Studios (p. 208) | Paula Lemos (p. 239) | Silvi Clapp (p. 227)

**“Sabem o que é o talento?
É o castigo da expectativa”.**
O nevoeiro

*“You know what talent is?
The curse of expectation.”*
The Mist





Produção



Apoio



CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.



Realização



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL